

DICIONÁRIO ILUSTRADO DA BÍBLIA

EDITOR GERAL RONALD F. YOUNGBLOOD

CO-EDITORES F. F. BRUCE & R. K. HARRISON

VIDA NOVA



CABEÇA - parte superior do corpo humano onde ficam a face e o cérebro. Na Bíblia, a cabeça é muito mais o centro de percepção (visão, audição etc.) relacionado a experiências que o centro do pensamento. Ferir a cabeça de um inimigo significava sua derrota total; cortar a cabeça de alguém era considerado a pior desgraça (Sl 68.21; Mc 6.14-28). Reis e sacerdotes de Israel iniciavam seu ofício quando tinham a cabeça ungida com óleo (Lv 8.12; 1Sm 10.1). No Novo Testamento, os doentes também eram ungidos (Mc 6.13; Tg 5.14). Esse costume aparentemente simbolizava alegria e bem-estar (Sl 23.5; 45.7).

A posição da cabeça simbolizava emoções variadas. Menear a cabeça significava menosprezo; curvar a cabeça indicava tristeza; cobrir a cabeça com a mão subentendia vergonha (2Sm 13.19; Is 58.5; Mc 15.29); levantar a cabeça de alguém significava elevá-lo a uma posição superior (Gn 40.20; Jr 52.31). O sangue sobre a cabeça de alguém significava que a pessoa tinha responsabilidade e culpa por algum motivo específico (Js 2.19; At 18.6). Amontoar brasas de fogo sobre a cabeça de uma pessoa significava envergonhar um inimigo, tratando-o bem (Rm 12.20).

A palavra "cabeça" é comumente usada para designar a ponta ou parte superior do objeto (Sl 24.9). Cristo é a cabeça do corpo, a igreja (Ef 4.15; Cl 1.18).

CABELO - camada de pêlos de um animal ou do corpo humano, especialmente a proteção capilar do ser humano. Na Bíblia, a palavra significa normalmente o cabelo da cabeça humana. Em alguns casos, refere-se ao cabelo animal ou humano em uma região diferente da cabeça (Gn 25.25; Mc 1.6).

Nos tempos do Antigo Testamento, homens e mulheres tinham cabelos longos. Tanto Sansão quanto Absalão eram admirados por seus longos cabelos (Jz 16.13-14; 2Sm 14.25-26). A calvície era considerada algo embaraçoso (2Rs 2.23-24; Is 3.24); os homens israelitas eram proibidos de cortar o cabelo ao redor da cabeça (Lv 19.27). No entanto, os NAZIREUS cortavam o cabelo após o cumprimento do voto que haviam feito (Nm 6.18).

As mulheres normalmente deixavam os cabelos soltos. Homens e mulheres encrespavam os cabelos como enfeite (Is 3.24), uma vez que deixá-los despenteados era sinal de luto (Ed 9.3). Os cabelos formosos eram apreciados por homens e mulheres (Ct 4.1; 5.11); já os cabelos brancos da idade avançada eram sinal de honra (Pv 16.31; 20.29).

No tempo do Novo Testamento, os homens usavam os cabelos mais curtos que os das mulheres (1Co 11.14-15). As mulheres cristãs eram instruídas a não usarem enfeites nos cabelos (1Pe 3.3). Na Palestina, era comum os convidados de honra terem a cabeça ungida. Em duas ocasiões os pés de Jesus foram ungidos por mulheres, que, em seguida, os enxugaram com seus cabelos (Lc 7.38-46; Jo 12.1-8). A declaração de Jesus de que o Pai conta os fios de cabelo de cada pessoa (Mt 10.30) indica a preocupação de Deus com respeito aos mais insignificantes e pequenos detalhes da vida.

CABO - Termo com, pelo menos, dois significados distintos:

1. Alça de uma arma, especialmente de espada ou punhal (Jz 3.22; empunhadura, ARC). Ao assassinar Eglom, rei de Moabe, Eúde cravou uma espada no estômago de Eglom. Até mesmo o cabo da espada penetrou-lhe após a lâmina (Jz 3.12-30).
2. Medida hebraica de capacidade para secos (2Rs 6.25, ARC). De acordo com rabinos judeus, um cabo equivalia à décima oitava parte de um efa, ou cerca de 1,16 quartos para secos. Outras autoridades, no entanto, acreditam que o cabo seja equivalente a uma medida menor, como metade de uma pinta. Há ainda outros que pensam em algo maior, entre três pintas e dois quartos.

CABOM - cidade na Shefelá, ou baixa região montanhosa de Judá, perto de Eglom e Laquis (Js 15.40).

CABRA (veja ANIMAIS DA BÍBLIA).

CABRESTO (veja FREIO E CABRESTO).

CABRITO (veja ANIMAIS DA BÍBLIA).

CABUL - nome de uma cidade e de uma região do Antigo Testamento:

1. Cidade fronteiriça do território de Aser (Js 19.27), ainda conhecida como Kabul, aldeia localizada cerca de 14 quilômetros a sudeste de Acre.
2. Região na Galiléia (ou Naftali) formada por 20 cidades. Depois que Hirão, rei de Tiro, recebeu essas cidades como presente do rei Salomão, deu o nome Cabul ao lugar (1Rs 9.11-13; 2Cr 8.2).

CABZEEL *(Deus reúne)* **-** cidade em Judá, perto da fronteira com Edom (Js 15.21).

CAÇADOR (veja PROFISSÕES E OCUPAÇÕES).

CACO - fragmento de cerâmica (Is 30.14); normalmente encontrado em escavações arqueológicas. Jó usou um caco para raspar seu corpo (Jo 2.8). As pontas afiadas de um caco são comparadas às escamas do LEVIATÃ (Jó 41.30). A aspereza de um caco é semelhante ao esvair da força de uma pessoa (Sl 22.15). Fragmentos maiores de cerâmica eram usados para "tomar fogo da lareira", ou seja, levar brasas de uma casa para outra, "ou tirar água da poça".

A mesma palavra hebraica traduzida por caco também pode referir-se a potes de barro intactos (Lc 6.28; Jr 19.1).

Uma análise cuidadosa da composição, do estilo e do método utilizado com relação aos fragmentos de barro permite que arqueólogos tenham um indício importante para datar diferentes níveis de ocupação das cidades antigas. Os cacos também eram usados como material de escrita nos tempos bíblicos. Esses fragmentos, chamados óstracos, continham recibos de impostos, correspondência militar e outras pequenas informações. O famoso óstraco de Laquis era formado por cacos com correspondência entre a cidade de Laquis e seus postos militares.

CADÁVER - corpo sem vida de animal ou ser humano (Gn 15.11; 1Rs 13.22). O livro de Levítico relaciona os animais

cuja ingestão era proibida ao israelita e cujos cadáveres não podiam ser tocados, para que a pessoa não se tornasse impura (Lv 11.4-40). Uma pessoa também seria considerada impura se tocasse nos ossos de uma pessoa morta ou numa sepultura.

CADES, CADES-BARNÉIA *(consagrado)* - região desértica entre o Egito e a terra de Canaã onde o povo hebreu acampou-se após o Êxodo (veja Mapa 2, C-1). Cades-Barnéia (o moderno oásis de Ain el-Qudeirat) situava-se na extremidade de Edom (Nm 20.16), a aproximadamente 114 quilômetros de Hebrom e 61 quilômetros de Berseba no deserto de Zim. Cades-Barnéia é citada no deserto de Parã (Nm 13.26). Parã era provavelmente o nome genérico da grande região desértica, enquanto Zim deve ter sido o nome específico da menor parte do território.

A primeira menção de Cades-Barnéia ocorreu na época de Abraão. Quedorlaomer, rei de Elão, e seus exército aliados empreenderam guerra contra os amalequitas e os amorreus de Cades (Gn 14.7). Quando forçada por Sara a fugir da casa de Abraão, Agar foi protegida pelo anjo do Senhor, que a levou ao poço Beer-Laai-Roi, entre Cades e Berede (16.14). Tempos depois, Abraão mudou-se para Gerar, situada entre Cades e Sur (20.1).

Os contatos mais importantes dos israelitas com Cades-Barnéia ocorreram durante os anos de peregrinação no deserto. Durante o segundo ano após o êxodo do Egito, os israelitas acamparam-se ao redor do monte Horebe, ou Sinai. Deus lhes disse que partissem do Sinai e viajassem 11 dias em direção a Cades (Nm 10.11-12). Daí, o povo entraria diretamente na terra de Canaã. Moisés escolheu um varão de cada tribo como espia e enviou-os para espiar a terra de Canaã (Nm 13.2). Depois de 40 dias, voltaram com uvas e outras frutas, que provavam que Canaã era uma terra fértil e abundante.

Dez dos espias relataram que havia gigantes na terra e que Israel era frágil para entrar em Canaã (Nm 13.33). No entanto, dois dos espias, Josué e Calebe, disseram: "Não os temais" (Nm 14.9). O povo quis apedrejar os dois por causa de seu relatório (Nm 14.10) e chegou ao ponto de pedir que outro líder o levasse de volta ao Egito.

Por causa do medo e da rebeldia em Cades (Dt 9.23), os israelitas foram forçados a peregrinar no deserto de Parã por 38 anos. Aparentemente, Cades foi o centro de operações durante esses anos. No primeiro mês do quadragésimo ano do êxodo, o povo novamente se reuniu em Cades para a marcha final rumo à terra prometida.

Enquanto ainda estavam acampados em Cades-Barnéia, grande número de líderes do povo se rebelou contra Moisés e Arão (Nm 16.1-3). Estes foram mortos em um terremoto (16.31, 32). Miriã, irmã de Moisés, também morreu e foi sepultada (20.1). Em Cades, Moisés também desobedeceu a Deus, ferindo a rocha para que dela saísse água (20.8-11). Ele havia recebido ordem para falar à rocha, e não para bater nela. Logo depois que Moisés e o povo começaram a sair de Cades em direção a Canaã, Arão morreu e foi sepultado (20.23-29).

Os eventos de Cades-Barnéia demonstram claramente o perigo de se rebelar contra líderes indicados por Deus, murmurando e queixando-se da direção de Deus e recusando-se a seguir suas ordens.

CADES, NA TERRA DOS HETEUS - região entre Gileade e Dã-Jaã, a leste do rio Jordão, visitada por Joabe e os chefes de seu exército durante o censo de Israel (2Sm 24.6; Tatim-Hodchi, TB).

CADMIEL *(primeiramente Deus)* - nome de três homens do Antigo Testamento:

1. Levita cujos descendentes voltaram do cativeiro com Zorobabel (Ed 2.40).
2. Levita que ajudou na reconstrução do templo após o cativeiro (Ed 3.9).

3. Levita que selou o acordo após o cativeiro (Ne 9.4-5).

CADMONEUS *(povo do leste)* - tribo nômade de cananeus que habitavam o deserto sírio entre o Egito e a Mesopotâmia na época de Abraão (Gn 15.19).

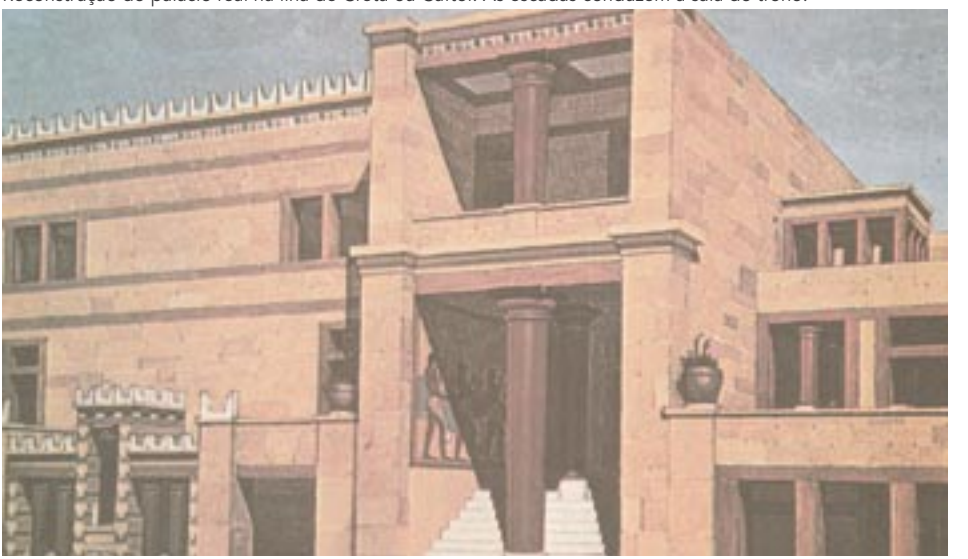
CAFARNAUM *(aldeia de Naum)* - cidade mais importante da margem setentrional do mar da Galiléia (veja Mapa 6, C-2), na época do Novo Testamento, e centro de grande parte do ministério de Jesus. Cafarnaum não é mencionada no Antigo Testamento; Naum, que faz parte do nome, não se refere provavelmente ao profeta Naum. Com toda a verossimilhança, Cafarnaum era suficientemente grande a ponto de sempre ser chamada "a cidade" (Mt 9.1; Mc 1.33). Tinha sua própria sinagoga, na qual Jesus ensinava com freqüência (Mc 1.21; Lc 4.31-38; Jo 6.59). Aparentemente, a cidade foi edificada por soldados romanos guarnecidos em Cafarnaum (Mt 8.8; Lc 7.1-10). A sinagoga era um centro para osistema romano de impostos, pois tinha um posto permanente de arrecadação (Mt 9.9; Mc 2.14; Lc 5.27), além de coletores itinerantes que trabalhavam na cidade (Mt 17.24). Escombros de uma sinagoga posterior cobrem os de outra em que Jesus adorou, embora ainda hoje possam ser vistos fragmentos desta última.

Depois de rejeitado em Nazaré, sua terra natal, Jesus fez de Cafarnaum o centro de seu ministério na Galiléia. Ali, realizou muitos de seus milagres, incluindo a cura do servo paralítico do centurião (Mt 8.5-13); de um paralítico levado por quatro amigos (Mc 2.1-12); da sogra de Pedro (Mt 8.14-15; Mc 1.29-31); do filho do oficial do rei (Jo 4.46-54).

Enquanto caminhava pelo mar da Galiléia perto de Cafarnaum, Jesus chamou os pescadores Simão, André, Tiago e João para serem seus discípulos (Mc 1.16-21, 29). Foi também em "sua própria cidade" (Cafarnaum) que Jesus chamou o cobrador de impostos Mateus (Mt 9.1, 9; Mc 2.13-14). Imediatamente depois de multiplicar os pães e os peixes, Jesus pregou sobre o Pão da Vida perto dessa cidade (Jo 6.32).

Embora Jesus tivesse centralizado seu ministério em Cafarnaum, o povo da cidade não o seguiu. Jesus proferiu uma maldição contra a cidade por causa de sua incredulidade (Mt 11.23-24), predizendo, assim, sua ruína (Lc 10.15). Tão surpre-

Reconstrução do palácio real na ilha de Creta ou Caftor. As escadas conduzem à sala do trono.





Ruínas da sinagoga de Cafarnaum.

endente foi o cumprimento dessa profecia, que apenas recentemente Tell Hum foi identificada, com segurança, como a antiga Cafarnaum.

CAFE - décima primeira letra do alfabeto hebraico, usada como cabeçalho em Salmos 119.81-88. Na língua original hebraica cada um desses oito versos começa com a letra cafe. Veja também ACRÓSTICO.

CAFTOR - ilha ou área marítima a partir da qual os filisteus surgiram (Dt 2.23; Jr 47.4; Am 9.7). Os estudiosos dividem-se quanto ao local de Caftor. A localização mais provável é a ilha de CRETA, ao lado das ilhas próximas do Egeu. A SEPTUAGINTA, no entanto, registra Capadócia, província na Ásia Menor ocidental, em vez de Caftor (Dt 2.23; Am 9.7). Os caftorins (Gn 10.14; Dt 2.23; 1Cr 1.12) eram um povo originário de Caftor.

CAIFÁS - sumo sacerdote de Israel ungido em c. 18 d.C. pelo procurador romano Valério Grato. Caifás e seu sogro, Anás, eram sumos sacerdotes quando João Batista iniciou sua pregação (Mt 26.3, 57; Lc 3.2). Caifás também era membro do grupo dos saduceus.

Depois de Jesus ter ressuscitado LÁZARO, os líderes judeus ficaram alarmados com a popularidade de Jesus. O SINÉDRIO rapidamente convocou uma reunião, durante a qual Caifás pediu a morte de Jesus. As palavras de Caifás, sendo este sumo sacerdote, tinham autoridade considerável e seu conselho foi seguido (Jo 11.49-53). Como conseqüência, Caifás planejou prender Jesus (Mt 26.3-4) e participou do julgamento ilegal contra o Messias (Mt 26.57-68).

A última aparição de Caifás no Novo Testamento foi no julgamento de Pedro e João. Foi um dos líderes que interrogaram os dois discípulos a respeito da cura miraculosa do coxo "àporta do templo chamada Formosa" (At 3.2; At 4.6-7). Em 1990, foi encontrado fora de Jerusalém um ossário adornado com o nome Caifás, contendo

os ossos de um homem de 60 anos. Estes podem ser os do próprio Caifás.

CAIM *(ferreiro)* **-** nome de uma pessoa, de uma cidade do Antigo Testamento e de uma tribo:

1. Filho mais velho de Adão e Eva e irmão de Abel (Gn 4.1-25). Caim foi o primeiro assassino. Agricultor por profissão, Caim levou frutos da terra como sacrifício a Deus. Seu irmão Abel, pastor de ovelhas, sacrificou um cordeiro de seu rebanho. O Senhor aceitou a oferta de Abel, mas rejeitou a de Caim (Gn 4.7). A prova da iniqüidade de Caim diante de Deus é vista em seu impulso de matar o próprio irmão ao ter sua oferta rejeitada (Gn 4.8). Caim foi ancestral de um clã de ferreiros (Gn 4.18-19, 22).

O Novo Testamento refere-se a Caim em três passagens. A oferta de Abel a Deus foi considerada "mais excelente sacrifício" que a de Caim, porque Abel era "justo". Seu coração era reto diante de Deus, mas não o de Caim (Hb 11.4). João afirma que Caim "era do Maligno" e questiona o motivo que o levou a assassinar seu irmão. Segundo João, é porque "suas obras eram más, e as de seu irmão, justas" (1Jo 3.12). Judas adverte seus leitores a se precaverem com relação àqueles "que prosseguiram pelo caminho de Caim" (Jd 11).

2. Cidade montanhosa do sul de Judá (Js 15.57).
3. Tribo mencionada na quarta profecia de Balaão (Nm 24.22, TB).

CAINÃ - nome de dois homens da Bíblia:

1. Filho de Enos e ancestral de Jesus (Gn 5.9-14; Lc 3.37).
2. Filho de Arfaxade e ancestral de Jesus (Lc 3.36).

CAL (veja MINERAIS DA BÍBLIA).

CALÁ - cidade da Assíria que, de acordo com Gênesis 10.8-12, foi edificada por Ninrode. Localizada na junção entre os rios Tigre e Zab, Calá foi reconstruída e fortificada por SALMANESER I (aproximadamente 1274-1245 a.C.) e foi o lugar onde viveu o rei assírio ASSURNASIRPAL (aproximadamente 884-859 a.C.). As ruínas da cidade, a atual Nimrud, situam-se aproximadamente a 29 quilômetros do sul de Nínive.

CALABOUÇO (veja PRISÃO).

CALAI - sacerdote que retornou do cativeiro com Zorobabel (Ne 12.20).

CÁLAMO (veja PLANTAS DA BÍBLIA).

CALCANHAR - parte posterior do pé humano (Gn 49.17; Jr 13.22). O salmista fala a respeito de um amigo que "levantou o calcanhar" contra ele (Sl 41.9) - uma referência clara a traição e rejeição. Jesus fez menção desse versículo quando Judas o traiu na véspera de sua crucificação (Jo 13.18).

CALCEDÔNIA (veja JÓIAS E PEDRAS PRECIOSAS).

CALÇÕES - item singular usado pelos sacerdotes da nação de Israel. Os calções eram semelhantes a um tecido que cobria o quadril e as coxas (Êx 28.42).

Veja também ROUPAS DA BÍBLIA.

CALCOL - descendente de Judá (1Cr 2.6; 1Rs 4.31).

CALDÉIA - originalmente, o vale do Tigre e do Eufrates, ou a parte sul da Babilônia. Tempos depois, com o início do reinado de Nabucodonosor II (rei de Babilônia no período de 605 a 562 a.C.), o termo Caldéia acabou por incluir praticamente toda a Babilônia e era quase sinônimo do império neobabilônio.

Na ARA, o termo Caldéia é localizado apenas nos livros de Jeremias e Ezequiel.

Jeremias profetizou a queda da Babilônia ao dizer: "A Caldéia servirá de presa" (Jr 50.10) e "Pagarei, ante os vossos próprios olhos, à Babilônia e a todos os moradores da Caldéia toda a maldade que fizeram em Sião" (51.24). Em uma visão, o Espírito de Deus levou Ezequiel à Caldéia até os seus compatriotas judeus no cativeiro (Ez 11.24). O profeta depois fez referência aos "filhos da Babilônia, na Caldéia" (Ez 16.29; 23.15-16).

Veja também Babilônia; Caldeus.

CALDEIRA - recipiente para cozinhar no qual a carne era preparada por adoradores antes de ser oferecida a Deus como Sacrifício ou Oferta Pacífica (1Sm 2.14). Finéias e Hofni, os filhos maus e corruptos do sumo sacerdote Eli, não estavam satisfeitos com a porção do sacerdote (Lv 7.14). Além disso, puseram o garfo na caldeira dos adoradores para acrescentar à parte que já lhes cabia.

CALDEIRÃO - recipiente de cerâmica ou metal para cozinhar carne, tanto para o cerimonial quanto para fins domésticos (2Cr 35.13; Mq 3.3). Potes de metal para cozinhar também foram encontrados no Egito e na Mesopotâmia.

CALDEUS *(conquistadores)* **-** um dos povos antigos que compunham a população dominante da Babilônia, especialmente no início do império de Nabucodonosor II (rei da Babilônia de 605 a 562 a.C.).

Os caldeus são primeiramente mencionados na literatura secular, nos registros do rei assírio Assurnasirpal II (reinou de 884/883 a 859 a.C.). Os primeiros documentos referem-se à mesma área como "terras marítimas". Em 850 a.C., Salmaneser III, rei da Assíria (reinou de 859 a 824 a. C.) invadiu a Caldéia e atingiu o golfo persa, que chamou de "mar de Kaldu". Com a ascensão de Sargão II (reinou de 721 a 705 a.C.) ao trono da Assíria, o caldeu Marduk-apla-iddina II - chamado na Bíblia Merodaque-Baladã (Is 39.1; 2Rs 20.12) - governante de Bit-Yakin (região da Caldéia), rebelou-se contra os assírios e tornou-se rei da Babilônia.

Apesar da oposição assíria, Merodaque-Baladã deteve o poder de 721 a 710 a.C. Em 712 a.C. (2Rs 20.12-19; Is 39.1-8), enviou uma embaixada a Ezequias, rei de Judá, convidando-o a se juntar a uma confederação da qual faziam parte Babilônia, Fenícia, Moabe, Edom, Filístia e Egito contra a Assíria. Depois que Merodaque tomou posse, os caldeus tornaram-se o poder dominante na Babilônia (Is 13.19; 47.1, 5; 48.14, 20). No entanto, ele finalmente fugiu e Bit-Yakin caiu sob domínio assírio.

Ao sobrevir o declínio assírio, o governante caldeu Nabopolassar (pai de Nabucodonosor) liderou uma revolta. Em 626 a.C., ele se tornou rei da Babilônia e inaugurou uma dinastia caldéia (neobabilônica) que durou até a invasão persa de 539 a.C., liderada por Ciro, o Grande (rei da Pérsia de 550 a 529 a.C.). O prestígio dos sucessores de Nabopolassar, Nabukudurriussur (Nabucodonosor; rei da Babilônia de 605 a 562 a.C.) e Nabonido (rei da Babilônia de 556 a 539 a.C.) foi tal que o termo caldeu tornou-se sinônimo do termo babilônio.

Nabucodonosor foi o rei envolvido na captura de Jerusalém e na deportação de seus habitantes para o cativeiro babilônico (2Rs 24.1-2; Jr25.1; 26.9-11; 52.30). O filho de Nabucodonosr, Awel-Marduk (chamado Evil-Merodaque em 2Rs 25.27 e Jr 52.31), libertou da prisão Joaquim, rei de Judá, depois de este ter permanecido lá por 37 anos. O rei concedeu-lhe alimentação diária pelo resto da vida.

Na Bíblia, o termo caldeu é mencionado pela primeira vez com relação a Harã - filho de Tera e irmão de Abraão -, que "morreu na terra de seu nascimento, em Ur dos caldeus" (Gn 11.28). O livro de Gênesis relata que "Tomou Tera a Abrão, seu filho,

e a Ló, filho de Harã, filho de seu filho, e a Sarai, sua nora, mulher de seu filho Abrão, e saiu com eles de Ur dos caldeus, para ir à terra de Canaã" (Gn 11.31). Abraão viveu em Ur dos caldeus antes de os caldeus dominarem a Babilônia.

O termo caldeu também foi usado por vários autores antigos para designar sacerdotes e outras pessoas cultas na literatura clássica babilônica, principalmente os ligados a astronomia e astrologia (Dn 2.2, 4-5, 10). Alguns estudiosos acreditam que "os magos do Oriente" (Mt 2.1) que foram a Jerusalém por ocasião do nascimento de Jesus podem ter sido astrólogos caldeus.

Na Bíblia, grande parte das referências aos caldeus aparece no livro de Jeremias (21.4, 9; 35.11; 51.4, 54). Jeremias identificou os caldeus com os babilônios, os quais sitiaram a cidade de Jerusalém durante o reinado de Nabucodonosor, saquearam o templo e levaram os israelitas como cativos.

CALDEUS, UR DOS (veja UR).

CALEBE (*cão*) **-** nome de dois homens do Antigo Testamento:

1. Um dos 12 espias enviados por Moisés para espionar a terra de Canaã (Nm 13.6, 30; 14.6, 24, 30, 38). Dez dos 12 espias amedrontaram os israelitas com relatos de cidades fortificadas e povos gigantes. Comparados aos gigantes da terra, estes se viam como "gafanhotos" (Nm 13.33).

   Josué e Calebe também viram as cidades fortificadas na terra, mas reagiram com fé em vez de medo. Aconselharam Moisés e Arão e os israelitas a atacarem Canaã imediatamente (Nm 13.30). Em vez de ouvirem os dois, os israelitas ouviram os outros espias, e o Senhor viu esse medo como falta de fé; julgou-os por sua timidez espiritual. De todos os adultos que viviam naquela época somente Calebe e Josué viveriam para possuir a terra (Js 14.6-15).

   Calebe também fez parte do grupo selecionado por Moisés para ajudar a dividir a terra entre as tribos. Tinha 85 anos quando finalmente Canaã foi conquistada. Hebrom foi dada a Calebe como herança divina.
2. Filho de Hezrom da família de Perez, da tribo de Judá (1Cr 2.18-19, 42). Descendiam deste Calebe, Hur, aliado de Arão, e Bezalel, neto de Hur, homem hábil para as obras do santuário. Também chamado Quelubai (1Cr 2.9).

CALEBE-EFRATA - de acordo com a ARA, lugar onde HEZROM morreu (1Cr 2.24). A NTLH, entretanto, segue a Septuaginta e traduz a frase hebraica para se referir à relação de Calebe com a esposa de Hezrom: "Depois que Hezrom morreu, o seu filho Calebe casou com Efrata, a viúva do seu pai. Eles tiveram um filho chamado Azur, que fundou a cidade de Tecoa" (1Cr 2.24).

CALENDÁRIO - sistema de contagem do tempo, normalmente com base em um ciclo natural recorrente (tal como o sol através das estações ou da lua através de suas fases); tabela ou registro tabular de dias de acordo com um sistema anual e com uma referência dos dias de cada mês aos dias da semana.

Desde o início do registro histórico, o calendário tem sido usado para manter registros e prever o tempo de mudança das estações. O calendário fornecia um quadro geral a partir do qual as pessoas poderiam planejar seu trabalho. Era, portanto, um quadro temporal eficaz para marcar várias das festividades religiosas que se deviam celebrar em intervalos regulares.

UNIDADES DO CALENDÁRIO

O DIA - Em termos de calendário, o dia é a menor e mais constante unidade de tempo. No mundo antigo, o termo "dia" era usado em pelo menos dois sentidos. Descrevia um período de 24 horas, mas também a luz do dia em contraste com a

noite (Gn 1.5). O ponto inicial do dia de 24 horas tinha variações. A Bíblia tem referências ao início do dia pela manhã (Gn 19.34; At 23.32), assim como à noite (Ne 13.19). Na época do império romano, o dia pode ter sido marcado a partir da meia-noite, conforme indicado pelo evangelho de João (4.6; 19.14).

A aurora era o crepúsculo antes do nascer do sol (1Sm 30.17 NTLH; Mt 28.1 ARC). O anoitecer marcava o fim da tarde (Dt 16.6) entre o dia e a noite (Jr 6.4; Pv 7.9), ou podia significar literalmente "tarde" do dia (Mc 11.19), exatamente antes do despontar das estrelas (Ne 4.21). A tarde iniciava com o fim da manhã (1Rs 18.26) e marcava a hora da refeição (Gn 43.16). Além disso, referia-se ao "meio-dia" (Ne 8.3) ou "dia claro" (Am 8.9) e "calor do dia" (2Sm 4.5).

O dia dividia-se em três partes: noite, manhã e tarde (Sl 55.17). A meia-noite era o ponto central da noite (Mt 25.6; At 20.7). No Antigo Testamento, a noite era dividida em três vigílias (Jz 7.19; Êx 14.24), enquanto no Novo Testamento ela se dividia em quatro (Mt 14.25; Mc 13.35). O termo "hora" era usado para significar "imediatamente" (Dn 3.6, 15 ARC) ou podia expressar a idéia da décima segunda parte da luz do dia (Jo 11.9).

A SEMANA - A semana era uma unidade composta de sete dias iniciada com a criação (Gn 1.31-2.2). A palavra "semana" significa "sete" (Gn 29.27; Lc 18.12). Na Bíblia, os dias da semana eram chamados "primeiro dia", "segundo dia" e assim por diante (Gn 1.8-31; Mt 28.1), embora o sétimo dia fosse conhecido como o "Sábado" (Êx 16.23; Mt 12.1). O dia antes do Sábado era chamado "dia da preparação" (Mc 15.42) e os cristãos referiam-se ao primeiro dia da semana como o "dia do Senhor" (Ap 1.10).

O MÊS - o mês era a unidade de tempo estreitamente relacionada à lua. A palavra hebraica traduzida por "mês" também significava "lua" (Dt 33.14; ARC). A razão para a ligação entre o mês e a lua é que o início de um mês era marcado pela lua nova. A lua era cuidadosamente observada pelas pessoas dos tempos bíblicos. Quando surgia como quarto crescente, marcava o início de um novo mês.

O mês lunar era de aproximadamente 29 dias. Portanto, o primeiro quarto crescente de uma lua nova apareceria 29 ou 30 dias depois da lua nova anterior. Por vezes, não era visível por causa das nuvens. Mas seguia-se a regra de que a lua nova jamais seria contada acima de 30 dias após a última lua nova. Dessa forma, evitavam-se grandes variações no calendário.

O ANO - A palavra hebraica traduzida por ano tem origem na idéia de mudança ou ação repetida. Assim, o ano expressa o conceito de "um ciclo completo de mudança". Visto que as estações se repetem, as pessoas fixam um calendário para dar conta dos acontecimentos anuais e para lembrá-las das estações futuras. O calendário girava em torno dos ciclos da agricultura. As pessoas observavam as alterações climáticas e a duração dos dias em seu plantio e colheita. Festas religiosas também eram estabelecidas paralelamente ao ano agrícola. Nenhuma grande festa religiosa, por exemplo, era celebrada durante o tempo da maior colheita. Observava-se que havia quatro estações e que o ano tinha em torno de 365 dias. Embora os calendários nem sempre fossem precisos, os ajustes eram feitos periodicamente para compensar a falta de precisão.

SISTEMAS DE CALENDÁRIO

NO ANTIGO TESTAMENTO - a marcação do tempo nos dias do Antigo Testamento refletia principalmente os meses, as festas religiosas sazonais e o ano. O mês era marcado com a primeira aparição do quarto crescente da nova lua durante o pôr-do-sol. O primeiro dia de cada mês era considerado dia santo assinalado por sacrifícios especiais (Nm 28.11-15) e deveria ser

anunciado com o toque de trombetas (Nm 10.10; Sl 81.3).

Normalmente, os meses eram designados numericamente: primeiro (Êx 12.2), segundo (Êx 16.1), terceiro (Êx 19.1), quarto (2Rs 25.3), quinto (Jr 28.1), sexto (1Cr 27.9), sétimo (Gn 8.4), oitavo (Zc 1.1), nono (Ed 10.9), décimo (Gn 8.5), décimo primeiro (Dt 1.3) e décimo segundo (Et 3.7).

O primeiro mês do calendário hebraico caía na primavera, entre março e abril. Em sua história primitiva, os israelitas adotaram os nomes cananeus dos meses, os quais estavam relacionados com a agricultura e o clima. Somente quatro desses nomes são mencionados no Antigo Testamento. O mês abibe (Êx 13.4; 23.15) era o primeiro mês (entre março e abril), na época da colheita da cevada, e significa "maturação do grão" (Lv 2.14). O mês de zive (1Rs 6.1, 37) era o segundo mês (abril/maio). Etanim era o sétimo mês (setembro/outubro), que ocorria durante a estação de chuvas. Bul (1Rs 6.38) era o oitavo mês (outubro/novembro), entre as primeiras e as últimas chuvas. Esses quatro nomes estavam associados com as épocas mais importantes da agricultura durante o ano.

Em sua história posterior, a nação de Israel adotou todos os 12 meses do calendário babilônio como seu calendário civil. No entanto, nem todos os nomes desses meses estão arrolados na Bíblia. Os sete mencionados são: nisã, o primeiro mês (Ne 2.1); sivã, o terceiro mês (Et 8.9); elul, o sexto mês (Ne 6.15); quisleu, o nono mês (Zc 7.1); tebete, o décimo mês (Et 2.16); sebate, o décimo primeiro mês (Zc 1.7) e adar, o décimo segundo mês (Ed 6.15). O primeiro mês desse calendário também cai na primavera.

Visto que Israel era uma sociedade agrícola, seu calendário atendia suficientemente o povo e suas festividades religiosas. No décimo quarto dia do primeiro mês (que corresponde a março/abril), celebrava-se a Páscoa (Êx 12.18); do décimo quinto ao vigésimo primeiro havia a festa dos Pães Asmos (Lv 23.6); no décimo sexto dia eram dedicadas as primícias (Lv 23.10-14), com os primeiros brotos de cevada. O segundo mês (abril/maio) marcava a celebração de uma Páscoa posterior, no caso de alguns terem perdido a primeira celebração (Nm 9.10-11).

No sexto dia do terceiro mês (maio/junho), o povo celebrava o dia de Pentecostes, também chamado festa das Semanas (Lv 23.15-22), em comemoração do término das colheitas de cevada e trigo. No sétimo mês (setembro/outubro), o primeiro dia era a festa das Trombetas (Lv 23.23-25; Nm 29.1), que celebrava o Ano Novo; o décimo mês era o Dia da Expiação (Lv 16.29-34; 23.26-32); do décimo quinto dia ao vigésimo segundo comemorava-se a festa dos Tabernáculos (Lv 23.33-43) em gratidão por todas as colheitas do ano. Desse modo, as festas estavam estreitamente relacionadas às colheitas.

No que se refere ao ano, o historiador judeu Josefo afirmou que Israel tinha duas ocasiões para comemorar o Ano Novo - o Ano Novo comercial, que começava no outono (sétimo mês), e o Ano Novo religioso, que tinha início na primavera (primeiro mês). Uma vez que os meses baseavam-se no sistema lunar e tinham uma média de 29 dias e meio, o ano teria 354 dias, ou seja, 11 dias a menos que o ano solar. Em apenas três anos, o calendário teria mais de um mês a menos.

Para ajustar o mês lunar com o ano solar, a Babilônia tinha um sistema sofisticado no qual acrescentavam-se sete meses ao calendário por um período de 19 anos, resultando em erro apenas de duas horas e quatro minutos no final do ciclo. Para a época, tal exatidão é notável. Israel deve ter ajustado seu calendário de modo semelhante, acrescentando um "segundo mês de adar" quando necessário.

Entre os testamentos - Durante o período em que os gregos governaram o mundo antigo, o calendário selêucida era largamente usado. Dois sistemas básicos eram utilizados para computar o tempo na era selêucida - o calendário macedônio e o babilônio. É difícil declarar com segurança qual dos dois sistemas era usado; no entanto, os judeus parecem ter feito uso do calendário macedônio. Isso significa que a era selêucida na história dos judeus teve início no primeiro dia do sétimo mês, tisri, em 312/311 a.C., aproximadamente.

No Novo Testamento - O Novo Testamento não contém referência ao calendário romano ou gentio, ou, ainda, ao calendário judaico, exceto com relação aos dias da semana. Há também uma menção a "lua nova" (Cl 2.16). O sábado é mencionado cerca de 60 vezes (por exemplo, Mt 12.1-12). O Novo Testamento também menciona o "primeiro dia", domingo (Mc 16.2; Lc 24.1; At 20.7; 1Co 16.2), "o dia do Senhor", domingo (Ap 1.10) e o "dia de preparação", sexta-feira (Mt 27.62; Mc 15.42; Lc 23.54; Jo 19.14, 31, 42). No entanto, essas são referências aos aspectos de culto do calendário judaico. Especialmente no evangelho de João, a Páscoa é mencionada com freqüência (Jo 2.13, 23; 6.4; 11.55; 12.1; 13.1; 18.39). Outras festas mencionadas no Novo Testamento são a dos Pães Asmos (Mt 26.17; Mc 14.1, 12), a de Pentecostes (At 2.1; 20.16; 1Co 16.8), a festa dos Tabernáculos (Jo 7.2) e a festa da Dedicação (Jo 10.22).

Embora o Novo Testamento não faça referência ao calendário romano ou gentio, alude aos reinos de seus governantes. O exemplo mais específico é Lucas 3.1, que fala sobre o "décimo quinto ano do reinado de Tibério César". Esse exemplo especifica o período de reinado de governantes na Judéia e nos territórios vizinhos, além do início do ministério de João Batista. Tal governo deve ter-se dado em 28-29 d.C., admitindo-se que Lucas usou o calendário juliano, que começava em janeiro, ou o calendário do reino, que iniciava em agosto. A referência mais genérica não se refere ao ano, e sim aos reinados dos imperadores César Augusto (Lc 2.1) e Cláudio César (At 11.28), dos governadores de província Quirino (Lc 2.1-2) e Gálio (At 18.12), do rei Herodes (Mt 2.1; Lc 1.5) e do etnarca Aretas (2Co 11.32).

Um problema do calendário do Novo Testamento é que os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas mencionam que Jesus celebrou a Páscoa com seus discípulos na véspera em que foi traído (Mt 26.19-20; Mc 24.16-17; Lc 22.13-15), enquanto o evangelho de João narra que os judeus não tinham celebrado a Páscoa nessa ocasião (Jo 18.28). Muitas tentativas foram feitas para resolver essa questão.

Possivelmente, a solução é que os três evangelhos narram a partir dos eventos da crucificação de acordo com o método galileu (com o início do dia ao nascer do sol) então usado por Jesus, os discípulos e os fariseus. João, entretanto, deve ter contabilizado de acordo com o método da Judéia (com o início do dia ao pôr do sol), sistema usado pelos saduceus. Se isso é verdade, sistemas diferentes de calendário devem ter sido usados ao mesmo tempo dentro da nação de Israel.

CÁLICE - pequeno recipiente usado para beber água (Mt 10.42), vinho (Jr 35.5) e outros líquidos. O cálice é, freqüentemente, mencionado na Bíblia em seu sentido literal. Figurativamente, a imagem de um cálice também expressa várias idéias importantes.

Os cálices descritos na Bíblia podiam ser de prata (Gn 44.2, 12, 16-17) ou de ouro (Jr 51.7; Ap 17.4) e ter um adorno na borda (1Rs 7.26; 2Cr 4.5). Os reis dispunham de um funcionário chamado copeiro (1Rs 10.5; 2Cr 9.4; Ne 1.11), que preparava a bebida e o servia (Gn 40.11, 13, 21). Sua tarefa compreendia provar a bebida para se

certificar de que não estava envenenada. Tal funcionário assírio que servisse em âmbito militar era chamado RABSAQUÉ (2Rs 18.17; Is 36.2).

De acordo com os ensinos de Jesus, até o modesto serviço de oferecer um copo de água fria (Mt 10.42; Mc 9.41) terá sua recompensa. O "copo de consolação" é a bebida compartilhada com a aflição (Jr 16.7). O "cálice da bênção" (1Co 10.16) refere-se ao copo sobre o qual a bênção é proferida.

Para o ímpio, o cálice é um destino de calamidade (Sl 11.6; Ez 23.33). Experimentar a ira do Senhor é beber do cálice de sua ira (Is 51.17; Jr 49.12). O juízo do Senhor é descrito como um cálice de vinho tóxico, que embriaga e faz cambalear (Sl 75.8). O fim de uma nação surge com o beber desse cálice (Jr 25.15, 17, 28; Lm 4.21; Hc 2.16). A Babilônia foi o cálice da mão do Senhor do qual as nações tiveram de beber ao serem destruídas (Jr 51.7). Quando o Senhor terminar de punir Israel, porém, ele tomará da mão de Israel o cálice de atordoamento (Is 51.22). A figura de beber o cálice da ira do Senhor é usada no Novo Testamento para descrever a punição do desobediente (Ap 14.10).

O sofrimento e a morte de Jesus foram seu cálice (Mt 26.39; Jo 18.11). Para ele, suportar o sofrimento era beber o cálice (Mt 20.22-23). No entanto, por meio de tal sofrimento, Jesus providenciou o meio para a nossa salvação.

CALNÉ - cidade da Mesopotâmia cujo local exato é desconhecido. Em Gênesis 10.10, é incluída entre as cidades do reino de Ninrode, poderoso caçador. Tal fato sugere um local no sul da Mesopotâmia. No entanto, Amós 6.1-2 inclui Calné em uma lista de cidades no norte da Mesopotâmia. Deve ter havido dois lugares com o mesmo nome ou é provável que a cidade do norte tenha recebido esse nome após o primeiro assentamento. Calno (Is 10.9) deve corresponder a Calné.

CALNO - cidade conquistada pelos assírios (Is 10.9). O profeta Isaías falou a respeito da arrogância dos assírios, que diziam que assim como Calno havia sucumbido, tal qual aconteceria com Jerusalém. Calno é provavelmente outro nome de Calné (Gn 10.10; Am 6.2).

CALVÁRIO (da palavra latina calvaria, "*caveira*") **-** nome usado pela ARA para se referir ao lugar fora de Jerusalém onde o Senhor Jesus foi crucificado (Lc 23.33; a Caveira, NTLH, ARC). Não se sabe exatamente o motivo de o lugar ser chamado "a caveira". A razão mais provável é que o local tenha sido um lugar de execução; a caveira é um dos símbolos largamente associados à morte. O lugar deve ter sido relacionado com cemitério, embora o fato de ser perto de Jerusalém torne improvável que caveiras pudessem ser vistas ali. Talvez a área fosse local de elevação montanhosa que, de alguma forma, se assemelhasse a uma caveira.

Os textos de Marcos 15.40 e Lucas 23.49 indicam que algumas pessoas viram a crucificação de Jesus a distância. O texto de João 19.20 diz que o lugar ficava "perto da cidade" de Jerusalém; e Hebreus 13.12 relata que nosso Senhor "sofreu fora da porta", o que quer dizer fora dos muros da cidade. A referência de Mateus aos "que iam passando" parece indicar que o lugar ficava próximo a uma estrada bastante usada por viajantes. É razoável pensar que a sepultura de José (Jo 19.41) situava-se relativamente perto. Mas a Bíblia não indica claramente onde Jesus morreu.

Vários têm sido os locais indicados para a crucificação nos arredores de Jerusalém. Um fator que torna difícil detectar o local com precisão é que Jerusalém foi destruída no ano 70 d.C. pelos romanos, além da ocorrência de outra revolta judaica de modo semelhante em 135. Por esses motivos e por uma série de conflitos que perduraram por séculos, muitas caracte-

rísticas geográficas e o local dos muros da cidade foram particularmente alterados.

Com exceção de áreas que haviam sido escavadas, os muros atuais de Jerusalém datam de anos mais recentes. A presença de construções modernas impede que novas escavações sejam empreendidas para a localização dos muros na época do Novo Testamento. Alguns grupos dizem ter encontrado o local exato em que Jesus morreu, mas os fatores de complicação expostos tornam a informação pouco provável.

Atualmente, a opinião cristã divide-se entre dois possíveis lugares para o Calvário. Um seria a área da igreja do Santo Sepulcro. O outro, chamado "Calvário de Gordon", situa-se a pouco mais de 200 metros a nordeste do portão de Damasco no muro antigo da cidade.

Certa tradição que remonta ao século quarto diz que se iniciou uma busca pelo historiador cristão Eusébio e que o local foi encontrado pelo bispo Macário. Tempos depois, o imperador romano Constantino edificou um templo no local, que antes havia abrigado um templo a Afrodite. A tradição também sustenta que, enquanto procurava pelo sepulcro de Jesus, a mãe de Constantino, Helena, encontrou parte da "verdadeira cruz" em que Jesus havia morrido. Tais tradições são muito antigas, mas seu valor histórico é incerto. A igreja do Santo Sepulcro fica atualmente no interior do que se chama "antiga cidade", embora alguns defensores insistam que o local ficasse fora dos muros da cidade na época do Novo Testamento.

Em 1885, seguindo uma orientação mais antiga, o general britânico Charles Gordon defendeu firmemente outro lugar principal, que fica fora dos muros atuais da cidade. O local é um outeiro rochoso coberto de grama que, devido a escavações (talvez mineração) em alguma época durante os últimos três séculos, atualmente assemelha-se a uma caveira quando visto sob determinado ângulo. Ao lado da colina há o que se chama de "caverna de Jeremias", na qual um túmulo antigo foi reparado para dar lugar a um jardim. Tal área é, por vezes, chamada "Túmulo do Jardim".

O lugar conhecido como Calvário de Gordon tem sido aprovado especialmente por alguns grupos protestantes, enquanto o local da igreja do Santo Sepulcro é altamente recomendado pelas igrejas ortodoxa e católica romana.

Para os cristãos, o que interessa não é o local, mas o auto-sacrifício do Senhor Jesus - "que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia" (1Co 15.3-4). No "Calvário", a cruz do Gólgota - "emblema de sofrimento e vergonha" - tornou-se o símbolo do amor, da bênção e da esperança.

O nome aramaico do lugar em que Jesus foi crucificado é Gólgota (Mt 27.33; Mc 15.22; Jo 19.17), que, à semelhança de Calvário, significa "a caveira".

CALVÍCIE - ausência de cabelos na cabeça de uma pessoa. Visto que os israelitas davam aos cabelos valor estético e os consideravam motivo de glória, a condição de calvo condicionava a um estigma de vergonha. Esse modo de pensar provavelmente expressava a aversão de Israel diante das práticas de certos pagãos que tinham o costume de rapar a cabeça. Rapar a cabeça indicava comportar-se como os cananeus - associando-se a práticas idólatras e imorais.

Uma das obrigações dos sacerdotes era distinguir entre a calvície natural e a causada pela lepra (Lv 13.40-44). "Calvo" foi um termo de desprezo e escárnio proferido contra o profeta Eliseu por alguns jovens (2Rs 2.23). Os profetas mencionam a calvície como sinal de luto (Is 15.2; Jr 7.29). A calvície também é usada simbolicamente para indicar a aridez da Filístia após o julgamento de Deus (Jr 47.5).

CAM - nome de uma pessoa e de dois lugares do Antigo Testamento:

1. Mais novo dos três filhos de Noé (Gn 9.18, 24). Cam, ao lado da família de Noé, foi salvo do grande dilúvio ao entrar na arca (Gn 7.7). Depois que as águas baixaram e a família de Noé saiu da arca, Cam encontrou seu pai nu e bêbado, adormecido em sua tenda. Cam chamou os dois irmãos, Sem e Jafé, os quais cobriram seu pai sem olhar para sua nudez. Noé ficou furioso por Cam ter visto sua nudez e proferiu uma maldição sobre Canaã, filho de Cam (Gn 9.18, 25). Com isso, os cananeus deveriam servir os descendentes de Sem e Jafé (Gn 9.26-27; Js 9.16-27).

   Cam teve quatro filhos: Cuxe, Mizraim, Pute e Canaã. A tribo de Mizraim fixou-se no Egito, enquanto as tribos de Cuxe e Pute, em outras partes da África. A tribo de Canaã povoou a Fenícia e a Palestina.
2. Cidade a leste do rio Jordão na época de Abraão. Foi atacada por Quedorlaomer e outros reis aliados (Gn 14.5). A moderna cidade de Cam estende-se por seis quilômetros ao sul de Irbid.
3. Outro nome do Egito, usado na poesia (Sl 78.51; 105:23, 27).

CAMA, DORMITÓRIO - lugar para dormir. Mesmo as melhores camas dos tempos bíblicos seriam consideradas desconfortáveis pelos padrões modernos. Muitos dormiam em uma esteira sobre o chão. Durante o dia, as esteiras eram enroladas e guardadas. Era comum colocá-las em uma plataforma elevada, acima de estruturas frias durante o frio.

As classes mais abastadas sempre tinham uma cama para dormir. A cama mais simples apresentava uma estrutura retangular de madeira sustentada por pernas. Cordas ou tramas de tecido eram estiradas de modo transversal na estrutura, sobre a qual se abria uma esteira. Alguns mais abastados tinham camas bastante sofisticadas com decoração em ouro e prata e desenho em marfim. Ao falar em camas de marfim, Amós (Am 6.4), referia-se, provavelmente, à decoração feita de marfim.

Os pobres normalmente dormiam sem trocar de roupa e com uma capa ou coberta para se protegerem do frio. Muitas pessoas dessa classe tinham apenas uma capa, que servia tanto de manto quanto de coberta à noite. A lei mosaica proibia que os israelitas mantivessem uma capa sob penhor além do pôr-do-sol, a fim de garantir que a pessoa tivesse uma coberta para dormir (Êx 22.26-27; Dt 24.13).

No verão, era comum que as pessoas fossem para o terraço e dormissem ao ar livre. Os terraços eram normalmente um ambiente e serviam de habitação quando o clima permitia. Com freqüência, as casas de pessoas ricas tinham dormitórios separados. Se a casa tivesse dois pavimentos, o segundo era o local preferido para os quartos. A mulher sunamita providenciou uma quarto separado com cama, mesa, cadeira e candeeiro para Elias no andar de cima, porque este normalmente se hospedava em sua casa e ficava com ela e o marido (2Rs 4.10). O texto indica que quartos desse tipo representavam o melhor estilo de dormitórios para a época, em se tratando de uma mulher descrita como "rica" (v. 8), de alta classe social e notoriedade.

Na Bíblia, a cama não é tida apenas como lugar para dormir, mas também como lugar de meditação e oração. Por exemplo, Davi meditava em sua cama na vigília da noite (Sl 63.6); os profetas recebiam revelação de Deus enquanto deitados (1Sm 3.3). Além disso, a cama era lugar de comodidade e luxo (Am 6.4), preguiça (Pv 26.14) e maquinações (Sl 36.4).

CAMALEÃO (veja Animais da Bíblia).

CÂMARA - quarto ou aposento em casa ou edifício público, podendo se localizar

na parte superior destes (Gn 43.30). A câmara superior era um aposento no terraço, lugar favorecido pelo frescor (2Rs 23.12). A palavra também é usada simbolicamente na Bíblia; o salmista louvou a Deus por enviar chuva sobre a terra "desde as suas câmaras" (Sl 104.13, ARC, TB). Veja também CASA.

CAMAREIRO, CAMARISTA (veja PROFISSÕES E OCUPAÇÕES).

CAMBA - parte do interior das rodas de um carro nos tempos bíblicos (1Rs 7.33; bordas, NTLH; pinas, TB).

CAMBISTA - banqueiro que convertia a moeda corrente de uma nação, ou um punhado de moedas, em outra. Os cambistas tiravam proveito de uma situação conveniente, cobrando uma taxa (geralmente exorbitante) por seus serviços. Alguns cambistas atuavam na área do templo (no pátio dos gentios), porque todo o dinheiro arrecadado pelo templo devia ser em moeda de prata tíria. De acordo com Êxodo 30.11-16, todo israelita de 20 anos para cima devia pagar um tributo anual, de meio siclo, ao tesouro do santuário.

Jesus expulsou os cambistas do templo (Jo 2.13-16; Mt 21.12-13). Com o uso de um chicote de cordas, lançou fora do templo todos os que vendiam bois, ovelhas e pombos; virou as mesas dos cambistas e jogou o dinheiro pelo chão (Jo 2. 13-14). Não é claro o motivo que levou Jesus a ficar tão furioso com os cambistas. Sua fúria não foi contra o imposto do templo, pois ele mesmo o pagou prontamente: "Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que fisgar, tira-o; e, abrindo-lhe a boca, acharás um estáter. Toma-o e entrega-lhes por mim e por ti" (Mt 17.24-27).

A ira de Jesus deve ter sido contra o comércio no interior do templo, pelo qual se tirava vantagem dos pobres: "não façais da casa de meu Pai casa de negócio" (Jo 2.16).

Veja também PROFISSÕES E OCUPAÇÕES.

CAMELO (veja ANIMAIS DA BÍBLIA).

CAMINHO - estrada, via, passagem ou rodovia. A palavra é usada de modo figurado no Antigo Testamento como sinônimo da maneira de viver de uma pessoa justa ou ímpia (Sl 1.6). No Novo Testamento, a palavra é normalmente usada como metáfora de comportamento moral (Mt 7.13-14; 2Pe 2.15). O caminho de uma pessoa pode levá-la a uma vida que se esquece de Deus (Jó 8.13), marcada pela iniqüidade (Pv 2.13). O caminho de uma pessoa também pode ser iluminado pela Palavra de Deus (Sl 119.105).

Jesus lembrou aos discípulos que ele era o único caminho para chegarem a Deus: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). No livro de Atos, a expressão "o caminho" foi uma forma de os inimigos da igreja se referirem com desprezo ao movimento cristão. Semelhantemente à palavra "cristão", esse termo de menosprezo foi ostentado pelos seguidores de Jesus (At 9.2; 24.14, 22).

Quando usada literalmente, a palavra refere-se a uma vereda (Gn 49.17).

CAMINHO DE UM DIA (veja PESOS E MEDIDAS).

CAMISA (veja ROUPAS DA BÍBLIA).

CAMITAS - descendentes de Cam (1Cr 4.4).

CAMOM - lugar de sepultamento do gileadita Jair, que julgou Israel por 22 anos (Jz 10.5).

CAMPINA, PASTAGENS - área de pastagem. Os prados eram raros em Israel, mas

não nas planícies alagadas do Egito. O pasto no qual as sete vacas gordas do sonho do faraó pastavam aparece neste texto: "Do rio subiam sete vacas formosas à vista e gordas e pastavam no carriçal" (Gn 41.2, 18). O salmista diz que "os inimigos do Senhor serão como o viço das pastagens; serão aniquilados e se desfarão em fumaça" (Sl 37.20). No clima quente e seco da Palestina, a imagem de um belo pasto desvanecendo rapidamente era uma forma particularmente efetiva de descrever a situação arriscada na qual vivem os ímpios.

CAMPO - espaço aberto que podia ser usado com vários propósitos. O termo pode referir-se a um lugar reservado para caça (Gn 27.5), um local cultivado para colheitas (Rt 2.3) ou lugar para pastagem de animais (Gn 34.5). Um campo podia variar em tamanho, desde um pequeno terreno até uma grande região.

Geralmente, um campo não era cercado; por vezes, contrastava com uma área fechada, tal como uma vinha (Êx 22.5). As fronteiras que separavam os campos podiam ser movidas ou removidas (Dt 19.14). Visto que não havia cercas para manter animais, os rebanhos e manadas precisavam de constante vigilância e cuidado para evitar que se desviassem de seu curso. Era comum que alguns campos recebessem nomes de acordo com determinados acontecimentos, como o Campo das Espadas (2Sm 2.16), ou por seu uso, como campo do lavadeiro (Is 7.3), ou campo do oleiro (Mt 27.7).

CAMPO DAS ESPADAS - área próxima do açude de Gibeão que se tornou cenário de um combate sangrento entre Israel e Judá (2Sm 2.16; Helcate-Hazurim, ARC, TB). Ali, 12 homens de Abner (servos de Isbosete, rei de Israel) e 12 dos homens de Joabe (servos de Davi, rei de Judá) travaram batalha até que todos morreram.

CANA, CANIÇO (veja PLANTAS DA BÍBLIA).

CANA DE MEDIR (veja PESOS E MEDIDAS; FERRAMENTAS DA BÍBLIA).

CANÁ (*região de juncos*) **-** nome de um ribeiro e de duas cidades:

1. Ribeiro (ou torrente, TB) que servia de limite entre os territórios de Efraim e Manassés (Js 16.8).
2. Cidade da fronteira setentrional do território de Aser (Js 19.28).
3. Aldeia da Galiléia (veja Mapa 6, B-2) onde Jesus realizou seu primeiro milagre - transformou água em vinho (Jo 2.1, 11). Caná era a cidade de Natanael, um dos doze discípulos (Jo 21.2). Sua localização provável, Kfar Kanna, fica aproximadamente 13 quilômetros a nordeste de Nazaré.

CANAÃ (*terra de púrpura*) **-** nome de um homem e de um local ou região do Antigo Testamento:

1. Quarto filho de Cam e neto de Noé (Gn 9.18-27; 10.6, 15). Os descendentes de Cam foram dispersos entre diferentes tribos, tais como os jebuseus e os zemareus. Tais povos tornaram-se conhecidos posteriormente como CANANEUS - habitantes pagãos da terra que Deus havia prometido a Abraão e seus descendentes. Sob a liderança de Josué, o povo de Israel ocupou a terra de Canaã e dividiu-a entre as doze tribos.
2. Região ao longo do mar Mediterrâneo (veja Mapa 1, C-2) ocupada pelos cananeus antes de ser tomada e ocupada pelos israelitas (Gn 11.31; Js 5.12). A terra de Canaã estendia-se desde o rio Jordão, a leste, até o mar Mediterrâneo, a oeste. De norte a sul, cobria o território entre a península do Sinai e a antiga nação costeira da Fenícia. O território era praticamente seco, montanhoso e rochoso; por isso, impróprio para o cultivo. No

entanto, possuía muitas áreas cultivadas, particularmente em vales de rios e planícies costeiras ao longo do mar. Enquanto conduzia o povo de Israel rumo à terra de Canaã, Moisés enviou espias ao território com a missão de conhecer a região, os quais retornaram com uvas, romãs e figos para atestar a fertilidade da terra (Nm 13.2, 17, 23).

A terra de Canaã situava-se perfeitamente nas rotas comerciais que se estendiam do Egito, ao sul, à Síria e à Fenícia, ao norte, e ao antigo império babilônio, a leste. Tal localização conferiu à pequena região uma posição estratégica no mundo antigo. Depois de conquistarem a terra de Canaã, os israelitas desenvolveram um sistema comercial próspero, comercializando produtos com outras nações pelas referidas rotas. A cor púrpura de melhor qualidade era produzida em Canaã, decorrendo desse fato o seu nome.

CANAIS - tradução da ARA e NTLH da palavra hebraica que se refere a braços de rios, ou deltas, do rio Nilo (Êx 7.19; 8.5). A palavra associa-se especialmente a canais menores e menos velozes que formam uma rede de cursos de água no delta egípcio.

CANANÉIA - mulher originária de CANAÃ (1Cr 2.3, a cananéia, ARA, ARC; mulher cananéia, NTLH).

CANANEUS - povo antigo que viveu na terra de Canaã antes de ser tirado de lá pela nação de Israel. Os cananeus, juntamente com os amorreus, instalaram-se na terra bem antes de dois mil a.C. Escavações arqueológicas da terra e de territórios adjacentes contribuíram com informações sobre variados aspectos de sua cultura. Dentre os numerosos locais escavados na antiga Canaã, ou na atual Terra Santa, estão: Hazor, Megido, Bete-Seã, Jericó, Jebus (Jerusalém), Debir, Laquis e Arade. No lado norte da antiga Canaã estão Biblos e Ras Shamra (Ugarite) na costa do mar Mediterrâneo e Hamate à margem do rio Orontes.

Embora tanto os cananeus quanto os amorreus tenham se estabelecido em Canaã antes de dois mil a.C., a civilização cananéia foi dominante na Idade do Bronze Médio (entre 2100 a 1550 a.C.). A sociedade dos cananeus apresentava várias classes, que variavam da alta nobreza a agricultores. Os cananeus do norte usavam um tipo de inscrição cuneiforme, caracterizando-se, assim, um alfabeto em forma de cunha. Em sua terra havia várias cidades cercadas por muralhas, das quais grande parte servia como centro das cidades-estados, cada qual com o seu próprio rei, ou prefeito, e exército.

Por conseguinte, os cananeus constituíam um povo altamente civilizado em vários aspectos quando Josué liderou os israelitas pelo rio Jordão para dominar o povo e se estabelecer na terra. Embora a história dos cananeus termine com a conquista israelita, alguns segmentos da cultura cananéia permaneceram e causaram impactos tanto positivos quanto negativos na vida do povo com o qual Deus havia selado seu pacto.

A LÍNGUA E A LITERATURA CANANÉIA. O conhecimento que se tem da língua e da literatura cananéia foi decisivo a partir da descoberta dos textos ugaríticos em Ras Shamra (antiga Ugarite), local na costa mediterrânea na Síria atual. A descoberta acidental de uma elevação no terreno por um fazendeiro enquanto arava o campo no topo de Ras Shamra levou a diversas escavações em grande escala por Claude F. A. Schaeffer, sendo a primeira em 1929. Tais escavações resultaram na recuperação de um considerável número de textos e outros documentos em placas de argila. Os referidos escritos forneceram conhecimento considerável sobre a vida cananéia, particularmente sobre sua forma de religião.

A língua cananéia em sua forma escrita, conforme revelado nos textos ugaríticos de

Ras Shamra, é um tipo alfabético cuneiforme (em forma de cunha) de escrita. Essa forma contrasta grandemente com o cuneiforme silábico das antigas línguas babilônica e assíria. Há muitas semelhanças com outras línguas antigas do Oriente Médio da época durante esse mesmo período, bem como diferenças importantes. Essas diferenças são tão marcantes, que os arqueólogos chegam a dizer convictos que os cananeus desenvolveram uma língua própria.

Os textos ugaríticos de Ras Shamra são de fato as fontes literárias mais significativas da língua cananéia em inscrição cuneiforme. Tais textos remontam ao século 16 a.C. ou mesmo antes. Muitos deles são de natureza religiosa, fornecendo, assim, detalhes valiosos sobre a literatura e a religião dos cananeus. Além disso, tais textos permitiram que estudiosos da Bíblia tivessem uma melhor compreensão sobre os escritos do Antigo Testamento e de seu contexto.

Três textos mitológicos são de grande importância com relação aos detalhes sobre a religião dos cananeus: (1) A Epopéia de Baal, um relato das ações de Baal, incluindo a construção de um templo; (2) a Lenda de Aqhat, filho único de um rei cananeu antigo; (3) e a Lenda do Rei Keret, de Hubur, que sofre a perda de sua família e mais tarde consegue outra esposa por meio de uma conquista militar. Tal fato, no entanto, incorre na ira dos deuses.

Estudos comparados entre esses textos e escritos do Antigo Testamento, principalmente os primeiros poemas hebraicos e os salmos, mostram como o Antigo Testamento foi influenciado por seu ambiente antigo. Mas também mostram como a fé dos israelitas em um único Deus Redentor destaca-se fortemente diante da religião pagã dos cananeus.

A religião dos cananeus. A religião cananéia caracterizava-se pela pluralidade de deuses. Tais deuses eram adorados por meio de rituais sofisticados. Tipos variados de oficiais religiosos, ou sacerdotes, dirigiam as cerimônias pagãs. Seu sistema religioso caracterizava-se também pela grande quantidade de locais de adoração, variando de simples altares em ambientes externos a maciços templos de pedras.

O Antigo Testamento refere-se muitas vezes a Baal (Nm 22.41), a baalins (Os. 2.13, 17) ou a um baal específico segundo determinado lugar, como o Baal-Peor (Nm 25.3-5). O Antigo Testamento também faz referência a Aserá (1Rs 18.19, ARC; poste-idolo, ARA, NTLH) e Astarote (1Rs 11.5, 33; Jz 2.13). Referências a tais deuses e deusas sempre carregam fortes denúncias dos escritores bíblicos. No entanto, os nomes mencionados no Antigo Testamento são apenas alguns dos muitos nomes dos deuses cananeus mencionados nos textos ugaríticos.

El foi o maior dos deuses cananeus, conforme claramente indicado nos textos ugaríticos. Mas El escolheu ficar na retaguarda, conferindo poder e autoridade a sua linhagem de deuses e deusas. A principal deusa por meio de quem El gerou filhos foi Aserá. Ambos foram pais de mais de 70 divindades. O Baal freqüentemente mencionado no Antigo Testamento atuava como senhor entre os deuses em virtude da autoridade conferida por El. Baal era conhecido principalmente como deus da fertilidade ou como deus da tempestade. Em seu nome foram construídos templos em várias localidades, incluindo um em Ugarite.

Anate (Jz. 3.31), Aserá e Astarte (a Astarote do Antigo Testamento) são três deusas cananéias mencionadas muitas vezes nos textos ugaríticos. Dentre as muitas outras divindades dos cananeus, havia Resheph, deus da peste, e Mot, o deus da seca e da morte.

A religião dos cananeus apresentava algumas características semelhantes a certas

práticas do sistema religioso dos israelitas. Assim como os israelitas, os cananeus ofereciam diversos tipos de sacrifícios aos seus deuses. Dentre os animais usados nos sacrifícios, eram comuns ovelhas e bois, além de alguns animais selvagens. Um sumo sacerdote dentre os cananeus era o líder de 12 famílias de sacerdotes. Entre outros importantes líderes do culto que serviam nos templos cananeus encontravam-se cantores, que faziam uso da liturgia ou de uma espécie de salmodia; pessoas consagradas, de fato prostitutos e prostitutas; costureiros e escultores; e escribas, responsáveis por preservar as tradições literárias importantes. Tais como as festas e festividades hebraicas, as comemorações dos cananeus também seguiam a disposição das estações ou ciclos da agricultura.

Quanto a outros aspectos, a religião hebraica e a cananéia apresentam diferenças consideráveis. A religião desses pagãos consistia basicamente em um culto da fertilidade. Nos templos espalhados por toda a região, os adoradores cananeus verdadeiramente participavam de atos imorais e lascivos com prostitutas "sagradas". Esta era uma forma depravada de culto que apelava para os baixos instintos da natureza humana pecaminosa. Além disso, os cananeus ofereciam sacrifícios humanos e tinham aprovação da religião para o uso de uma crueldade imensurável em períodos de guerra. Em contrapartida, os hebreus adoravam um Deus santo que insistia na pureza e retidão no meio do seu povo.

Embora os israelitas tenham sido chamados a um alto nível ético em sua adoração, algumas vezes deixavam-se levar pelo elemento sensual dos cultos cananeus que os incitavam ao pecado e à idolatria. Esse fato explica o grande apelo feito por Josué ao povo de Israel durante seu discurso de despedida. O guerreiro, já avançado em idade, sabia que a forma pagã de adoração seria uma grande tentação ao povo. Por isso, declara: "Agora, pois, deitai fora os deuses estranhos que há no meio de vós e inclinai o coração ao Senhor, Deus de Israel" (Js 24.23).

CÂNCER - tumor maligno que invade tecidos ou células saudáveis do organismo. O apóstolo Paulo descreveu os "falatórios inúteis e profanos" (2Tm 2.16) de pessoas mundanas e a mensagem profana que proclamam como um "câncer" (2Tm 2.17; gangrena, ARC, NTLH, TB) que ameaçava a saúde e a vitalidade da igreja. Veja também DOENÇAS DA BÍBLIA.

CANDACE - rainha da Etiópia (At 8.27). Candace, um título, não se referia a uma rainha em particular, mas a uma linhagem de rainhas. O eunuco de Candace, em Atos, converteu-se ao cristianismo por intermédio de Filipe, o evangelista (At 8.26-39).

CANDEEIRO (veja CANDEIA, VELA).

CANDEIA, VELA - aglomerado de sebo ou cera com um pavio de algodão que se queima para fornecer luz. No período bíblico, as pessoas não usavam velas desse tipo. A ARA traduz o termo por "lâmpada" em Jó 18.6 e Provérbios 20.27; e "candeia" em Lucas 8.16.

As candeias do mundo antigo eram tigelas rasas com uma das beiradas comprimidas, formando uma ranhura onde se prendia o pavio, que ficava com uma ponta estendida acima da borda, enquanto a outra ficava mergulhada no azeite de oliva, que servia de combustível (veja também LÂMPADA).

CANDELABRO (veja TABERNÁCULO).

CANE - lugar mencionado em Ezequiel 27.23 ao lado de Éden e Harã, o que dá a entender que pertencia à Mesopotâmia.

CANELA (veja Plantas da Bíblia).

CANELEIRAS (veja Armas e Armaduras da Bíblia).

CANHOTO - que usa com mais habilidade a mão esquerda. A Bíblia indica que a tribo de Benjamim tinha muitos homem canhotos (Jz 20.16). Eúde, canhoto da tribo de Benjamim, assassinou Eglom, rei de Moabe, com um punhal (Jz 3.15-22).

CANIVETE (veja Canivete de Escrivão).

CANIVETE DE ESCRIVÃO - pequena lâmina ou faca usada por escribas para afiar objetos de escrita e cortar os rolos de Papiro. O rei Jeoaquim usou esse tipo de canivete para destruir o livro que continha as profecias de Jeremias (Jr 36.23; faquinha, NTLH).

CÂNON (veja Bíblia, A).

CANTAR DO GALO - período de tempo entre a meia-noite e as três horas ha manhã; terceira vigília da noite. A expressão reflete o costume romano de dividir a noite em quatro vigílias: tarde, meia-noite, cantar do galo e manhã (pelo costume israelita, a noite era dividida em três vigílias). Na parábola do homem que vai a um país distante, Jesus disse: "Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa; se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã" (Mc 13.35). Nessa narrativa, "o cantar do galo" refere-se à terceira vigília da noite.

Todas as outras referências do Novo Testamento, entretanto, aludem ao verdadeiro canto de um galo (Mt 26.34; Mc 14.30; Lc 22.34; Jo 13.38). O cantar do galo lembrou Pedro da facilidade de negar o Salvador.

CANTARES - outro nome de Cântico dos Cânticos.

CÂNTARO - vasilha para líquidos; jarro de cerâmica ou moringa de água. No mundo antigo, eram comuns cântaros de duas alças, os quais eram carregados na cabeça ou nos ombros e usados, sobretudo, por mulheres para transportar água ou para tirar água de poço (Gn 24.14). O cântaro usado por Rebeca pode ter sido de cerâmica, mas recipientes de couro também eram usados.

Cântaros desse tipo foram usados pelos guerreiros de Gideão na batalha contra os midianitas (Jz 7.16-20). Os homem esconderam tochas dentro de seus cântaros até o momento do ataque. O fato de terem quebrado os cântaros (v. 19) indica que eram de barro.

CÂNTICO DE ROMAGEM - expressão que ocorre nos títulos de 15 salmos (Salmos 120-134; Cântico de Romagem, ARA; Cântico dos degraus, ARC). "Degraus" é tradução da palavra hebraica *ma'aloth*, que significa "subir". Esses cânticos podem ter sido "salmos de peregrinação" cantados por aqueles que subiam para Jerusalém em direção ao templo (1Sm 1.3; Is 30.29).

CÂNTICO DOS CÂNTICOS - livro do Antigo Testamento escrito na forma de uma canção de amor lírico. Alguns intérpretes crêem que essa canção fale simbolicamente do amor de Deus pela nação de Israel. Outros, no entanto, insistem que deve ser interpretado literalmente - como expressão saudável do amor romântico entre homem e mulher. Independentemente de como o livro seja interpretado, é certamente um dos mais singulares da Bíblia. Seu título (1.1) implica que era o mais conhecido e belo dos cânticos de Salomão.

Estrutura do livro. Cânticos dos Cânticos é um livro curto com apenas oito capítulos. Apesar de sua brevidade, apresenta uma estrutura complexa que, por vezes, pode confundir o leitor. Diferentes personagens têm voz, ou falam, nesse

poema lírico. Em muitas traduções da Bíblia, esses emissores alternam sua fala de modo inesperado, sem indicação ao leitor, dificultando, assim, sua leitura. A ARA, por exemplo, elimina o problema com a indicação de quem está falando; desse modo, o leitor amplia seu entendimento.

Os três participantes principais do poema são: (1) o noivo, o rei Salomão; (2) a noiva, mulher mencionada como "sulamita" (6.13); e as "filhas de Jerusalém" (2.7). Tais mulheres devem ter sido escravas da realeza que serviam como criadas da noiva do rei Salomão. No poema, servem como coro para ecoar os sentimentos da sulamita, enfatizando seu amor e afeição pelo noivo.

Além dos personagens principais, são mencionados os irmãos da sulamita (8.8-9), que devem ter sido seus meio-irmãos. O poema indica que ela trabalhava, por ordem dos irmãos, como "guarda de vinhas" (1.6).

Essa bela canção de amor divide-se praticamente em duas seções principais com mais ou menos o mesmo tamanho - o início do amor (cap. 1–4) e o seu amadurecimento (cap. 5–8).

Na primeira seção, a sulamita fala a respeito da visita de Salomão à sua casa no campo, no período da primavera (2.8-17). Além disso, evoca muitas experiências agradáveis e felizes de seu cortejo na ocasião em que ela visitou Salomão no palácio de Jerusalém (2.4-7). A noiva pensa na dolorosa separação de seu amor durante determinado período (3.1-5), assim como na festiva marcha nupcial até Jerusalém para se tornar a noiva do rei (3.6-11). Salomão enaltece sua futura noiva em belo poema sobre a magia e a maravilha do amor (cap. 4).

Na segunda seção do livro, o amor da sulamita e de Salomão amadurece após o casamento. A esposa tem um sonho agitado quando o esposo parece distante e indiferente (5.2-8). No entanto, Salomão assegura-lhe seu amor e exalta a beleza da amada (6.4-7.9). Desejando visitar sua cidade natal (7.10-8.4), a amada finalmente segue jornada com Salomão e seu amor se aprofunda (8.5-7). A canção finaliza com a certeza de que cada um permanecerá fiel ao seu amor.

Autoria e data. Conforme a tradição, a autoria de Cântico dos Cânticos foi atribuída a Salomão, visto que o próprio livro faz essa atribuição (1.1). No entanto, alguns pesquisadores rejeitam tal teoria. Insistem em que se trata de uma coletânea posterior de canções atribuídas a Salomão em virtude de sua reputação como escritor de salmos e provérbios (1Rs 4.32). Uma análise cuidadosa de evidências internas, no entanto, oferece apoio à visão de que Salomão tenha escrito o livro.

Há várias menções do nome de Salomão na canção (1.1, 5; 3.7, 9, 11; 8.11-12), o qual é chamado especificamente noivo. O livro também dá evidências de riqueza, luxo e bens exóticos importados (3.6-11) - característica de sua administração real. O noivo do poema garante à sulamita que ela é "uma só" (6.9) dentre suas "sessenta rainhas" e "oitenta concubinas" (6.8) - uma referência provável ao harém real de Salomão. No auge de seu poder e influência, Salomão tornou-se conhecido por ter 700 esposas e 300 concubinas (1Rs 11.3).

Tais evidências internas da obra sustentam a perspectiva tradicional de que o próprio Salomão tenha escrito o poema que leva seu nome. Deve ter sido escrito em aproximadamente 965 a.C.

Contexto histórico. Como poderia o rei Salomão ter escrito tão bela canção de amor a uma esposa específica tendo um harém tão grande? Talvez sua união com a sulamita tenha sido o único relacionamento matrimonial autêntico por ele conhecido. Muitos de seus casamentos foram resultados de acordos políticos, destinados a selar tratados e planos comerciais com outras nações. Em contraposição,

a sulamita não era uma princesa culta e refinada, mas uma guarda de vinhas cuja pele havia escurecido em virtude de sua longa exposição ao sol (1.6). Ainda assim, ela foi a noiva a respeito de quem Salomão declarou: "Quanto melhor é o teu amor do que o vinho, e o aroma dos teus ungüentos do que toda sorte de especiarias" (4.10).

Trata-se de uma mensagem real sobre a natureza do amor verdadeiro. O amor autêntico é muito mais que um relacionamento superficial; estende-se a cada parte do ser humano. Amor assim não pode ser comprado ou vendido como mercadoria. Salomão tinha muitas esposas, mas a sulamita deve ter sido a única com quem desfrutava de um relacionamento enriquecedor e caloroso.

Contribuição teológica. A grande mensagem de Cântico dos Cânticos é a beleza do amor entre um homem e uma mulher como experiência advinda do relacionamento matrimonial. Em sua linguagem franca e bela, a canção exalta o amor mútuo que marido e esposa sentem um pelo outro no mais elevado dos relacionamentos humanos.

A questão sexual e física do casamento é um elemento natural e adequado ao plano de Deus, refletindo seu propósito e desejo para a raça humana. Essa é a mesma verdade evidente desde o início dos tempos com a criação. Deus criou o homem e a mulher e os uniu como companheiros a fim de compartilharem suas vidas mutuamente: "Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne" (Gn 2.24). Exatamente como no livro de Gênesis, Cânticos dos Cânticos diz "sim" à beleza e à santidade do amor conjugal.

No entanto, o livro também aponta para além do amor humano e volta-se para o grande Autor do amor. O amor autêntico é possível no mundo porque Deus trouxe à existência o amor e o plantou no coração

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Um Esboço Didático

I. O início do amor ..... (1.1–5.1)
A. A paixão ..... (1.1-3.5)
1. A noiva deseja ser amada ..... (1.1-8)
2. Expressões de amor mútuo ..... (1.9–2.7)
3. O rei visita a casa da noiva ..... (2.8-17)
4. A noiva sonha com a dor da separação ..... (3.1-5)
B. A união ..... (3.6–5.1)
1. O cortejo nupcial ..... (3.6-11)
2. O noivo elogia a beleza de sua amada ..... (4.1-15)
3. O casamento se consuma ..... (4.16–5.1)

II. O amadurecimento do amor ..... (5.2–8.14)
A. O conflito conjugal ..... (5.2–7.9)
1. O segundo sonho da noiva com a dor da separação ..... (5.2-8)
2. A noiva elogia a beleza de seu amado ..... (5.9–6.3)
3. O noivo elogia a beleza de sua amada ..... (6.4–7.9)
B. Crescendo em amor ..... (7.10–8.14)
1. A noiva deseja visitar sua casa ..... (7.10–8.4)
2. A viagem e a volta ao lar ..... (8.5-14)

de seu povo. Homens e mulheres devem lembrar-se de que o amor que compartilham um pelo outro não é produto de sua bondade ou benignidade. Somos capazes de amar porque o amor do Pai atua em nós: "Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação dos nossos pecados. Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros" (1Jo 4.10-11).

Considerações especiais. Os símbolos e as imagens que o noivo usa para descrever a beleza da noiva sulamita podem parecer estranhos aos leitores modernos. Seu cabelo é descrito como "rebanhos de cabras que descem ondeantes do monte de Gileade" (4.1). Seu pescoço, afirma o autor, é como "a torre de Davi, edificada para arsenal, mil escudos pendem dela, todos broquéis de soldados valorosos" (4.4).

Com o uso de tais figuras, o noivo reflete os padrões culturais do mundo antigo. Para aqueles que viveram na época de Salomão, o efeito ondulado de um rebanho de cabras descendo um monte era algo singular beleza a ser contemplado. A torre imponente no alto de uma cidade refletia uma aura de estabilidade e nobreza. A sulamita deve ter ficado satisfeita com elogios tão originais vindos de seu noivo poeta.

Os estudiosos não têm certeza do sentido exato da expressão "a sulamita" (6.13), que acabou por ser usada, nessa canção, como título para a noiva. Visto que a palavra é a forma feminina da palavra hebraica "Salomão", talvez sulamita simplesmente signifique "noiva de Salomão". Uma vez que o poema faz diversas referências ao Líbano (3.9; 4.8, 11, 15; 5.15; 7.4), alguns estudiosos acreditam que a sulamita seja de origem de algum território montanhoso ao longo da costa mediterrânea no norte da Palestina.

CÂNTICO DOS DEGRAUS (veja Cântico de Romagem).

CÂNTICO DOS TRÊS JOVENS SANTOS (veja Apócrifos).

CANTO E CÂNTICOS (veja Música na Bíblia).

CANTOR (veja Profissões e Ocupações).

CÃO (veja Animais da Bíblia).

CAPA (veja Roupas da Bíblia).

CAPACETE (veja Armas e Armaduras da Bíblia).

CAPADÓCIA - grande província romana no leste da Ásia Menor (veja Mapa 7, D-2). Tinha como fronteira a norte o Ponto e as montanhas ao longo do rio Halys; a Armênia e o rio Eufrates a leste; a Cilícia e a cordilheira Taurus ao sul; e a Licaônia e Galácia a oeste. Havia visitantes da Capadócia em Jerusalém no Dia de Pentecostes (At 2.1, 9); o apóstolo Pedro incluiu essa província em sua primeira carta aos convertidos da Dispersão (1Pe 1.1). O cristianismo aparentemente espalhou-se em direção ao norte da Capadócia desde Tarso da Cilícia, através dos portões da Cilícia (um intervalo das montanhas de Tarso) e, em seguida, ao Ponto e Galácia.

CAPITEL - elemento decorativo colocado no topo de colunas de uma grande construção. As imensas colunas conhecidas como Jaquim e Boaz que ficavam em frente do templo de Salomão em Jerusalém caracterizava-se pelos referidos capitéis ornamentais, fundidos em bronze (1Rs 7.16). Veja também Arquitetura.

CARACTERES - letras antigas que compunham um sistema de escrita (Ed 4.7; Et 1.22). Os caracteres hebraicos quadráticos desenvolveram-se a partir dos caracteres aramaicos. Veja também Línguas da Bíblia.

CARAVANA - grupo de pessoas, normalmente mercadores com animais de carga, tais como burros e camelos, que viajam juntas, especialmente pelo deserto ou regiões áridas (Jó 6.19). O texto de Gênesis 37.25 menciona que "uma caravana de ismaelitas vinha de Gileade; seus camelos traziam arômatas, bálsamo e mirra, que levavam para o Egito".

As principais rotas de comércio que ligavam o Egito e a Arábia com a Síria e a Babilônia passavam por Canaã. Caravanas árabes com toda sorte de condimentos e incenso atravessavam Canaã por essas rotas com regularidade; sua presença fazia parte da vida em Israel.

CARBÚNCULO (veja JÓIAS E PEDRAS PRECIOSAS).

CARCA - local desconhecido na fronteira meridional do território de Judá (Js 15.4).

CARCAS - um dos sete eunucos ou mordomos responsáveis pelo harém do rei Assuero (Xerxes) da Pérsia (Et 1.10).

CARCOR - lugar da TRANSJORDÂNIA onde Gideão e seu exército derrotaram o que restava do exército midianita (Jz 8.1-21).

CARDO, ESPINHO (veja PLANTAS DA BÍBLIA).

CAREÁ *(careca)* **-** pai de Joanã e Jônatas (Jr 41.11-16).

CARGA - mercadorias levadas por navio mercante ou por outro meio de transporte. Quando uma tempestade se abateu sobre o navio no qual Jonas viajava, os marinheiros, temerosos, "lançavam ao mar a carga que estava no navio, para o aliviarem do peso" (Jn 1.5).

CARIDADE - palavra da ARC e da TB para se referir a AMOR.

CARMELITA - natural ou habitante da cidade de Carmelo, em Judá. Nabal, esposa de Abigail (1Sm 30.5; 2Sm 2.2; 3.3) e HEZRAI (2Sm 23.35), ou HEZRO (1Cr 11.37), um dos valentes de Davi, eram ambos carmelitas.

CARMELO *(jardim ou pomar de Deus)* **-** nome de uma cordilheira e de uma cidade do Antigo Testamento:

1. Cidade da região montanhosa de Judá (Js 15.55; 1Sm 25.2, 5, 7, 40). Foi identificada como a atual Khirbet el-Kermel, a aproximadamente 13 quilômetros do sudeste de Hebrom. Carmelo, perto de Maom, era a cidade de um homem muito rico e tolo chamado Nabal. Homem obstinado e grosseiro que havia insultado Davi ao se recusar a dar hospitalidade aos servos de Davi. O Senhor "amorteceu nele o coração, e ficou ele como pedra"(1Sm 25.37). Após a morte de Nabal, Davi mandou buscar Abigail, também carmelita e viúva de Nabal, para ser sua esposa. Abigail, mulher "sensata e formosa" (1Sm 25.3), tornou-se uma das esposas de Davi. Hezrai (2Sm 23.35), ou Hezro (1Cr 11.37), um dos valentes de Davi, também era de Carmelo.
2. Cordilheira com cerca de 21 quilômetros que se estende da costa sudeste do Mediterrâneo até a planície de Dotã (veja Mapa 3, B-2). Na Baía de Accho (Acre), próxima da moderna cidade de Haifa, essa cadeia montanhosa projeta-se no mar Mediterrâneo, formando uma ponta chamada monte Carmelo. O monte eleva-se da costa marítima a uma altura de 143 metros perto de Haifa. Como um todo, a cordilheira tem em média mais de 300 metros acima do nível do mar, com 530 metros no ponto mais alto.

Os cananeus edificaram santuários a divindades pagãs nesse monte. Por isso, o Carmelo foi o local apropriado para o

confronto entre Elias, o profeta do Senhor, e os "profetas de Baal" (1Rs 18.19-20), sacerdotes idólatras cananeus. Foi também do cume do monte Carmelo que Elias viu indício da grande tempestade que estava por vir: "Eis que se levanta do mar uma nuvem pequena como a palma da mão do homem" (1Rs 18.44), e essa nuvem indicava o fim de uma seca prolongada. O profeta Eliseu também esteve no monte Carmelo (2Rs 2.25; 4.25).

CARMESIM (veja CORES DA BÍBLIA).

CARMI *(vinhateiro)* **-** nome de dois ou três homens do Antigo Testamento:

1. Filho de Rúben que foi ao Egito com Jacó (Gn 46.1-9).
2. Descendente de Judá e pai de Acã (Js 7.1, 18) ou Acar (1Cr 2.7).
3. Filho de Judá (1Cr 4.1). Deve corresponder à pessoa descrita na acepção 2, embora alguns estudiosos pensem que esse Carmi seja uma variação de Calebe.

CARNAIM *(par de chifres)* **-** cidade do norte da TRANSJORDÂNIA (Am 6.13). É provavelmente o mesmo lugar que Asterote-Carnaim (Gn 14.5).

CARNAL - sensual, mundano, contrário de espiritual, relacionado ou dado aos desejos naturais e apetites da CARNE ou do corpo. O apóstolo Paulo contrasta os "espirituais", ou seja, os que estão sob o controle do Espírito Santo, com os "carnais", ou seja, os que se deixam governar pela carne (1Co 3.1-4; Rm 8.5-7). No Novo Testamento, a palavra carnal é normalmente reservada para descrever os cristãos mundanos.

CARNE - corpo físico humano ou animal. Quando removeu uma costela de Adão com a qual criou Eva, Deus fechou o lugar com carne (Gn 2.21). O apóstolo Paulo falou a respeito dos tipos de carne: dos homens, dos animais, das aves, dos peixes (1Co 15.39).

A figura da carne expressa diferentes idéias na Bíblia. Não apenas uma simples parte do corpo, a palavra também poderia se referir ao corpo como um todo (Gl 5.13). É dessa idéia que surge o conceito de um vínculo humano ou carnal entre as pessoas. Um homem e sua esposa devem tornar-se "uma só carne" (Gn 2.24); o homem pode dizer à sua família: "sou osso vosso e carne vossa" (Jz 9.2). O termo "carne" é até mesmo usado ocasionalmente para descrever todo o gênero humano, e mesmo animais (Gn 6.3).

Os escritores bíblicos pensavam ser a carne fraca. O salmista cantou: "Em Deus louvarei a sua palavra; em Deus pus a minha confiança e não temerei; que me pode fazer a carne?" (Sl 56.4, ARC). A fraqueza da carne foi censurada pela incapacidade dos discípulos em permanecer vigilantes com Jesus no Getsêmani, na véspera de sua crucificação (Mc 14.38).

Num sentido mais teológico, a carne é a natureza terrena de uma pessoa, representando concupiscências e desejos (Ef 2.3). A carne é contrária ao Espírito (Gl 5.17). Os que estão na carne não podem agradar a Deus (Rm 8.8). O texto de Gálatas 5.19-23 contrasta as obras da carne com o fruto do Espírito. A carne, no entanto, não está completamente condenada, pois o próprio Cristo foi descrito como tendo vindo em carne (1Jo 4.2). Somente Cristo é nossa salvação, uma vez que pelas obras da lei "ninguém será justificado" (Gl 2.16).

Outro sentido de carne é o que se refere a carne comestível de animais, normalmente com referência a carne de mamíferos, distinta da carne de peixe e de aves domésticas (Nm 11.4; Dt 12. 15, 20).

Na época de Paulo, a carne era muitas vezes sacrificada em altares e dedicada a deuses pagãos. Após o sacrifício, essa carne era colocada à venda em mercados públicos. Alguns cristãos desejavam saber

se era moralmente correto comer a carne que havia sido previamente oferecida a deuses pagãos. Paulo explicou que não deveriam comer da carne se a prática induzisse cristãos mais fracos ao pecado (1Co 8.13). Veja também ALIMENTO.

CARNE IMPURA - animais impróprios para consumo humano, de acordo com a lei de Moisés. Em Levítico 11, há uma lista extensa de alimentos proibidos ao povo hebreu, incluindo o camelo, o arganaz, a lebre, o porco, qualquer animal de água salgada ou doce que não tivesse barbatanas e escamas, 20 espécies diferentes de aves e muitos insetos voadores. A carne de porco era especialmente abominável para os hebreus.

CARNE, OFERTA DE (veja SACRIFÍCIOS).

CARNIFICINA - literalmente, perna com coxa. A expressão ocorre em Jz 15.8 para descrever um dos ataques de Sansão contra seus inimigos filisteus, particularmente bem-sucedido, feroz, furioso e violento.

CARPIDEIRA (veja PROFISSÕES E OCUPAÇÕES).

CARPINTEIRO (veja PROFISSÕES E OCUPAÇÕES).

CARPO - residente de Trôade com quem o apóstolo Paulo deixou sua capa. Algum tempo depois, Paulo pediu a Timóteo que trouxesse a capa até onde estava (2Tm 4.13).

CARQUÊMIS - *(cidade de [o deus] Quemos)* - cidade a oeste do rio Eufrates na parte noroeste da Mesopotâmia (2Cr 35.20; Is 10.9; Jr 46.2). Carquêmis era a capital antiga dos HITITAS; mais tarde, tornou-se fortaleza dos assírios. Foi o local de uma das mais importantes batalhas da história antiga.

Em 605 a.C., o exército do faraó Neco, do Egito, e o exército de Nabucodonosor II, da Babilônia, entraram em conflito em Carquêmis, e os egípcios sofreram uma derrota esmagadora. A vitória permitiu que os babilônios assumissem o controle da região siro-palestina. Antes dessa batalha, o rei Josias, de Judá, tentou impedir o avanço do faraó Neco em sua marcha rumo ao norte, mas sofreu um golpe fatal no vale de Megido (2Cr 35.20-24).

CARRO - veículo de duas ou três rodas que era puxado por animais. Os carros mencionados na Bíblia tinham rodas de madeira; eram puxados principalmente por bois, embora também algumas vezes por cavalos. Serviam para transportar pessoas (Gn 45.19, carretas, NTLH); nesse caso, costumavam ter um abrigo para proteger os cavaleiros do tempo (Nm 7.3). Mas também transportavam as colheitas dos campos (Am 2.13) ou objetos pesados por alguma distância (1Sm 6.6-16). Por vezes, levavam provisões militares (Ez 23.24).

A primeira menção de um carro na Bíblia é a dos carros que José deu aos "filhos de Israel" para levar seu pai, Jacó, e suas esposas e filhos ao Egito (Gn 45.19, 21, 27; 46.5).

A referência em Isaías 5.18 sobre o pecado como quem puxa um carro pode significar grandes pecados, uma vez que era necessária uma corda de grande espessura para amarrar o carro a um animal.

Veja também ARMAS E ARMADURAS DA BÍBLIA.

CARROS DO SOL - artigos removidos da entrada do templo por Josias, rei de Judá, e, em seguida, queimados. Estes devem ter sido imagens de ouro usadas na prática da idolatria de algum rei (2Rs 23.11). As culturas grega e mesopotâmica acreditavam em um deus do sol que conduzia seu carro pelo céu. Aparentemente, um ritual de

adoradores do sol também surgia de vez em quando em Israel (Dt 17.3; Ez 8.16).

CARSENA - alto oficial persa em Susã. Era um dos sete príncipes "que se avistavam pessoalmente com o rei" (Et 1.14). O rei mencionado era Assuero, geralmente identificado como Xerxes I (485-464 a.C.).

CARTÃ - cidade do território de Naftali concedida aos levitas da família de Gérson (js 21.32). Também chamada Quiriataim.

CARTÁ - cidade do território de Zebulom concedida aos levitas (Js 21.34).

CARTAS - mensagens por escrito trocadas entre pessoas separadas pela distância. No Antigo Testamento, Davi escreveu uma carta a Joabe, para que Urias, o heteu, fosse colocado na linha de frente da batalha e morresse. Nos tempos bíblicos, as cartas eram escritas em PERGAMINHO, ou peles de animais; pedaços de cerâmica; papiro; e placas de argila.

No Novo Testamento, Saulo de Tarso foi ao sumo sacerdote em Jerusalém e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco. Tais cartas autorizavam Saulo a prender os cristãos e levá-los a Jerusalém (At 9.2; 22.5). O Concílio de Jerusalém também enviou uma carta aos cristãos expressando sua decisão (At 15.23, 30).

Veja também EPÍSTOLA; ESCRITA; ESCRITA, MATERIAL DE.

CARVALHO (veja PLANTAS DA BÍBLIA).

CARVALHO DOS ADIVINHADORES - árvore que podia ser vista desde o portão da cidade de Siquém (Jz 9.37). Alguns pesquisadores crêem que essa árvore era a mesma mencionada em Gênesis 12.6 ou 35.4. Aparentemente, supõe-se ser a árvore associada a Abraão e Jacó. Aqueles que praticavam magia ou feitiçaria ao redor da árvore consideravam-na um lugar aterrador (árvore sagrada, NTLH; carvalho de Meonenim, ARC; terebinto de Meonenim, TB).

CARVÃO - substância escura de carbono normalmente advinda de madeira queimada em forno (Pv 26.21). A brasa produzida pela queima do carvão era usada para aquecimento (Is 47.14; Jo 18.18), para cozinhar (Is 44.19; Jo 21.9) e pelos ferreiros (Is 44.12; 54.16).
Veja também MINERAIS DA BÍBLIA

CASA - a palavra traduzida por "casa" aparece com freqüência na Bíblia. É usada para se referir a qualquer lugar de habitação, quer seja a cabana de um agricultor, o palácio de um rei ou o templo de Deus. Nos tempos bíblicos existiam muitos tipos e tamanhos de casas. O estilo e o tamanho eram ditados segundo a tradição e os recursos da família. Os mais abastados tinham uma casa de dois andares com vários cômodos. Os costumes locais e os materiais disponíveis impunham as técnicas usadas para a edificação das casas.

Nem sempre as casas eram feitas de pedra ou tijolos, ou ainda de barro. Muitas personagens da Bíblia, tais como Abraão e Moisés, passaram grande parte da vida em TENDAS. Aqueles cujo sustento dependia de ovelhas e cabras levavam seus rebanhos de região para região, a fim de se beneficiar dos pastos disponíveis. Outros viviam em tendas durante certo período do ano e em casas fixas no resto do ano. Um agricultor, por exemplo, vivia na cidade por motivos de segurança, exceto quando precisava permanecer perto de seus campos durante a época de cultivo.

Algumas pessoas viviam em cavernas durante todos os períodos da história bíblica. Comuns em colinas de calcário da região central de Israel, as cavernas tinham muitas vantagens em contraste com as casas. A manutenção era mínima. A caverna é quente no inverno e fresca no

verão. Normalmente, serve de estábulo para os animais domésticos, como também de lugar para viver. De acordo com a tradição primitiva cristã, o estábulo em Belém que foi palco do nascimento de Jesus localizava-se em uma caverna desse tipo.

Muitas pessoas viviam em aldeias e cidades cercadas por muro de proteção contra criminosos e exércitos inimigos. Os espaços no interior de uma cidade eram apertados, com casas edificadas uma ao lado da outra, separadas apenas por ruas estreitas. O planejamento das cidades era raro. Por vezes, é difícil afirmar, com base em achados arqueológicos de um conjunto de casas, onde terminava uma e começava outra. Um cômodo específico podia pertencer a uma casa em determinada época, mas quando a cidade era reedificada algum tempo depois, o mesmo cômodo podia ser unido à casa vizinha.

Telhado. O telhado típico de uma casa na Palestina por todo o período bíblico era feito de toras ou vigas assentadas de um lado a outro das paredes. Em seguida, galhos e sapê eram colocados por cima das vigas, que eram então cobertas por uma camada de argila. Para torná-lo à prova d'água, o barro era renovado por um tratamento periódico com rolos especiais. Na época de Jesus, algumas casas da Palestina eram edificadas nos limites romanos com telhados inclinados cobertos com telhas de barro cozido; mas tais casas eram raras.

Por ser uma área plana, o telhado tornou-se parte vital da casa. Uma escada externa dava fácil acesso a ele, e um muro baixo ao redor do telhado protegia os membros da família para que não caíssem lá de cima. Em uma cidade populosa, o telhado consistia em um lugar aberto necessário. Era o local para secar frutas e grãos, lavar roupas e desfrutar da brisa fresca da noite. Por vezes, um cômodo extra era acrescentado nesse espaço para servir de quarto ou despensa. A mulher sunamita preparou um quarto para o profeta Eliseu, que muitas vezes hospedou-se em sua casa quando passava pela região (2Rs 4.8-11).

Portas e janelas. As passagens no interior de uma casa eram normalmente cobertas com cortinas, mas a entrada externa, às vezes, tinha uma porta de madeira. Fixadas a pilares, as portas moviam-se sobre dois eixos, ou parafusos, encaixados em orifícios. Em uma casa de dois andares, as janelas localizavam-se no segundo piso. Se a casa tivesse um pátio central, grande parte das janelas abria-se em sua direção, o que dava segurança e privacidade. Janelas de vidro não existiam nos tempos bíblicos. Muitas janelas ficavam abertas, com talvez uma grade ou veneziana para dar segurança e reduzir a visibilidade do lado externo.

Chão. O tipo de chão mais comum nas casas durante os tempos bíblicos era de barro compactado. Entre outras possibilidades estavam uma camada de reboco sobre o barro ou pedaços finos de calcário, ou pedras de pavimentação. Na época de Cristo, pisos em mosaico eram bastante comuns entre as pessoas abastadas. Tais pisos eram feitos com a disposição de pequenos cubos de pedra em reboco mole. Normalmente, usavam-se cubos de pedra calcária, mas às vezes se faziam desenhos sofisticados com diferentes pedras coloridas.

Paredes. Entre os materiais mais comuns das paredes das casas da Palestina estavam os tijolos de barro e as pedras brutas de jazida. Estas eram normalmente cobertas com uma camada de reboco, que era caiado. Tal técnica permitia claridade considerável no interior da casa. As paredes das casas dos ricos eram decoradas de modo mais sofisticado. Podiam, por exemplo, ser pintadas com diferentes cores; painéis de madeira e decorações de marfim também eram comuns.

Acessórios e mobília. A casa israelita típica era mobiliada de modo simples, à semelhança das casas de agricultores de mais ou menos um século atrás com relação às

casas modernas de hoje. Esteiras cobriam o chão de alguns compartimentos, e os ricos tinham tapetes. A iluminação interior era pobre, com pequenas lamparinas a óleo que forneciam luz. A mobília simples consistia em cadeiras e em uma mesa para comer, talvez uma ou duas cômodas para despensa, e esteiras sobre uma estrutura de cama. As pessoas abastadas possuíam móveis mais sofisticados, freqüentemente com desenhos de marfim e decoração em ouro e prata.

Nos tempos bíblicos não existiam sistemas centrais de aquecimento nem mesmo lareiras. Uma vez que o clima na Palestina é moderado, fontes de calor não são necessárias. Normalmente, o fogo para cozinhar era preparado no quintal ou no interior de um cômodo, com a fumaça saindo pela janela. No inverno, o aquecimento era, por vezes, obtido com uma espécie de braseiro portátil na qual o fogo era mantido aceso. O rei Jeoaquim, de Judá, provavelmente tenha cortado o rolo das profecias de Jeremias e queimado suas partes em um braseiro desse tipo (Jr 36.23).

Preparo dos alimentos e medidas sanitárias. O alimento era normalmente preparado no quintal da casa. Um forno ou fogo era usado para o cozimento dos alimentos. O forno era feito de uma pilha de pedras e tijolos. De um lado, o fogo fornecia calor para todo o forno a uma temperatura elevada. A comida era então cozida do outro lado do forno ou em cima do fogo.

O armazenamento dos alimentos era algo importante a considerar, uma vez que muitas famílias comiam do que plantavam e estocavam alimento durante o período longo e seco de verão. Grãos e frutas secas eram guardados em grandes vasos de cerâmica em um compartimento especial perto ou dentro de casa. Era comum os vasos serem enterrados no chão com apenas a boca para fora. Se a casa não tivesse sua própria cisterna, um grande cântaro de água também era mantido por perto.

Algumas casas tinham seus próprios reservatórios de água, ou cisternas, que eram grandes compartimentos embaixo da casa com revestimento à prova d'água. A água de chuva do telhado era canalizada até a cisterna e armazenada até a estação da seca. A água potável era mantida em um grande pote de barro. Os potes eram excelentes refrigeradores naturais de água, pois a água infiltrava-se na cerâmica e evaporava na superfície. Esse processo refrigerava o restante da água.

As medidas sanitárias variavam consideravelmente, dependendo do período e da cidade. Muitas cidades não dispunham de condições necessárias para retirar dejetos humanos. Deviam ser coletados em penicos, carregados para fora da cidade e usados para fertilizar os campos. Alguns quartos com banheiros foram descobertos por arqueólogos. Em algumas cidades, também foram descobertos tubos enterrados no solo, que conduziam a água para fora da cidade. Cesaréia, a maior cidade portuária da Palestina no tempo de Cristo, tinha um método inteligente para a limpeza dos canos de esgoto; feitos no nível do mar e ligados às águas do mar, os canos eram lavados duas vezes ao dia com o movimento da enchente e da vazante das marés.

A retirada de lixo era um problema nos tempos antigos, a exemplo de hoje, muito embora sem o volume produzido pela cultura moderna. Normalmente, o lixo era levado para fora da cidade e queimado ou enterrado. Queimar lixo era prática tão comum no vale de Hinom, no sul de Jerusalém, que o vale deu origem à palavra grega traduzida por "inferno" no Novo Testamento *(gehenna)*.

Casas do período patriarcal. Os ancestrais de Abraão eram da cidade de Ur. Se esta era a famosa Ur do sul do Iraque, era a cidade principal. Ur foi parcialmente escavada no início da década de 1900.

Grandes palácios, túmulos reais e muitas casas foram descobertos. A casa típica da Mesopotâmia - toda a região entre os rios Tigre e Eufrates - tinha nessa época dois andares e era edificada ao lado de outras casas. O ponto central da casa era o pátio, rodeado por vários quartos e cômodos em ambos os pavimentos e para o qual davam portas e janelas, garantindo, assim, a privacidade do ambiente.

Os cômodos do primeiro andar eram usados para armazenamento e para abrigar servos e animais. O segundo pavimento continha quartos e aposentos privativos dos proprietários.

Mais a leste em direção ao mar Mediterrâneo, os cananeus dessa época tinham dividido a terra em várias cidades-estados pequenas, cada qual formada de uma grande cidade e várias cidades-satélite. Escavações feitas nessas cidades indicaram evidências de uma sociedade dividida em classes. Havia poucas casas espaçosas; a maioria das pessoas vivia em aposentos superlotados, com pequenas casas edificadas umas sobre as outras. Não havia um projeto comum para as pequenas habitações. As grandes casas normalmente seguiam o padrão das casas da Mesopotâmia da época, com cômodos organizados em torno de um pátio central.

Abraão e seus descendentes imediatos não viviam em tais casas, pois eram nômades, viajando de um lugar a outro e morando em tendas. No entanto, muitas vezes visitavam cidades e deviam conhecer esse tipo de residência tanto na Mesopotâmia quanto em Canaã.

Casas de Israel e Judá. Embora as casas fossem edificadas com variedade de estilos e tamanhos ao longo dos tempos bíblicos, havia uma habitação tipicamente israelita, que continha um pátio aberto com cômodos em ambos os lados. Um ou dois cômodos situavam-se em uma extremidade, de modo que o formato da casa era retangular. A entrada para a casa passava por uma porta que dava para o pátio. Por vezes, um ou dois cômodos ao lado do pátio ficavam abertos e voltados para ele. Nessas casas, várias colunas de pedra sustentavam o telhado.

As casas tinham entre 90 e 100 metros quadrados de área, com cerca de um quarto dessa área reservado para o pátio. Muitas casas tinham pavimentos superiores, que praticamente duplicavam o tamanho da habitação. Esse estilo de casa foi encontrado em locais por todo Israel. Algumas cidades, tais como Tell Beit Mirsim, têm muitas casas assim, com o mesmo tamanho e padrão, o que sugere que foram feitas ao mesmo tempo, segundo um planejamento geral.

Casas da época do Novo Testamento. Durante esse período, as casas dos pobres não eram muito diferentes das casas de alguns séculos antes. Os materiais de construção eram similares; as paredes eram feitas de entulho coberto com reboco ou tijolos de barro. Os telhados constituíam um pavimento, sendo, assim, usados como espaço habitável.

As casas dos ricos retratavam a longa ocupação persa na terra da Palestina e a influência posterior dos gregos. Os pisos dessas casas mais sofisticadas eram normalmente pavimentados com ladrilhos em mosaico, formando belos desenhos. Telhados de tijolos abaulados surgiram durante o quinto século a.C. Na época de Cristo, eram comuns por toda a região. Os pátios permaneciam como parte vital da casa, mas eram quase sempre rodeados por alpendres. Algumas casas dessa época em Jerusalém, com fragmentos de belas pinturas de animais, foram descobertas por arqueólogos.

CASA DE ARMAS - depósito oficial, ou tesouraria, de armas militares (2Rs 20.13; Is 39.2; arsenal, ARA). Em Jr 50.25, a palavra "arsenal" e a expressão "armas da sua indignação" são usadas como símbolo

da ira e do juízo de Deus sobre o pecado de Israel. Veja também Davi, Torre de.

CASA DE DEPÓSITOS - construções para armazenar bens do templo, localizadas perto da portão sul do templo, no pátio externo (1Cr 26.15, 17, casa das tesourarias, arc). *Assupim* é a transliteração da palavra hebraica correspondente.

CASAMENTO - cerimônia acompanhada de festividades (Lc 12.36; 14.8; bodas, arc). Entre os israelitas, o casamento era uma ocasião festiva da qual toda a comunidade participava.

No dia do casamento, a noiva vestia-se de branco (normalmente com enfeites e adornos), embelezava-se com jóias, usava um cinto nupcial ao redor da cintura, uma grinalda e uma coroa de flores na cabeça. O noivo, por sua vez, punha as melhores roupas, um belo ornamento na cabeça e caminhava em direção à casa dos pais da noiva. Ele era acompanhado de seus amigos, músicos e cantores; caso o cortejo fosse à noite, era acompanhado de pessoas com tochas acesas.

O noivo recebia a noiva da mão dos pais dela com as bênçãos e os bons votos dos amigos. Em seguida, conduzia todo o grupo de volta à sua própria casa ou à casa de seu pai com música e dança. Durante o percurso outros amigos dele e da noiva juntavam-se ao grupo. Acontecia então uma festa com muita alegria e diversão. À noite, a noiva era conduzida à câmara nupcial por seus pais, e o noivo era levado por seus amigos ou pelos pais da noiva. No outro dia, as festividades recomeçavam e continuavam por sete dias. Veja também Desposar; Matrimônio.

CASIFIA - lugar desconhecido (talvez uma cidade ou região) na Babilônia, "perto do rio que corre para Aava" (Ed 8.15). Esdras mandou buscar sacerdotes nesse lugar, com vistas a acompanhá-los até Jerusalém e servir no templo (Ed 8.17). Aparentemente, Casifia ficava na estrada entre a Babilônia e Jerusalém ou perto dela.

CASLUIM - tribo que descendia de Mizraim (palavra hebraica comum traduzida por Egito), filho de Cam. A Bíblia fala que de Casluim descendiam os filisteus (Gn 10.14; 1Cr 1.12). Os membros da tribo devem ter vivido no Alto Egito.

CÁSSIA (veja Plantas da Bíblia).

CASTELO - grande fortaleza. Torres fortificadas situavam-se normalmente nos limites de um país, ou em outros lugares estratégicos, tais como desfiladeiros montanhosos, para serem protegidas contra exércitos invasores (2Cr 27.4). Serviam como linha de frente na defesa de Israel. O texto de 1Crônicas 11.5, 7 refere-se ao castelo, ou fortaleza, de Jerusalém. Nos tempos bíblicos, as cidades maiores normalmente tinham uma cidade alta e uma baixa. A alta ficava geralmente em um local elevado onde a cidade mais antiga havia se situado; esta era chamada castelo ou forte. Com seus próprios muros, a cidade alta servia de segunda fileira de defesa caso o muro externo de proteção na cidade baixa fosse escalado ou destruído.

A palavra "castelo" também aparece no livro de Atos, referindo-se à fortaleza de Antônia, em Jerusalém. Essa fortaleza dava para o templo de Jerusalém. Ali as tropas romanas ficavam a postos para controlar quaisquer ondas de violência. Quando o apóstolo Paulo foi ameaçado por uma multidão em Jerusalém, os soldados de Antônia o recolheram na fortaleza, ou castelo, para que ficasse protegido (At 21.34; 22.24; 23.10).

CATACUMBAS - túneis e cavernas subterrâneos usados, principalmente, como sepulturas. Famosas catacumbas de Roma, com centenas de quilômetros de extensão,

foram usadas como lugares de refúgio pelos cristãos primitivos que procuravam escapar da perseguição do império romano. Cultos também eram ministrados ali. Essas catacumbas situavam-se fora dos portões da cidade, e tinham entre 7 e 20 metros de profundidade. As catacumbas não são mencionadas na Bíblia.

CATADUPA - queda de água sobre uma superfície em declive (Sl 42.7; águas das cachoeiras, NTLH). O salmista, aparentemente afastado do templo (v. 2, 3), compara o bramido das águas do monte Hermom coberto de neve à aflição de sua alma.

CATATE - cidade no território de Zebulom (Js 19.15); talvez corresponda à cidade de Quitrom.

CATIVEIRO - estado ou condição de servidão a inimigos, principalmente em casos de deportação para uma terra estrangeira. O termo "cativeiro" é comumente usado para descrever os dois períodos em que as nações de Israel (722 a.C.) e de Judá (605 a.C. e depois) foram levadas de sua terra natal para o exílio.

O cativeiro de Israel; as dez tribos do norte. O primeiro cativeiro foi, até certo grau, resultado da investida da Assíria rumo à Palestina na tentativa de reduzir o poder do império sírio. Desde cerca de 950 a.C., os sírios tinham ampliado suas fronteiras a leste até a Assíria. Ao sul e a oeste, tinham atacado o reino de Israel.

Síria e Israel rapidamente esqueceram-se de sua disputa diante da ameaça da Assíria. Formaram uma aliança e travaram grande batalha contra os assírios em 853 a.C., em Qarqar, na Síria. Os assírios foram forçados a se retirar, e a ameaça foi contida com eficácia por vários anos. Logo a antiga hostilidade entre a Síria e Israel renasceu.

Em 841 a.C., os assírios iniciaram outra campanha. Nessa época, o rei Jeú, de Israel (c. 841-814 a.C.), decidiu pagar tributo à Assíria e não se aliar à Síria. Por quatro anos, os assírios atacaram os sírios sem sucesso. Por um curto período, a Síria dominou o Oriente Próximo, mas seu poder chegou ao fim com o novo rei assírio, Tiglate-Pileser III, que então ascendeu ao trono.

O novo rei estava determinado a esmagar o poder da Síria e de seus aliados. Por isso, atacou o rei Menaém, de Israel (c. 752-742 a.C.), que rapidamente pagou tributo à Assíria. Os sírios tentaram convencer Judá a se aliar ao grupo contra a Assíria; chegaram a marchar por Judá e ocuparam o porto de Elate, no golfo de Ácaba, a fim de demonstrar sua força. Em vez disso, o rei Acaz, de Judá (c. 732-716 a.C.) apelou com insistência pela ajuda dos assírios. Tiglate-Pileser respondeu atacando os sírios e cercando sua capital, Damasco.

Damasco sucumbiu em 732 a.C., e em seguida Tiglate-Pileser atacou Israel para impedir que este prestasse mais ajuda aos sírios. O rei assírio levou cativas as tribos de Gade, de Rúben e meia tribo de Manassés para a Mesopotâmia (2Rs 15.29). Além disso, fez com que as tribos restantes lhe pagassem tributo. Entretanto, quando Tiglate-Pileser morreu (727 a.C.), os israelitas deixaram de pagar tributo à Assíria. Em vez disso, aliaram-se secretamente ao Egito. A Assíria reagiu rapidamente e atacou Samaria; em 722 a.C., a cidade finalmente teve sua queda. As outras tribos israelitas foram levadas cativas para a Assíria, e o reino do norte sucumbiu. Os profetas hebreus interpretaram esse evento como a punição de Deus contra a idolatria de Israel (2Rs 17.7-23) e contra a rejeição à espiritualidade da aliança (Am 5.1-15). Não há registro de uma volta considerável das tribos do norte de Israel à terra natal.

O cativeiro de Judá; o reino do sul. O colapso de Israel deveria ter servido como advertência à rebelde Judá, que, nessa época, não tinha proteção contra o ataque dos assírios. A Assíria estava

determinada a reduzir a influência do Egito em Judá e na Síria. Uma vez que Judá já tinha contato político com o Egito, o mais simples movimento na direção do Egito atrairia a ira dos assírios. Em uma manobra astuta, o rei Ezequias, de Judá (c. 716-686 a.C.), aproveitou o momento de tensão entre o Egito e a Síria e tornou Judá independente de ambos. Além disso, reconquistou o controle das cidades filistéias da região.

Em 705 a.C., Senaqueribe sucedeu Sargão II como rei da Assíria e deu continuidade à expansão para o oeste do país. A Assíria, no entanto, estava debaixo de constante pressão do leste. O império babilônio renascia e seu rei procurava arrastar Judá e o Egito para uma aliança contra a Assíria. Em 701 a.C., os exércitos assírios haviam chegado ao Mediterrâneo, mas não foram bem-sucedidos na conquista de Jerusalém (2Rs 19.20-36). Em aproximadamente 650 a.C., Judá e o Egito revoltaram-se contra o domínio assírio, mas a Assíria rapidamente reprimiu a tentativa. O poder da Assíria, entretanto, estava em declínio; seu fim ocorreu quando a Babilônia conquistou a independência por volta de 626 a.C. As batalhas dos 16 anos seguintes resultaram no completo colapso do império assírio.

O faraó Neco do Egito aliou-se com os vacilantes exércitos assírios para proteger seus próprios interesses, mas sua ação não foi suficiente para impedir o desastre. Em vez disso, o faraó atraiu a atenção dos babilônios, que derrotaram os exércitos egípcios em Carquêmis em 605 a.C., obrigaram Judá a pagar-lhes tributo e deportaram grande número de nobres de Judá (Dn 1.1-5). Três anos mais tarde, o rei Jeoaquim, de Judá, rebelou-se e, em 597 a.C., os poderosos exércitos babilônios conquistaram Jerusalém e levaram "três mil e vinte e três judeus" (Jr 52.28). A terceira (586 a.C.) e quarta (581 a.C.) deportações envolveram 832 e 745 cativos, respectivamente (Jr 52.29-30), acabando, assim, com o reino de Judá.

Pouco se sabe da vida de Israel e de Judá durante o cativeiro. O cativeiro significou uma punição humilhante e vergonhosa a esse povo idólatra e desobediente. A corte real de Judá foi levada cativa, juntamente com sacerdotes, trabalhadores especializados e qualquer um que pudesse liderar uma revolta contra a Babilônia. Os cativos perceberam que Deus, finalmente, trouxera sobre eles as antigas maldições da aliança (Dt 28.15-68). Expulsos de suas casas e das regiões conhecidas, foram forçados a atravessar o deserto escaldante até uma terra estranha. Muitos tiveram de trabalhar para seus conquistadores.

O cativeiro durou 70 anos para Judá (Jr 25.11-12; Dn 9.2), período após o qual os arrependidos receberam permissão para voltar à terra natal sob a liderança de Zorobabel e outros (Ed 2.1-2). As tribos de Israel, no entanto, nunca voltaram e se perderam na história.

Veja também DISPERSÃO.

CATIVO - pessoa levada e mantida como prisioneira, especialmente por um inimigo de guerra (2Sm 8.2; 1Rs 20.32; 2Rs 25.7). A palavra é usada referindo-se ao MESSIAS em Salmos 68.18: "levaste cativo o cativeiro", uma alusão à libertação que Jesus traria (Ef 4.8).

CAUDA - pequena ilha a aproximadamente 80 quilômetros da costa sudeste de Creta (At 27.17; Clauda, tb). Quando o apóstolo Paulo viajava em direção a Roma, o barco em que estava encontrou proteção na ilha e ali ficou durante uma grande tempestade.

CAVALARIA - grupo de guerreiros ou soldados a cavalo, designados para batalhas que exigem grande mobilidade. A Bíblia menciona os cavaleiros de Salomão (1Rs 9.19, 22; 2Cr 8.6, 9). Ben-Hadade, rei da

Síria (1Rs 20.20), e os caldeus (Hc 1.8) tinham cavaleiros que ameaçaram os israelitas em vários momentos (Êx 14.9; 15.19; Jz 4.15). É provável que muitas referências a cavalaria e cavaleiros no Antigo Testamento indiquem condutores de veículos parecidos com charretes ou bigas, uma vez que o uso de soldados montando cavalos aponta para uma época posterior.

CAVALEIRO (veja Profissões e Ocupações).

CAVALO (veja Animais da Bíblia).

CAVEIRA - esqueleto da face humana. Três dos evangelhos afirmam que Jesus foi crucificado no Gólgota, ou Lugar da Caveira (Mt 27.33; Mc 15.22; Jo 19.17). Alguns estudiosos acreditam que esse nome tenha sido dado ao local por se assemelhar a uma caveira a distância. Veja também Calvário; Gólgota.

CAVERNA - cavidade natural subterrânea aberta à superfície; gruta ou espaço vazio na encosta de colina ou rochedo. Devido à abundância de calcário, com que se formam as cavernas, estas eram muito comuns em Israel.

As principais mencionadas na Bíblia são: Macpela, lugar de sepultamento de Abraão e Sara, Isaque e Rebeca, Jacó e Lia (Gn 23.9-20; 49.30; 50.13); Maquedá, onde cinco reis amorreus se esconderam de Josué (Js 10.16-27); e Adulão, onde Davi se escondeu do rei Saul (1Sm 22.1).

Após a destruição de Sodoma, Ló e suas duas filhas moraram em uma caverna (Gn 19.30). Quando ameaçado por Jezabel, o profeta Elias fugiu para uma caverna no monte Horebe (1Rs 19.9, 13). O túmulo de Lázaro ficava em uma gruta em Betânia (Jo 11.38).

CEDRO (veja Plantas da Bíblia).

CEDROM *(sombrio)* **-** vale na encosta leste de Jerusalém através do qual corre um ribeiro de mesmo nome em algumas épocas do ano. O significado do nome é adequado em vista da grande discussão que cercou Cedrom ao longo do tempos bíblicos. A torrente que o caracteriza durante as chuvas de inverno contrasta com a pouca água nos meses de verão.

O desfiladeiro do vale do Cedrom começa no norte de Jerusalém, passando perto do templo, do Calvário, do jardim do Getsêmani e do monte das Oliveiras, fixando um limite bem definido no lado leste de Jerusalém. Dali, o vale e o ribeiro chegam ao deserto da Judéia, onde a terra é tão seca, que o riacho recebe o nome de uádi en-Nar ou "uádi de fogo". Finalmente, seu curso sombrio prossegue até o mar Morto.

Cedrom foi o ribeiro cruzado por Davi enquanto este fugia de Absalão (2Sm 15.23, 30). O riacho não é muito grande, mas o desfiladeiro é um obstáculo geográfico expressivo. Quando Davi cruzou o Cedrom e voltou-se para o leste para afastar-se de Absalão dirigindo-se para a segurança de Hebrom, sinalizou que estava renunciando a Jerusalém (2Sm 15.23).

No lado oeste do Cedrom, fica a fonte de Giom, ligada pelo rei Ezequias para abastecer a cidade antes de os assírios cercarem Jerusalém. O rei também obstruiu o Cedrom e fontes menores do vale para impedir que a água chegasse aos assírios que cercavam a cidade.

Asa, Ezequias Josias, os grandes reis reformadores de Judá, queimaram ídolos e objetos de adoração dos cultos pagãos que haviam abolido no ribeiro de Cedrom (1Rs 15.13). Ao lado do ribeiro, o rei Asa destruiu e queimou o poste-ídolo, ou Aserá, de sua mãe (1Rs 15.13). Depois disso, o vale tornou-se depósito das impurezas e abominações dos cultos a ídolos, quando foram removidos do templo e destruídos (2Rs 23.4, 6, 12; 2Cr 29.16; 30.14).

Do ribeiro do Cedrom, Neemias inspecionou os muros de Jerusalém durante

a noite, provavelmente porque os muros eram facilmente visíveis daquele lado (Ne 2.15). Na época de Josias, esse vale era o cemitério público de Jerusalém (2Rs 23.6; Jr 26.23). Quando deixou Jerusalém e foi para o jardim do Getsêmani na noite em que foi traído, Jesus atravessou o vale do Cedrom.

CEFAS - nome aramaico de Simão, filho de João (Jo 1.42), que lhe foi dado por Cristo.

CEFIRA *(vila, aldeia)* **-** cidade de Gibeão dada à tribo de Benjamim (Js 9.17; 18.26; Ed 2.25; Ne 7.29; Quefira, TB). Corresponde à atual Khirbet Kefireh, que dista aproximadamente oito quilômetros a sudoeste de el-Jib (antiga Gibeão).

CEGONHA (veja ANIMAIS DA BÍBLIA).

CEGUEIRA (veja DOENÇAS DA BÍBLIA).

CEIA DO SENHOR - cerimônia praticada normalmente durante um culto de adoração, no qual os cristãos participam do pão e do vinho (ou suco de uva) com o objetivo de relembrar o sacrifício de Cristo, recebendo dele força e rededicando a vida à causa do Senhor. É uma das duas ordenanças instituídas por Cristo a serem observadas por sua igreja até que ele volte.

O termo "ceia do Senhor" é usado somente em 1Coríntios 11.20. A prática também é conhecida como comunhão (1Co 10.16), mesa do Senhor (1Co 10.21) e eucaristia (da palavra grega que significa "ação de graças"; Lc 22.17, 19; 1Co 11.24). A expressão "partir do pão" (At 2.42, 46; 20.7, 11) refere-se provavelmente à ceia do Senhor tomada como uma refeição comum conhecida como "festa da fraternidade" (Jd 12).

A instituição da ceia do Senhor (Mt 16.17-30; Mc 14.12-26; Lc 22.1-23; 1Co 11.23-25) deu-se na noite anterior à morte de Jesus, na refeição conhecida como última ceia. Embora haja considerável discussão sobre o assunto, a última ceia foi provavelmente a refeição da PÁSCOA judaica, instituída primeiramente por Deus nos dias de Moisés (Êx 12.1-14; Nm 9.1-5).

Muitos dos atos e palavras de Jesus na última ceia, tais como o partir do pão e a sua distribuição, faziam parte do ritual da Páscoa. No entanto, quando Jesus disse: "Este é o meu corpo" e "Este é o meu sangue", enquanto distribuía o pão e o vinho, fez algo completamente novo. Tais palavras, proferidas para invocar o favor de Deus sobre nós, foram o foco de graves desavenças entre os cristãos por muitos séculos. Em que sentido o pão e o vinho são o corpo e o sangue de Cristo? O que deve significar a ceia do Senhor para nós? As respostas a essas perguntas estão normalmente agrupadas em quatro categorias, embora haja variações entre as quatro possibilidades.

O *ponto de vista da transubstanciação*. A primeira perspectiva é a da Igreja Católica Romana (principalmente antes do Concílio Vaticano II, de 1962-1965). Esse ponto de vista afirma que o pão e o vinho tornam-se o próprio corpo e o próprio sangue de Cristo quando as palavras são proferidas pelo sacerdote. Essa doutrina, conhecida como transubstanciação, considera que, enquanto as propriedades físicas (gosto, aparência etc.) do pão e do vinho não se alteram, a realidade interior desses elementos é submetida a uma mudança espiritual.

Se, por um lado, essa visão pode auxiliar a alimentar uma séria atitude para com a ceia, por outro, deixa de compreender a natureza figurada da linguagem de Jesus. Jesus não poderia ter segurado em suas próprias mãos seu corpo e sangue. Provavelmente, intencionava dizer: "Este pão representa o meu corpo" e "Este vinho representa o meu sangue". Era comum Jesus fazer uso de linguagem figurada (Lc

8.11, 21), exatamente como alguém pode dizer segurando uma fotografia: "Este é o meu pai".

O *ponto de vista da consubstanciação*. O segundo ponto de vista, desenvolvido por Martinho Lutero, é que o corpo e o sangue de Cristo estão verdadeiramente presentes "em, com e sob" o pão e o vinho. Os elementos não se transformam realmente no corpo e no sangue de Cristo, mas, do mesmo modo como o calor está presente em um pedaço de ferro quente, Cristo está presente nos elementos. A posição luterana é freqüentemente chamada de consubstanciação.

Tal posição pode estimular quem recebe a ceia a compreender que Cristo está de fato presente nos elementos. No entanto, essa perspectiva também desconsidera o uso figurado das palavras de Jesus e pode dar maior atenção ao pão e ao vinho do que ao próprio Cristo.

O *ponto de vista simbólico*. A terceira posição, conhecida como ponto de vista memorial ou simbólico, deriva dos ensinos do reformador suíço Ulrico Zuínglio. Embora seu ensino não seja totalmente claro, ele basicamente afirma que o pão e o vinho são apenas símbolos do sacrifício do corpo e do sangue de Cristo. Ele ensina que a ceia do Senhor é principalmente uma cerimônia em memória da obra completa de Cristo, mas que também é uma ocasião em que o povo de Deus garante sua unidade uns com os outros e sua fidelidade a Cristo. Este é o ponto de vista afirmado pela maioria dos batistas e das igrejas independentes. As idéias de Zuínglio são basicamente corretas, mas essa posição tende a colocar mais ênfase no que o cristão faz e promete no momento da ceia do que no que Deus faz.

O *ponto de vista dinâmico*. Por último, há o ponto de vista de João Calvino e das igrejas presbiterianas e reformadas que seguem seus ensinos. Conhecido como uma perspectiva que considera a presença dinâmica ou espiritual, situa-se entre a posição de Lutero e a de Zuínglio.

Calvino concordava com Zuínglio em que o pão e o vinho devem ser entendidos simbolicamente. Cristo não está fisicamente presente nos elementos, uma vez que seu corpo ressurreto e glorificado está no céu (Hb 10.12-13). Mas ainda assim, Cristo está dinâmica e espiritualmente presente na ceia do Senhor através do Espírito Santo.

Nos cultos (mas não num momento específico), quando a Palavra de Deus é proclamada e a ceia do Senhor é compartilhada, o Cristo glorificado, de fato, dá alimento espiritual de seu próprio corpo glorificado àqueles que o recebem. Assim como o pão alimenta o corpo físico, o corpo glorificado de Cristo dá alento à alma. Em virtude da união orgânica entre Cristo, o Cabeça ressurreto, e os membros de seu corpo, a igreja, (Ef 1.18-23; 4.14-16; 5.23), isso é possível por meio do Espírito Santo que habita nos cristãos (Rm 8.9-11). Calvino admite que o modo como o Espírito faz isso é um verdadeiro mistério, não contrário à razão, mas acima dela.

Calvino, por vezes, enfatiza o corpo e o sangue glorificados de Jesus mais que o ensino das Escrituras. Mas sua posição auxilia na compreensão dos motivos que fazem da ceia algo tão importante a ser observado pelo cristão e da terrível ofensa que representa seu uso indevido. Sua posição sobre a obra de Deus que alimenta e capacita seu povo também corresponde ao ensino das Escrituras (Ef 3.14-21; Cl 2.6-10, 19).

***Ensinos bíblicos*.** Em 1Coríntios 10.16, o apóstolo Paulo censurou os coríntios por seu envolvimento com a idolatria. Referiu-se ao cálice como "a comunhão do sangue de Cristo" e ao pão como "a comunhão do corpo de Cristo". A palavra grega traduzida por "comunhão" tem o sentido de "fraternidade, participação e compartilhamento". A partir do contexto,

parece que Paulo está dizendo que quando os cristãos participam do vinho e do pão, também participam dos benefícios da morte de Cristo (aludidos em seu sangue) e da vida ressurreta (seu corpo glorificado). O mais importante desses benefícios é a segurança do perdão de pecados (através do sangue de Cristo) e a certeza da presença e do poder de Cristo (através de seu corpo).

A expressão "um corpo" (a igreja universal), de 1Coríntios 10.17, une-se ao "corpo de Cristo", do versículo 16, no sentido de que toda a igreja de Cristo está organicamente relacionada ao corpo vivo, glorificado e humano de Cristo que agora está no céu. A expressao "um pão" (v. 17), que representa Jesus como o "pão da vida" (Jo 6.35), é comido pelos crentes na ceia, simbolizando sua unidade e participação comum no único corpo de Cristo. O grande discurso de Jesus sobre o pão da vida (Jo 6.25-68), embora sem o objetivo de uma explicação teológica direta sobre a ceia do Senhor, ajuda a entender como tomar a ceia pode ser uma forma pela qual os cristãos "se alimentam" do Senhor (Jo 6.55-57). Outras formas importantes dão-se pela oração e pelo ouvir da Palavra de Deus através das Escrituras.

Em 1Coríntios 11.17-34, Paulo censura os coríntios por seu orgulho e ganância durante a refeição que acontecia junto com a ceia (v. 17-22). Em seguida, (v 23-25), o apóstolo descreve a instituição da ceia do Senhor e enfatiza a necessidade de os cristãos participarem de maneira digna. Muitos dos que assim não faziam estavam fracos e doentes e outros já haviam até morrido como resultado do julgamento de Deus (v. 27-34).

Por que Paulo usa uma linguagem tão firme ao tratar dos excessos na ceia do Senhor? Os coríntios não estavam exatamente discernindo e reconhecendo o corpo de Cristo. Os mais abastados, que envergonhavam os irmãos cristãos mais pobres com seus hábitos alimentares egoístas (v. 21-22), não tinham discernimento da verdadeira natureza da igreja como corpo de Cristo no qual são desfeitas todas as distinções de classe social, raça etc.

Por outro lado, os cristãos que recebiam o pão e o vinho depois de terem se comportado de modo vergonhoso não percebiam que Cristo não abençoaria e fortaleceria os que participassem da ceia dessa maneira. Antes, seriam culpados de pecado contra o corpo e o sangue de Jesus (v. 27).

Significado para hoje. Quando perguntamos que sentido a ceia do Senhor pode ter para o cristão atualmente, três conceitos - relacionados ao passado, ao presente e ao futuro - podem ser de grande auxílio.

Primeiramente, a ceia do Senhor é uma ocasião de lembrança e comunhão. Disse Jesus: "fazei isto em memória de mim" (Lc 22.19; 1Co 11.24-25). Isso se relaciona não tanto com as agonias da crucificação, mas com a lembrança da vida maravilhosa e do ministério do nosso Salvador. A ceia é um momento para expressarmos o nosso mais profundo louvor e gratidão por tudo o que Jesus Cristo fez por nós.

Assim como uma parte da Páscoa judaica proclamava a libertação dos hebreus que estavam sob o jugo egípcio (Êx 12.26-27), na ceia os cristãos proclamam sua libertação do pecado e da miséria através da morte de "Cristo, nosso cordeiro pascal" (1Co 5.7; 11.26).

Em segundo lugar, a ceia é uma oportunidade de revigoramento e comunhão. Ao participarmos dos benefícios da morte e da ressurreição de Jesus (Rm 5.10; 1Co 10.16), estamos de fato sendo alimentados e fortalecidos pelo Cristo ressurreto através de seu Espírito.

John Wesley sabia disso. Em média, ele participava da ceia a cada quatro ou cinco dias durante seu longo e próspero ministério. Isso não significa que Deus não possa nos fortalecer sem a ceia do Senhor, mas que ele a instituiu para nós, assim como

designou a oração e o ouvir das Escrituras como formas de comunicar sua graça. A Bíblia não fala sobre a freqüência com que se deve participar da ceia, mas a orientação de Wesley - "tanto quanto você possa"- merece nossa importante consideração.

Em terceiro lugar, a Ceia é um momento de renovação e expectativa. Cada participante deve examinar-se (literalmente, "provar-se" ou "testar-se"), para participar de maneira correta e justa (1Co 11.28-29). Assim fazendo, renovamos nossa dedicação a Cristo e ao seu povo, em expectativa esperançosa "até que ele venha" (1Co 11.26). Após a volta de Cristo, participaremos da ceia com ele - em sua presença física - no reino (Mt 26.29).

CEIFA - colheita de cereal (Am 7.1). Na Palestina, os cereais eram cortados manualmente com a ajuda de uma pequena foice feita de pedaços afiados de pederneira ou metal, fixado a um cabo de madeira. Depois que se cortavam os talos, eles eram colocados em Feixes para secar. Em seguida, os grãos eram debulhados dos talos.

CEIFEIRO (veja Profissões e Ocupações).

CELEBRAÇÃO (veja Adoração).

CELEIRO - depósito para sementes ou grãos (Lc 3.17). Nos tempos bíblicos, esse tipo de depósito ou armazém era normalmente subterrâneo. Veja também Casa de Depósitos.

CEM, TORRE DOS - torre situada no muro de Jerusalém entre a porta das Ovelhas e a torre de Hananel (Ne 3.1; 12.39; Torre de Meá, arc). Foi um dos lugares mais importantes reconstruídos por Neemias nos muros de Jerusalém.

CENCRÉIA - porto marítimo na Grécia, a cerca de 11 quilômetros a leste de Corinto. Durante sua segunda viagem missionária, o apóstolo Paulo foi até Cencréia quando voltava para a Síria (At 28.18). Febe servia à igreja nessa cidade (Rm 16.1).

CENSO - contagem ou registro oficial de cidadãos; avaliação de propriedade para fins de cobrança de impostos na Roma antiga.

O primeiro recenseamento de pessoas do Antigo Testamento ocorreu na época

O golfo de Sarona, em Cencréia, serve como porto para a cidade de Corinto.



do Êxodo. Todos os homens com 20 anos de idade habilitados para a guerra foram contados (Nm 1.2-46). Um dos propósitos do censo era ajudar na distribuição da terra (Nm 26.52-56). Após o Cativeiro, houve outro censo (Ed 2) de homens para indicar quantos haviam retornado do cativeiro da Babilônia e também para auxiliar na distribuição da terra.

No Novo Testamento, o governo romano conduzia contagens periódicas do povo para estimar o valor de imposto a ser pago ao tesouro do império romano. O Novo Testamento menciona dois propósitos. Na época do nascimento de Jesus, José e Maria foram a Belém para recensear-se (2.1-5). Esse recenseamento foi provavelmente exigido de todas as nações sob o domínio de Roma. Todos os cidadãos deviam voltar ao seu lugar de origem para fazer um registro oficial de suas propriedades para posterior tributação.

O segundo censo romano foi feito para avaliar as propriedades da Judéia em 6 d.C. Nessa época, a Judéia estava sob o governo direto de Roma. Por causa disso, Judas, o galileu, incitou uma revolta, afirmando que os judeus deveriam ser governados por Deus, e não por um poder estrangeiro (At 5.37).

O sistema romano de recenseamento iniciou-se em 10-9 a.C. Os censos aconteciam a cada 14 anos.

CENTEIO (veja Plantas da Bíblia)

CENTURIÃO (veja Profissões e Ocupações).

CERÂMICA - objetos ou recipientes fabricados a partir do barro e endurecidos pelo fogo. No uso moderno, o termo cerâmica refere-se, geralmente, apenas a utensílios (tigelas, pratos, vasos, etc.). No entanto, a produção artesanal do oleiro era bastante diversificada nos tempos bíblicos.

A produção de cerâmica. O barro é a matéria-prima para a produção da cerâmica. Apresenta duas importantes características: pode ser modelado e reter sua forma, além de endurecer quando exposto a uma temperatura elevada. Um recipiente de barro que tenha secado ao sol acabará se desfazendo caso alguém o encha com água. No entanto, se o barro for aquecido a uma temperatura de, no mínimo, 500 graus centígrados, sua composição química e características físicas serão alteradas, e ficará tão duro que não poderá mais ser moldado.

O barro, em seu estado natural, era raramente adequado para a fabricação de cerâmica. Várias etapas de preparo eram normalmente necessárias. O barro era misturado à água, depois peneirado para a remoção de pedras e partículas maiores. Essa tarefa era feita com o uso de bacias de sedimentação, uma série de cavidades de refinamento que produziam barro cada vez mais fino. Palha, areia, cascas ou Cacos eram muitas vezes misturados ao barro. Esses ingredientes minimizavam a retração do material e preveniam contra rachaduras dos objetos durante o processo de secagem ou de exposição ao fogo. Na última etapa misturava-se o barro com as mãos ou os pés para remover bolhas de ar e assegurar a consistência correta.

Várias técnicas para a modelagem de um recipiente foram desenvolvidas pelos oleiros do mundo antigo. A modelagem à mão talvez tenha sido a técnica mais antiga na fabricação de cerâmica. Mas esse método era inadequado para recipientes maiores e mais complexos. Antes da invenção da roda do oleiro, esse tipo de cerâmica era produzido com a técnica de estrutura em espiral. Segundo esse método, fazia-se um vaso enrolando-se grandes tiras de barro uma sobre a outra. Formas mais complexas eram possíveis pela variação da espessura das tiras. A superfície irregular produzida pelas tiras era alisada à medida que o objeto se formava.

Outra técnica comum era o uso de moldes para estatuetas e recipientes. Lamparinas a óleo, pequenas estatuetas e broches

estavam dentre os objetos de barro mais comuns produzidos com moldes. Um dos mais belos produtos de cerâmica do mundo antigo, conhecido como Arretine ou Terra Sigillata, era fabricado a partir de moldes. Essa cerâmica geralmente retratava pessoas, plantas, animais e formas geométricas.

A fabricação de cerâmica revolucionou-se com a invenção da roda do oleiro. Uma roda primitiva, ou tipo de torno, foi datada como originária da Palestina de 2500 a.C., aproximadamente. Esse mecanismo consistia em um disco horizontal simples que era girado com a mão. A rotação lenta criava uma força centrífuga que permitia ao oleiro moldar o objeto. A verdadeira roda de oleiro tinha o segundo disco ou roda operada com os pés, que aumentava a velocidade da rotação. O desenvolvimento da roda do oleiro passou por várias etapas desde o torno até a roda operada com os pés.

A cerâmica era, por vezes, produzida com uma combinação de técnicas. A forma de determinados potes, garrafas e chaleiras era obtida com a técnica de estrutura em espiral; já o gargalo e as bordas eram feitos com a roda.

Visto que um recipiente de cerâmica só tem utilidade depois de exposto a temperaturas elevadas, o processo de secagem e aquecimento era uma etapa crucial na produção da cerâmica. Embora pudessem secar ao sol, como os primeiros objetos de cerâmica, estes podiam ser usados apenas para armazenar produtos secos. Um recipiente seria resistente para reter líquidos e assim mesmo manter sua forma caso fosse exposto a uma temperatura mínima de 500 graus centígrados. A exposição direta ao fogo alcança temperaturas na faixa de 700 a 800 graus centígrados, adequadas para queimar recipientes de barro; no entanto, os objetos resultantes tornavam-se frágeis, porosos e escurecidos por causa da fumaça.

O aquecimento ideal foi finalmente obtido com os fornos. O forno primitivo da Palestina data de cerca de 3000 a.C. Embora haja variações, a forma básica do forno permaneceu inalterada ao longo do período bíblico. Uma estrutura em forma de colméia dividia-se em duas câmaras por uma partição horizontal perfurada. Os recipientes eram colocados na câmara superior. O combustível, que consistia de madeira ou esterco, era colocado na câmara inferior. O calor produzido pelo fogo chegava à câmara superior através dos buracos. A secagem era um processo delicado. Exigia argila bem preparada, recipientes completamente secos, temperatura adequada e o tempo necessário para secar os objetos.

Muitas técnicas de decoração foram desenvolvidas pelos oleiros nos tempos antigos. Dentre elas encontram-se a pintura, o corte, o polimento, a impressão de imagens e a aplicação de esmaltes e de camadas de revestimento.

A cerâmica como ferramenta de datação. A cerâmica é o artefato mais comum desde o mundo antigo. Era encontrada nas casas mais pobres e nos palácios mais luxuosos, nas superfícies de ruas antigas e em fundações de edifícios. Sepulturas, das mais simples às mais sofisticadas, continham cerâmica, normalmente recipientes inteiros.

Uma escavação arqueológica traz à luz milhares de fragmentos de cerâmica e muitos objetos intactos. O fato de as descobertas de cerâmica excederem em número qualquer tipo de artefato arqueológico deve-se principalmente à sua indestrutibilidade. A argila queimada não se desintegra, mesmo se enterrada por milhares de anos. Vários outros materiais, como metal ou madeira, se decompõem.

Sem contar seu valor prático para os povos antigos, a cerâmica tem uma importância especial para o estudo dessas culturas. Ao longo dos séculos, a cerâmica passou por inúmeras variações. Tais mudanças refletem-se no formato,

na decoração, na composição da argila, na técnica de fabricação e na qualidade da secagem. A cerâmica é, portanto, um dos indicadores das produções técnicas e artísticas de uma cultura. A presença de cerâmica importada, claramente distinta dos estilos e dos artigos da cerâmica local, permite que um arqueólogo identifique e estude a influência estrangeira, tal como relações comerciais, deslocamentos de populações e conquistas. A contribuição fundamental da cerâmica para o estudo de culturas antigas é o seu valor como ferramenta de datação.

A cerâmica é normalmente encontrada em cada nível de um TELL antigo - elevação que se forma artificialmente no terreno pelo acúmulo de ruínas antigas. Um tell pode ser descrito como uma cidade ou um nível de ocupação em cima de outro, produzindo uma considerável elevação no terreno. Cada nível de ocupação tem sua própria camada de ruínas. O estudo dessas várias camadas representa para o arqueólogo uma tarefa complicada. Na falta de materiais escritos, a cerâmica é a ferramenta mais confiável para determinar a cronologia de um local ou de cada um de seus níveis de ocupação.

TIPOLOGIA DA CERÂMICA. O domínio da tipologia cerâmica e a capacidade de datar fragmentos são resultados de muitos anos de estudo e de contato constante com as formas de cerâmica dos vários períodos arqueológicos. Os livros de referência sozinhos são insuficientes para o estudo da tipologia cerâmica. Há muitas características que potencialmente têm importância para a datação da cerâmica, tais como qualidade e textura da argila, o tipo de substância misturada para aumentar a resistência, o tipo e a qualidade da decoração, várias considerações relativas ao processo de secagem e, o mais importante, o formato do utensílio.

O formato da borda ou da base de um recipiente, sua curvatura, a presença ou ausência de alças, o tipo de alça, a maneira e o local de fixação da alça estão entre as particularidades da cerâmica com significado cronológico. A forma de uma borda representa muitas vezes o melhor critério de datação. As panelas, por exemplo, apresentam formatos variados conforme as mudanças introduzidas ao longo dos períodos arqueológicos. Alguns formatos foram alterados drasticamente, enquanto outros, como o da lamparina, mudam de modo mais sutil e demorado.

Os vários tipos de polimento, pintura e esmaltagem são também de grande valor como indicadores cronológicos. A composição da argila e a técnica de secagem podem ser importantes. A recuperação desses dados pode ser realizada por meio de vários testes científicos.

A cerâmica mais antiga data do Período Neolítico (Nova Idade da Pedra ou Idade da Pedra Polida), aproximadamente 7500-4000 a.C. Esse período arqueológico é dividido em duas fases por volta de 5000 a.C., com a primeira aparição da cerâmica: o neolítico anterior à cerâmica e o neolítico posterior ao surgimento da cerâmica. O segundo, ou fase da cerâmica da cultura neolítica, tem sido estudado em vários locais, incluindo Catal Huyuk, em Anatólia, Jericó e o vale de Jarmuque. A cerâmica desse período é feita à mão e caracteriza-se por formas primitivas e simples. Os utensílios ou as texturas são normalmente flexíveis e quebradiços - como resultado da secagem do barro a baixas temperaturas.

Durante esse período, a palha era muitas vezes misturada ao barro para manter a consistência. Além desses utensílios mais rústicos, também se usava uma cerâmica mais refinada na mesma época. A argila era de melhor qualidade, a secagem era feita sob temperaturas mais elevadas e a cerâmica era muitas vezes decorada com uma camada vermelha polida em desenhos de triângulos ou lembrando divisas da heráldica em forma de "V" invertido. As

formas mais comuns são pequenas tigelas, tigelas mais fundas com laterais levemente abauladas e vasos arredondados com bases planas. As alças são basicamente de três tipos: alças simples em formato de argola, pequenas alças perfuradas e pequenas abas ou puxadores, sendo estas últimas uma das características mais marcantes da cerâmica da Idade do Bronze Antiga.

A transição do Período Neolítico para o Período Calcolítico, de aproximadamente 4000 a 3200 a.C., não é completamente compreendida. Tuleilat el-Ghassul, no sul do vale do Jordão, e vários lugares na região de Berseba têm contribuído significativamente para a compreensão da cultura e da cerâmica do Período Calcolítico.

Duas formas de cerâmica características do Período Calcolítico são a forma semelhante à de um submarino e a cônica, parecida com a casquinha de sorvete. Esta é normalmente pintada com faixas horizontais e tem pequenas alças. Seu formato diferente torna-a símbolo da cerâmica calcolítica. O recipiente com forma de submarino é singular e sua função não está completamente clara. Apresenta-se no sentido horizontal, com extremidades afiladas e alças simples em formato de argola colocadas na parte superior de cada extremidade, permitindo que o recipiente seja suspenso. O gargalo, às vezes contendo uma peneira, localiza-se no meio do objeto. Os maiores são decorados com faixas pintadas de vermelho.

Embora haja controvérsia, a Idade do Bronze Inicial (3200-2200 a.C.) pode ser dividida em três fases, cada qual com tipos característicos de cerâmica e decoração. Um dos traços mais comuns da cerâmica dessa época é a alça parecida com um puxador, que apresenta formas diferentes para cada uma das fases do período. Recipientes com linhas paralelas pintadas com tinta vermelha cobrindo todo o objeto constituem os tipos comuns de cerâmica da Idade do Bronze Inicial I.

A forma mais comum de cerâmica da Idade do Bronze Inicial II é um cântaro oval designado "Abydos", segundo o nome do local egípcio onde foi descoberto. Uma cerâmica característica da Idade do Bronze Inicial III, designada "cerâmica de Khirbet Kerak", nome do local da escavação, é uma das mais belas da Palestina antiga. Embora a forma classifique essa cerâmica à parte das tradições locais, a decoração é a característica marcante desses utensílios polidos de cor vermelha e/ou preta. Difere também da cerâmica local quanto à qualidade da argila, à técnica de fabricação e à secagem pelo fogo. Embora a origem do produto não esteja clara, o Khirbet Kerak distribui-se amplamente por toda a Palestina setentrional e central.

O período tradicionalmente designado como Idade do Bronze Médio I, atual Idade do Bronze Inicial IV–Idade do Bronze Médio I (2200-2000 a.C.), foi um interlúdio entre as culturas urbanas da primeira Idade do Bronze e o período seguinte da Idade do Bronze Médio II. Novas formas de cerâmica surgiram. Muitas outras formas, algumas bastante sofisticadas, apareceram nesse período. Uma das formas marcantes foi o vaso carinado, ou de curvatura acentuada, que deve ter sido moldado a partir de um recipiente de metal. Outro tipo de cerâmica comum é o "Tell el-Yahudiyeh", cujo nome advém do local de sua descoberta no delta do Nilo. Encontrado principalmente em botijas, esse utensílio caracteriza-se por pequenos pontos brancos côncavos, formando desenhos geométricos.

A Idade do Bronze Recente ou Posterior (1550-1200 a.C.) divide-se em duas fases principais com a subseqüente divisão de cada fase. A variedade de tradições cerâmicas locais e importadas é abundante. Característica desse período é uma bela cerâmica pintada com duas cores, decorada com figuras de pássaros, animais, peixes e desenhos geométricos. Mercadorias ciprio-

tas importadas e cerâmicas de Micenas são comuns nesse período.

A Idade do Ferro estende-se por volta do período de 1200 a.C. até a destruição de Jerusalém em 586 a.C. Dois problemas fundamentais associados ao estudo desse período são a natureza da transição da Idade do Bronze Recente para a Idade do Ferro e a divisão desta em fases. À semelhança de todos os períodos arqueológicos, o fluxo constante de novas cerâmicas de últimas escavações têm ajudado a esclarecer o panorama. A Idade do Ferro tem sido dividida normalmente em dois períodos, e a divisão do reino de Roboão (931 a.C.), filho de Salomão, constitui o fato que separa a primeira fase da segunda. Ambos os períodos são posteriormente subdivididos.

A cerâmica da Idade do Ferro é caracterizada por sofisticação técnica e abundância de variações. O acabamento e a decoração destacam-se nitidamente nesse período. Os recipientes são normalmente revestidos com uma camada de tinta vermelha, preta, marrom ou amarela (uma espécie de argila aquosa aplicada à superfície de um objeto antes de ser colocado no fogo), que recebe intenso polimento. A cerâmica desse período reflete claramente as relações antigas de Israel com Fenícia, Chipre, Egito, Assíria e outras nações. Uma das tradições notáveis da primeira fase da Idade do Ferro é a cerâmica filistéia, decorada com desenhos geométricos em vermelho e preto e pássaros estilizados.

Grande variedade de formas de cerâmica caracteriza a segunda fase da Idade do Ferro, incluindo objetos polidos de vários tamanhos, como tigelas, vasos, cântaros, botijas, xícaras e utensílios grandes para armazenamento, os quais geralmente apresentam impressões de selo real nas alças. Da mesma época dos utensílios de barro da Idade do Ferro feitos em roda encontra-se a tradição de cerâmica feita à mão conhecida como do Neguebe, atestada por todo o período em uma grande variedade de formas, normalmente similares aos tipos de cerâmica feitos com o auxílio da roda.

O período do exílio persa (por volta de 586-332 a.C.) é marcado por muitas formas exclusivas, incluindo recipientes com pinos na base e alças em formato de cesta, candeias rasas que se distinguem pelas bordas largas e recipientes com forma semelhante à dos vidros de conservas. Uma cerâmica importada brilhante e preta, normalmente sob a forma de pequenas tigelas e pratos, é a marca registrada do período helenístico (por volta de 332-63 a.C.). O período romano, além do conjunto de cerâmica usual, produziu duas belas tradições de cerâmica. A "nabatéia", comum no Neguebe e na Transjordânia, é uma cerâmica que passou por um bom processo de secagem, fina e delicada, com desenhos florais. A "Terra Sigillata" é uma cerâmica vermelha esmaltada, enfeitada com listas e picotes, produzida na Itália e nas províncias de Roma, mas imitada por oleiros locais.

A CERÂMICA E SUA PRODUÇÃO NA BÍBLIA. A arte do oleiro é aludida em diversas passagens bíblicas, principalmente no Antigo Testamento, que contém um extenso vocabulário cerâmico. Dentre as numerosas passagens estão as que se referem a utensílios de tamanhos variados (amassadeiras, Êx 8.3; 12.34; taça, prato, Jz 6.38; 2Rs 2.20); panelas (Jz 6.19; 2Rs 4.38); jarros e cântaros (Gn 24.14; Jo 4.28; bilha de água, 1Sm 26.11; botija de azeite, 1Rs 17.12; 2Rs 4.2; taças, Jr 35.5); e candelabros e lâmpadas (Êx 27.20; Pv 31.18). A lista dos tipos de cerâmica encontrados na Bíblia, ao lado dos recipientes descobertos em escavações arqueológicas, permitiu uma descrição clara da cerâmica nos tempos bíblicos.

Jeremias 18.1-6 é a passagem mais eloqüente sobre a produção de cerâmica na Bíblia. Contém uma descrição realista do local de trabalho do oleiro (18.1-4) e faz uso de uma linguagem figurada baseada nessa arte. A imagem de Deus

como o Oleiro-mestre também aparece em Gênesis 2.7; Isaías 29.16; 64.8; Jó 10.8-9 e Romanos 9.20-24.

CERCA, MURO - barreira de proteção ao redor de uma casa ou campo, ou, ainda, cercado para animais domésticos (Sl 62.3; muro, ARA; cerca, NTLH). Jó também usa simbolicamente a idéia para expressar a futilidade de estar cercado e ter sua liberdade restringida por Deus (Jó 19.8; "fechou o meu caminho com um muro", NTLH).

Em Isaías 5.5, o termo sebe reflete a idéia de cerca viva de espinheiro; em Marcos 12.1, trata-se de uma cerca ou divisão de qualquer tipo; em Salmos 80.12, uma pequena cerca. As cercas ajudavam a proteger as vinhas contra ladrões e predadores e consistiam em pedras soltas ou ramos e arbustos de espinheiros.

CERCO, SÍTIO - bloqueio militar, de certa duração, de uma cidade ou fortaleza para forçar sua rendição. O propósito de um cerco era retirar a vantagem dos sólidos muros de defesa de uma cidade, eliminando seus suprimentos e contatos com o mundo externo. Sem suprimentos, a defesa da cidade seria forçada a se render ou a atacar o exército inimigo.

Por vezes, o exército inimigo aumentava o cerco, tentando subir os muros com escadas ou rampas. Entre outras técnicas estavam a destruição dos muros ou a construção de túneis que passavam por baixo deles. Mas o ataque era perigoso, pois os defensores da cidade normalmente ficavam bem protegidos e podiam continuar a batalha de uma posição superior.

Um cerco podia durar muitos meses. Para encurtá-lo, o exército inimigo normalmente tentava obstruir os suprimentos de água, os quais, normalmente, ficavam fora dos muros da cidade.

Grande parte dos combates descritos no Antigo Testamento refere-se a batalhas em estado de sítio. Por exemplo, Joabe cercou Rabá (2Sm 12.26-31); Senaqueribe tomou Jerusalém e todas as cidades fortificadas de Judá (Is 36.1). No Novo Testamento, Jesus predisse o cerco romano de Jerusalém (Lc 19.43-44).

CEREAIS TOSTADOS - grãos assados em brasa e comidos como refeição leve nos tempos bíblicos (Js 5.1; cereais torrados, NTLH; espigas tostadas, ARC; Rt 2.14). Sementes, lentilhas e feijões também eram tostados e comidos da mesma forma (2Sm 17.28).

CEREAL (veja PLANTAS DA BÍBLIA).

CERVIZ, DURA (povo de) **-** obstinado, inflexível, arrogante e orgulhoso. A expressão "povo de dura cerviz" é uma figura de linguagem que remete à rebeldia e desobediência de animais domésticos, tais como o boi que afasta o pescoço da canga e se recusa a atender ao comando. Israel foi um povo de dura cerviz por se recusar a obedecer à Palavra de Deus e preferir seguir a idolatria e a imoralidade (Dt 31.27; Ne 9.16-17, 29; Jr 17.23).

CERVO (veja ANIMAIS DA BÍBLIA).

CÉSAR - título conferido a vários imperadores de Roma, iniciando com Augusto. Vários dos seguintes imperadores são mencionados no Novo Testamento:

1. Augusto (21 a.C. – 14 d.C.), que emitiu um decreto para o registro de todas as pessoas nos limites do império romano (Lc 2.1). Isso incluía a província da Judéia, na Palestina, afetando, assim, a vida de José e Maria, que foram até Belém para o recenseamento. Jesus nasceu durante essa viagem.
2. Tibério (14-37 d.C.), enteado de Augusto, é o "César" mencionado nos evangelhos (exceto em Lc 2.1). Desconfiava de rivais e era severo na disciplina de ofensores (Mt 22.17; Lc 3.1; 20.22; 23.2; Jo 19.12).



Ruínas dos palácios dos césares em Roma, capital do grande Império Romano.

3. Cláudio (41-54 d.C.), que tentou reduzir a disputa dentro do império, conforme mostra seu decreto mencionado em Atos 18.2. Também é mencionado em Atos 11.28.
4. Nero (54-68 d.C.), conhecido mais por suas várias inclinações artísticas que por ter sido imperador. Nos últimos anos de seu reinado, sua mente mostrava-se perturbada, e ele se suicidou. Foi o primeiro imperador romano a perseguir os cristãos (em Roma, 64 d.C.). O apóstolo Paulo apelou a Nero em busca da justiça romana (At 25.11), provavelmente por volta de 60 d.C. Veja também Atos 17.7; 25.8, 12, 21; 26.32; 27.24; 28.19.

Veja também AUGUSTO, CLÁUDIO, NERO, TIBÉRIO.

CÉSAR, CASA DE - todos os escravos e homens livres do palácio do imperador, no Palatinado, em Roma. Paulo enviou-lhes saudações no término de sua carta aos filipenses (Fl 4.22; os do palácio do Imperador, NTLH). Alguns pesquisadores pensam que o termo também se refira a servos imperiais que viviam no restante da Itália e das províncias.

CESARÉIA (*relativo a César*) **-** importante porto marítimo bíblico localizado na região sul da moderna Haifa (veja Mapa 6, A-3). Edificada com enormes despesas por HERODES, o Grande, entre 25 e 13 a.C., e nomeada em honra a César Augusto, a cidade foi, por vezes, chamada de Cesaréia da Palestina para ser distinguida da Cesaréia de Filipe.

Herodes levou 12 anos para construir a raridade do porto no local de uma antiga cidade fenícia de nome torre de Strato. Construiu um enorme quebra-mar. As grandes pedras usadas nesse projeto mediam 15,25 metros de comprimento, por 5,5 metros de largura e 2,75 metros de profundidade. Algumas delas ainda podem ser vistas ao longo de 45,75 metros da praia.

A Cesaréia foi cena constante de tumultos, tal como as cidades que tinham população mista de judeus e gentios costumavam ser. Quando Pilatos foi governador da Judéia, morou na residência do governador em Cesaréia. Em 1961, uma pedra com a inscrição de seu nome foi encontrada nas ruínas de um antigo anfiteatro do local. O



Ruínas de teatro na cidade de Cesaréia.

evangelista Filipe pregou em Cesaréia (At 8.40); Pedro foi enviado para lá para falar ao centurião romano Cornélio (At 10.1, 24; 11.11). Herodes Agripa I morreu em Cesaréia, sendo "comido de vermes" (At 12.19-23).

A Cesaréia também foi proeminente no ministério do apóstolo Paulo. Após a conversão do apóstolo, alguns irmãos levaram-no ao porto de Cesaréia para escapar dos helenistas e navegar em direção à sua terra natal, Tarso (At 9.30). Paulo desembarcou no porto de Cesaréia na segunda e na terceira viagens missionárias (At 18.22; 21.8). Félix enviou Paulo para Cesaréia para ser julgado (At 23.23, 33); o apóstolo ficou preso por dois anos antes de fazer sua famosa defesa diante de Festo e Agripa (At 26). Paulo deixou o porto algemado por apelar para o imperador, que estava em Roma (At 25.11; 26.1-13).

CESARÉIA DE FILIPE (cidade de César de Filipe) - cidade na inclinação sudoeste do monte Hermom (veja Mapa 6, C-1), na região mais setentrional de onde Jesus realizou seu ministério (Mt 16.13; Mc 8.27). Nos tempos do Novo Testamento, a cidade era conhecida como Paneas, embora Filipe, o tetrarca, tenha renomeado a cidade como Cesaréia de Filipe, em honra ao imperador romano César Augusto. Agripa II, mais tarde, mudou seu nome para Neronias, em honra a Nero. A aldeia atual de Banyias está edificada no mesmo local. Foi perto de Cesaréia de Filipe que Jesus

perguntou a seus discípulos quem ele era, ao que recebeu a resposta inspirada de Simão Pedro: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16).

CESTO - recipiente feito de fibras trançadas, ou outros materiais. A Bíblia tem informações esparsas a respeito do tamanho e do formato de cestos. Eram feitos de materiais variados: do salgueiro, de junco, dos galhos de palmeiras e, até mesmo, de uma mistura de palha e barro. Alguns tinham alças e tampos e serviam para inúmeros propósitos, além de serem conhecidos por nomes diferentes.

Os cestos eram usados para carregar pão (Gn 40.17), colher uvas (Jr 6.9), guardar os primeiros frutos oferecidos (Dt 26.2), carregar diversas frutas (Jr 24.1), levar barro para a fabricação de tijolos (Sl 81.6) ou para pôr artigos de grande volume (2Rs 10.7). O uso mais criativo desses recipientes aconteceu quando Paulo foi colocado em um cesto e descido pela muralha, a fim de escapar de seus inimigos (At 9.25; 2Co 11.33).

Quando Deus disse a Moisés "Bendito o teu cesto e a tua amassadeira" (Dt 28.5), enfatizou que a abundância é a recompensa da obediência. No entanto, o contrário está indicado na advertência: "Maldito o teu cesto e a tua amassadeira" (Dt 28.17); a desobediência conduz às mãos vazias e entristece o coração.

CESTO DE MOISÉS - objeto no qual Moisés foi colocado por sua mãe para escondê-lo e salvá-lo do infanticídio de meninos hebreus ordenado pelo faraó egípcio (Êx 2.3-6). O cesto era feito de fibras trançadas de papiro e vedado com betume e piche. A tampa do cesto mantinha a criança livre do ataque de insetos e da incidência direta do sol, para que ela pudesse dormir. O cesto foi descoberto pela filha do faraó, que havia ido se banhar no rio onde o cesto fora colocado.

CESTOS, FABRICANTE DE (veja Profissões e Ocupações).

CETRO - bastão oficial de um governante, que simboliza sua autoridade e poder. Originalmente, o cetro era a vara do pastor, uma vez que os primeiros reis eram príncipes nômades (Mq 7.14). Em alguns casos, o cetro era um bordão forte (Ez 19.11, 14).

Por vezes, o simbolismo de um cetro refere-se ao Messias, que governará de Israel, da tribo de Judá, em particular (Gn 49.10). No Novo testamento, o livro de Hebreus descreve Cristo como o Filho que governa com um cetro de eqüidade (Hb 1.8, referindo-se a Sl 45.6).

Quebrar um cetro significava a queda daquele que o possuía. Esse simbolismo foi usado por vários profetas do Antigo Testamento para predizer o que aconteceria aos inimigos da nação de Israel (Is 14.5; Ez 19.1-14).

Quando os soldados romanos zombaram de Jesus antes de sua crucificação, puseram um caniço em suas mãos como cetro e o saudaram como "rei dos Judeus" (Mt 27.29).

CÉU - palavra que expressa vários conceitos distintos na Bíblia:

1. No sentido físico, o céu é o espaço acima da terra (Gn 1.8). A torre de Babel chegava até os céus (Gn 11.4). Deus é o proprietário do céu (Gn 14.19). O céu é o local das estrelas (Gn 1.14; 26.4), do sol (Jó 37.21) e da lua (Sl 89.37), assim como a fonte de orvalho (Gn 27.28). Navegadores e marinheiros sabiam "discernir o aspecto do céu" através dos sinais climáticos (Mt 16.2-3).
2. O céu é também o local da habitação de Deus (Gn 28.17; Ap. 12.7-8). É a origem da Nova Jerusalém (Ap 21.2, 10). Por causa da obra de Cristo na cruz, o céu está, em parte, presente com os cristãos na terra, na medida em que são obedientes às orientações de Deus (Jo 14.2, 23).

3. A palavra "céu" também é usada para substituir o nome de Deus (Lc 15.18, 21; Jo 3.27). O reino de Deus e o reino do céu são freqüentemente tratados indistintamente (Mt 4.17; Mc 1.15).

No fim dos tempos, será criado um novo céu para envolver a nova terra. Esse novo céu será o lugar da presença perfeita de Deus (Is 65.17; 66.22; Ap 21.1). Assim, haverá o cumprimento literal do céu na terra.

Veja também FIRMAMENTO.

CÉU, NOVO - termo, que, quando usado com "nova terra", refere-se ao estado perfeito do universo criado e ao lugar final da habitação dos justos. A expressão encontra-se em Is 66.22, 2Pe 3.13 e minimamente modificada em Ap 21.1.

Fazia parte do pensamento tradicional judeu o sonho de um novo céu e de uma nova terra, a recriação do universo que ocorreria após o dia do Senhor (Is 13.10-13; Jl 2.1-2, 30-31). O conceito de um universo recriado está estreitamente relacionado ao relato bíblico da criação, da queda e do pecado de Adão e Eva no jardim do Éden (Gn 1-3). Por causa desse pecado, "a criação está sujeita à vaidade ... (e) cativeiro da corrupção" (Rm 8.19, 21). A necessidade de um novo céu e de uma nova terra surge do pecado humano e do juízo de Deus, e não da deficiência ou mal do universo (Gn 3.17).

O apóstolo Paulo referiu-se à doutrina do Antigo Testamento do dia do Senhor e aplicou-a aos eventos que ocorreriam na segunda vinda de Cristo (2Pe 3.10, 13). Quando Jesus voltar, o mal do século presente será substituído por uma nova era. O universo será purificado e limpo pelo poder de Deus. De modo semelhante à purificação da terra dos dias de Noé, mas com uma abrangência universal.

CEVA - sumo sacerdote judeu de Éfeso da época de Paulo (At 19.14). Os sete filhos de Ceva tentaram expulsar um espírito maligno em nome de Jesus, mas, em vez disso, foram feridos pelo homem endemoninhado e tiveram de fugir nus e humilhados.

CEVADA (veja PLANTAS DA BÍBLIA).

CEVADO - animal doméstico engordado, criado principalmente para ser sacrificado no sistema de adoração da antiga Israel (2Sm 6.13; 1Rs 4.23). Em ocasiões especiais, esse tipo de animal de qualidade superior, também chamado de ANIMAL GORDO, era usado para alimentação. Quando o filho pródigo voltou para casa, seu pai matou um novilho cevado para a refeição, a fim de celebrar a ocasião (Lc 15.23, 24).

CHACAL (veja ANIMAIS DA BÍBLIA).

CHAGAS (veja DOENÇAS DA BÍBLIA).

CHAMAR, CHAMADO - importante conceito teológico com vários significados diferentes na Bíblia:

1. Chamado de Deus a indivíduos para a SALVAÇÃO, tornada possível por meio do sacrifício de Jesus Cristo na cruz (Rm 8.28-30; 1Ts 2.12). O chamado de Deus à salvação também envolve o serviço dessas pessoas a outros (1Co 7.20).
2. Invocação a Deus por socorro, ou oração (Sl 55.16-17). A Bíblia apresenta inúmeros exemplos de pessoas, que, em sua aflição, invocaram o nome do Senhor. Deus é descrito como compassivo, preocupado e libertador pessoal que ouve as orações de seu povo.
3. Dar nome ou chamar pelo nome (Gn 17.5; Lc 1.13). As pessoas têm o direito de designar nomes por terem sido criadas à imagem de Deus. Sua função como tais é uma das maneiras pelas quais exercem seu domínio sobre o mundo (Gn 2.19).

Veja também ELEIÇÃO.

CHAPÉU - palavra da ARA para se referir provavelmente a TURBANTES (Dn 3.21). Veja também ROUPAS DA BÍBLIA.

CHARCO - pântano próximo das margens de alguns rios, tais como o Quisom, e vários trechos ao longo do rio Jordão e do mar Morto (Ez 47.11).

CHAVE - instrumento usado para liberar ou bloquear acesso (Jz 3.25). A chave também é tida simbolicamente na Bíblia como sinal de autoridade. O profeta Isaías descreveu o tempo quando Eliaquim filho de Hilquias, seria elevado como mordomo do rei (2Rs 18.18). O profeta declarou que ele teria "a chave da casa de Davi" (Is 22.22), ou a autoridade para agir no nome do rei. Este é provavelmente o contexto para a compreensão correta da declaração de Jesus a respeito "das chaves do reino dos céus" concedidas a Pedro (Mt 16.19). Como Messias da linhagem de Davi, Jesus estava chamando Pedro para sua responsabilidade como líder da igreja primitiva. O resultado de tal autoridade na vida de Pedro seria o poder de ligar ou desligar, referindo-se à idéia de comunhão e reintegração, ou determinação de objetos puros ou impuros.

A visão geral segundo o protestantismo é que a igreja é o agente desse poder ou autoridade para unir ou excluir, quer seja por seus líderes oficiais quer pelos cristãos. Tal autoridade teve seu auge no Novo Testamento quando os apóstolos anunciaram as condições para fazer parte do reino, mas continuou com a pregação do evangelho por Pedro e pela igreja conforme descrições do livro de Atos.

Jesus condenou os ESCRIBAS de seu tempo por terem tomado "a chave da ciência" (Lc 11.52). De acordo com a interpretação destes, somente eles tinham o direito de explicar o significado da lei de Deus, ou Escrituras. Falharam em compartilhar o conhecimento com as pessoas comuns.

CHEFE - palavra com duas acepções distintas na Bíblia:

1. Título militar dado a uma pessoa por sua posição de honra e autoridade (Jr 51.27; capitão, ARC; oficial, NTLH; marechal, TB).
2. Líder de família, clã ou tribo (Gn 36.15-43); governante ou príncipe de um povo. A palavra também é usada para vários títulos administrativos, tais como copeiro-chefe e padeiro-chefe (Gn 40.2-41.10).

CHEIRO (veja INCENSO).

CHIBOLETE - senha usada pelos gileaditas nos vaus do rio Jordão para detectar os fugitivos efraimitas (Jz 12.6). Em um conflito entre o povo de Efraim, que vivia a oeste do Jordão, e o povo de Gileade, que vivia a leste do Jordão, os gileaditas foram vitoriosos. Liderados pelo juiz Jefté, os gileaditas invadiram os vaus do Jordão, onde se encontraram com os invasores fugitivos e pediram-lhes que dissessem "Chibolete".

Mas por causa de uma diferença de dialeto, os efraimitas não conseguiram pronunciar a palavra corretamente (v. 6); em vez disso, diziam "Sibolete". Traídos por sua pronúncia, os efraimitas foram mortos no Jordão por Jefté e seus homens.

CHIFRE - palavra com diferentes significados na Bíblia:

1. A palavra comumente refere-se aos chifres de vários animais, tais como o boi selvagem (Dt 33.17), o carneiro (Gn 22.13). Os chifres de animal tinham duas finalidades nos tempos bíblicos; uma delas era transportar azeite. A outra, servir como instrumento musical; depois que se retirava a ponta do chifre, bastava soprar através da abertura. O chifre curvo de um carneiro ou de um boi era usado com essa finalidade. Esse chifre, chamado BUZINA, era usado para convocar os israelitas para

as ocasiões religiosas e para instruí-los em épocas de batalha (2Cr 15.14).

2. O altar do tabernáculo e do templo tinha quatro projeções, ou chifres - uma em cada ponta - sobre as quais o sangue dos animais sacrificados era aspergido (Êx 29.12). Adonias e Joabe seguraram nas pontas do altar, para se protegerem do rei Salomão, que desejava executá-los (1Rs 1.50; 2.28).
3. O estojo de escrever de Ez 9.2-11 (tinteiro de escrivão, ARC), provavelmente não se refere a um chifre mas a um quadro ou paleta usado pelos escribas para guardar suas penas e tintas.
4. Visto que o chifre era usado por animais como armamento, passou a simbolizar poder e força. Zedequias, falso profeta dos dias de Acabe, fez chifres de ferro para retratar como Acabe derrotaria os sírios (1Rs 22.11). É provável que como extensão de significado, Deus ergueria os justos e abateria os ímpios (Sl 75.10). Também nas visões de Daniel e João, os chifres simbolizavam reinos e reis individuais.

CHIFRE DE CARNEIRO (veja INSTRUMENTOS MUSICAIS).

CHIPRE - grande ilha na extremidade nordeste do mar Mediterrâneo, por volta de 97 quilômetros da costa da Síria e a cerca de 66 quilômetros da costa da Cilícia (moderna Turquia, veja Mapa 7, D-2). Embora Chipre seja uma ilha rochosa, muitas nações buscavam seus ricos depósitos de cobre e reservas de madeira (especialmente o cipreste). Conseqüentemente, no curso da história, Chipre foi conquistada com freqüência por muitas nações poderosas, incluindo micenos, fenícios, assírios e persas.

Depois de Alexandre, o Grande, os ptolomeus egípcios controlaram Chipre até que os romanos a conquistaram em 58 a.C. Durante o período romano, a ilha foi anexada à província da Cilícia e, em seguida, tornou-se uma província imperial independente; em 22 a.C., tornou-se uma província senatorial, com um procônsul responsável na cidade de Pafos.

O nome Chipre não é encontrado no Antigo Testamento; no entanto, devido



Ruínas de um ginásio grego na cidade de Salamina, na ilha de Chipre. O apóstolo Paulo visitou a cidade em sua primeira viagem missionária (At 13.4, 5).

a referências de textos extra-bíblicos a Alashiya como primeira fonte de cobre, muitos crêem que Elisá (Gn 10.4; 1Cr 1.7; Ez 27.7) seja Chipre. Quitim é outro nome do Antigo Testamento que pode referir-se a Chipre (Gn 10.4; 1Cr 1.7).

O Novo Testamento apresenta várias referências a Chipre - todas no livro de Atos. Barnabé era natural de Chipre (At 4.36). Os primeiros cristãos fugiram para Chipre por causa da perseguição da igreja primitiva após a morte de Estevão (At 8.1-4; 11.19-20). Barnabé, Marcos e Paulo iniciaram sua primeira viagem missionária com uma parada na Selêucia, grande cidade de Chipre na costa leste da ilha (At 13.4-5).

Após o afastamento entre Paulo e Barnabé, este levou consigo João Marcos e voltou a Chipre para seu trabalho missionário na região (At 15.39). O cristão Mnasom era de Chipre (At 21.16). Mais tarde, Paulo navegou de volta à ilha (At 21.3; 27.4).

CHOÇA - abrigo temporário ou cabana de três lados. O profeta Isaías referiu-se ao julgamento de Deus como um forte vento que arrasaria construções frágeis como essa (Is 1.8; 24.10).

CHUMBO (veja Minerais da Bíblia).

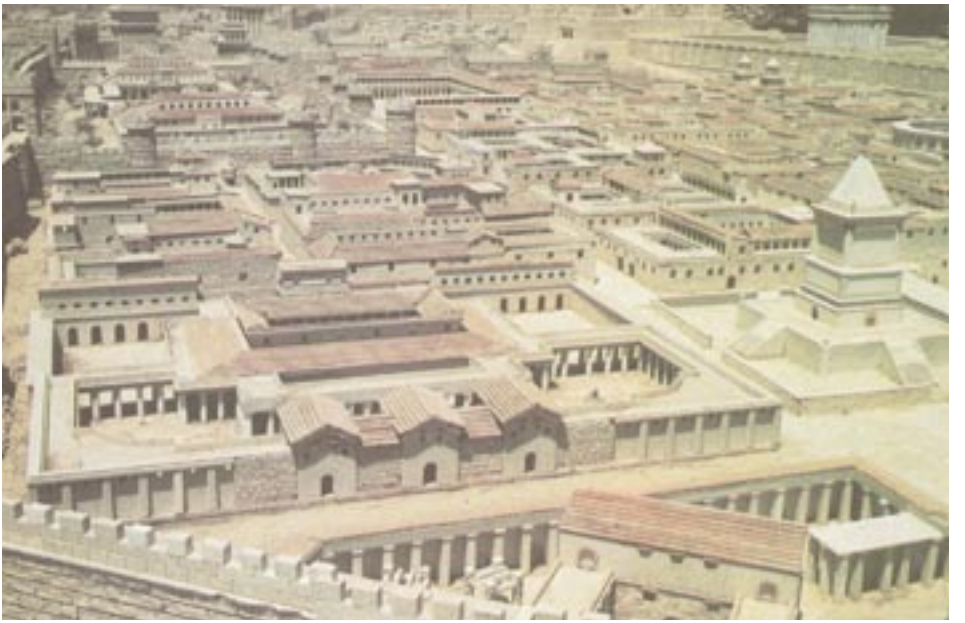
CHUVA - precipitação líquida que fornece umidade necessária para plantas, animais e homens. Os escritores bíblicos acreditavam que somente o Senhor, e não os deuses pagãos, tinha controle sobre a chuva. Essa crença foi notadamente confirmada várias vezes no Antigo Testamento, especialmente através das previsões de Moisés (Êx 9.33-34) e Samuel (1Sm 12.17-18), das orações de Elias (1Rs 18.42-45) e do anúncio de Deus sobre o dilúvio (Gn 7.4, 10-12).

Além de tais ocasiões especiais, Deus prometeu enviar chuva no tempo certo (Lv 26.4; Dt 11.14), promessa que se aplicava a todas as nações (Mt 5.45; At 14.17). A chuva era um sinal da bênção de Deus aos israelitas (Dt 28.12), embora ele também pudesse deter a chuva, quer como advertência (Am 4.6-7) quer como expressão de seu julgamento (1Rs 17.1; Jr 3.3).

Acreditar no poder de Deus para enviar chuva não era fácil em uma região como a Palestina, na qual a duração, a quantidade e a distribuição da queda de água eram incertas. A estação chuvosa era sinônimo de inverno (Ct 2.11; Pv 26.1), embora pudesse iniciar a qualquer tempo entre a metade de outubro até janeiro. Normalmente, terminava em abril ou início de maio. As primeiras e últimas chuvas eram especialmente significativas no período do Antigo Testamento (Dt 11.14; Jl 2.23). As pessoas ansiavam pela chuva (Jr 14.4); as nuvens secas eram fonte de frustração e irritação (Pv 25.14; Jd 12).

As chuvas eram muito fortes nas regiões norte e oeste, e nas colinas que davam para o mar. Por exemplo, nos tempos modernos, a média anual de queda d'água nas montanhas da alta Galiléia é de 738 milímetros; em Jerusalém, de 560 milímetros; mas somente de 50 milímetros no extremo sul do mar Morto. As tempestades eram com freqüência muito pesadas. Essa verdade reflete-se nas parábolas de Jesus (Mt 7.25, 27) e nas experiências de Elias (1Rs 18.45) e Esdras (10.9, 13).

A chuva é normalmente um símbolo de abundância na Bíblia; um testemunho adicional à ocasionalidade da chuva na Palestina. Tal abundância é comparada à eficiência da Palavra de Deus (Dt 32.2; Is. 55.10), à justiça e paz do reino de Deus (Sl 72.6-7; Os 10.12) e à provisão alimentar de Deus no deserto (Êx 16.4; Sl 78.24, 27). No entanto, a chuva também podia ser destrutiva (Pv 28.3; Is 4.6). A Bíblia, por vezes, fala sobre a chuva como sinal do juízo de Deus, quando podia fazer chover granizo, fogo ou enxofre (Êx 9.18).



Nesta maquete de Jerusalém é possível visualizar como devia ser uma cidade com muralhas durante os dias de Jesus.

CIDADANIA - cidadão natural ou não - com direitos, privilégios e obrigações - distinto de um estrangeiro.

A idéia de "cidadania" é referida por duas vezes no Novo Testamento. Quando o comandante romano Cláudio Lísias disse ao apóstolo Paulo: "A mim me custou grande soma de dinheiro este título de cidadão", Paulo respondeu: "Pois eu o tenho por direito de nascimento" (At 22.28). À igreja de Filipos, Paulo escreveu que todos os crentes em Cristo são cidadãos dos céus (Fl 3.20). Assim como a cidade de Filipos era uma colônia de Roma, a igreja de Filipos era uma colônia do céu.

Como cidadão romano, Paulo tinha o direito de ser julgado antes de ser punido (At 16.35-39), o de não ser interrogado sob açoites (At 22.24-29) e o de apelar para César (At 24.10-12; 26.32).

CIDADE - aglomeração de casas que, em termos de tamanho e organização, varia entre uma cidade e uma aldeia ou vila. Uma cidade é maior e mais independente que uma vila, mas não tem muitos dos traços (por exemplo, um muro) que caracterizavam o que hoje entenderíamos por metrópole.

Se vila e cidade mantêm uma distinção clara em língua portuguesa, isso não acontece no hebraico e no grego. A diferença principal no Antigo Testamento é entre cidades, com muros de defesa e reservadas, e aldeias, sem muro de proteção e que dependem das cidades maiores para sua defesa (Lv 25.29-31; Ez 38.11); a distinção não se baseava no volume populacional. Muitas traduções podem confundir as diferenças de várias palavras hebraicas para cidade ou vila.

A palavra cidade em língua portuguesa ainda tem o sentido de metrópole, ou lugar habitado de maior tamanho, população e importância; centro populacional, comercial e cultural.

Muitas cidades também se tornaram conhecidas por seu tamanho e pela magnificência de seus edifícios.

Na antiga Israel, uma cidade grande era normalmente chamada de "mãe" (2Sm

20.19), rodeada por um grupo de aldeias - todos os estabelecimentos adjacentes (Nm 21.25; nos povoados ao redor, NTLH). A palavra hebraica original para aldeias significa literalmente "filhas".

As cidades eram normalmente edificadas em montes, para que pudessem ser defendidas com facilidade (1Rs 16.24; Mt 5.14), e em áreas nas quais estivesse disponível uma fonte de água (para ajudar na resistência a estados de sítio prolongados) e, preferencialmente, onde o solo fosse fértil. Os muros da cidade eram estruturas maciças de aproximadamente 6 a 9 metros de espessura. Os portões, de mesma espessura, tinham barreiras com quartéis da guarda no alto dos muros, acima dos quais era comum haver torres (Dt 1.28; Jz 9.51; 2Cr 26.9).

As cidades israelitas eram relativamente pequenas com ruas estreitas, curvas e não pavimentadas (Ec 12.4; Is 10.6). De fato, muitas das ruas parecem ter sido parcialmente bloqueadas pelos cantos projetados das casas. Perto do portão, o centro social da cidade, os mercadores vendiam seus produtos e decisões eram tomadas (Gn 23.10; Rt 4.1-11).

Uma cidade israelita era governada por um conselho de anciãos composto de juízes que deviam ser sacerdotes (Dt 16.18). Durante a monarquia, as cidades parecem ter tido governadores (1Rs 22.26; 2Cr 18.25). Quando Jerusalém foi reedificada após o cativeiro, Esdras escolheu magistrados e juízes como oficiais da cidade (Ed 7.25).

Em grandes cidades com palácios e templos, havia uma rua que podia ser reconhecida como "caminho largo". É provável que a referida rua tenha sido pavimentada com pedra. Muitas das ruas eram divididas por seções de artífices - trabalhadores de cobre ou ferro em um canto, joalheiros em outro etc., semelhantemente a lojas ou vendas ocidentais modernas. Algumas ruas tinham mercados reservados para mercadores estrangeiros (Jr 37.21; Ez 17.4).

Jericó é a cidade palestina mais antiga já descoberta. Arqueólogos acreditam que uma cidade de nove acres tenha existido no local de Jericó já no ano de 5500 a.C., muito tempo antes de Abraão.

CIDADE BAIXA - distrito de Jerusalém no qual o profeta Hulda viveu (2Rs 22.14; bairro novo, NTLH; segunda parte, ARC). Tal distrito situa-se no ângulo formado pelo muro oeste do templo no muro antigo da cidade. Mais tarde, foi incluída dentro dos muros restaurados por Neemias.

CIDADE CELESTIAL, A - cidade preparada e edificada por Deus para aqueles que lhe são fiéis (Hb 11.10, 16). Conhecida como Jerusalém celestial (Hb 12.22), esta é a cidade do porvir (Hb 13.14). Tais referências em Hebreus têm seu cumprimento em Ap 21-22. A Nova Jerusalém é iluminada pela glória de Deus; serve como lugar de habitação de Deus entre os redimidos para sempre.

CIDADE DAS ÁGUAS - expressão que se refere à parte baixa da cidade amonita de RABÁ, distinta da cidade alta, ou CIDADELA (2Sm 12.27).

CIDADE DE DAVI - nome de duas cidades na Bíblia:

1. Fortaleza de SIÃO, cidade fortificada dos jebuseus, mais tarde conhecida como Jerusalém. Capturada pelo rei Davi e seus homens (2Sm 5.7, 9). O forte jebuseu de Sião situava-se em um monte que dava para o poço de Siloé, na junção do ribeiros de Cedrom e Tyropoeon (posteriormente no sudeste de Jerusalém). O relato da captura de Sião indica que o exército de Davi entrou no forte de surpresa (2Sm 5.8). O "canal subterrâneo" mencionado no texto referia-se, aparentemente, a um túnel que levava

da fonte subterrânea de GIOM para a cidadela. Joabe foi o que subiu a fortaleza em primeiro lugar (1Cr 11.6); por esse motivo, conforme sua promessa, Davi tornou Joabe o comandante, ou chefe, dos exércitos de Israel.

Após a captura de Sião, "habitou Davi na fortaleza e lhe chamou a Cidade de Davi" (2Sm 5.9). Não somente estabeleceu sua residência no local, como também aumentou a resistência das fortificações da cidade (1Cr 11.8). Posteriormente, Salomão também fortaleceu as defesas da cidade (1Rs 11.27). O local do templo de Salomão ficava entre o monte Moriá, vizinho e parte da mesma rocha de onde saía o monte Sião.

2. Belém, lugar de nascimento de Davi (1Sm 16.1, 13; Lc 2.4, 11; Jo 7.42) e de Jesus, o maior descendente de Davi.

CIDADE DO SAL - cidade no deserto de Judá (Js 15.62). É mencionada ao lado de EN-GEDI e, provavelmente, não ficava distante dessa cidade. Alguns estudiosos identificam a Cidade do Sal como Khirbet Qumran, a cerca de 21 quilômetros a norte de En-Gedi e 16 quilômetros a sul de Jericó. Outros, entretanto, estabelecem a cidade bem mais ao sul, próxima do extremo sul ou sudoeste do mar Morto, no VALE DO SAL.

CIDADE DO SOL (*cidade da destruição*) **-** equivalente ao termo hebraico ir há-heres que aparece em Is 19.18, o qual afirmava que uma das cinco cidades egípcias seria chamada de Cidade do Sol (RA, NTLH; ou seja, Heliópolis, a cidade bíblica OM). Algumas versões em português supõem que o texto original hebraico significava Cidade da Destruição (RC, TB). O nome por ter sido alterado deliberadamente de Heliópoles para "Cidade da Destruição" com o objetivo de indicar sua queda na idolatria.

CIDADE-RAINHA (*Huzabe*) **-** nome de uma rainha assíria ou, mais precisamente, uma referência poética a Nínive, a cidade-rainha da Assíria (Na 2.7; Huzabe, ARC; imagem da deusa, NTLH).

CIDADE REAL - Sede ou capital, ou, ainda, centro de um governo real nos tempos bíblicos. Notáveis capitais da Bíblia incluíam JERUSALÉM (Judá), SAMARIA (Israel) e DAMASCO (Síria). O termo cidade real também aplica-se a RABÁ, capital dos AMONITAS (2Sm 12.26).

CIDADE SANTA - outro nome para JERUSALÉM, o centro religioso do povo judeu (Ne 11.1; Dn 9.24).

CIDADELA - sistema interno ou final de defesa de uma cidade murada. Protegida por seu próprio muro no interior do muro externo da cidade, a cidadela era normalmente construída sobre uma colina com maior proteção. Seria este o local onde os habitantes ficariam em último lugar caso o inimigo derrubasse as defesas externas. Em capitais como Jerusalém e Samaria, o palácio real situava-se dentro da cidadela (2Rs 15.25; casa do rei, ARA; palácio, NTLH).

CIDADES-CELEIROS - depósito de suprimento para armazenamento de estoques do governo, tais como, comida, tesouros e equipamento militar (Êx 1.11; 1Cr 26.15).A diferença entre uma cidade-celeiro e uma casa de depósitos pode referir-se apenas a tamanho ou complexidade.

Os escravos hebreus no Egito foram forçados a edificar PITOM e RAMESSÉS, "cidades-celeiros" de faraó (Êx 1.11; cidades de tesouros, ARC; cidades-armazéns, TB). Vários reis de Israel construíram cidades-celeiros. Dentre eles, Salomão (1Rs 9.19; 2Cr 8.4, 6), que edificou instalações para guardar seus carros, cavalos e cavaleiros; Baasa (2Cr 16.5-6); Josafá (2Cr 17.12); Ezequias (2Cr 32.27-29).

O conceito de cidade-celeiro ou casa de depósito é, no mínimo, tão antigo quanto a

época de José. Este estabeleceu uma reserva de alimentos que salvou o Egito da fome (Gn 41). Durante sete anos de abundância, José orientou os agricultores do Egito a armazenar um quinto de sua produção. Desse modo, quando os sete anos de fome chegassem, os cereais guardados saciariam a escassez da terra.

No mundo antigo, as casas de depósito situavam-se, por vezes, no subsolo. Azeite e vinho eram guardados nos tetos. Em Megido, arqueólogos descobriram um grande silo para armazenamento de grãos - com a capacidade de quase 13 mil alqueires de grãos - que data da época do rei Salomão.

O profeta Malaquias acusou o povo de sua época de roubar dízimos e ofertas que pertenciam a Deus (Ml 3.8, 9). Disse ele: "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro" (Ml 3.10). "Casa do tesouro" refere-se, aparentemente, a uma caixa de tesouros, que devia ficar nos limites do templo e era administrada pelos LEVITAS.

CIDADES DA PLANÍCIE - expressão usada para fazer menção a cinco cidades localizadas perto do MAR MORTO (Gn 14.2, 8). Em virtude de sua grande impiedade, quatro dessas cidades - Sodoma, Gomorra, Admá e Zeboim (Gn 19.28-29) - foram completamente destruídas. Somente Zoar escapou da destruição (Gn 19.21-22).

Antes de tal destruição, a área era consideravelmente irrigada e produtiva; foi comparada ao jardim do Éden e ao fértil delta do Nilo no Egito (Gn 13.10). Atualmente, a área é totalmente improdutiva e estéril - testemunho eloqüente do juízo de Deus sobre o pecado desses povos antigos. Gênesis 19 descreve a completa destruição da área; ainda hoje os terremotos são muito comuns.

Evidências arqueológicas recentes localizam as cidades da planície perto da entrada de Lisã, península que se projeta para o mar Morto de sua margem oriental.

CIDADES DE REFÚGIO - seis cidades levíticas separadas para prover abrigo e segurança aos culpados por homicídio. Das 48 cidades concedidas aos levitas, seis foram designadas como cidades de refúgio, três de cada um dos lados do rio Jordão (Nm 35.6-7; Js 20.7-8). As três cidades de refúgio a oeste do Jordão eram QUEDES, na Galiléia, nas montanhas de Naftali (Js 20.7; 21.32); SIQUÉM, nas montanhas de Efraim (Js 20.7; 21.21; 1Cr 6.67), e HEBROM, também conhecida como QUIRIATE-ARBA, nas montanhas de Judá (Js 20.7).

As três cidades a leste do rio Jordão eram BEZER, no deserto do planalto, ou planície, de Moabe, e atribuída à tribo de Rúben (Dt 4.43; Js 20.8; 21.36); RAMOTE-GILEADE, ou Ramote em Gileade, da tribo de Gade (Dt 4.43; Js 20.8; 21.38); e GOLÃ, em Basã, da meia tribo de Manassés (Dt 4.43; Js 20.8; 21.27).

No antigo Oriente Próximo se uma pessoa fosse morta, era comum que o parente mais próximo se tornasse o "vingador de sangue" (Nm 35.19, 21-27; Dt 19.12); era de sua responsabilidade matar o assassino. No entanto, se uma pessoa matasse outra involuntariamente ou não, as cidades de refúgio haviam sido escolhidas como asilo, para que, ao fugir para uma dessas cidades, a pessoa pudesse viver (Dt 4.42).

As regras relacionadas a tais cidades encontram-se em Nm 35, Dt 19.1-13 e Js 20. Caso o assassino se acolhesse em uma cidade de refúgio antes de o vingador de sangue encontrá-lo, teria direito a um julgamento justo e asilo até a morte do sumo sacerdote. Depois disso, o assassino recebia permissão para voltar para casa; no entanto, se deixasse a cidade de refúgio antes da morte do sumo sacerdote, estaria sujeito à morte pelas mãos do vingador de sangue.

No Novo Testamento, as cidades de refúgio tornaram-se, aparentemente, um tipo, ou símbolo, da salvação encontrada em Cristo: "corremos para o refúgio, a fim

de lançar mão da esperança proposta" (Hb 6.18). Em outras palavras, quando o pecador foge em direção a Jesus Cristo para se refugiar, está seguro da ira divina. O apóstolo Paulo escreveu: "sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira" (Rm 5.9) e "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8.1). Independentemente de seu pecado, o pecador pode encontrar asilo e refúgio em Cristo; todos os que para ele correm encontram segurança: "o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora" (Jo 6.37). O crente está seguro para sempre na cidade de refúgio celestial, pois o grande Sumo Sacerdote, Jesus Cristo, nunca morrerá: "vivendo [Jesus] sempre para interceder por eles" (Hb 7.25).

CIDADES FORTIFICADAS - cidades fortificadas por muros, torres, portões e barras (Dt 3.5).

Quando os israelitas entraram na terra prometida, depararam-se com muitas cidades fortificadas pertencentes aos cananeus e amorreus (Js 14.12). O poder desses fortes é provado pelo fato de os cananeus terem resistido os invasores israelitas por muito tempo. Juízes 1.27-36 descreve a conquista incompleta. Jerusalém, por exemplo, ainda permaneceu sob o controle dos jebuseus até a época de Davi (1Cr 11.5).

Depois de ocuparem a terra de Canaã , os israelitas reedificaram e fortalecerem as defesas destruídas. O rei Salomão edificou "Milo, e o muro de Jerusalém, como também Hazor, e Megido, e Gezer" (1Rs 9.15). Roboão fortificou 15 cidades em Judá (2Cr 11.5-12). Asa fortificou Geba e Mispa (1Rs 15.22).

Nenhuma cidade poderia resistir por muito tempo um cerco sem uma fonte de água adequada. Uma cidade, portanto, era normalmente edificada perto de um rio ou uma fonte. Longas passagens subterrâneas foram escavadas para a provisão de água, como no caso do túnel de Ezequias, também chamado de tanque de Siloé (2Rs 20.20; 2Cr 32.30), canal cortado em rocha sólida a partir do rio Giom até o reservatório de Siloé, em Jerusalém - uma distância de 533 metros aproximadamente.

CIDADES LEVÍTICAS - 48 cidades concedidas à tribo de Levi. Quando a terra de Canaã foi dividida entre as tribos de Israel, cada tribo, exceto a de Levi, recebeu uma região ou território específico por sua herança. A tribo de Levi, no entanto, era formada por sacerdotes que deviam atender às necessidades religiosas e espirituais das outras tribos. Sendo assim, em vez de receberem um território particularmente seu, os levitas foram espalhados por toda a terra.

Números 35.1-8 declara um plano a partir do qual a tribo de Levi deveria ocupar 48 cidades dispersas por toda a Palestina (o referido plano foi cumprido de acordo com as distribuições descritas em Js 20-21 e 1Cr 6.54-81). As 48 cidades foram distribuídas da seguinte forma: os Aronitas, uma das famílias dos coatitas, receberam 13 cidades (Js 21.4, 9-19; 1Cr 6.54-60); o restante dos Coatitas recebeu 10 cidades (Js 21.5, 20-26; 1Cr 6.61). Os Gersonitas receberam 13 cidades (Js 21.6, 27-33; 1Cr 6.62) e os Merarita receberam 12 cidades (Js 21.7, 34-40; 1Cr 6.63). Essas 48 cidades e terras adjacentes em comum - pastos, campos e vinhas - deveriam ser usadas exclusivamente pelos levitas.

Seis das cidades levíticas eram Cidades de Refúgio (Nm 35.6, 9-34; Js 20-21). Uma pessoa que tivesse causado a morte de outra poderia fugir para uma dessas cidades de proteção de qualquer pessoa que desejasse se vingar da morte de um inocente (veja Vingador do Sangue). O "refugiado" estava, portanto, protegido até receber um julgamento justo ou até que morresse o sumo sacerdote de uma cidade de refúgio em particular (após o que estaria livre para voltar à sua casa e requerer a proteção das autoridades).

Três das cidades de refúgio ficavam a leste do rio Jordão: Bezer (da tribo de Rúben), Ramote, em Gileade (de Gade) e Golã (de Manassés; Js 20.8). As outras três cidades de refúgio ficavam a oeste do Jordão: Quedes (da tribo de Naftali), Siquém (de Efraim) e Quiriate-Arba, também conhecida como Hebrom (de Judá; Js 20.7). De acordo com esse plano, os levitas situavam-se por toda a terra e podiam dar assistência aos outros israelitas em assuntos espirituais. De modo prático, uma vez que seis das cidades levíticas eram cidades de refúgio, os cidadãos residentes em cada região da Palestina tinham um refúgio relativamente próximo de suas casas. Uma visão panorâmica do mapa demonstra quão cuidadosamente as cidades estavam espalhadas para facilitar o seu acesso. Algumas das cidades levíticas, tais como Gibeão, Bete-Áven, Gileade, Betel e Gilgal, tornaram-se uma parte importante do sistema religioso de Israel (1Rs 3.4; Os 4.15; 12.11; Am 4.4-5).

CIÊNCIA - organização sistemática de conhecimento a respeito das leis que regem o mundo e o universo. A palavra "ciência" ocorre algumas vezes no texto bíblico, dentre elas em Dn 1.4; 1Tm 6.20, ARC; nesses dois casos com o sentido de "conhecimento". Toda a verdade, quer revelada nas Escrituras quer obtida por experiência e observação da criação de Deus, é verdade de Deus. O conhecimento último origina-se em Deus e em sua Palavra.

CILADA - truque ou estratégia planejada com o objetivo de seduzir ou enganar. O apóstolo Paulo advertiu os cristãos para estarem "firmes contra as ciladas do diabo" (Ef 6.11; armadilhas, NTLH).

CILÍCIA - província no sudeste da Ásia Menor (moderna Turquia; veja Mapa 7, D-2). A capital da Cilícia era Tarso, lugar de nascimento do apóstolo Paulo (At 21.39; 22.3). A Cilícia tinha como fronteira a leste a Síria, a oeste a Panfília e ao sul o mar Mediterrâneo. Ao norte, era separada pela cadeia montanhosa de Taurus da Capadócia, da Licaônia e da Isaúria.

Geograficamente, a Cilícia dividia-se naturalmente em duas regiões principais: a Cilícia Traquéia - região montanhosa e acidentada a norte e oeste - e a Cilícia Pedia - planície fértil a leste.

Os judeus da Cilícia faziam parte de uma sinagoga em Jerusalém chamada "a sinagoga dos Libertos" (At 6.9). Paulo visitou a Cilícia logo após a sua conversão (Gl 1.21) e novamente em sua segunda viagem missionária (At 15.41).

CÍMBALO (veja INSTRUMENTOS MUSICAIS DA BÍBLIA).

CINTO - cinta ou cós de calça para amarrar peças de roupa como também para guardar dinheiro. Quando Jesus enviou os doze discípulos, disse-lhes que não levassem consigo nem ouro, nem prata, nem moedas de cobre em seus cintos (Mt 10.9; Mc 6.8; bolsa, TB). Deveriam depender da generosidade das pessoas que encontrassem pelas aldeias e cidades.

CINZA - resíduo em pó de material queimado; as cinzas que sobravam após o sacrifício de animais como ofertas queimadas eram levadas e jogadas fora pelo sacerdote.

A palavra "cinzas" também é usada de modo figurado na Bíblia. Indicava sinal de lamentação, como a ocasião em que Mordecai rasgou suas roupas, cobriu-se de saco e de cinzas e clamou com alto e amargo som (Et 4.1). No livro de Jó, as cinzas simbolizam abatimento (2.8) e arrependimento (42.6).

O profeta Isaías falou a respeito do idólatra como a pessoa que "se apascenta de cinza" - figura da vaidade e do engano. O Messias é aquele que dá "uma coroa em vez

de cinzas" (Is 61.3) - símbolo da mudança operada por Deus através de Jesus.

CIPRESTE (veja Plantas da Bíblia).

CIRCUNCISÃO - remoção cirúrgica do prepúcio do órgão sexual masculino. O ato servia como sinal da Aliança de Deus com o seu povo.

A circuncisão era amplamente praticada no mundo antigo, incluindo as culturas egípcia e cananéia. No entanto, entre esses povos, o ritual era realizado no início da puberdade ou por volta dos 12 anos de idade, por razões de higiene ou como um tipo de iniciação cerimonial da virilidade. Em contraposição, o povo hebreu operava a circuncisão nos recém-nascidos. Tal ritual tinha um importante significado ético. Indicava a responsabilidade de servir como povo santo cujo Deus o havia chamado como servo especial no meio de um mundo pagão.

Na primeira menção da Bíblia à circuncisão, Deus instruiu Abraão a circuncidar cada homem de sua família, incluindo os servos: "Circuncidareis a carne do vosso prepúcio" (Gn 17.11).O costume era realizado no oitavo dia após o nascimento (Gn 17.12; 21.4; Fl 3.5). Na ocasião, era dado o nome ao filho (Lc 1.59; 2.21). Na história primitiva do povo hebreu, a circuncisão era realizada pelo pai, mas a tarefa cirúrgica passou finalmente a ser responsabilidade de um especialista.

A circuncisão do varão judeu era um requisito visível, sinal físico do acordo entre o Senhor e seu povo (Gn 17.11). Qualquer varão não circuncidado deveria ser eliminado do povo (Gn 17.14) e considerado como violador do acordo (Êx 12.48).

Embora a circuncisão seja uma exigência da lei mosaica, o ritual foi negligenciado durante a época quando o povo de Israel peregrinou no deserto. Talvez seja um sinal de que a nação tenha violado sua aliança com Deus com a desobediência. A cerimônia foi retomada quando o povo entrou na terra de Canaã; Josué cumpriu o rito na geração nascida no deserto.

O povo hebreu passou a ter grande orgulho da circuncisão; de fato, tornou-se um emblema de sua superioridade espiritual e nacional. Essa prática favoreceu um espírito de exclusivismo em vez de um zelo missionário para atingir outras nações, conforme a intenção divina. Um momento de oração diária apenas entre varões judeus era reservado por estes durante o qual agradeciam a Deus o fato de não serem mulheres, samaritanos nem gentios.

Os gentios passaram a ser vistos pelos judeus como a "não-circuncisão", um termo de desrespeito que significava que não-judeus estavam fora do círculo do amor de Deus. Os termos "circuncisos" e "incircuncisos" ganharam uma carga afetiva para simbolizar Israel e os vizinhos gentios. Mais tarde, a questão rendeu discórdia na comunhão da igreja do Novo Testamento.

Moisés e os profetas usaram o termo circunciso como símbolo de pureza de coração e prontidão para ouvir e obedecer. Por meio de Moisés, o Senhor desafiou os israelitas a submeterem-se à circuncisão do coração, uma referência à necessidade de arrependimento. "se o seu coração incircunciso se humilhar, e tomarem eles por bem o castigo da sua iniqüidade", declarou Deus, "então, me lembrarei da minha aliança" (Lv 26.41-42; também Dt 10.16). Jeremias caracterizou os rebeldes israelitas como tendo ouvidos "incircuncisos" (6.10) e a casa de Israel como "incircuncisa de coração" (9.26).

No Novo Testamento, a circuncisão foi fielmente praticada por devotos judeus como reconhecimento da aliança contínua de Deus com Israel. João Batista (Lc 1.59) e Jesus (Lc 2.21) foram circuncidados. No entanto, a controvérsia a respeito da circuncisão dividiu a igreja primitiva

(Ef 2.11), da qual faziam parte gentios e judeus. Os cristãos gentios consideravam seus irmãos judeus excêntricos por causa de suas leis concernentes à dieta, ao sábado e à prática da circuncisão. Os cristãos judeus costumavam ver os irmãos gentios incircuncisos ignorantes e desobedientes à lei de Moisés (At 15.5).

Uma crise estourou na igreja de Antioquia quando os cristãos da Judéia (conhecidos como judaizantes) ensinaram os seus irmãos que, caso não fossem circuncidados segundo a lei de Moisés, não poderiam ser salvos (At 15.1-2). De fato, os judaizantes insistiam que um crente que viesse de um contexto não-judeu (gentio) deveria tornar-se primeiramente um judeu cerimonialmente (por meio da circuncisão) antes de ser aceito na comunidade de cristãos.

Um concílio de apóstolos e presbíteros foi realizado em Jerusalém para resolver a questão (At 15.6-29). Entre os participantes, estavam Paulo, Barnabé, Simão Pedro e Tiago, pastor da igreja de Jerusalém. Segundo o argumento de Pedro, insistir na circuncisão dos gentios equivaleria a um jugo muito pesado (At 15.10, 19). A decisão tomada pelo concílio quebrou o legalismo preso ao judaísmo.

Anos mais tarde, para reforçar a decisão, o apóstolo Paulo escreveu aos cristãos de Roma que Abraão, "o pai da circuncisão" (Rm 4.12), foi salvo pela fé, e não pela circuncisão (Rm 4.9-12). Segundo o apóstolo, a circuncisão não tinha valor, a menos que fosse acompanhada de um espírito obediente (Rm 2.25, 26).

Paulo também falou a respeito da "circuncisão de Cristo" (Cl 2.11), uma referência à sua morte expiatória, que "condenou, na carne, o pecado" (Rm 8.3) e cravou o legalismo "na cruz" (Cl 2.14). Fundamentalmente, Paulo declarou que o novo acordo do sangue derramado de Cristo concedeu perdão a judeus e gentios e tornou a circuncisão totalmente desnecessária (Rm 2.28-29; Gl 5.6). Tudo o que finalmente importa tanto para judeus quanto para gentios, segundo Paulo, é um natureza transformada - uma nova criação que os torna um em Cristo (Ef 2.14-18).

CIRCUNCISÃO, FALSA - expressão para mutilação usada pelo apóstolo Paulo, a fim de mostrar seu desrespeito por aqueles que insistiam que um gentio deveria ser circuncidado antes de se tornar um cristão (Fl 3.2).

CIRCUNFERÊNCIA - distância ao redor de um objeto redondo (Jr 52.21, NTLH). No templo de Salomão, as duas colunas de bronze, chamadas JAQUIM e BOAZ, tinham cada qual uma circunferência de 12 côvados (1Rs 7.15), ou cerca de 5.5 metros; o MAR DE BRONZE tinha uma circunferência de 30 côvados (1Rs 7.23; 2Cr 4.2), ou cerca de 13,7 metros.

CIRENE - cidade na costa norte da África fundada por gregos dórios, em 630 a.C., aproximadamente. Cirene tornou-se, algum tempo depois, a capital da província romana de Cirenaica (antiga e atual Líbia). A meio caminho entre Cartago e Alexandria - por volta de 160 quilômetros a nordeste da moderna Benghazi - a cidade foi edificada em um belo planalto a aproximadamente 610 metros acima do nível do mar.

A menos de 16 quilômetros do mar, Cirene atraía viajantes e comércio de todo o tipo. A cidade ficou famosa por ser um centro intelectual; Carnéades, o fundador da nova Academia de Atenas, e Aristipo, o filósofo epicureu e amigo de Sócrates, estavam dentre os seus cidadãos de destaque. A cidade rendeu-se a Alexandre, o Grande, em 331 a.C. e passou para o domínio romano em 96 a.C.

Embora Cirene não seja mencionada no Antigo Testamento, era uma importante cidade na época do Novo Testamento por causa de sua grande população judaica.

Um cireneu chamado Simão foi obrigado a carregar a cruz de Jesus (Mt 27.32; Mc 15.21; Lc 23.26). Os cireneus estavam presentes no dia de Pentecostes (At 2.10), foram convertidos e, logo em seguida, foram dispersos por causa da perseguição ocorrida após a morte de Estevão (At 11.19-20).

Por ser uma cidade bastante populosa, Cirene sucumbiu por vários motivos. Em um revolta judaica em 115-116 d.C., mais de 200 mil habitantes da cidade foram mortos no motim. Um grande terremoto, em 365 a.C., contribuiu para aumentar o seu declínio. Com a invasão árabe de 642 d.C., a cidade rendeu-se finalmente. O local é atualmente uma terra devastada ocupada por beduínos.

CIRO - rei poderoso da Pérsia (559-530 a.C.), por vezes chamado Ciro, o Grande, que permitiu aos cativos judeus retornarem à sua terra natal em Jerusalém, depois de os persas terem se tornado a nação dominante no mundo antigo. No período de 20 anos depois de se tornar rei da Pérsia, Ciro havia conquistado medos, lídios e babilônios (549, 547 e 539 a.C., respectivamente). É louvado de modo surpreendente no Antigo Testamento, em Is 44.28 e 45.1, textos nos quais é chamado por Deus de "meu pastor" e "ungido". É o único governante pagão a ser honrado com o último título.

A primeira menção a Ciro no Antigo Testamento é feita com relação à libertação dos cativos judeus (levados ao cativeiro babilônio de Judá), ao ser proclamado o seu retorno do cativeiro (2Cr 36.22-23; Ed 1.1-4). Tal restauração, destacada com a reconstrução do TEMPLO em Jerusalém, havia sido profetizada por Jeremias (Jr 29.10-14; veja também Is 44.28). O livro de Esdras contém vários relatos sobre o andamento do trabalho decretado por Ciro (Ed 3.7; 4.3, 5; 5.13-14, 17; 6.3, 14). O profeta Daniel era membro de sua corte (Dn 1.21; 6.28; 10.1).

Ciro era conhecido na Pérsia como governante sábio e tolerante. Foi capaz de ganhar a afeição de grupos étnicos e religiosos variados dentro de seu grande império, que se estendia da Índia ao extremo oeste da Ásia Menor (moderna Turquia). O Antigo Testamento descreve-o como escolhido pelo Deus de Israel como libertador de seu povo. Isso não significa que Ciro tenha se tornado um seguidor do Deus de Israel; ao contrário, ele mesmo se descreveu como aquele que havia recebido "todos os reinos da terra". Declarou que Deus o havia encarregado de construir uma casa em Jerusalém (2Cr 36.23). O famoso Cilindro de Ciro, com registros sobre o reinado de Ciro, revelou que o deus-chefe da Babilônia, Marduque, havia aceitado Ciro como "príncipe virtuoso" e o havia escolhido como governante "sobre o mundo todo".

Esdras 6.1-12 dá uma idéia da organização cuidadosa feita por Ciro com relação à reconstrução do templo judeu em Jerusalém. As dimensões, os materiais e suprimentos necessários foram cuidadosamente descritos, ao lado das especificações de severas penalidades para qualquer pessoa que alterasse suas ordens com respeito à construção.

O reinado de Ciro terminou em 530 a.C., quando foi morto em batalha. Sua sepultura ainda permanece em Pasárgada, no sudoeste do Irã. Foi sucedido por seu filho, Cambises II.

CISCO - camada de sujeira ou resíduo; algo vil e sem valor. O profeta Jeremias lamentou que Jerusalém tivesse sido posta como "cisco e refugo" no meio de seus inimigos (Lm 3.45; monte de lixo, NTLH; escória, TB).

CISTERNA - reservatório artificial para armazenamento de líquidos (especialmente água); mais especificamente, tanque subterrâneo para conter e

armazenar água de chuva. Por aproximadamente meio ano, a água de chuva em Israel é escassa, caindo principalmente durante os meses de inverno. Como resultado, fazia-se necessário armazenar essa água durante os meses chuvosos para a estação seca.

Antes de 1200 a.C., aproximadamente, as cisternas eram escavadas em rocha de calcário encontrada em muitas regiões de Canaã. Em virtude da natureza porosa do calcário, entretanto, as cisternas rompiam com freqüência e se tornavam inadequadas para conter a água de chuva. Na época em que Israel conquistou a terra de Canaã, um avanço notável na construção de cisternas permitia que a parte inferior e os muros de uma cisterna fossem vedados com uma espécie de reboco. Com isto, era possível construir cisternas praticamente por todos os lados e possibilitou a exploração e fixação permanente de muitas áreas secas.

Uma cisterna difere de um poço, pois este é alimentado com a infiltração de água subterrânea; já a cisterna armazena água da chuva. Em muitas cidades, cada casa tinha geralmente sua própria cisterna. A queda de água no telhado era coletada e canalizada em direção à cisterna, normalmente situada abaixo da casa. As cisternas tinham grande importância nas cidades fortificadas, permitindo que suportassem longo período de cerco militar inimigo.

Muitas referências a cisternas na Bíblia são simbólicas. Sobre o risco do adultério, o texto de Provérbios 5.15 declara: "Bebe a água da tua própria cisterna e das correntes do teu poço". Jeremias 2.13 descreve Deus como "o manancial de água vivas"- fonte fresca, pura e natural. Mas a infidelidade de Judá levou-os a cavarem "cisternas rotas, que não retêm as águas".

Veja também Poço.

CITA - povo bárbaro que viveu em Cítia, antiga região do sudeste europeu e sudoeste asiático (veja Mapa 1, D-1), atualmente identificada com a Rússia. Nos tempos bíblicos, os citas eram uma tribo de invasores nômades conhecidos por sua crueldade e barbárie.

Cisterna no Neguebe, no sul de Israel, de onde se pode retirar água para rebanhos de ovelhas.



Originários da Sibéria oriental, os citas migraram para o sul da Rússia em 2000 a.C. aproximadamente. Muitos séculos mais tarde mudaram-se para o norte da Pérsia. Finalmente, tornaram-se aliados dos assírios e oprimiram a Pérsia oriental por quase três décadas. Depois de se tornarem uma potência mundial, os medos levaram os citas de volta à Rússia meridional.

Famosos como piratas, os citas levaram a cabo grande campanha de saque contra a Síria e a Palestina no fim do século dezessete a.C. Os profetas Sofonias e Jeremias devem ter-se referido a essa invasão. Jeremias falou a respeito de águas que se levantariam do norte e que acabariam se tornando em "torrentes transbordantes" do juízo de Deus contra as nações dessa região do mundo (Jr 47.2).

CITAÇÕES NO NOVO TESTAMENTO - Vários tipos de citações aparecem no Novo Testamento, incluindo as de autores pagãos (At 17.28; 1Co 15.33; Tt 1.12) e, pelo menos, uma citação a certa declaração de Jesus que não é registrada em nenhum dos quatro evangelhos (At 20.35).

O Novo Testamento também contém declarações de literatura não-canônica paralela à época do Novo Testamento. Por exemplo, Jd 14 e 15 são textos paralelos a Enoque 1.9, livro Apócrifo. O Novo Testamento mantém sua própria intratextualidade (Lc 10.7; 1Tm 5.18). No entanto, mais do que isso, cita o Antigo Testamento, o que indica a importância que cada um dos testamentos tem para a compreensão do outro.

O número de citações e alusões do Antigo e do Novo Testamentos varia de acordo com a contagem feita. Citações diretas foram calculadas de 150 a mais de 300. Quando são consideradas as alusões, esses números passam de algo em torno de 600 a mais de quatro mil, novamente levando em conta critérios pessoais de compilação.

Diversos versículos do Antigo Testamento são mencionados mais de uma vez no Novo Testamento. A maioria da citações são feitas a partir da Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento.

Os autores do Novo Testamento fizeram uso do Antigo Testamento por diversos motivos: (1) para dar credibilidade e autoridade às suas declarações ou conclusões, (2) para responder questões ou censurar alegações de opositores, (3) para aprofundar interpretações do Antigo Testamento, (4) para chamar atenção a situações paralelas, (5) para fazer notória a continuidade da revelação de Deus e (6) para demonstrar que o Antigo Testamento havia profetizado a vinda de Jesus, o Messias.

CÍTARA (veja Instrumentos Musicais).

CLARIM (veja Instrumentos Musicais da Bíblia).

CLÁUDIA - cristã romana que se uniu a Paulo para enviar saudações a Timóteo (2Tm 4.21). Alguns pesquisadores crêem que Cláudia tenha sido esposa de Prudente, mencionado no mesmo versículo, e que Lino, que se tornaria bispo de Roma, era seu filho.

CLÁUDIO - o quarto imperador do império romano (41-54 d.C.), Tibério Cláudio Nero Germânico, que aboliu as atividades de adoração do povo judeu na cidade de Roma.

No início de seu reinado como imperador, Cláudio foi favorável aos judeus e às suas práticas religiosas. No entanto, mais tarde, proibiu seu ajuntamento e, finalmente, decretou "que todos os judeus se retirassem de Roma" (At 18.2). O referido decreto deve ter-se estendido também aos cristãos, que eram considerados na época uma facção dos judeus.

Áqüila e Priscila, que se tornaram amigos do apóstolo Paulo, eram refugiados da Itália em virtude da ordem do imperador romano (At 18.1-2). O livro de Atos também menciona uma grande fome que "sobreveio nos dias de Cláudio" (At 11.28). Veja também CÉSAR.

CLÁUDIO LÍSIAS (veja LÍSIAS, CLÁUDIO).

CLEMENTE (*misericordioso*) **-** cristão que trabalhou com o apóstolo Paulo, aparentemente em Filipos (Fl 4.3). Escritores como Orígenes, Eusébio e Jerônimo presumiram que esse Clemente fosse o pai apostólico conhecido como Clemente de Roma. Pesquisadores modernos, no entanto, acreditam que a identificação seja bastante improvável.

CLEOPAS - um dos dois discípulos com quem Jesus conversou no caminho de Emaús, no dia de sua ressurreição (Lc 24.18). Cleopas, aparentemente, não corresponde a Clopas, mencionado em Jo 19.25.

CLOE - mulher, supostamente, cristã, de Corinto ou Éfeso, que sabia a respeito das divisões e dissensões da igreja de Corinto (1Co 1.11; Cloé, NTLH, TB).

CLOPAS - marido de Maria, uma das mulheres presentes na crucificação de Jesus (Jo 19.25; Cléofas, DO; Cléopas, TB). De acordo com a tradição, Cleopas correspondia a Alfeu, pai de Tiago, o menor, e de José (Mt 10.3; Mc 15.40). Muitos estudiosos concordam que Clopas não se identifica com Cleopas (Lc 24.18).

CNIDO - cidade da província de Cária (veja Mapa 8, C-2); situava-se no extremo sudoeste da Ásia Menor e ficava entre as ilhas de Cós e Rodes, no mar Egeu. Em sua viagem em direção a Roma, o apóstolo Paulo passou pelo porto de Cnido depois de partir de Mirra.

COA - povo descrito como inimigo de Jerusalém (Ez 23.23).

COAR - separar impurezas de um líquido, tal como o vinho (Mt 23.24). Nesse texto, Jesus criticou a hipocrisia dos fariseus, descrevendo-os como zelosos com relação a coisas insignificantes - como coar um mosquito antes de tomar um líquido - enquanto engolem um camelo - símbolo de seu pecado e farisaísmo.

COATE - segundo filho de Levi (Gn 46.11). Coate foi ao Egito com Levi e Jacó (Gn 46.11) e viveu até 133 anos (Êx 6.18). Foi o fundador dos coatitas.

COATITAS (*pertencentes a Coate*) **-** descendentes de COATE, filho de Levi (Êx 6.16). Coate foi pai de Anrão, Isar, Hebrom e Uziel (Êx 6.18). Conseqüentemente, o clã coatita foi subdividido entre essas quatro famílias (1Cr 26.23).

Durante a jornada de Israel, após a partida do Egito, os coatitas ficaram responsáveis pelo cuidado e transporte dos seguintes objetos: "a arca, a mesa, o candelabro, os altares, os utensílios do santuário com que ministram, o reposteiro e todo o serviço a eles devido" (Nm 3.31).

Quando os israelitas fizeram acampamento, os coatitas ficaram no lado sul do tabernáculo (Nm 3.29, 31). Em épocas diferentes, a Bíblia especifica a sua contagem (Nm 3.28; 4.36). Arão e Moisés eram coatitas (Êx 6.16, 18, 20).

COBIÇA - desejo intenso de possuir algo (ou alguém) que pertence a outra pessoa. Os dez mandamentos proíbem tal atitude (Êx 20.17; Dt 5.21). A cobiça surge de um egoísmo voraz e descompromisso arrogante para com a lei de Deus. A Bíblia repetidamente adverte contra seu pecado (Js 7.21; Rm 7.7; 2Pe 2.10).

Muitos exemplos de cobiça são mencionados na Bíblia: a ganância de Geazi (2Rs

5.20-27), a traição de Judas (Mt 26.14-15), o rico insensato (Lc 12.13-21), o jovem de posição (Lc 18.18-25) e a fraude de Ananias e Safira (At 5.1-11). O apóstolo Paulo classificou tal pecado de idolatria (Cl 3.5). Admoestou os crentes a não se associarem com um irmão ganancioso ou avarento (1Co 5.10-11).

A melhor forma de evitar uma atitude egoísta, avarenta é confiar no Senhor e enfrentar responsabilidades (Gl 6.7-9; 2Ts 3.6-15). Para aqueles que forem tentados pela cobiça e coisas sem valor (Sl 119.36), Jesus declara: "Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui" (Lc 12.15).

COBRA (veja ANIMAIS DA BÍBLIA).

COBRADOR DE IMPOSTOS - representante ou trabalhador contratado que coletava impostos para o governo durante os tempos bíblicos. A palavra grega traduzida por "cobrador de impostos" é incorretamente traduzida por "publicano" (ARA, ARC, TB). Publicanos eram homens ricos, normalmente não-judeus, contratados pelo governo romano como responsáveis pelos impostos de um distrito em particular do estado romano imperial. Tais publicanos eram freqüentemente escoltados por força militar.

Em contraposição, os cobradores de impostos mencionados no Novo Testamento referem-se (com possível exceção de Zaqueu) a pessoas contratadas por publicanos para fazerem a coleta real de dinheiro nas áreas restritas onde habitavam. Tais homens eram judeus, normalmente não muito abastados, e podiam ser vistos no templo (Lc 18.13). Eram, provavelmente, conhecidos do povo de quem cobravam impostos.

Os cobradores de impostos reuniam vários e diferentes tipos de impostos. Roma arrecadava dos judeus um imposto sobre a terra, um imposto eleitoral, até mesmo um imposto sobre a operação do templo. As distinções entre o tipo de governo que uma determinada província recebia ditava os tipos de impostos que seu povo deveria pagar. Por exemplo, uma vez que algumas províncias, como a Galiléia, não estava sob o regime de um governante imperial, os impostos ficavam na província em vez de irem para o tesouro imperial em Roma. Tais diferenças no sistema de impostos motivaram os fariseus na Judéia (um província imperial) a perguntarem a Jesus: "É lícito pagar tributo a César ou não?" (Mt 22.17).

Como membros de uma classe, os cobradores de impostos eram desprezados por seus companheiros judeus. Eram normalmente classificados como "pecadores" (Mt 9.10-11; Mc 2.15), provavelmente porque tinham permissão para coletar mais do que o governo exigia e, portanto, embolsavam a quantia excedente. João Batista falou a este respeito quando insistiu que os cobradores de impostos coletassem apenas a quantia que deviam (Lc 3.12-13). Mas, mesmo depois, os cobradores de impostos foram odiados visto que seus compatriotas os consideravam mercenários a serviço de um opressor estrangeiro do povo judeu.

Jesus, no entanto, estabeleceu um novo precedente entre os judeus, aceitando e se associando com os cobradores de impostos. O Mestre comeu com eles (Mc 2.16), concedeu-lhes sua graça redentora (Lc 19.9) e até escolheu um cobrador de impostos, Mateus, como um de seus doze discípulos (Mt 9.9). A mensagem de Jesus era que Deus recepcionaria com alegria o arrependido e humilde coletor de impostos, mas rejeitaria o arrogante fariseu (Lc 18.9-14). Sua missão era levar os perdidos e pecadores - pessoas como os cobradores de impostos de sua época - à presença de Deus (Mt 9.11-13).

COBRE (veja MINERAIS DA BÍBLIA).

COBRIR A CABEÇA - prática entre as mulheres de usar uma proteção na cabeça durante os cultos da igreja primitiva. O apóstolo Paulo argumentou que uma mulher que participasse dos cultos deveria ter sua cabeça coberta (1Co 11.5-16).

De acordo com Paulo, isto era um "sinal de autoridade" (1Co 11.10). A mulher cristã havia recebido uma nova liberdade e autoridade espiritual de Cristo (Gl 3.28). Sendo assim, estava apta a orar e profetizar nas reuniões. Ao cobrir sua cabeça, no entanto, demonstraria que sua autoridade havia sido outorgada por Deus; não vinha dela mesma. Sem cobrir a cabeça, a mulher poderia ofender os recém-convertidos judeus ou outros que mantinham a antiga tradição de que as mulheres sempre deveriam cobrir suas cabeças em público como sinal de modéstia.

COCEIRA, PRURIDO (veja Doenças da Bíblia).

COCHEIRO (veja Profissões e Ocupações).

CÓDICE - precursor do livro moderno. Um códice continha várias folhas de papiro reunidas pelo meio e costuradas pela dobra. Por ser mais conveniente à leitura do que o Rolo, o códice também podia ser escrito em ambos os lados. Veja também Escrita.

COELHO (veja Animais da Bíblia).

COENTRO (veja Plantas da Bíblia).

COFRE - palavra da ARA para caixa de madeira ou recipiente no qual os filisteus depositavam sua oferta de culpa ao Deus de Israel (1Sm 6.8, 11, 15; caixa, NTLH; 2Cr 24.3-11).

COLAÍAS - nome de dois homens do Antigo Testamento:

1. Filho de Maaséias cujos descendentes viveram em Jerusalém após o cativeiro (Ne 11.7).
2. Pai de Acabe, o falso profeta condenado por Jeremias (Jr 29.21-23).

COLAR - os colares eram muito comuns em todo o mundo antigo. Apareciam com freqüência em monumentos e pinturas; muitos foram descobertos por arqueólogos. Pendentes em formato de lua ou de meia-lua eram usados ao redor dos pescoços de camelo, talvez como amuletos da deusa Astarote. Muitos colares eram usados provavelmente como amuletos ou encantamentos. Eram feitos de metais preciosos e cordões de jóias (Ct 1.10; Ez 16.11). Correntes de ouro eram usadas por pessoas de alta posição (Gn 41.42; Dn 5.17; 5.29). Veja também Corrente, Cadeia.

COLCHETE - palavra da ARA para ganchos (Êx 26.6; 35.11; prendedores, NTLH). Tais ganchos eram prendedores nos quais as cortinas do tabernáculo ficavam presas.

COLETA - arrecadação de dinheiro com dois propósitos distintos:

1. No Antigo Testamento, refere-se a um imposto religioso não voluntário cobrado do povo de Israel pelos levitas (1Cr 24.6, 9). A lei mosaica também refere-se a esse imposto como "resgate" (Êx 30.12) e "dinheiro da expiação" (Êx 30.16).
2. No Novo Testamento, refere-se a uma contribuição voluntária arrecadada nas igrejas de territórios gentios para distribuição aos cristãos necessitados em Jerusalém. Em suas cartas às igrejas em Corinto e em Roma, o apóstolo Paulo explicou a necessidade da coleta e encorajou os cristãos gentios a contribuírem generosamente para essa causa (Rm 15.25-27; 1Co 16.1-4; 2Co 8.1-15).

Além disso, o apóstolo também deu diretrizes úteis sobre a contribuição cristã

em seus ensinos. A doação deveria ser feita no primeiro dia da semana (domingo) e de acordo com a condição de cada pessoa. Paulo também ensinou que o ato deve ser generoso, voluntário e em resposta à graça de Deus e ao seu "dom inefável" (2Co 9.15). Tais orientações continuam válidas para todos os cristãos.

COLHEITA - período final da estação de cultivo, quando as safras são colhidas. A colheita era uma das épocas mais felizes do ano na Palestina (Sl 126.5-6; Is 9.3), marcada com comemorações e festas religiosas (Êx 23.16). Havia duas colheitas de grãos. A cevada era colhida a partir dos meados de abril em diante e o trigo no meio de maio. A colheita de frutas das árvores e das vinhas acontecia no outono.

O processo de colher o grão era feito com o corte de uma pequena foice (Dt 16.9; Mc 4.29). Em seguida, era reunido em feixes (Dt 24.5). Depois o grão era levado para a eira - importante local com uma superfície dura e normalmente situado com certa elevação. Várias ferramentas, tais como malhos de metal cortantes puxados por bois, eram usadas para debulhar e sovar (Is 28.28; 41.15). O grão era, então, jogado para o ar, com um garfo de lavoura. O vento levava a palha, mas os grãos mais pesados caíam no chão (Mt 3.12).

Finalmente, os grãos eram peneirados com uma peneira feita de arco de madeira com tiras de couro (Is 30.28; Am 9.9). Em seguida, o cereal era armazenado.

A colheita tornou-se um símbolo do julgamento de Deus (Jr 51.33; Jl 3.13); Jesus comparou o juízo final com a colheita (Mt 13.30, 39; Ap. 14.14-20). No entanto, Jesus usou a mesma metáfora para o ajuntamento de todos os que nele confiam (Mt 9.37-38; Lc 10.2), indicando que a colheita final já iniciou com a sua primeira vinda (Jo 4.35).

COLHEITA, FESTA DA (veja FESTAS).

COL-HOZÉ (um vidente completo) **-** nome de um ou dois homens do Antigo Testamento:

1. Pai de Salum, o homem que reparou a Porta da Fonte de Jerusalém após o cativeiro (Ne 3.15).
2. Pai de Baruque da tribo de Judá (Ne 11.5). Trata-se provavelmente de Col-Hozé da acepção acima.

COLÍRIO - ungüento medicinal composto aplicado nas pálpebras (Ap 3.18). Esse colírio foi mencionado por João no livro de Apocalipse em sua mensagem à igreja de Laodicéia. Um remédio popular para os olhos conhecido como "pó frígio" era uma das fontes de riqueza de Laodicéia. A escola médica de Laodicéia era famosa pelo preparo e uso desse colírio. Para tratar da cegueira espiritual da igreja "morna" de Laodicéia, João disse-lhes que o Senhor deveria ungir seus olhos com colírio para que pudessem ver ou conhecer a verdade.

COLÔNIA - agrupamento de emigrantes ou de seus descendentes em uma terra distante, mas que se mantém sujeito ao país de origem. No Novo Testamento, a palavra ocorre apenas uma vez, em uma referência à cidade de Filipos (At 16.12). Aqui, tem o significado específico de assentamento militar, ou cidade guarnecida, de legionários romanos reformados e outros cidadãos romanos posicionados em uma área para manter o controle de um povo conquistado. FILIPOS tornou-se uma colônia romana em 30 a.C. com os direitos legais de cidadãos romanos e liberdade do controle do governador da província.

COLOSSENSES, EPÍSTOLA AOS - uma das quatro epístolas escritas por Paulo enquanto estava preso. As outras são Filipenses, Efésios e Filemon. A epístola aos Colossenses destaca a pessoa e a obra de Jesus Cristo. Atinge auges de expressão incomparáveis a qualquer outra nas

COLOSSENSES

Um Esboço Didático

PARTE 1: A supremacia de Cristo na Igreja ..... (1.1–2.23)
I. Introdução ..... (1.1-14)
A. Paulo saúda os colossenses ..... (1.1-2)
B. Paulo dá graças pelos colossenses ..... (1.3-8)
C. Paulo ora pelos colossenses ..... (1.9-14)
II. A supremacia de Cristo ..... (1.15–2.3)
A. A supremacia de Cristo na criação ..... (1.15-18)
B. A supremacia de Cristo na redenção ..... (1.19-23)
C. A supremacia de Cristo na igreja ..... (1.24–2.3)
III. A liberdade em Cristo ..... (2.4-23)
A. Liberdade dos raciocínios falazes ..... (2.4-7)
B. Liberdade da vã filosofia ..... (2.8-10)
C. Liberdade do julgamento humano ..... (2.11-17)
D. Liberdade do culto inadequado ..... (2.18-19)
E. Liberdade das doutrinas humanas ..... (2.20-23)
PARTE 2: A submissão a Cristo na igreja ..... (3.1–4.18)
I. A condição do cristão ..... (3.1-4)
II. O comportamento cristão ..... (3.5–4.6)
A. Fazei morrer a natureza terrena ..... (3.5-11)
B. Revesti-vos da nova natureza ..... (3.12-17)
C. Preceitos para a santidade pessoal ..... (3.18–4.6)
1. A santidade na vida familiar ..... (3.18-21)
2. A santidade na vida profissional ..... (3.22–4.1)
3. A santidade na vida pública ..... (4.2-6)
III. Conclusão ..... (4.7-18)
A. A recomendação de Tíquico ..... (4.7-9)
B. Saudações dos amigos de Paulo ..... (4.10-14)
C. Diversos assuntos relacionados à epístola ..... (4.15-18)

Escrituras a respeito de Cristo. A epístola apresenta muitas semelhanças em estilo e conteúdo com relação a Efésios. Foi escrita provavelmente na mesma época da breve carta a Filemon (compare Cl 4.7-13 e Fm 12, 24).

Estrutura da epístola. Colossenses divide-se praticamente, como a maioria das epístolas de Paulo, em uma seção doutrinária (cap. 1-2) e outra prática (cap 3-4). Após a abertura inicial (1.1-2), Paulo expressa sua gratidão pela fé, pelo amor, pela esperança e pelo exemplo dos colossenses (1.3-8). Em seguida, desenvolve um hino majestoso a Cristo, enfatizando sua função na criação e na redenção (1.15-23). À luz do insuperável valor de Cristo e de sua obra, Paulo prontamente aceita o compromisso de proclamar Cristo e de sofrer por ele (1.24-2.5). Ele também apela aos colossenses para que se firmem em Cristo, em vez de seguirem especulações confusas (2.6-23).

Na segunda seção, Paulo insiste que os cristãos de Colossos moldem seu comportamento de acordo com sua fé. Visto que os crentes compartilham da ressurreição em Cristo (3.1-4), Paulo encoraja-os a

continuar vivendo para agradar a Deus. Recomenda ainda que "se despojem" dos maus hábitos e "se revistam" do caráter de Cristo (3.5-17). O verdadeiro cristianismo também age sobre os relacionamentos sociais entre maridos e esposas (3.18-19), pais e filhos (3.20-21), escravos e donos (3.22-4.1). Paulo conclui com uma nota sobre o testemunho aos descrentes (4.2-6) e com suas habituais saudações (4.7-18).

Autoria e data. A epístola foi escrita por Paulo (e Timóteo, 1.1) para uma comunidade cristã (talvez "igrejas hospedadas em casas", 1.2, 4.15) que ele ainda não havia visitado (2.1). Paulo havia estabelecido um ministério residente em Éfeso, a 160 km a oeste de Colossos. Por mais de dois anos a influência de seu ministério havia atingido "todos os habitantes da Ásia" (At 19.10). Epafras deve ter ouvido Paulo em Éfeso e, em seguida, levado o evangelho até Colossos (1.7-8; 4.12-13).

Paulo escreveu a epístola da prisão (4.3, 10, 18), mas não indicou onde estava preso. Há sugestões quanto a Cesaréia e Éfeso; o lugar mais provável, porém, é Roma (At 28.30). Sendo assim, a epístola seria datada no final dos anos 50 ou início dos 60.

Contexto histórico. Falsos ensinos haviam crescido em Colossos. Estes eram uma combinação de leis judaicas (2.16) e de especulações pagãs (2.8); é possível que isto tenha sido resultante de uma forma primitiva de Gnosticismo. Tal ensino pretendia acrescentar algo ao evangelho, que, ao menos indiretamente, havia surgido de Paulo. Parte dos acréscimos mencionados pelo apóstolo são festas e observâncias, algumas das quais relacionadas a Astrologia (2.16), além de uma lista de regras (2.20). Tais práticas haviam sido incluídas em um tipo de filosofia na qual os anjos desempenhavam uma função especial (2.18); Paulo chama tal filosofia de "rudimentos do mundo" (2.8).

Contribuição teológica. Paulo desmascara o falso ensino como "vãs sutilezas ... dos homens" (2.8), que têm "aparência de sabedoria" (2.23), mas sem proveito algum. Declara que o acréscimo de tais coisas enfraquece a fé, em vez de fortalecê-la (2.20).

No entanto, Paulo vai além de denunciar o falso ensino. O melhor corretivo é firmar-se na pessoa de Jesus Cristo e no que ele fez por nossa salvação. Em Cristo, "todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos" (2.3) e nele "reside toda a plenitude" (1.19). De fato, Cristo "é a imagem do Deus invisível" (1.15). Ele despojou todos os poderes e principados que se lhe opunham (2.15), cancelou todas as acusações contra nós (2.14) e realmente reconciliou "consigo mesmo todas as coisas" (1.10). Jesus não é apenas o cabeça da igreja (1.18), como também é antes dos tempos, está acima de todo o poder e é o fim de toda a história (1.16).

Essa bela epístola sobre a majestade de Jesus Cristo fala a respeito de nós tanto quanto dos colossenses. Lembra-nos que Jesus Cristo é suficiente para cada necessidade e continua sendo o maior poder no mundo.

COLOSSOS - cidade na província romana da Ásia (leste da Turquia), situada no vale do Lico, por volta de 160 quilômetros a leste de Éfeso. O apóstolo Paulo escreveu uma carta à igreja de Colossos (Cl 1.2). A comunidade cristã em Colossos cresceu, aparentemente, sob a liderança de Epafras (Cl 1.7; 4.12) e Arquipo (Cl 4.17; Fl 2). Filemon e Onésimo viviam em Colossos (Cl 4.9).

A cidade formava um triângulo com outras duas cidades do vale do Lico, Hierápolis e Laodicéia, ambas mencionadas no Novo Testamento. Já no século 5 a.C., Colossos era conhecida como uma cidade próspera; mas, por volta do início da era cristã, foi ofuscada por seus dois vizinhos. Conseqüentemente, sua reputação passou a ser a de uma pequena cidade.

Pouco tempo depois de o apóstolo Paulo enviar sua epístola a Colossos, as cidades do vale do Lico sofreram um terremoto devastador em 61 d.C. Mas foram logo reconstruídas; até mesmo Laodicéia, que havia sofrido os maiores danos. Embora Colossos fosse progressivamente ofuscada por Hierápolis e Laodicéia, manteve importância considerável no segundo e no terceiro séculos d.C. Mais tarde, sua população transferiu-se para Chonai (moderna Honaz), a três milhas ao sul. A colina que assinala a posição de Colossos permanece desabitada ainda hoje.

COLUNA DE FOGO E DE NUVEM - fenômeno pelo qual Deus guiou os israelitas durante sua viagem pelo deserto após a partida do Egito (Êx 14.24). A coluna de fogo e de nuvem é mencionada pela primeira vez em Êx 13.21-22, texto no qual são descritas algumas de suas características. Na forma de nuvem durante o dia e de fogo à noite, a coluna era constantemente vista pelos israelitas. Por meio de tal fenômeno, Deus conduziu o povo em sua jornada da fronteira do Egito em direção à terra prometida. Como coluna de fogo, produzia luz suficiente para que as pessoas viajassem à noite.

A coluna de fogo e de nuvem também foi uma sinal visível ou representação da presença de Deus para com o seu povo. Em certo sentido, Deus estava presente na coluna (Êx 14.24); nela, Deus "desceu" à tenda da congregação (Nm 12.5) e apareceu no tabernáculo (Dt 31.15).

Após a construção do TABERNÁCULO no deserto, este foi coberto por uma nuvem que tinha a aparência de fogo à noite. Embora a nuvem não seja descrita como coluna, deve ter sido o mesmo fenômeno. Enquanto a coluna permanecia à porta do tabernáculo, o povo não levantava acampamento, mas quando ela se levantava, o povo punha-se a caminho. Onde quer que ela se fixasse novamente seria o novo lugar de parada.

COMBUSTÍVEL - qualquer tipo de material que, queimado, produzisse calor ou luz. Na Palestina, a madeira e outras fontes de combustível são raras. As pessoas usavam praticamente qualquer substância inflamável como combustível. A Bíblia fala sobre a erva do campo (Lc 12.28) e o esterco (Ez 4.15) como combustíveis usados para cozinhar alimentos. O azeite era usado para produzir luz (Êx 25.6).

COMER - consumo de alimento durante refeições. Os israelitas comiam pela manhã e à noite (Êx 16.12; Jo 21.4-5, 12). No entanto, esse costume não impedia refeições leves nos intervalos. Por exemplo, os trabalhadores comiam uma refeição leve ao meio-dia (Rt 2.14). Os israelitas tinham o costume de lavar as mãos antes e depois de comer (Mt 15.2; Lc 11.38), pois a comida era levada à boca com os dedos. Orações também eram oferecidas antes das refeições (1Sm 9.13) em honra a Deus, que havia enviado a chuva e a colheita.

Assim como os gregos e os egípcios antigos e os árabes modernos, o povo hebreu sentava-se para comer, provavelmente em esteiras espalhadas pelo chão (Gn 27.19; Jz 19.6). Mais tarde, adotaram a prática de reclinar sobre almofadas, sofás ou divãs (Et 1.6; 7.8).

COMERCIANTE (veja PROFISSÕES E OCUPAÇÕES).

COMÉRCIO - atividade de compra e venda nos tempos bíblicos. Geralmente viagens eram necessárias para a condução dessa atividade.

A nação de Israel dispunha de pouco no que se refere a recursos naturais. No entanto, sua posição geográfica tornava-a um corredor estratégico através do qual passava todo o tráfego militar e econômico entre a Europa, a Ásia e a África. Importantes estradas do Egito cruzavam desde o deserto sul até Cades-Barnéia e Elate e,

então, prosseguiam pelo norte ao longo do deserto através de Moabe, Hesbom, Amom e Ramote-Gileade até Damasco. Várias estradas secundárias seguiam pela cordilheira de Berseba e Hebrom a Jerusalém, Dotã e Bete-Seã; em seguida, junto ao vale do Jordão de Jericó a Galiléia. Diversas estradas de leste a oeste ligavam a costa às cidades e aldeias do interior.

A rota principal por Canaã era o "caminho do mar"; importante rodovia ao lado da costa do Egito através de Gaza e Asquelom até Jope. Em virtude dos pântanos ao longo da costa central, essa estrada desviava-se no interior para Afeca e em direção ao norte pela passagem de Aruna através das montanhas do Carmelo até Megido. Em Megido, a estrada dividia-se: a oeste, continuava ao longo da costa até os portos fenícios de Aco, Tiro e Sidom; a leste, atravessava a planície de Jezreel, na baixa Galiléia, até Cafarnaum, Hazor, Dã e Damasco, onde se unia à estrada que vinha de Gileade.

A importância militar estratégica dessa estrada estava no fato de que as nações combatiam para controlar as principais cidades e licenças de passagem em Megido e Hazor. Por causa do constante declínio e fluxo de exércitos e comerciantes, Israel foi grandemente influenciada pelas nações vizinhas. Como resultado, a nação tornou-se fator proeminente no comércio internacional.

A riqueza de Israel era inicialmente agrícola. O grão, especialmente o trigo e a cevada, crescia abundantemente nos vales ao longo das colinas de Judá e Samaria. Os dois itens compunham a principal colheita de exportação. Figos, uvas e azeitonas também eram abundantes na região montanhosa de Judá.

A terra ao redor de Hebrom produzia videiras excelentes (Nm 13.23-24). Grandes quantidades de passas e vinho eram produzidas na região para consumo doméstico e exportação. As azeitonas eram usadas tanto como alimento como podiam ser moídas para produzir óleo comestível. O azeite de oliva também era usado em lamparinas ou como loção corporal, tornando-o um artigo de grande importância na economia da região.

Havia grandes criações de ovelhas e bois na Palestina (1Sm 16.11; Jo 10.1-6). A lã e o agasalho feitos desses produtos eram importantes fontes de receita.

O peixe era pescado ao longo da costa do mar Mediterrâneo e no mar da Galiléia. A parte norte da costa do Mediterrâneo também era fonte de mariscos, usados na produção de um corante púrpura muito valioso. Amplas indústrias têxteis, que usavam tanto a lã como o linho da planície costeira, produziam o inconfundível tecido púrpuro tírio, que tinha grande procura em todo o Mediterrâneo. Lídia de Filipos e Tiatira tinham relações comerciais (At 16.14).

O extremo sul do vale do Jordão e o mar Morto eram o lugar de origem de uma grande e próspera indústria de mineração de sal. A cidade de Jericó parece ter-se envolvido nessa atividade já em 6000 a.C.

Asfalto ou betume eram facilmente obtidos de minas de piche na região do mar Morto (Gn 11.3; 14.10). Tal substância era usada como calafetação de navios e balsas, argamassa em construção e na produção de monumentos e jóias. A madeira das montanhas do Líbano também era um importante produto comercial.

Pequena quantidade de cerâmica era exportada de Israel, com exceção de recipientes simples para vinho e azeite. A cerâmica israelita era de ordem mais prática e menos artística que a filistéia e a grega.

Israel também não exportava grande porção de alimentos, exceto durante a época de Salomão quando as minas de cobre no Sinai e as minas de ferro na Síria eram exploradas comercialmente.

A manufatura de pedras de moinho constituía indústria de alta qualidade da

pedra de basalto encontrada nas colinas vulcânicas do norte da Galiléia. Estas eram embarcadas para lugares distantes como Espanha, Itália e norte da África.

Durante o início do reino unido sob a liderança de Davi e Salomão, Israel controlou todas as principais rotas comerciais da região. Era impossível embarcar qualquer produto em qualquer lugar entre a Ásia Menor, o vale da Mesopotâmia e o Egito sem passar pelo território controlado por Israel. Pesados impostos, incluindo os de importação e exportação, sobre mercadorias que passavam por Israel geravam grandes somas de dinheiro. Tais receitas financiaram parte da construção de esmerados palácios e templos além de grandes obras públicas e projetos militares (1Rs 5-7; 1Cr 29.1-5; 2Cr 1.14-17).

O texto de Ezequiel 27.1-24 menciona vários produtos comercializados por toda a cidade de Tiro. É provável que Israel também tenha comercializado esses artigos. Grande parte do material era levado por camelos ou jumentos, mas carros puxados por bois também eram bastante usados (Gn 37.25).

Por volta da época do Novo Testamento, viajar era relativamente simples e consideravelmente mais seguro que em épocas mais antigas. O estabelecimento do controle romano sobre o mar Mediterrâneo e as terras ao seu redor tiveram papel fundamental para abolir a pirataria e roubos em estradas no período do império. O sistema romano de estradas ligava todas as regiões do império, tornando as viagens muito mais fáceis.

Quando se tratava de longas distâncias, viagens de navio eram comuns (Jn 1; At 13.4; 27.1-44). Oficiais do governo e pessoas de bens usavam com freqüência vários tipos de carros (At 8.28) e cadeiras portáteis (Ct 3.6-10; liteira, ARA). Cavalos eram normalmente usados por razões militares (At 23.23-24).

Mas, para muita gente, o transporte era feito no lombo de um jumento ou a pé. Os pedestres conseguiam andar cerca de 25 quilômetros por dia. Em circunstâncias normais, a viagem de Maria e José, de Nazaré a Belém (Lc 2.1-7), teria levado, provavelmente, cinco dias. Levando-se em conta a gravidez de Maria e sua impossibilidade de viajar com facilidade, tal viagem deve ter levado duas semanas ou mais.

COMINHO (veja PLANTAS DA BÍBLIA)

COMPAIXÃO - sentimento de piedade e tristeza em favor dos desventurados. Nesse sentido, a compaixão é o lado emocional da misericórdia, o desejo de ajudar pessoas nesse estado. A compaixão pode ser produzida por Deus, especialmente na função de Pai celestial de seus filhos (Sl 103.13). Também pode ser manifestada por outros (Sl 103.13; Mt 18.33; Lc 10.33). Veja também MISERICÓRDIA.

COMPASSO (veja FERRAMENTAS DA BÍBLIA).

COMPRA - aquisição de mercadorias ou propriedades em troca de dinheiro. A Bíblia contém muitas referências às práticas de compra e venda. Abraão comprou a caverna de Macpela, perto de Hebrom (Gn 23); Davi comprou a eira de Araúna, o jebuseu (2Sm 24.18-25). O profeta Amós denunciou os que enganavam os pobres em seus negócios (Am 8.5-6).

O mundo do comércio fornece uma das mais belas descrições do sacrifício de Cristo encontradas na Bíblia. De acordo com o apóstolo Paulo, a igreja fundada por Jesus havia sido comprada com o seu próprio sangue (At 20.28). O preço pago é a medida da importância que Deus dá ao seu povo.

COMUNHÃO - partilhar de coisas em comum com outras pessoas. No Novo

Testamento, a comunhão tem um sentido espiritual perceptível. A comunhão pode ser afirmativa ou negativa.

No sentido afirmativo, os cristãos têm comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Jo 17.21-26; Fl 2.1; 1Jo 1.3), assim como com outros crentes (At 2.42; 1Jo 1.3, 7). O único motivo pelo qual nos atrevemos a ter comunhão com Deus, no sentido de compartilhar algo em comum com ele, é que ele elevou nossa condição por meio da morte e da ressurreição de Cristo (Ef 2.4-7). O que os cristãos compartilham em comum com Deus é um relacionamento, assim como o próprio caráter santo de Deus (1Pe 1.15). Aqueles que têm comunhão com Cristo devem desfrutar da mesma comunhão com outros crentes, uma participação que deve ilustrar a natureza do próprio Deus (Jo 13.35; Ef. 51-2; 1Jo 1.5-10).

No sentido negativo, os crentes não têm comunhão com descrentes. Isso significa que não devem compartilhar do estilo de vida pecaminoso dos não-cristãos. (2Co 6.14-18). Não quer dizer, no entanto, que os crentes não devem ter nenhuma relação com os descrentes. A Bíblia ensina claramente que os crentes são responsáveis por ajudar os descrentes e compartilhar com eles o evangelho (Mt 28.16-20; Mc 16.15-16; 1Co 9.16-17).

COMUNHÃO DE BENS - prática voluntária através da qual alguns cristãos do Novo Testamento compartilharam desinteressadamente suas posses disponíveis com outros cristãos (At 2.44-47; 4.32-5.11).

O livro de Atos relata que "os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes" aos apóstolo para distribuição (At 4.34-35). Isto não significa necessariamente que todos os cristãos tenham vendido todos os bens imóveis que possuíam. A referência parece ser feita a casas e terras que não as de habitação familiar.

A tragédia de Ananias e Safira mostra que a venda de terra e outros bens dos primeiros cristãos era parcial e voluntária (At 5.1, 4). No entanto, existe uma profunda verdade que não deve ser desconsiderada: "Ninguém considerava sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum" (At 4.32). A ênfase deveria ser colocada não na venda de propriedades, mas na atitude generosa dos cristãos (At 2.45; 4.34). Este é o espírito da verdadeira união em Jesus Cristo.

Veja também Vida em Comum.

CONANIAS (*o Senhor estabelece*) **-** chefe dos levitas que auxiliou na celebração da Páscoa durante o reinado do rei Josias (2Cr 35.9). Em 2Cr 31.12-13, há menção a um levita de mesmo nome apontado como intendente dos dízimos e das ofertas do templo durante o reinado de Ezequias.

CONCÍLIO - reunião de pessoas para discutir assuntos importantes e tomar decisões (At 25.12, conselho). As palavras gregas normalmente traduzidas por concílio podem referir-se ao lugar onde um concílio se reúne, ao grupo propriamente dito ou à reunião. No Novo Testamento, concílio é um termo técnico que se refere, freqüentemente, ao concílio supremo dos judeus, o Sinédrio.

Nos tempos romanos, o sinédrio consistia no mais alto grupo governamental judaico da província da Judéia, no sul da Palestina. O concílio, ou o Sinédrio, era composto de sumos sacerdotes, anciãos e escribas. Esse concílio era a maior autoridade em assuntos legais, governamentais e religiosos; podia exercer seus poderes até o ponto em que não infringisse a autoridade romana. Normalmente, Roma confirmava e executava as sentenças de morte que passavam pelo Sinédrio judaico.

Grande parte das referências do Novo Testamento ao Sinédrio aparecem com relação ao julgamento de Jesus (Mt 26.59;

Mc 14.55; 15.1; Jo 11.47) e à oposição do trabalho da igreja primitiva (At 5.21). O Sinédrio tornou-se o foco da oposição judaica ao início do cristianismo (At 4.15; 5.21; 6.12; 22.30; 23.1; 24.20).

O concílio também pode ser um ajuntamento de pessoas, como em Mt 12.14, no qual os fariseus, indignados com a cura e os ensinos de Jesus, saíram da sinagoga e conspiravam contra ele. Durante o julgamento de Paulo diante de Festo, este consultou-se com tal concílio. O grupo era provavelmente formado por conselheiros políticos do distrito que governava.

CONCÍLIO DE JERUSALÉM (veja JERUSALÉM, CONCÍLIO DE)

CONCUBINA - na época do Antigo Testamento, escrava ou serva com quem um homem tinha permissão legal para manter relações sexuais.

A primeira menção de uma concubina ocorre em Gn 22.24, texto no qual Reumá é descrita como concubina de Naor, irmão de Abraão. Entre outros homens do Antigo Testamento que tinham tais escravas estavam Abraão (Gn 25.6), Jacó (Gn 35.22), Elifaz (Gn 36.12), Gideão (Jz 8.31) e Saul (2Sm 3.7).

Sarai apresentou AGAR, sua serva egípcia, a Abraão como concubina para que ele fosse pai por meio de Agar (Gn 16.2-3). Aparentemente, esta era uma prática comum durante o período patriarcal na história de Israel. Os hebreus antigos davam grande valor à concepção de filhos. Se um casal permanecesse sem filhos depois de vários anos de união conjugal, o marido normalmente teria filhos de uma concubina.

Na época da monarquia em Israel, a prática de ter concubinas aparentemente era uma privilégio somente dos reis. O rei SALOMÃO é especialmente lembrado por suas muitas concubinas (1Rs 11.3). Muitas destas eram estrangeiras. As concubinas de Salomão conduziram-no à queda, trazendo suas religiões pagãs e introduzindo a idolatria na terra (1Rs 11.1-3; Ne 13.25-27).

No mundo antigo, as concubinas eram protegidas por lei; por isso, não podiam ser vendidas caso não mais fossem de interesse de seu senhor. A Lei de Moisés também reconhecia seus direitos, protegendo-as contra tratamento impiedoso e duro (Êx 21.7-11; Dt 21.10-14).

CONCUPISCÊNCIA - desejo ardente pelo que é proibido; luxúria, desejo sexual obsessivo. Embora haja desejos legítimos que Deus supre (Dt 12.15, 20-21), a concupiscência, ou cobiça, é a ânsia por coisas que são contrárias à vontade de Deus. A cobiça pelas "coisas más" (1 Co 10.6), como a dos israelitas no deserto, deve ser evitada pelos cristãos.

O crente pode resistir à concupiscência através do poder do Espírito Santo. A carne, com suas paixões e concupiscências, deve ser crucificada (Gl 5.24; Tt 2.12).

Algumas traduções mencionam cobiça (Rm 7.8, NTLH); lascívia (1Ts 4.5; desejo de lascívia, ARA; paixões sexuais baixas, NTLH);

CONDENAR, CONDENAÇÃO - declarar uma pessoa culpada e merecedora de punição. Condenar e condenação são temos jurídicos, o oposto a JUSTIFICAR e JUSTIFICAÇÃO (Mt 12.37; Rm 5.16, 18). Somente Deus é o juiz das pessoas. Em sua exigência por justiça, o pecado leva invariavelmente a condenação e morte.

A missão de Jesus não era condenar o mundo, mas salvá-lo ao carregar sobre si o pecado que pertencia ao seu povo (Jo 3.17-18). Não há condenação para pecadores que tenham se arrependido e crêem nele. Jesus não somente carregou as conseqüências do pecado, como também condenou (destruiu) o próprio pecado, para que os crentes sejam libertos de seu poder (Rm 8.1, 3). Visto que experimentaram um perdão gracioso, os cristãos são levados a

praticar o perdão e a evitar a vingança: "Não condeneis e não sereis condenados" (Lc 6.37).

CONFEITOS - palavra usada em referência a um produto da Palestina exportado aos mercados de Tiro (Ez 27.17). O nome refere-se, provavelmente, a algum tipo de doce ou massa, talvez bolos de figo.

CONFIRMAR, CONFIRMAÇÃO - estabelecer, ratificar ou fortalecer um acordo ou aliança. Na Bíblia, as palavras são usadas como voto ou forma de juramento (Nm 30.13-14); transação de resgate ou troca (Rt 4.7); pacto ou estatuto (Dn 9.27; Gl 3.15, 17); pessoa (Dn 11.1); promessas (Rm 15.8); testemunho de Cristo (1Co 1.6); evangelho (Fl 1.7); e salvação (Hb 2.3).

CONFISSÃO - reconhecimento de pecados (1Jo 1.9); profissão de fé nas doutrinas de uma fé em particular. Na Bíblia, grande parte dos usos da palavra recai nas duas categorias. Exemplos de confissão de pecado podem ser encontrados nas palavra de Josué a Acã (Js 7.19); na confissão durante a Páscoa por ocasião do reinado de Ezequias (2Cr 30.22); e na convocação de Esdras para que o povo admitisse os danos decorrentes de casamentos com esposas pagãs (Ed 10.11).

A Bíblia também usa a palavra "confissão" para descrever uma proclamação aberta, corajosa e audaciosa da fé. O apóstolo Paulo escreveu: "Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação" (Rm 10.9-10).

CONGREGAÇÃO - reunião ou ajuntamento de pessoas para adoração e ensino religioso; comunidade religiosa, tal como o povo de Israel ou a igreja cristã.

No Antigo Testamento, a palavra "congregação" é a tradução de várias palavras hebraicas que têm a idéia de "encontro marcado" ou "assembléia". Tais expressões apontavam para Israel como a comunidade da lei, uma "assembléia sagrada", reunida por Deus e escolhida para ser o povo da sua aliança. Como tal, o termo "congregação" era um constante lembrete a Israel da mão de Deus sobre o seu destino. Sempre que a lei de Deus era lida em reunião solene da congregação era renovado o privilégio sagrado de Israel como seu povo sob as promessas da aliança.

A expressão "ajuntamento da congregação de Israel" (Êx 12.6) refere-se ao maior grupo do povo hebreu. Um israelita pertencia, no nível mais básico, a uma casa, depois a uma família (grupo de casas), em seguida a uma tribo (grupo de famílias) e, por fim, a uma congregação (grupo de tribos). Portanto, o "ajuntamento da congregação de Israel" refere-se à toda a nação de Israel ou ao povo de Deus.

No Novo Testamento, o termo "congregação" é usado somente duas vezes (At 7.38; Hb 2.12; ARA). As duas palavras gregas traduzidas por congregação, no entanto, ocorrem com freqüência em outras passagens do Novo Testamento. Originalmente, tais termos - *ekklesia* e *synagoge* - podiam ser usados indistintamente. No entanto, começaram a adquirir significados especializados e diferentes à medida que a ruptura entre a igreja cristã (*ekklesia*) e a sinagoga judaica (*synagoge*) tornava-se mais hostil. As palavras logo passaram a se referir a crenças religiosas rivais.

CONGREGAÇÃO, MONTE DA - lugar onde Deus é entronizado, quer no céu, quer na terra (Is 14.13).

CONHECIMENTO - verdades ou fatos da vida que uma pessoa adquire, quer por experiência, quer por raciocínio. A maior

verdade que uma pessoa pode possuir na mente ou aprender por meio da experiência é a verdade acerca de Deus (Sl 46.10; Jo 8.31-32). Esta não pode ser obtida pelo raciocínio humano (Jó 11.7; Rm 11.33), mas somente pela revelação de Deus sobre si mesmo - na natureza e na consciência (Sl 19; Rm 1.19-20); na história ou na providência (Dt 6.20-25; Dn 2.21); e especialmente na Bíblia (Sl 119; Ap 1.1-3).

O conhecimento mental por si mesmo, por melhor que seja, é inadequado; é capaz apenas de produzir orgulho (1Co 8.1; 13.2). O conhecimento moral afeta a vontade de uma pessoa (Pv 1.7; 3.11-12; 1Jo 4.6). É conhecimento que influencia o coração, não apenas a mente. O livro de Provérbios trata principalmente desse tipo de conhecimento. O conhecimento empírico é adquirido por experiência (Gn 4.1; 2Co 5.21; 1Jo 4.7-8).

O desejo do apóstolo Paulo para a igreja de Colossos era que crescessem no "conhecimento de Deus" (Cl 1.10).

CONIAS - variação de JOAQUIM.

CONSAGRAÇÃO - ato de separar, ou dedicar, algo ou alguém como instrumento de Deus. No Antigo Testamento, o templo e seus ornamentos eram os objetos mais importantes consagrados ao Senhor. (2Cr 7.5-9; Ed 6.16-17); Arão e seus filhos foram consagrados ao sacerdócio (Êx 29; Lc 8). Mas, mesmo espólios de guerra (Js 6.19; Mq 4.13) e gado podiam ser consagrados (Lc 27.28). Antes do início do sacerdócio na história de Israel, o primogênito dos homens e dos animais eram semelhantemente consagrados (Êx 13.2). No entanto, após o início do sacerdócio, a tribo de Levi substituiu esse tipo de consagração (Nm 3.12).

CONSCIÊNCIA - qualidade de uma pessoa estar ciente com relação à vontade de Deus ou de se afastar dela, resultando em um senso de aprovação ou condenação.

O termo praticamente não aparece no Antigo Testamento (à exceção de Jó 27.6, ARA), mas o conceito existe. Davi, por exemplo, ficou emocionalmente derrotado por sua falta de verdade diante do poder de Deus (2Sm 24.10). Mas sua culpa tornou-se em alegria quando buscou o perdão do Senhor (Sl 32).

No Novo Testamento, o termo "consciência" é encontrado mais freqüentemente nos textos do apóstolo Paulo. Alguns argumentam erroneamente que a consciência substitui a lei externa do Antigo Testamento. No entanto, a consciência não é o padrão mais elevado de excelência moral (1Co 4.4). Sob a antiga e a nova aliança, a consciência deve ser formada segundo o parâmetro da vontade de Deus. A lei concedida a Israel estava escrita nos corações dos crentes (Hb 8.10; 10.16); assim, a consciência sensibilizada é capaz de discernir o juízo de Deus contra o pecado (Rm 2.14-15).

A consciência do cristão foi purificada pela obra de Jesus Cristo; não mais tem o poder de acusar e condenar (Hb 9.14; 10.22). Os crentes devem trabalhar para manter pura a consciência. Devem também tomar cuidado para não encorajar outros a agir contra sua própria consciência. Agir contrariamente ao impulso da consciência de uma pessoa é errado, pois atitudes que contrariam a consciência não podem ser provenientes da fé (1Co 8.7-13; 10.23-30).

CONSELHEIRO - aquele que dá conselhos ou idéias (Pv 11.14), especialmente o conselheiro real (2Sm 15.12; 1Cr 27.33), ou um dos chefes de governo (Jó 3.14; Is 1.26). Em Mc 15.43 e Lc 23.50, a palavra designa um membro do conselho (do SINÉDRIO). Veja também PROFISSÕES E OCUPAÇÕES.

CONSOLADOR - palavra usada por Jesus para descrever o ESPÍRITO SANTO (Jo 14.16,

26; 15.26; 16.7). A palavra grega foi traduzida em outras versões da Bíblia em português por auxiliador (NTLH), paráclito (TB), assim como conselheiro (NVI). Essa palavra grega tem um sentido tão complexo que é difícil ser traduzida por um só termo.

O Espírito Santo é chamado por Jesus para ajudar, estar ao nosso lado, fortalecer e dar auxílio quando necessário. O Espírito Santo é o "outro" Consolador (Jo 14.16). Assim como Jesus era o grande Consolador enquanto estava na terra, agora o Espírito Santo é nosso Ajudador, se desejarmos seu auxílio.

Veja também ESPÍRITO SANTO.

CONSTELAÇÕES (veja ASTRONOMIA).

CONSTRUTOR (veja PROFISSÕES E OCUPAÇÕES).

CONSULTAR AO SENHOR - buscar o conselho e a orientação de Deus. A expressão ocorre com freqüência no Antigo Testamento (Gn 25.22; 2Sm 2.1). Entre os métodos pelos quais Deus fazia sua vontade conhecida estavam a COLUNA DE NUVEM E DE FOGO, o URIM E TUMIM e as palavras dos profetas.

CONSUMAÇÃO (veja ESCATOLOGIA).

CONSUMADOR - pessoa que conclui um projeto. A palavra refere-se a Jesus (Hb 12.2). A raiz grega indica conclusão ou finalização.

CONTENTAMENTO - liberdade da ansiedade ou da preocupação (1Tm 6.6). A idéia de contentamento tem origem em uma palavra grega que significa "independência" ou "auto-suficiência" . Mas o apóstolo Paulo usou a palavra com um sentido cristão para mostrar que a real satisfação ou suficiência vem de Deus: "tudo posso naquele que me fortalece" (Fl 4.13).

CONTRATAR (veja SALÁRIO).

CONTRITO - condição de espírito ou do coração que agrada a Deus e é por ele aceito (Sl 34.18; ARC e TB; espírito oprimido, ARA; os que perderam a esperança, NTLH; Sl 51.17). As pessoas que têm um espírito contrito choram pelas transgressões cometidas e expressam profunda tristeza por seus pecados (veja também Mt 5.4; Lc 6.21; 2Co 7.10).

CONVERSÃO - mudança inicial de atitude e vontade que conduz uma pessoa ao relacionamento correto com Deus. A palavra "conversão" é mencionada como substantivo somente no Novo Testamento, referindo-se à conversão dos gentios (At 15.3). No entanto, a Bíblia tem vários exemplos de pessoas convertidas.

A descrição mais completa ocorre nas palavras ditas a Saulo de Tarso em sua conversão: "Para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim" (At 26.18).

A conversão envolve voltar-se das obras do mal e da falsa adoração e dirigir-se para o serviço e a adoração a Deus. A conversão assinala um novo relacionamento entre Deus e a pessoa, o perdão de pecados e a nova vida como parte da comunhão do povo de Deus.

Estreitamente relacionadas à conversão estão a fé e o arrependimento. Este último significa voltar-se do pecado; a fé é voltar-se para Deus. Desse modo, a conversão é mais que a troca de um conjunto de crenças por outro; é voltar-se sinceramente para Deus.

A experiência interna de conversão é, por vezes, mencionada como novo nascimento (Jo 3.3-8). Essa expressão foi usada por Jesus em sua conversa com Nicodemos. O novo nascimento refere-se a uma mudança tão radical, que só pode

ser descrito com a metáfora do surgimento de uma nova vida. Assim como o bebê entra no mundo físico com uma existência completamente nova, a conversão é um novo começo espiritual no relacionamento de uma pessoa com Deus.

A experiência de conversão pode ser diferente para cada indivíduo. A conversão de Paulo foi inesperada e radical (At 9.1-6), enquanto a de Lídia (At 16.14-15), gradual e tranqüila. No entanto, os resultados da conversão são sempre uma mudança nítida de atitude e uma nova direção para a vida.

CONVICÇÃO DE PECADO - processo de condenação de uma pessoa, por sua própria consciência, como pecadora em virtude das exigências de Deus. A idéia da convicção de pecado é um dos temas principais das Escrituras, embora a expressão não seja usada (Sl 32; 51; At 2.37; Rm 7.7-25). O agente da convicção é o Espírito Santo (Jo 16.7-11); o meio utilizado para sua expressão é a Palavra de Deus (At 2.37) ou a revelação geral de Deus quanto às suas ordens através da natureza e da consciência de uma pessoa com respeito ao que é certo e errado (Rm 1.18-20; 2.15). O propósito da convicção é conduzir as pessoas ao arrependimento de seus pecados (At 2.37-38; Rm 2.1-4) e voltar-se a Deus para salvação e vida eterna.

CONVIDADO (veja Hóspede)

CONVOCAÇÃO - ajuntamento sagrado do povo de Israel para descanso e adoração (Lv 23.2, 4, 37). Sempre que a palavra "convocação" aparece na Bíblia, é precedida pela palavra "santa". Nos grandes dias de festa, o povo era convocado com trombetas de prata (Nm 10.2). Tais convocações incluíam os Sábados (Lv 23.3), a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos (Lv 23.5-6), a Festa de Pentecostes ou das Semanas (Lv 23.15-21), a Festa das Trombetas (Lv 23.24), a Festa dos Tabernáculos (Lv 23.24) e a grande festa anual, o Dia da Expiação (Lc 23.27).

COORTE - uma das dez divisões de uma legião romana antiga. A legião romana tradicional consistia em seis mil soldados; a coorte era formada de aproximadamente 600 homens, embora esse número pudesse variar. O livro de Atos menciona a Coorte Italiana (At 10.1; batalhão, NTLH) e a Coorte Imperial (At 27.1; Batalhão do Imperador, NTLH; Coorte Augusta, ARC, TB).

COORTE IMPERIAL - uma das cinco coortes, ou regimentos, do exército romano posicionada em Cesaréia ou nas redondezas. Enquanto o apóstolo Paulo foi transportado para Roma como prisioneiro, estava sob a responsabilidade de um "centurião chamado Júlio, da Coorte Imperial" (At 27.1). Uma coorte era formada por cerca de 600 homens de infantaria.

COPEIRO (veja Profissões e Ocupações).

CORÁ - nome de quatro homens do Antigo Testamento:

1. O terceiro filho de Esaú com sua esposa Oolibama (Gn 36.5). Nascido em Canaã, Corá tornou-se chefe de uma tribo edomita (Gn 36.18).
2. Neto de Esaú por meio de Elifaz. Corá era chefe edomita (Gn 36.16).
3. Levita que, ao lado de Datã, Abirão e Om da tribo de Rúben, conduziram uma revolta contra a liderança de Moisés e Arão (Nm 16.1-49). Corá era filho de Isar e primo de Moisés e Arão (Êx 6.21). Tinha, na tribo de Levi, a mesma posição que Arão.

Aparentemente, Corá tinha ciúme de Arão por ser este o sumo sacerdote. Os rubenitas eram descendentes do filho mais velho de Jacó. Pensavam que a responsabilidade de liderar Israel deveria

caber à sua tribo e não à tribo dos levitas. Os quatro chefes reuniram 250 líderes da congregação, responsabilizando publicamente Moisés e Arão por abuso de poder. Reivindicaram que todos os membros da congregação deveriam ter igual acesso ao Senhor.

Moisés entregou a disputa nas mãos de Deus, orientando Corá e seu grupo a levarem recipientes de incenso como oferta ao Senhor. Corá sujeitou-se à orientação e foi com sua congregação até a porta do tabernáculo onde o Senhor apareceu e ameaçou consumi-los "num momento" (Nm 16.21). Moisés e Arão intercederam, salvando a nação de Israel da destruição. A decisão quanto à liderança novamente ficou diante do Senhor enquanto Moisés instruía a congregação para se apartar "das tendas destes homens perversos" (Nm 16.26). A decisão em favor de Moisés foi expressa de modo trágico quando "a terra ... abriu sua boca" e tragou todos os homens de Corá (Nm 16.32).

Aparentemente, alguns descendentes de Corá sobreviveram e se tornaram ministros de música no tabernáculo na época de Davi (1Cr 6.31-37).

4. O filho mais velho de Hebrom, descendente de Calebe e Judá (1Cr 2.43).

CORAÇÃO - o "eu" interior que pensa, sente e decide. Na Bíblia, a palavra "coração" tem um sentido muito mais ampliado que o significado moderno. O coração é a parte central de uma pessoa. Praticamente todas as referências ao coração na Bíblia referem-se a algum aspecto da personalidade humana.

Na Bíblia, todas as emoções são experimentadas pelo coração: amor e ódio (Sl 105.25; 1Pe 1.22); alegria e tristeza (Ec 2.10; Jo 16.6); paz e amargura (Ez 27.31; Cl 3.15); coragem e medo (Gn 42.28; Am 2.16).

Acredita-se que o processo mental seja desencadeado pelo coração. A atividade intelectual corresponde ao que se conhece como "mente". Sendo assim, o coração pode pensar (Et 6.6), entender (Jó 38.36), imaginar (Jr 9.14), lembrar (Dt 4.9), ser prudente (Pv 2.10) e falar consigo mesmo (Dt 7.17). A tomada de decisões também é realizada pelo coração. Propósito (At 11.23), intenção (Hb 4.12) e vontade (Ef 6.6) são todas atividades do coração.

Finalmente, o coração normalmente refere-se ao verdadeiro caráter ou personalidade de uma pessoa. Pureza ou maldade (Jr 3.17; Mt 5.8); sinceridade ou resistência (Êx 4.21; Cl 3.22); maturidade ou rebelião (Sl 101.2; Jr 5.23) - tudo isto descreve o coração ou o verdadeiro caráter das pessoas. Deus conhece o coração de cada um (1Sm 16.7). Visto que o falar e o agir são impulsionados pelo coração, as pessoas devem guardá-lo (Pv 4.23; Mt 15.18-19). A obrigação mais importante de uma pessoa é amar a Deus de todo o coração (Mt 22.37). Com o coração, a pessoa crê em Cristo Jesus e experimenta o amor de Deus e a presença de Cristo em seu interior (Rm 5.5; 10.9-10; Ef 3.17).

CORAGEM - firmeza de propósito que habilita uma pessoa a resistir ao medo ou a uma dificuldade. A coragem física baseia-se na coragem moral - a confiança na presença e no poder de Deus e o cumprimento de seus mandamentos (Js 1.6-7, 9, 18; 23.6; 2Cr 19.11).

CORAÍTAS - parte dos levitas que descendia de CORÁ, filho de Isar e neto de Levi. Muitos coraítas tinham posições de responsabilidade no tabernáculo (Êx 6.24). Onze salmos levam a expressão "dos filhos de Corá" (Sl 42; 44-49; 84-85; 87-88).

CORAL (veja JÓIAS E PEDRAS PRECIOSAS).

CORAZIM - cidade ao norte do mar da Galiléia (veja Mapa 6, C-2) onde Jesus

realizou muitos milagres (Mt 11.21; Lc 10.13). Foi identificada com a atual Khirbet Kerazeh, que dista cerca de três quilômetros a norte de Cafarnaum (a moderna Tell Hum). Jesus proferiu um julgamento sobre Corazim por falta de arrependimento e fé.

CORBÃ (*oferta*) **-** palavra que se refere a uma oferta ou dádiva dedicada a Deus de forma especial. Uma vez que uma oferta era apresentada com a declaração de Corbã, não poderia ser retirada ou aceita de volta; seria considerada totalmente consagrada para uso especial do templo.

Jesus condenou os fariseus por encorajarem o povo a dar tais ofertas ao templo, mas negligenciarem a responsabilidade de cuidar de seus pais (Mc 7.11-13). De acordo com Jesus, esta era uma violação clara de um grande mandamento: "Honra e teu pai e a tua mãe" (Mc 7.10).

CORÇA (veja ANIMAIS DA BÍBLIA).

CORCOVAS - curvaturas convexas acentuadas no dorso dos camelos onde se reserva alimento na forma de gordura (Is 30.6). As corcovas permitiam que os camelos fizessem longas viagens com pequena quantidade de água ou comida.

CORCUNDA (veja DEFICIÊNCIAS E DEFORMIDADES).

CORDA - linha longa de fibra torcida usada para amarrar ou prender. Nos tempos bíblicos, a corda era feita de linho ou de fibras de tamareira, ou, até mesmo, de tiras de couro de camelo. Eram usadas para várias tarefas, incluindo encordoamento de barcos (At 27.32), tirantes de carro (Is 5.18), medições (2Sm 8.2) e para amarrar prisioneiros (Jz 16.11). A corda de linho era especialmente resistente e durável e normalmente usada para fazer redes de pescar.

Várias palavras nas línguas originais da Bíblia são traduzidas por corda, cordões ou algo semelhante, de acordo com o con-

Ruínas da cidade de Corazim, alvo de denúncias de Jesus.



texto. Uma corda foi necessária quando Raabe fez os dois espias descerem pela janela de sua casa (Js 2.15) ou quando os servos do rei Zedequias lançaram Jeremias em uma cisterna (Jr 38.6, 11). Mas, quando são descritos os ornamentos de linho da corte de Assuero (Et 1.6) ou os reposteiros do tabernáculo (Êx 35.18), cordões parece ser a idéia mais apropriada. Jesus fez um chicote de cordas (Jo 2.15) para expulsar os cambistas do templo.

Veja também ARMADILHA.

CORDAS, INSTRUMENTOS DE (veja INSTRUMENTOS MUSICAIS).

CORDEIRO (veja ANIMAIS DA BÍBLIA).

CORDEIRO DE DEUS - expressão usada por João Batista para descrever Jesus (Jo 1.29, 36). João identificou publicamente Jesus como "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". Em outro texto do Novo Testamento, Jesus é chamado cordeiro (At 8.32; 1Pe 1.19; Ap 5.6). O livro de Apocalipse fala 31 vezes a respeito de Jesus como cordeiro.

A referência de João a Jesus como Cordeiro de Deus chama atenção para o sistema sacrificial do Antigo Testamento. Nesse tipo de sacrifício, Deus aceitava o sangue de animais como meio de expiação para o pecado. É provável que João tivesse em mente muitos temas do Antigo Testamento quando chamou Jesus de Cordeiro de Deus. Tais temas podiam incluir a oferta pelo pecado (Lv 4), a oferta pela transgressão (Lv 5), o sacrifício no Dia da Expiação (Lv 16) e o sacrifício da Páscoa (Êx 12).

No entanto, a imagem mais forte do Antigo Testamento é a do Servo sofredor que "como cordeiro foi levado ao matadouro" (Is 53.7). Desse modo, a referida descrição a respeito de Jesus foi o prenúncio da expiação que ele próprio cumpriria em nosso favor.

Veja também JESUS CRISTO.

CORDEL - ferramenta semelhante a uma trena para tomar medidas ou marcar distâncias. Davi separou os moabitas que seriam executados dos que seriam poupados com o uso de um cordel (2Sm 8.2). Amós profetizou juízo com as seguintes palavras: "... e a tua terra será repartida a cordel" (7.17). Zacarias trouxe ânimo a Zorobabel com sua visão do anjo que levava um cordel para medir as ruínas de Jerusalém antes que se iniciasse o processo de reconstrução da cidade (Zc 2.1).

CORES DA BÍBLIA - as cores como idéia ou conceito são raramente mencionadas na Bíblia. A palavra mais comum traduzida por "cor" significa percepção, aparência ou aspecto (Lv 13.55). Expressa cor em comparação com outros materiais. A palavra que descreve pedras preciosas como "coloridas" (Is 54.11) refere-se a antimônio ou estíbio e, provavelmente, ao componente escuro normalmente usado na produção de pedras preciosas. Alguns objetos na Bíblia são descritos como tendo várias cores (Pv 7.16; Ez 27.24).

Essa terminologia que carece de definição específica na Bíblia pode ser resultado dos mandamentos de Deus aos hebreus para não fazerem imagens esculpidas ou ídolos (Êx 20.4). Os hebreus nunca foram conhecidos por serem artistas ou amantes da arte. Talvez a experiência de ter sido um povo escravo tenha contribuído para a ausência de apreciação artística.

Em vez de uma indicação específica, o brilho ou a falta de clareza de uma cor, a luminosidade ou a escuridão são mais freqüentemente enfatizadas na Bíblia. A sombra, em vez da coloração, parece ser considerada mais importante para os escritores bíblicos.

CORES NATURAIS. As cores individuais mencionadas na Bíblia classificam-se em duas categorias principais - naturais e artificiais.

Amarelo - A palavra traduzida por "amarelo" indica o amarelo do ouro (Sl 68.13); o pêlo amarelo na cabeça para indicar lepra (Lv 13.30).

Além dos cavalos preto, vermelho e branco, algumas palavras sugerem cores exclusivamente usadas para se referir a cavalos. O termo baio (Zc 1.8; morenos, ARC; Zc 6.3) pode referir-se mais especificamente a um padrão de vermelho com branco. O cavalo "amarelo" de Ap 6.8 refere-se à cor de um cadáver (pálido).

Branco - As palavras traduzidas por branco descrevem a cor de animais (Gn 30.35); o maná (Êx 16.31); o pêlo e as chagas da lepra (Lv 13.3-39); vestes (Ec 9.8; Dn 7.9); as vestes dos justos (Ap 19.8; linho finíssimo, resplandecente e puro, ARA); cavalos (Zc 1.8; Ap 6.2; 19.11); pecados perdoados (Sl 51.5; Is 1.18); o remanescente purificado (Dn 11.35; 12.10); o amado (Ct 5.10; alvo, ARA); a clara do ovo (Jó 6.6); as vestes resplandecentes dos anjos (Ap 15.6) e as de Cristo transfigurado (Mt 17.2); o cabelo (Mt 5.36); sepulcros caiados (Mt 23.27); e o grande trono de julgamento (Ap 20.11).

Preto - Uma das cores mais comuns nas Escrituras. O preto descreve a cor da noite (Pv 7.9; escuridão da noite, ARA), a doença de pele (Jó 30.30; enegrecida, ARA); o cabelo saudável (Ct 5.11; Mt 5.36); a escuridão da face de cadáveres (Lm 4.8; escurecer o aspecto, ARA); o céu (Jr 4.28); a escuridão do sol e da lua (Jl 2.10); cavalos (Zc 6.2, 6; Ap 6.5).

Verde - As palavras usadas normalmente descrevem vegetação de algum tipo. O verde descreve pastagens (Sl 23.2); erva do campo (2Rs 19.26); árvores em geral (Dt 12.2; Lc 23.31; Ap 8.7); o leito matrimonial (em sentido figurado, Ct 1.16; viçosas folhas, ARA; grama verde, NTLH); o hipócrita comparado a ervas ou rebentos novos que saem ao sol (Jo 8.16); relva (Mc 6.39). "Esverdinhada" é um termo usado para manchas de praga (Lv 13.49; 14.37), assim como para a cor do ouro.

Vermelho - Várias palavras traduzidas por vermelho descrevem objetos naturais, tais como o ensopado de Jacó (Gn 25.30); as novilhas para sacrifício (Nm 19.2); o vinho (Pv 23.31); o recém-nascido Esaú

Os gregos pintavam os templos com cores vivas, como se vê nessa reconstrução de um trecho do Pártenon, em Atenas.



(Gn 25.25; ruivo, ARA; vermelho, NTLH); os olhos de Judá (Gn 49.12; cintilantes de vinho, ARA; vermelhos de beber vinho, NTLH); os olhos dos beberrões (Pv 23.29); e o dragão (Ap 12.3).

Colorações artificiais. Cores artificiais, tais como tintas e corantes, eram largamente usadas no mundo antigo, Na Babilônia, os tijolos eram feitos de diferentes cores, algumas resultavam dos diferentes tipos de argila, outras dos processos de fabricação. Os egípcios faziam tintas de várias substâncias. Os israelitas tinham uma indústria têxtil avançada. Eram exímios não apenas em tecelagem como também em tingimento.

Visto que algumas tintas eram feitas a partir de fontes vegetais ou de moluscos, o controle de qualidade era difícil. As cores acabadas eram normalmente impuras e sem exatidão. Isto devia-se ao fato de muitos corantes serem mantidos como receitas de família que, por vezes, se perdiam ou eram alterados.

As colorações artificiais a seguir são mencionadas na Bíblia.

Azul - Durante os tempos bíblicos, o azul era uma tintura de grande importância, derivada de algumas espécies de molusco. O pano tingido com essa cor era usado como peça padrão nas tapeçarias do tabernáculo (Êx 26.1) e nos reposteiros do Templo (2Cr 2.7). A cor também era usada em ornamentos reais (Et 1.6; 8.15) e em vestes de pessoas de posses (Jr 10.9; Ez 23.6).

Púrpura. A tintura antiga mais preciosa era a púrpura. Em Ugarite, cidade dos cananeus, a lã era freqüentemente tingida com essa cor. A Fenícia teve seu nome derivado da origem dessa cor. A palavra "Canaã" provavelmente significa "terra de púrpura". A tinta especificamente pode ter surgido do marisco encontrado no mar Mediterrâneo. Um total de 250 mil moluscos era necessário para produzir 30 gramas da tinta, o que explica seu alto preço na nação de Israel.

O Senhor prescreveu o uso da púrpura em diversos ornamentos do tabernáculo; tais como as cortinas (Êx 26.1) e os reposteiros (Êx 27.16). Era também uma parte essencial do templo (2Cr 2.14).

A púrpura era a cor das vestes reais (Jz 8.26), assim como da roupa de pessoas ricas (Pv 31.22; Lc 16.19), o traje da meretriz (Ap 17.4) e o manto colocado sobre Jesus (Mc 15.17, 20). Capas tingidas de púrpura eram usadas em vestes reais de batalha pelos sacerdotes de Qumran; a púrpura era altamente procurada durante o período dos macabeus. Nos tempos do Novo Testamento, era um importante artigo de comércio (At 16.14; Ap 18.12).

Vermelho - O vermelho existia em vários matizes; a tinta era extraída dos corpos de insetos. Um matiz do vermelho era o carmesim. O linho dessa tonalidade era usado nos ornamentos do templo (2Cr 2.7, 14; 3.14). Essa cor artificial devia ser praticamente indelével ou permanente (Jr 4.30), visto que o carmesim é associado figuradamente ao pecado (Is 1.18).

Outro matiz do vermelho é chamado escarlate. Era a cor do fio atado ao pulso de Zera (Gn 38.28-30). O escarlate foi bem usado no tabernáculo (Êx 25.4; carmesim, ARA). Era a cor do cordão estendido pela janela de Raabe (Js 2.18). Também era sinal de prosperidade (2Sm 1.24; Pv 31.21). O escarlate descreve em Mt 27.28 a cor do manto colocado em Jesus. Visto que o manto também é descrito como púrpura (Mc 15.17), as duas cores nem sempre eram bem definidas no Novo Testamento. A besta montada pela meretriz era de cor escarlate (Ap 17.3) como eram algumas das vestes da própria meretriz (Ap 17.4) e de seus seguidores (Ap 18.16). Uma outra tonalidade do vermelho é o vermelho vivo, usado na decoração de casas de pessoas prósperas (Jr 22.14) e em pinturas de ídolos (Ez 23.14).

Algumas cores têm significado simbólico nas Escrituras. O branco indica

pureza, retidão e alegria; o cavalo branco simboliza vitória. O preto é descrição de fome e morte. O vermelho, cor do sangue, normalmente simboliza a vida; é também um retrato de massacres de guerra. A cor azul, por vezes, descreve o céu, assim como a púrpura é símbolo de realeza.

CORÍNTIOS, EPÍSTOLAS AOS - duas cartas do apóstolo Paulo endereçadas à igreja de Corinto. A Primeira Epístola aos Coríntios é singular entre as cartas paulinas em virtude da variedade de seus assuntos práticos. A segunda é uma das cartas mais pessoais de Paulo, com uma riqueza de inspiração emocional do *pastor* Paulo. Ambas revelam a que ponto Paulo identificava-se com suas igrejas, sofrendo por suas fraquezas e comemorando suas vitórias. A correspondência aos coríntios leva-nos a um mundo muito parecido com o nosso. Paulo, ansioso, escreve a recém-convertidos preocupados com questões referentes à vivência do cristianismo em um ambiente pagão.

Estrutura das epístolas. Após a introdução (1Co 1.1-9), Paulo apelou aos coríntios para corrigir as divisões no meio da igreja (1.10-4.21). Lembrou-lhes de que estavam unidos pela pregação simples, mas poderosa, da cruz (1Co 1.18-2.16). De fato, cada líder de igreja edifica sobre o único fundamento, que é Jesus (cap. 3), e, conseqüentemente, trabalha em favor de Cristo (cap. 4). Nos capítulos 5 e 6, Paulo ocupa-se de dois problemas morais em Corinto. Julga um homem que tinha relações sexuais com a mulher de seu pai (cap. 5) e reprovou os cristãos por levarem assuntos diante de tribunais julgados por não cristãos (1Co 6.1-11).

Paulo, em seguida, encaminhou algumas questões que lhes haviam sido levadas pelos coríntios: sexualidade (6.12-20); casamento (cap. 7) e comida oferecida a ídolos (cap. 8). Em tais assuntos, Paulo apelou para o uso da liberdade cristã - não para o benefício próprio - em consideração ao outro. Lembrou-lhes que ele conduzia o seu próprio ministério dessa forma (cap. 9) e advertiu-os contra tornarem-se estritamente ligados a qualquer coisa que pudesse levar à idolatria (cap. 10).

Paulo, em seguida, voltou-se a outros abusos, especialmente os que envolviam a ordem da igreja. No capítulo 11, desenvolveu o ensino correto sobre a ceia do Senhor; no capítulo 12, sobre os dons espirituais; no 13, falou sobre o amor; no capítulo 14, sobre os dons carismáticos de línguas e profecia; e no 15, sobre a ressurreição. Finalmente, lembrou os coríntios da coleta semanal dos santos em Jerusalém (16.1-4). Concluiu com os planos de viagem e saudações (16.5-24).

A segunda epístola é estritamente relacionada às circunstâncias que resultaram em sua escrita. A carta começa fazendo menção de uma experiência dolorosa de rejeição em Corinto (a terceira visita de Paulo). O apóstolo dá graças pela reconciliação com os coríntios (cap. 1), mas fala sobre seu sofrimento por causa da teimosia da igreja (cap. 2). Os capítulos 3 e 4 são reflexões teológicas sobre o ministério; os capítulos 5 e 6 lidam com a reconciliação. No capítulo 7, Paulo compartilha sua alegria pelo arrependimento da igreja. A perspectiva do apóstolo muda nos capítulos 8 e 9 ao tratar da coleta para a igreja em Jerusalém.

O tom da segunda epístola muda nos capítulos de 10 a 13. Estes unem-se às admoestações aos coríntios e aos opositores de Paulo, às defesas de seu apostolado e à prova de seus sofrimentos como apóstolo. Se os capítulos de 1 a 9 revelam a alegria e o alívio, os capítulos de 10 a 13 deixam-nos ver as feridas - físicas e emocionais - que carregava como apóstolo. A carta finaliza com a única bênção da trindade registrada na Bíblia (2Co 13.14).

1 CORÍNTIOS

Um Esboço Didático

PARTE 1: Em resposta ao relato de Cloe sobre divisões na igreja ..... (1.1–4.21)

IV. Introdução ..... (1.1-9)

V. O relato sobre as divisões ..... (1.10-17)

VI. O porquê das divisões ..... (1.18–4.21)

A. Erro na compreensão da mensagem do evangelho ..... (1.18–3.4)

B. Erro na compreensão do mensageiro do evangelho ..... (3.5–4.5)

C. Erro na compreensão do ministério de Paulo ..... (4.6-21)

PARTE 2: Em resposta aos relatos sobre imoralidade ..... (5.1–6.20)

I. Sobre o incesto ..... (5.1-13)

A. Submetam os imorais à disciplina ..... (5.1-8)

B. Separem-se dos crentes imorais ..... (5.9-13)

II. Sobre litígios entre os irmãos (6.1-11)

III. Advertência contra a imoralidade sexual ..... (6.12-20)

PARTE 3: Em resposta à carta recebida ..... (7.1–16.24)

IV. Conselhos quanto ao casamento ..... (7.1-40)

A. Princípios para a vida de casado ..... (7.1-9)

B. Princípios para o crente casado ..... (7.10-16)

C. Princípio de permanecer no chamado de Deus ..... (7.17-24)

D. Princípios para os não casados ..... (7.25-38)

E. Princípios para o novo casamento ..... (7.39-40)

V. Conselhos quanto à liberdade espiritual ..... (8.1–11.1)

A. Princípios de liberdade em face do irmão mais fraco ..... (8.1-13)

B. A ilustração de Paulo e sua liberdade ..... (9.1-27)

C. Conselhos sobre a falsa liberdade ..... (10.1-13)

D. Exortação quanto ao emprego da liberdade para a glória de Deus ..... (10.14–11.1)

VI. Conselhos quanto ao culto público ..... (11.2–14.40)

A. Princípios para a oração feita em público ..... (11.2-16)

B. Repreensão sobre a desordem na ceia do Senhor ..... (11.17-34)

C. Princípios para o exercício dos dons espirituais ..... (12.1–14.40)

VII. Conselhos com respeito à ressurreição ..... (15.1-58)

A. A ressurreição de Cristo é um fato ..... (15.1-11)

B. A importância da ressurreição de Cristo ..... (15.12-19)

C. A ordem em que se darão as ressurreições ..... (15.20-28)

1 CORÍNTIOS

Um Esboço Didático

D. Implicações morais da ressurreição de Cristo ..... (15.29-34)
E. O corpo dos mortos que ressurgirem ..... (15.35-50)
F. O corpo dos que não passarem pela morte ..... (15.51-58)

VIII. Conselhos quanto à oferta a ser enviada para Jerusalém ..... (16.1-4)

IX. Conclusão ..... (16.5-24)

2 CORÍNTIOS

Um Esboço Didático

PARTE 1: Explicações de Paulo acerca do seu ministério (1.1–7.16)

VII. Introdução ..... (1.1-11)

VIII. Paulo explica sua mudança de planos ..... (1.12-2.13)
A. O plano original de Paulo ..... (1.12-22)
B. A alteração dos planos ..... (1.23–2.4)
C. Apelo ao perdão ..... (2.5-13)

IX. A filosofia de ministério de Paulo (2.14–6.10)
A. Cristo é a causa de nosso triunfo ..... (2.14-17)
B. Vidas transformadas são a carta de recomendação do ministério ..... (3.1-5)
C. A nova aliança é a base do ministério ..... (3.6-18)
D. Cristo é o tema do ministério ..... (4.1-7)
E. As muitas tribulações no ministério ..... (4.8-15)
F. Motivação no ministério ..... (4.16–5.21)
G. Evitando motivos de escândalo no ministério ..... (6.1-10)

IV. Paulo exorta os coríntios ..... (6.11–7.16)
A. Paulo faz um apelo à reconciliação ..... (6.11-13)
B. Paulo pede que não tenham comunhão com os incrédulos ..... (6.14–7.1)
D. Paulo se encontra com Tito ..... (7.2-7)
E. A reação dos coríntios à carta de Paulo ..... (7.8-16)

PARTE 2: Paulo pede ofertas para os santos ..... (8.1-6)

I. O exemplo das igrejas da Macedônia ..... (6.11–7.16)

II. Exortações aos coríntios ..... (8.7–9.15)
A. O exemplo de Cristo ..... (8.7-9)
B. O propósito das ofertas ..... (8.10-15)
C. Paulo apresenta aqueles que enviou ..... (8.16–9.5)
D. Exortações quanto às ofertas ..... (9.6-15)

PARTE 3: Paulo defende a sua autoridade apostólica (10.1–13.14)

X. Paulo responde aos que o acusam ..... (10.1-18)
A. Resposta à acusação de covardia ..... (10.1-2)

2 CORÍNTIOS

Um Esboço Didático

B. Resposta à acusação de andar segundo a carne ..... (10.3-9)
C. Resposta à acusação de fraqueza ..... (10.10-18)

XI. Paulo defende sua autoridade apostólica (11.1–12.13)
A. Paulo reafirma sua autoridade apostólica ..... (11.1-15)
B. Os sofrimentos de Paulo são prova de seu apostolado ..... (11.16-33)
C. As revelações de Paulo são prova de seu apostolado ..... (12.1-10)
D. Os sinais e prodígios apresentados são prova de seu apostolado ..... (12.11-13)

XII. Paulo manifesta seu desejo de visitá-los em breve ..... (12.14–13.10)
A. A preocupação de Paulo em não ser um peso financeiro para os irmãos ..... (12.14-18)
B. A preocupação de Paulo em não encontrá-los andando segundo a carne ..... (12.19-21)
C. Paulo os exorta a examinarem a si mesmos ..... (13.1-10)

XIII. Conclusão (13.11-14)

Autoria e data. As duas epístolas apresentam marcas inequívocas da autoria paulina (1Co 1.1; 2Co 2.1). A primeira carta foi escrita de Éfeso (1Co 16.8) durante a terceira viagem missionária de Paulo, talvez em 56 d.C. A segunda, escrita 12 ou 15 meses mais tarde, seguiu da Macedônia, onde Paulo encontrou-se com Tito e recebeu notícias do arrependimento da igreja (2Co 2.12-17).

Contexto histórico. Atos 18.1-18 registra o início da igreja de Corinto. Durante sua segunda viagem missionária, Paulo seguiu sozinho de Atenas para Corinto, por volta de 51 d.C. Lá, trabalhou com um casal de judeus cristãos, Aqüila e Priscila, então expulsos de Roma pelo imperador Cláudio por serem judeus. Silas e Timóteo também uniram-se a Paulo em Corinto. Quando Paulo deixou Corinto 18 meses mais tarde, uma congregação cristã floresceu. A congregação era formada principalmente por ex-pagãos (1Co 12.2), muitos dos quais eram aparentemente de classes inferiores (1Co 1.26-28). Alguns eram escravos (1Co 7.21). Algumas poucas pessoas prósperas (1Co 11.22-32) e judeus (8.1-13), no entanto, faziam parte do grupo de crentes.

Um pouco de pesquisa permite a reconstrução das circunstâncias envolvidas na correspondência coríntia. É sensato dizer que Paulo escreveu quatro cartas e fez três visitas à igreja de Corinto.

Durante sua terceira viagem missionária, o apóstolo recebeu notícias a respeito da imoralidade na nova congregação de Corinto. Escreveu uma carta (que se perdeu) contra a união com impuros (1Co 5.9). A carta, aparentemente, não atingiu seu propósito. Algum tempo depois Paulo percebeu (1Co 1.11; 16.17) que ainda existiam problemas na área sexual que envolviam outras pessoas. Uma segunda carta foi escrita em resposta ao assunto (provavelmente 1 Coríntios), na qual o apóstolo tratou de várias questões tratadas pelos coríntios (veja as seções que

iniciam com "Com respeito a", "Quanto ao que me escrevestes", "No que se refere a", etc., 1Co 7.1, 25; 8.1; 12.1; 16.1). Além disso, Paulo condenou os coríntios por suas divisões (1Co 1.10) e suas violações sexuais indecentes (1Co 5.1).

Essa carta também não cumpriu o objetivo de corrigir os abusos em Corinto. Aparentemente por esse motivo, Paulo fez uma visita à cidade, durante a qual foi rejeitado (2Co 2.1). De Éfeso, Paulo escreveu então uma terceira carta, na qual não dispensou ataques e protestos aos coríntios teimosos. Essa carta, enviada por Tito, também se perdeu. Muitos estudiosos acreditam que tenha sido enviada com 2Coríntios e preservada na forma dos capítulos 10 a 13 da epístola.

Ansioso com relação ao resultado possível causado pela carta e impaciente com a demora de Tito, Paulo viaja de Éfeso em direção ao norte até Macedônia. Lá, encontra-se com Tito, que, para alívio de Paulo, relata que os coríntios tinham punido o líder da oposição e se arrependido (2Co 2.5-11). Em seguida, Paulo escreve uma quarta carta (2 Coríntios), a respeito de sua ansiedade anterior e para expressar sua alegria com a mudança em Corinto.

Contribuição teológica. Os problemas que Paulo enfrentou na igreja de Corinto eram complexos e podiam ter efeitos dramáticos. A correspondência resultante é rica e profunda em termos teológicos. Ao tratar dos problemas de Corinto, o apóstolo atinge alguns momentos da mais sublime literatura do Novo Testamento.

Corinto, como a cidade vizinha de Atenas, simbolizava a cultura grega e seu desejo por poder e sabedoria. Paulo deve ter sofrido a tentação de escrever aos gregos como um filósofo cristão (1Co 2.4). No entanto, rejeitou tal tendência e fiou-se na ironia da cruz: "escândalo para os judeus, loucura para os gentios" (1Co 1.23). A loucura do evangelho - de fato, sua ofensa à cultura grega - era indicação de seu poder para salvar aqueles que dizem: "poder de Deus e sabedoria de Deus" (1Co 1.24). De acordo com Paulo, a pregação da cruz não é um ensino humano, mas uma revelação do Espírito, que torna conhecida a mente de Cristo (1Co 2.10-16). O centro da cruz ultrapassa todas as divisões internas de uma igreja.

Tendo em vista que muitos problemas surgidos em Corinto referiam-se a comportamento e moral, Paulo privilegiou a recomendação ética em sua correspondência. O princípio condutor usado pelo apóstolo é que "todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm" (1Co 6.12; 10.23). Os cristãos devem fazer uso da liberdade que têm não para seu próprio benefício, mas para a glória de Deus e o bem do próximo. Esse princípio vai além da simples legislação de permissões e proibições. Em vez disso, cultiva uma fé madura e responsável capaz de dar direção para cada problema moral.

A Primeira Epístola aos Coríntios também é importante por causa de seu ensino sobre os dons do Espírito (cap. 12) e a ressurreição dos mortos (cap. 15). Paulo reconheceu uma variedade de dons (12.4-10), mas insistiu que um só Espírito é quem os concede. Assim como o corpo consiste em muitas partes, mas permanece um só organismo, o corpo de Cristo compõe-se de crentes regenerados com diferentes dons, cada qual dado pelo mesmo Espírito.

O capítulo 15 de 1Coríntios é o registro pioneiro a respeito da ressurreição no Novo Testamento. A menos que Cristo tivesse ressuscitado, diz Paulo, a fé dos cristãos seria vazia (15.12-19). Assim como a morte veio por Adão, a nova vida vem por meio de Cristo (15.21, 45). A ressurreição de Jesus são as "primícias" (15.20) da vitória futura. É por causa dessa ressurreição que o crente pode confessar: "Onde está, ó morte, a tua vitória?" (15.55).

A segunda epístola é, provavelmente, mais conhecida por seu ensino sobre o ministério cristão. Os capítulos 4 e 5 são

incomparáveis no que se refere à beleza de expressão e grandeza de pensamento. Paulo admira-se com o tesouro do evangelho que Deus confia a seus servos humanos. De fato, a fraqueza dos ministros de Cristo só destaca a mensagem de salvação. Tal mensagem encontra sua maior expressão em 2Co 5.17: "E, assim, que se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas". O poder desse ensino transforma os mensageiros cristãos em embaixadores de Cristo.

Considerações especiais. Como no caso da ressurreição, as cartas de Corinto também apresentam o primeiro registro sobre a ceia do Senhor (1Co 11.23-26). As últimas palavras imortais de Cristo: "Isto é o meu corpo, que é dado por vós ... Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue" (11.24-24) evocam sua morte e criam a expectativa de sua volta.

A primeira epístola contém, além disso, um dos mais conhecidos capítulos do Novo Testamento. Em cadência poética, Paulo proclama o "caminho sobremodo excelente" do amor *agape* (cap. 13). O amor não é meramente um sentimento, mas uma atitude comprometida com a paciência, a esperança e a estabilidade em face dos problemas. O amor assim sobrevive ao próprio mundo. O amor *agape* é a maior característica da vida e experiência cristãs.

CORINTO - a mais antiga e mais importante cidade de comércio da Grécia (At 18.1; 19.1; 1Co 1.2; 2Co 1.1, 23; 2Tm 4.20). Estrategicamente situada no istmo de Corinto entre o mar Jônio e o mar Egeu (veja Mapa 7, B-2), Corinto era o elo entre Roma, a capital do mundo, e o Oriente. Em Corinto, o apóstolo Paulo estabeleceu uma igreja vigorosa, composta de um grupo representativo de pessoas de mentalidade mundana que haviam se transferido para Corinto a fim de participar de jogatinas, prostituição legalizada nos templos, aventuras comerciais e de todo tipo de diversões disponíveis em uma

Ruínas da cidade de Corinto, famosa por sua riqueza e imoralidade (1Co 5.1; 6.9-11).





Ruínas de um tribunal civil de Corinto conhecido como Basílica de Juliano. As disputas entre os cristãos de Corinto (1Co 6.1-11) podem ter sido levadas a este tribunal.

cidade portuária do primeiro século (1Co 6.9-11).

Embora o apóstolo Paulo não tenha estabelecido a igreja em Corinto antes de 51 d.C. (At 18.1-18), a história da cidade data de tempos pré-históricos, quando antigos homens tribais fixaram-se na região. Embora fosse um centro de negócios, Corinto já era próspera e famosa por seu bronze, sua cerâmica e pela construção naval desde 800 a.C. O poeta grego Homero fez menção à "próspera Corinto" em 850 a.C.

Nos séculos seguintes, Corinto competiu com a poderosa Atenas, sua vizinha mais forte por todo o istmo ao norte. Em 146 a.C., exércitos invasores de Roma destruíram Corinto, matando homens e escravizando mulheres e crianças. Havia somente indícios de um assentamento até 44 a.C., quando Júlio César ordenou a reconstrução da cidade. Não apenas a reedificou como capital da província romana da Acaia, como também a povoou com italianos livres e escravos de várias nações. Logo depois, os mercadores também voltaram a Corinto.

A cidade então tornou-se uma mistura racial e cultural de aproximadamente 500 mil pessoas que viviam lá na época da chegada de Paulo. Negociantes e marinheiros, ansiosos por trabalho nos estaleiros, migravam para Corinto. Jogadores profissionais e atletas, que apostavam nos jogos do istmo, fixaram-se no local. Escravos, por vezes livres, mas sem lugar de parada, vagavam pelas ruas dia e noite. Prostitutos e prostitutas eram contados em grandes números. Pessoas de Roma, do restante da Grécia, do Egito e da Ásia Menor - de fato, todo o mundo mediterrâneo - gostavam da falta de padrões e da liberdade de pensamento que predominavam na cidade.

Eram essas as pessoas que formaram a igreja de Corinto. Tinham de aprender a viver juntas em harmonia, embora seus parâmetros nacionais, sociais, econômicos e religiosos fossem muito distintos.

Situada em uma estreita faixa de terra que ligava o Peloponeso, península do sul da Grécia, ao centro da Grécia e ao resto da Europa, Corinto desfrutava de um fluxo comercial estável. A cidade dispunha de duas enseadas de destaque: Cencréia, porto ocidental no golfo de Sarona, e Lida, porto oriental no golfo de Corinto.

Nas regiões mais afastadas ao redor de Corinto, lavradores cuidavam de seus cam-

pos de trigo, vinhas e oliveiras. No entanto, o coração de Corinto era a própria cidade, cercada por muros com dez quilômetros de circunferência. Grande parte da atividade comercial diária era conduzida na praça pública (ágora) pavimentada em mármore, ou no mercado, na parte central da cidade. Embora somente um por cento da cidade antiga tenha sido escavado por arqueólogos, algumas descobertas interessantes dão idéia de como era a cidade quando Paulo ali chegou.

Uma padieira de mármore, ou verga de porta, foi encontrada perto de uma área residencial de Corinto. Continha parte da inscrição: "Sinagoga dos hebreus". Esta deve ter estado no mesmo local da antiga sinagoga em que Paulo primeiramente proclamou a mensagem do evangelho a Corinto, acompanhado de seus novos amigos judeus, Áqüila e Priscila (At 18.2).

Não distante do local de escavação da sinagoga ficava o tribunal, coberto com mármore azul e branco. Ali, o procônsul romano da Acaia, Gálio, pôs de lado o caso de Paulo (At 18.12-17). No passeio de um anfiteatro está inscrito o nome de Erasto, provavelmente oficial de Corinto mencionado em Rm 16.23 e 1Tm 4.20.

Ao sul do mercado, ficava o açougue (NTLH) que Paulo mencionou em 1Coríntios 10.25. Os coríntios compravam sua carne em barracas. A carne era normalmente dedicada a ídolos pagãos antes de ser vendida. Tal questão tornou-se um problema cultural para os cristãos de Corinto (1Co 8).

Atualmente, o templo de Apolo, parcialmente em ruínas, eleva-se sobre o antigo mercado. Cada coluna dórica, com cerca de sete metros de altura, foi cortada de uma única rocha das várias pedreiras situadas fora dos muros de Corinto.

Com 457 metros acima da cidade e ao sul está o Acrocorinto, acrópole ou cidadela. Dali, a acrópole de Atenas, a cerca de 73 quilômetros de distância, pode ser vista. Além deste, o infame templo de Afrodite (ou Vênus) localizava-se no topo de sua colina fortificada. Esse templo e seus mil prostitutos cultuais contaminavam a cultura e a moral da cidade. Por esse motivo, o apóstolo Paulo, por vezes,

Ruínas do templo de Apolo em Corinto.



tratou duramente com os convertidos da igreja de Corinto. Muitos coríntios tinham vivido nessa cidade ímpia por toda a vida e a idéia de tolerar até mesmo o incesto não parecia tão terrível para eles (1Co 5).

Apesar da reputação notória de Corinto, Deus usou o apóstolo Paulo para estabelecer uma igreja vigorosa na cidade por volta de 51 d.C. (At 18.1-18). Tempos depois, Paulo escreveu pelo menos duas cartas à igreja da região (veja Coríntios, Epístola aos). Ambas tratam de divisões na igreja, assim como de imoralidade e mau uso da liberdade cristã.

A cidade de Corinto que Paulo conheceu foi parcialmente destruída por um terremoto em 521 d.C. e totalmente devastada por outro terremoto em 1858. A moderna Corinto, reconstruída a quatro quilômetros aproximadamente do antigo local, é pouco maior que uma aldeia. Não é, certamente, um centro comercial próspero, mas basta a seus habitantes olhar para as antigas ruínas para ter idéia da glória passada da cidade. O sucesso do evangelho em Corinto - embora agridoce - ilustra que a graça de Deus estende-se não apenas aos nobres mas também aos necessitados (1Co 1.26-31).

CORNÉLIO - soldado romano a serviço em Cesaréia e primeiro gentio convertido ao cristianismo de que se tem registro na Bíblia (At 10.1-33).

Cornélio era um homem temente a Deus fortemente atraído pelo ensino judaico monoteísta (a crença em um único Deus), em oposição à idolatria e à imoralidade pagãs, e pelo zelo expresso na lei de Moisés com relação a ajudar o pobre e o necessitado (At 10.2). Cornélio é apresentado no livro de Atos como representante de milhares do mundo gentio que estavam cansados do paganismo e ansiosos pela vinda do Messias - o Cristo que os libertaria de seus pecados e os conduziria a uma vida abundante e cheia do Espírito.

Deus enviou uma visão celestial tanto a Cornélio quanto a Simão Pedro. Em obediência à visão, Cornélio enviou alguns de seus homens a Jope, a cerca de 58 quilômetros ao sul de Cesaréia, para encontrar Pedro. Por outro lado, Pedro obedeceu à visão que teve (a qual ele interpretou como o fato de que a mensagem de Cristo incluía os gentios) e foi até Cornélio. Enquanto Pedro ainda pregava a Cornélio e à sua casa, "o Espírito Santo caiu sobre todos os que ouviam a palavra" (At 10.44). Pedro, então, ordenou-lhes que fossem batizados em nome do Senhor.

O fato marcou a expansão da igreja primitiva com a inclusão de gentios e judeus (At 10.34-35; 11.18). Pedro referiu-se à conversão de Cornélio no concílio de Jerusalém (At 15.7-11).

Veja também Centurião; Coorte Italiana.

CORNETA (veja Instrumentos Musicais).

CORO (veja Pesos e Medidas).

COROA - artigo especial para a cabeça usado para simbolizar a alta posição de uma pessoa e sua autoridade. Várias palavras distintas nas línguas hebraica e grega da Bíblia são traduzidas por "coroa". Entre as pessoas descritas portando coroas estão Vasti (Et 1.11) e Ester (Et 2.17). O sumo sacerdote e o rei na história primitiva da nação de Israel aparentemente usavam coroas como sinal de autoridade e posição (Lv 8.9; 2Sm 1.10).

A coroa de folhas de louro dada ao vencedor de uma competição atlética nos jogos gregos foi usada como ilustração pelo apóstolo Paulo (1Co 9.25; 2Tm 4.8). Os soldados romanos zombaram de Jesus na cruz colocando uma coroa de espinhos em sua cabeça, dizendo tratar-se do "rei dos judeus" (Mt 27.29; também Mc 15.17; Jo 19.2, 5).

O livro de Apocalipse descreve Cristo com muitas coroas sobre a cabeça, significando sua autoridade real (Ap 19.12). A herança dos cristãos que seguem a vontade do Senhor também é descrita simbolicamente como uma coroa. Como recompensa da fé, os cristãos receberam uma coroa incorruptível (1Co 9.25), que não murcha nem perece, uma coroa de vida eterna (Tg 1.12; 1Pe 5.4).

COROA DE ESPINHOS - símbolo de zombaria de uma autoridade feita pelos soldados romanos e na forma de um "adorno" colocado na cabeça de Jesus pouco antes de sua crucificação (Mt 27.29; Mc 15.17; Jo 19.2, 5). Nos mundos grego e romano, as coroas eram símbolos de honra e autoridade. A coroa de espinhos de Jesus foi usada para fazer de Jesus objeto de escárnio e ridicularização. "Salve, rei dos judeus!" (Mt 27.29; Mc 15.18; Jo 19.2) foi a saudação dos soldados em sua zombaria cruel e brutal. No entanto, o intenso amor de Jesus fê-lo suportar a afronta pacientemente, a fim de cumprir sua missão terrena.

CORPO - parte material ou física de uma pessoa, viva ou morta. Alguns religiosos consideram o corpo mau ou inferior em comparação com a alma, mas a Bíblia ensina que o corpo foi dado por Deus como bom (Gn 1.31). Trata-se de um componente necessário para uma existência humana completa (Gn 2.7). No Antigo Testamento, a palavra "corpo", por vezes, significa "cadáver" (Nm 6.6); em outras referências, a parte de uma pessoa envolvida na reprodução (Dt 28.4).

No Novo Testamento, os significados do Antigo Testamento são ampliados. Paulo ensina, de um lado, que o corpo é normalmente instrumento do pecado (1Co 6.18); que o corpo deve morrer como punição para o pecado (Rm 7.24); que o pecado desonra o corpo humano (Rm 1.24). Por outro lado, os cristãos em Cristo podem "mortificar os feitos do corpo" (Rm 8.13) e apresentar seus corpos como sacrifícios santos que agradam a Deus (Rm 12.1).

Em virtude de o corpo ser necessário à vida humana, por vezes, o termo simboliza a própria pessoa. Jesus e Paulo usaram a palavra dessa forma (Mt 6.22-23; Fl 1.20). A Bíblia pouco revela sobre a existência após a morte do corpo. Mas a salvação completa e a humanidade plena começam não com a morte, mas com a volta de Cristo. Somente então os cristãos receberão corpos da ressurreição eterna (1Co 15.35-49).

Veja também Corpo Espiritual; Corpo de Cristo.

CORPO DE CRISTO - expressão usada em três sentidos na Bíblia:

1. Expressão que se refere ao corpo físico de Jesus. Não crer que Cristo teve um corpo humano é heresia (1Jo 4.3). Seu corpo glorificado é o modelo do corpo ressurreto dos cristãos (Fl 3.21).
2. "Corpo de Cristo" também refere-se ao pão da ceia do Senhor (1Co 10.16).
3. O apóstolo Paulo usa a frase como símbolo da igreja. Os textos de Rm 12.14-15 e 1Co 12.12-27 enfatizam a unidade da igreja, embora haja diversos dons, ministérios e personalidades. Em Ef 4.4-12 e Cl 1.18-24, Cristo como cabeça da igreja é o foco do ministério de Paulo.

CORPO ESPIRITUAL - corpo de uma pessoa após a ressurreição e glorificação, não mais sujeito a pecado, doença e morte. Depois de sua ressurreição, Jesus não era um espírito ou aparição; foi capaz de comer "um pedaço de peixe e um favo de mel" (Lc 24.42). No entanto, o corpo de Jesus já tinha determinadas características espirituais. Mesmo antes de sua ascensão, entrou em um cômodo onde estavam reunidos os discípulos, embora as portas estivessem fechadas (Jo 20.19).

Paulo menciona especificamente "corpo espiritual" em 1Co 15.42-44. O apóstolo torna claro que o corpo espiritual não está sujeito a pecado ou morte. Incentiva os cristãos a manterem a fé firme em Cristo, o qual lhes dará um corpo espiritual na vida futura.

CORREÇÃO - ato de corrigir ou punir. No Antigo Testamento, correção equivale a disciplina (Pv 3.11-12), reprovação (Pv 13.18; 15.10) e julgamento (Hc 1.12). O Novo Testamento declara que toda Escritura é útil para correção (2Tm 3.16; corrigir as faltas, NTLH). A Palavra de Deus (a Bíblia) ensina-nos o que é verdadeiro e o que é falso.

CORREIA - tira de couro usada para prender uma sandália aos pés (Mc 1.7).

CORRENTE, CADEIA - termos com significados distintos na Bíblia:

1. Uma insígnia de posição. Faraó colocou uma corrente de ouro no pescoço de José - sinal de favor real (Gn 41.42; colar de ouro, ARA; corrente de ouro, NTLH). Belsazar fez de modo semelhante a Daniel (Dn 5.7, 16, 29, cadeia de ouro, ARA; corrente de ouro, NTLH). Ezequiel usou a palavra para simbolizar o amor soberano de Deus por Jerusalém (Ez 16.11; colar, ARA).
2. Ornamento (Pv 1.9; Ct 1.10; colar, ARA, NTLH). Duas correntes trançadas de ouro puro estavam atadas ao peitoral do ÉFODE (Êx 28.14, 22; 39.17). Sete correntes ornamentais foram usadas para decorar os capitéis das duas colunas de bronze que ficavam em frente do templo (1Rs 7.17; 2Cr 3.5, 16). Os ídolos eram normalmente decorados com cadeias de prata (Is 40.19).
3. Grilhões para deter prisioneiros. O apóstolo Paulo estava preso a um soldado romano por uma corrente (At 28.20; cadeia, ARA; 2Tm 1.16; algemas, ARA). Ao se descrever como "embaixador em cadeias" (Ef 6.20), Paulo desejava que o rei Agripa fosse como ele, "exceto [com] estas cadeias" (At 26.29). O apóstolo Pedro estava acorrentado (At 12.6-7; acorrentado com duas cadeias, ARA; com duas correntes, NTLH).

CORRUPÇÃO - deterioração do corpo (At 2.27, 31) e degradação da vida humana como resultado do pecado (2Pe 1.4). Mas por causa da ressurreição de Cristo, nossos corpos corruptíveis, ou sujeitos à decomposição da matéria orgânica, ressuscitarão em incorruptibilidade (1Co 15.42, 50-54).

CORTINA - pedaço de tecido ou material similar que funciona como elemento de decoração, proporciona sombra ou serve de véu. A parte interna do TABERNÁCULO (o Santo Lugar e o Santo dos Santos) era feita de dez cortinas em azul, púrpura e escarlate (Êx 26.1-13; 36.8-17). Onze cortinas feitas de pêlos de cabra também cobriam o tabernáculo.

Outra cortina, ou véu, de fio azul, púrpura ou escarlate e de linho fino separava o Santo Lugar do Santo dos Santos (Êx 26.31-33). Ainda outra cortina de modelo semelhante servia de porta do tabernáculo (Êx 26.36-37).

No Novo Testamento, a palavra refere-se à cortina, ou véu, do templo que separava o pátio interno do externo. Essa cortina dividiu-se em duas de alto a baixo quando Jesus morreu na cruz (Mt 27.51; Mc 15.38; Lc 23.45), simbolizando o acesso a um novo e vivo caminho a Deus (Hb 6.19; 9.3; 10.20.

CORUJA (veja ANIMAIS DA BÍBLIA).

CORVO (veja ANIMAIS DA BÍBLIA).

CÓS - pequena ilha entre Mileto e Rodes, no arquipélago oposto à costa da Cária, na Ásia Menor (veja Mapa 8, C-2). Lugar pelo qual o apóstolo Paulo passou durante sua viagem a

Jerusalém (At 21.1). Cós era famosa por seus vinhos, ungüentos, tinta púrpura e por sua fina textura de seda e algodão.

COSÃ - descendente de Davi e ancestral de Jesus (Lc 3.28).

COSBI (*fraudulento*) **-** princesa midianita assassinada por Finéias, neto de Arão, porque Zinri aparentemente levou-a como esposa ou concubina contra as ordens de Moisés (Nm 25.15, 18).

COSMÉTICOS - produtos como ungüento, perfume ou maquilagem de olhos, usados para realçar a aparência de uma pessoa (Et 2.3; Ct 1.12). Os escritores bíblicos mencionaram mulheres desonrosas que usavam maquilagem excessiva nos olhos (Jr 4.30; Ez 23.40). Ungüentos ou perfumes eram substâncias caras usadas como adornos pessoais assim como um tipo de bálsamo corporal para sepultamento (Ct 1.13; Lc 7.37; Jo 19.39-40).

COURO - pele de animal curtida e crestada usada na fabricação de roupas, como a pele de cabra ou de carneiro (Lc 15.17; Nm 31.20). O ofício de Curtidor, aquele que curte peles, é mencionado em Atos 9.43 e 10.6, 32. Peles de animal eram, por vezes, usadas também como recipientes para líquidos. Veja também Odres.

COVA DOS LEÕES - covis (Jó 38.40) ou caverna (Sl 10.9; Na 2.12) onde vivem os leões. A mais famosa cova de leões na Bíblia trata-se daquela em que Daniel foi jogado (Dn 6). Aparentemente, era uma caverna funda, natural ou artificial, fechada com uma grande pedra (Dn 6.17). Os reis da Assíria mantinham leões em cativeiro, libertando-os periodicamente por ocasião do esporte real de caça aos leões. É provável que os leões da narrativa de Daniel fossem mantidos por Dario por esse motivo. O livramento de Daniel é um exemplo inspirador do controle de Deus sobre o seu mundo e do seu poder para proteger seu povo.

CÔVADO (veja Pesos e Medidas).

COXA - parte da perna entre o joelho e o quadril. Uma pessoa batia na própria coxa como sinal de tristeza, ato semelhante a bater no peito (Ez 21.12). Os hebreus usavam, por vezes, a palavra "coxa" como eufemismo para órgãos sexuais. Conseqüentemente, durante o tempo dos patriarcas, era costume uma pessoa, ao fazer um juramento que tivesse relação com família ou descendentes, colocar a mão embaixo da coxa da outra pessoa que exigia seu juramento (Gn 24.2, 9; 47.29). Quando Jacó lutou com o anjo, sua junta da coxa no quadril foi deslocada (Gn 32.24-32).

Para alguns sacrifícios israelitas, a coxa direita do animal sacrificado era dada ao sacerdote como alimento (Lv 7.32-34; 10.14-15).

COXO, MANCO - incapacidade em um ou mais membros, especialmente no pé ou perna, que causa dificuldade a uma pessoa para andar ou movimentar-se livremente. Mancar era uma das imperfeições físicas que impedia a um sacerdote de entrar no Santo Lugar ou oferecer sacrifícios (Lv 21.17-21). Jesus curou muitos coxos (Mt 11.5; Lc 7.22). Pedro e João também curaram um homem coxo de nascença (At 3.1-11). Veja também Doenças da Bíblia.

COZ - nome de três homens do Antigo Testamento:

1. Descendente de Calebe, da tribo de Judá (1Cr 4.8).
2. Ancestral de uma família sacerdotal que voltou do cativeiro (Ed 2.61). Hacoz (1Cr 24.10) deve ser a mesma pessoa.
3. Ancestral de uma pessoa que ajudou a reconstruir os muros de Jerusalém (Ne 3.4, 21).

COZEBA (enganoso) - aldeia de Judá (1Cr 4.22), provavelmente o mesmo que Aczibe (Js 15.44; Mq 1.14) e Quezibe (Gn 38.5).

COZINHA - um dos quatro pequenos subpátios nos cantos do pátio externo do templo na visão do profeta Ezequiel (Ez 46.24; lugares para cozer, TB). O povo preparava seus sacrifícios nesse local antes de serem oferecidos no templo.

COZINHADO - prato de alimento cozido, normalmente de legumes como lentilha, feijões ou ervilhas (Gn 25.29-30, 34; guisado, ARC; ensopado, NTLH). Jacó comprou o direito de primogenitura de Esaú por um cozinhado vermelho de lentilhas, prato que fazia parte dos hábitos alimentares diários da época. O referido ensopado fornecia uma fonte barata de proteína. Um cozido, ou sopa de legumes, foi o alimento dos discípulos de Eliseu (2Rs 4.38-40); cozinhado semelhante foi mencionado pelo profeta Ageu, acompanhado de pão e vinho, como alimento comum (Ag 2.12).

COZINHAR - preparar alimentos com o uso do fogo (Gn 25.29). O uso do fogo em lugar aberto foi provavelmente o primeiro método usado para cozinhar. Mas com o desenvolvimento de recipientes impermeáveis, tornou-se possível cozinhar alimentos. O primeiro cordeiro da Páscoa devia ser "assado ao fogo" (Êx 12.9); já no período dos juízes, algumas ofertas eram aparentemente cozidas (1Sm 2.13). No período bíblico, o pão era assado (Os 7.4), colocando-se a massa sobre uma pedra com temperatura elevada, ou podia ser cozido em um pequeno forno móvel. Nenhuma atividade culinária deveria ser realizada no sábado (Êx 35.3).

Veja também ALIMENTO.

COZINHEIRO (veja PROFISSÕES E OCUPAÇÕES).

CREDO - breve declaração de crenças religiosas oficiais e autorizadas. A palavra "credo", de origem latina, é da mesma origem do verbo crer, com o qual se iniciam o Credo de Nicéia e o Credo dos Apóstolos.

A seguir encontram-se três credos da igreja clássicos ou historicamente mais importantes:

CREDO DE NICÉIA. Adotado pelo Primeiro Concílio de Nicéia (325 d.C.) e revisado pelo Primeiro Concílio de Constantinopla (381 d.C.). O Primeiro Concílio de Nicéia, convocado pelo imperador romano Constantino, o Grande (306-337 d.C.), rejeitou uma heresia conhecida como arianismo, que negava a divindade de Jesus. O Credo de Nicéia proclamava formalmente a divindade de Jesus e sua igualdade com as outras pessoas da trindade.

CREDO DE ATANÁSIO. Credo cristão de origem européia, do século quarto e relacionado especialmente com as doutrinas da trindade e com a ENCARNAÇÃO de Cristo. Esse credo foi originalmente atribuído a Atanásio (293?-373 d.C.), mas acredita-se atualmente que tenha sido obra de algum escritor desconhecido da época.

CREDO DOS APÓSTOLOS. Esse conhecido credo é tido como base de grande parte das declarações de fé. Embora o nome faça referência aos apóstolos, não se originou neles. Foi escrito após a conclusão do cânon do Novo Testamento e ocupou importante posição na igreja primitiva. Era invocado por muitas ramos da igreja como teste de fé autêntica.

CREDO DOS APÓSTOLOS

Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra.

E em Jesus Cristo, seu Filho unigênito, nosso Senhor; concebido pelo Espírito Santo e nascido da Virgem Maria; que padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, e ao terceiro dia ressurgiu dos mortos; que subiu ao céu e

assentou-se à direita do Pai Todo-Poderoso, de onde há de vir para julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo, na santa igreja católica, na comunhão dos santos, na remissão de pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna. Amém.

Credo de Nicéia

Cremos em um só Deus, Pai, Todo-Poderoso, Criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis.

E em um só Senhor Jesus Cristo, o unigênito Filho de Deus, gerado pelo Pai antes de todos os séculos, Luz da Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não criado, de uma só substância com o Pai, pelo qual todas as coisas foram feitas; o qual, por nós homens e por nossa salvação, desceu dos céus, foi feito carne pelo Espírito Santo e da Virgem Maria, e tornou-se homem, e foi crucificado por nós sob Pôncio Pilatos, e padeceu e foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, e subiu aos céus e assentou-se à direita do Pai, e de novo há de vir com glória para julgar os vivos e os mortos, e o seu reino não terá fim.

E no Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que procede do Pai e do Filho, que com o Pai e o Filho conjuntamente é adorado e glorificado, que falou através dos profetas. E na Igreja una, santa, católica e apostólica. Confessamos um só batismo para remissão dos pecados. Esperamos a ressurreição dos mortos e a vida do século vindouro. Amém.

Credo de Atanásio

Porque a fé correta é que creiamos e confessemos que nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, é Deus e homem. Deus, da substância do Pai, gerado antes dos séculos; e homem da substância de sua mãe, nascido no mundo. Deus perfeito e homem perfeito, de alma racional e subsistindo em carne humana. Igual ao Pai quanto à divindade, e inferior ao Pai quanto à humanidade. Que, embora seja Deus e homem, não é, porém, dois, mas um Cristo. Um, não pela conversão da divindade em carne, mas levando da humanidade a Deus. Inteiramente um, não pela confusão da substância, mas pela unidade da Pessoa.

Porque assim como a alma racional e a carne são um homem, também Deus e homem são um Cristo; que padeceu para a nossa salvação, desceu ao inferno, ressuscitou dentre os mortos ao terceiro dia; subiu aos céus e está assentado à direita do Pai, Deus, Todo-Poderoso; de onde virá julgar os vivos e os mortos, em cuja vinda todos os homens ressuscitarão em corpo; e prestarão contas de suas obras. E os que fizeram o bem irão para a vida eterna, e os que fizeram o mal, para o fogo eterno

CREDOR - aquele cujo negócio é emprestar dinheiro a juros (Êx 22.25; usurário, ARC; agiota, NTLH). A palavra hebraica traduzida por "credor" é a raiz que significa "aquele que faz extorsões" (Lv 25.35-38; Pv 28.8; Jr 15.10). Veja também Credor em Profissões e Ocupações.

CRER, CRENTE - depositar confiança na verdade de Deus; aquele que crê no que Deus revelou em sua Palavra e que nele confia para a salvação.

Apenas crer na verdade de Deus não é garantia de fé redentora, de acordo com a Bíblia (Jo 8.31-46; At 8.13-24; Tg 2.14-26). Nem mesmo um compromisso total de alguém a Jesus como Senhor é uma forma de fé salvífica. Tal visão deposita excessiva ênfase no ato de crer, em oposição ao objeto de fé - Jesus Cristo. Tal ponto de vista vai além da evidência bíblica de fé como dom (Jo 4.1-42; Ef 2.8-10).

A fé que salva é aquela que descansa na obra concluída de Cristo e confia somente

em Deus para a salvação (Jo 3.16). Os crentes são aqueles que crêem em Deus como ato da vontade e da mente (Rm 1.16; 3.22; 1Ts 1.7). Outras referências que tratam da fé são Gn 15.6; Êx 14.31; Hc 2.4; Jo 3.36; At 16.31; Rm 3.21-5.1; Gl 1.16, 10 e 1Jo 5.1.

CRESCENTE - cristão mencionado por Paulo (2Tm 4.10). Por algum motivo, Crescente deixou Paulo e partiu para a Galácia.

CRESTAR - processo de murchar a planta em virtude de um vento quente e seco do deserto (Am 4.9). Em seu sonho no Egito, o faraó viu "sete espigas mirradas, crestadas do vento oriental" (Gn 41.6), que foram interpretadas por José como sete anos de fome.

CRETA - ilha no mar Mediterrâneo (veja Mapa 7, C-2), abordada pelo navio em que viajava o apóstolo Paulo, em virtude de uma tempestade. Creta tem aproximadamente 258 quilômetros de extensão e varia entre 11 e 49 quilômetros de largura (At 27.7; 12-13, 21). Pode ser identificada com CAFTOR (Dt 2.23; Am 9.7), provável lugar de origem dos filisteus (Caftorim). Grande número de lendas estão associadas a Creta, particularmente as que envolvem o rei Minos e o minotauro (metade touro, metade homem).

A ilha foi conquistada pelo romanos em 68-66 a.C. e tornou-se uma província romana.

Durante sua viagem a Roma, o navio de Paulo chegou a Bons Portos, enseada na costa sul de Creta (At 27.8). Não querendo seguir o conselho de Paulo sobre o clima, o soldado romano que levava Paulo sob custódia concordou com o capitão e seguiram viagem em direção ao grande porto de Creta, em Fenice. O resultado foi um naufrágio em Malta (At 27.9-28.1).

Veja também CRETENSES.



No depósito que pertencia a um palácio real na ilha de Creta foram encontrados enormes jarros para armazenamento.

CRETENSES - habitantes da ilha de CRETA, no mar Mediterrâneo. O livro de Atos registra que os cretenses estavam presentes em Jerusalém no dia de Pentecostes (At 2.11). O estilo de vida cretense era conhecido por seus excessos. Ao escrever a Tito, Paulo mencionou texto do poeta grego Epimênides de Cnosso (600 a.C., aproximadamente): "Cretenses, sempre mentirosos, feras terríveis, ventres preguiçosos" (Tt 1.12). Esse fato deve ter sido um verdadeiro desafio para Tito, que havia recebido a incumbência de "pôr em ordem as coisas restantes" na igreja de Creta (Tt 1.5).

CRIAÇÃO - Ação de Deus trazer à existência o universo natural. O escritor da Epístola aos Hebreus declarou: "Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem" (Hb 11.3).

Os povos das nações pagãs do mundo antigo acreditavam que a questão era eterna e que os deuses evoluíam de processos naturais. No entanto, a Bíblia ensina que Deus já existia antes da criação e trouxe o mundo à existência a partir do nada. O principal relato de seus atos de criação são encontrados nos primeiros dois capítulos do livro de Gênesis, embora Deus como

criador também seja um tema de promessa em Is 40-48.

A expressou "criou Deus" (Gn 1.1, 21, 27) em Gênesis é ofuscada por outra: "disse Deus" (Gn 1.3, 6, 7, 11, 14, 20, 24, 26, 29). Sua freqüência afirma a devida importância ao enfatizar o modo como Deus criou - simplesmente ao usar sua palavra (Sl 33.6; Hb 11.3).

O primeiro ato da criação de Deus foi trazer à existência o grande caos descrito em Gn 1.2: "A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo". Seu ato seguinte foi dar ordem ao caos - separar a terra da água, o que permitiu a etapa da criação de plantas e da vida animal.

Em primeiro lugar, Deus criou a vida inanimada: vegetação rasteira, árvores e árvores frutíferas. Em seguida, o mar foi ocupado por criaturas viventes; o ar, com seres voadores; e a terra, com seres que rastejavam. Depois Deus criou animais terrestres.

A criação do homem ficou para o sexto e último dia, pois o homem era especial e deveria governar o restante da criação. "Também disse Deus: 'Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança'" (Gn 1.26). Tal declaração tem fascinado muitos pensadores há séculos. O que significa "imagem de Deus"? Uma vez que Deus é Espírito - e não uma substância material - deve significar mais do que uma semelhança física. Ser criado à imagem de Deus deve ser uma referência ao fato de que homens e mulheres, embora criados, são parecidos com Deus,

Deus é Criador - o único ser capaz de fazer algo do nada. O verbo hebraico "criar" sempre tem somente Deus como sujeito. No entanto, em um nível inferior, o homem também tem a capacidade de ser criativo. Este é um sentido característico da verdade de que fomos criados segundo a imagem de Deus. Deus é quem fala e governa. O homem também recebeu domínio sobre a criação. Assim como Deus é santo, moral e ético, e age com justiça, o homem é ética e moralmente responsável e deve fazer escolhas morais. Deus revelou-se como um ser social (Pai, Filho e Espírito Santo). O homem também é um ser social que precisa se relacionar com outros seres. A experiência humana e o relato bíblico sugerem serem essas algumas maneiras pelas quais refletimos a imagem de Deus.

O escritor de Gênesis também declarou que Deus criou a o homem como "homem e mulher" (Gn 1.27; macho e fêmea, ARC). Esse relato da criação não dá prioridade nem ao homem nem à mulher. Ambos são necessários para refletir a imagem de Deus. A diferença fundamental no homem não é questão de raça, mas de sexo. Os gregos diziam que as pessoas eram andróginas – homens e mulheres ao mesmo tempo. De algum modo, perderam a metade feminina e desde então procuram essa outra metade. Entretanto, o escritor de Gênesis salientou que a distinção de sexo é uma ordem da criação, boa e adequada na visão de Deus.

Gênesis 2 contém o que alguns pesquisadores chamam de segundo relato da criação. Já outros dizem que enfatiza eventos específicos relacionados à criação à medida que esta se desenvolveu no jardim do Éden. Assim, prepara a situação para o que se segue nos relatos da tentação e do pecado. Um dos principais destaques do capítulo é a criação da mulher como companheira do homem. A imperfeição do homem separado da mulher é mostrada em sua solidão e frustração. Nenhum dos animais poderia atender à necessidade de Adão. Então, o Senhor criou a mulher da costela de Adão.

Os estudiosos da Bíblia, por muito tempo, têm visto certa verdade simbólica na imagem da costela. A mulher foi tomada de sob o braço do homem para simbolizar sua proteção sobre ela. Foi tomada perto

de seu coração para que ele pudesse amá-la e respeitá-la. Não foi feita a partir de seu crânio para não ser seu governante, nem de seus pés para não ser pisada nem rebaixada. Semelhantemente ao homem, a mulher reflete a imagem de Deus. Juntos formaram o casal abençoado necessário para ocupar e dominar a terra.

Muitos estudiosos da Bíblia tratam dos seis dias da criação. Foram esses dias de 24 horas ou períodos indefinidos de tempo? A nossa interpretação recebe auxílio do fato de que usamos a palavra "dia" com vários sentidos, assim como faziam os antigos. Falamos em dia de ajuste de contas, dia da oportunidade; dia da aflição. Estes podem significar mais do que simplesmente 24 horas. De modo semelhante, os escritores bíblicos falaram do "dia do Senhor" e do "dia da visitação".

Os céticos ridicularizam a história da criação relatada em Gênesis por retratar que a criação se deu em seis dias. No entanto, o significado indefinido de "dia" responde a essa objeção. Além disso, a Bíblia diz que, para o Senhor, "um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia" (2Pe 3.8). O escritor bíblico não estava escrevendo um tratado científico. Foi movido pelo Espírito de Deus para revelar uma realidade espiritual. Sua ênfase principal não estava no processo pelo qual o mundo havia sido criado, mas no Criador e em seu propósito.

Muitas das nações pagãs do mundo antigo tinham suas próprias histórias da criação. Mas nestas seus deuses evoluíam de processos naturais relacionados ao próprio mundo. Os povos antigos criam que o universo material era eterno e que este havia trazido seus deuses à existência. Mas Gênesis declara que Deus existia antes da criação e tem o controle total do universo físico. Trouxe o mundo à existência por sua Palavra. Seu poder é absoluto. Não tem de se conformar à natureza e não pode ser ameaçado por ela. Deus é soberano e não precisa dividir seu poder com outros seres sobrenaturais.

Visto que Deus criou o universo do nada, este lhe pertence e servirá para todo o sempre ao seu propósito. Pelo fato de Deus ter dado forma à criação sem a interferência de nenhum outro ser, ele mesmo determinará o seu fim conforme desejar. Nenhum outro poder pode frustrar o Criador em seu propósito de completar o processo iniciado na criação e revelado na Bíblia. Nossa esperança repousa no poder soberano de Deus, que criou o mundo e então nos recriou através do poder redentor de seu Filho, Jesus Cristo.

CRIADA, CRIADO (veja Profissões e Ocupações).

CRIANÇA, FILHO - descendência concedida a um marido e esposa como fruto do relacionamento conjugal. Para os hebreus, as crianças eram presentes de Deus; a esterilidade era considerada desprezo ou vergonha (Gn 16.4; Lc 1.25). Jesus claramente expressou seu amor e respeito pelas crianças (Mc 9.36-37). Usou a inocência e a franqueza das crianças para ilustrar a atitude necessária para entrar no Reino de Deus (Mt 18.2-3). Veja também Família.

CRIATURA - todo ser criado, incluindo os humanos, trazidos à existência como resultado do poder e da autoridade de Deus. A Bíblia declara que o Deus redentor é o soberano Criador de todas as coisas. Através de seu poder e força criou o universo (Gn 1.3-24; Sl 33.6; Hb 11.3). Portanto, todos os seres, mesmo os anjos, são suas criaturas (Jo 1.3; 1Co 8.6). A posição da criação de todos os seres finitos e coisas revela o domínio soberano de Deus e a dependência do gênero humano e do mundo para com Deus.

A raça humana, o auge da criação de Deus, foi feita para dominar o mundo (Gn

1.26-28; Sl 8.3-8). No entanto, os seres humanos "mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador" (Rm 1.25). O plano de Deus para que o homem governasse sua criação está sendo cumprido em Cristo (1Co 15.20-28; Fl 2.5-11). Cristo está estabelecendo o reino do Pai.

A redenção envolve o ser um nova criatura (2Co 5.17), tornar-se parte da nova criação em Cristo que Deus está formando pelo seu poder (Rm 8.19). Esse reino universal de justiça, paz e alegria será completamente revelado quando Cristo voltar em triunfo sobre todas as criaturas rebeldes e Deus criar um novo céu e uma nova terra (1Co 15.20-28).

CRISOL - vaso usado para produção da prata (Pv 17.3; 27.21). A fusão de minérios feita nesse tipo de recipiente poderia ser a última das várias etapas no processo de refinamento ou de novo derretimento de fragmentos para recuperar metais preciosos.

CRISÓLITO, CRISÓPRASO (veja Jóias e Pedras Preciosas).

CRISPO - chefe da sinagoga dos judeus em Corinto que se converteu a Cristo (At 18.8) e foi pessoalmente batizado pelo apóstolo Paulo (1Co 1.14).

CRISTAL (veja Jóias e Pedras Preciosas).

CRISTÃO - seguidor de Cristo. A palavra ocorre três vezes no Novo Testamento: "Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos" (At 11.26); Agripa disse a Paulo: "Por pouco me persuades a me fazer cristão" (At 26.28); Pedro exortou: "mas, se sofrer como cristão, não se envergonhe disso; antes, glorifique a Deus com esse nome" (1Pe 4.16). Em cada ocorrência, a palavra pressupõe que a pessoa chamada dessa forma era seguidora de Cristo. Os cristãos eram leais a Cristo, assim como os herodianos eram leais a Herodes (Mt 26.16; Mc 3.6; 12.13).

Lado de dentro do impressionante Coliseu romano, que ocupa uma área de aproximadamente 25 mil metros quadrados.



A designação dos primeiros seguidores de Cristo como cristãos surgiu de pessoas não cristãs de Antioquia. Originalmente, deve ter sido um termo de escárnio. No entanto, os cristãos usaram-no para se referir a si mesmos como motivo de honra, não de vergonha. Antes de adotarem essa designação, os cristãos era chamados de crentes (At 5.14), irmãos (At 6.3) ou santos (At 9.13), nomes que também continuaram sendo usados.

Atualmente, o termo cristão tem perdido parte de seu verdadeiro significado como seguidor de Cristo. Para alguns, cristão significa pouco mais que um nome que distingue a pessoa em relação ao islamismo ou judaísmo, enquanto para outros passou a ser nome de uma denominação específica. Entretanto, seu significado original é nobre, do qual todo seguidor de Cristo deve orgulhar-se.

CRISTIANISMO - religião cristã, firmada em Jesus Cristo, o único Salvador e Mediador entre Deus, o Pai, e a raça humana caída.

O cristianismo é único entre todas as religiões do mundo. Muitas enfatizam a vida de seu fundador, mas o cristianismo baseia-se na morte de Jesus Cristo. A sua morte é exclusiva, pois foi profetizada logo nos primeiros capítulos da Bíblia (Gn 3.15) e passou a compor o Novo Testamento milhares de anos depois.

Não apenas a morte de Cristo é absolutamente essencial ao cristianismo como também sua ressurreição, tanto que os quatro evangelhos - Mateus, Marcos, Lucas e João - dedicam pelo menos um quinto de seus ensinos ao assunto. Marcos 10.45 resume a missão de Cristo: "Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos".

O mundo já tinha diversas religiões e deuses na época do nascimento de Jesus. Os romanos associaram seus deuses com os dos gregos; milhares de divindades eram adoradas. Nenhum de tais deuses chegou a existir: a grande maioria baseava-se na imaginação de estórias heróicas. No entanto, Jesus viveu realmente na Palestina, foi crucificado segundo ordens de Pôncio Pilatos (governador romano da Judéia) e ressuscitou dos mortos pelo poder de Deus, o Pai.

As pessoas que adoravam deuses míticos escolheram, de fato, ignorar os sinais da verdade que apontavam em direção a Deus e finalmente à salvação por meio da graça (Rm 1.20-21). Esse plano de salvação tornou-se completamente cumprido na cruz.

Na época do apóstolo Paulo, houve grande risco de os judeus convertidos tornarem o cristianismo uma mera extensão do judaísmo. Paulo lutou para manter a salvação somente pela graça como essência do cristianismo (Ef 2.8-9).

O conflito de Paulo deu-se com um grupo de convertidos chamados JUDAIZANTES (At 15; Gl 2), que pensavam que um gentio convertido devia ser circuncidado antes de se tornar cristão. Paulo, Barnabé e outros viajaram a Jerusalém, o centro do judaísmo, para decidir a questão com os líderes da igreja. De fato, decidiu-se que o cristianismo declarava-se como religião independente em expansão, não simplesmente uma ramificação da fé judaica.

Atualmente, o brado de Paulo ainda ecoa como bandeira da fé cristã: "o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus" (Gl 2.16). A salvação é possível somente através de Cristo (At 4.12), sua morte, sepultamento e ressurreição. O cristianismo é mais que um credo, mais que uma religião; é um modo de vida para todos os que aceitam Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

CRISTO (*ungido*) **-** nome de Jesus que indica que ele é o rei e libertador tão esperado. Por séculos, o povo judeu buscou um Messias segundo as Escrituras, um libertador que introduziria um reino de paz e prosperidade (Sl 110; Is 32.1-8; 61.1-3;

Am 9.13). Jesus foi claramente identificado como esse Messias na grande confissão de Pedro: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16). Veja também Jesus Cristo; Messias.

CRISTO, ASCENSÃO DE (veja Ascensão de Cristo).

CRISTO, CRUCIFICAÇÃO DE (veja Crucificação de Cristo).

CRISTO, DIVINDADE DE (veja Encarnação; Jesus Cristo).

CRISTO, HUMANIDADE DE (veja Encarnação; Jesus Cristo).

CRISTO, MORTE DE (veja Expiação; Crucificação de Cristo).

CRISTO, PESSOA DE (veja Encarnação; Jesus Cristo).

CRISTO, TENTAÇÃO DE (veja Tentação de Cristo).

CRÍTICA DA BÍBLIA - aplicação de uma ou mais técnicas no estudo científico da Bíblia. Tais técnicas não são peculiares ao estudo bíblico: são igualmente úteis no estudos dos textos de Homero ou Shakespeare. Sua intenção primeira é ajudar o leitor da Bíblia a entendê-la melhor; por essa razão, a crítica bíblica examina os textos gregos e hebraicos (crítica textual), o contexto histórico de várias partes da Bíblia (crítica histórica) e diversas questões literárias relacionadas a como, quando, onde e o motivo de os livros da Bíblia terem sido escritos (crítica literária). Tais métodos de estudo, quando feitos com reverência às Escrituras, devem auxiliar na avaliação do pesquisador com relação à Inspiração da Bíblia.

Crítica textual. É a tentativa de determinar, o mais exatamente possível, a expressão do texto bíblico como primeiramente escrito sob a inspiração do Espírito Santo. Visto que nenhum dos textos originais sobreviveu, e o texto bíblico existe apenas em cópias, faz-se necessário comparar as primeiras cópias entre si. Isso permite à crítica textual classificar tais cópias em grupos, segundo determinadas características, decidir o motivo das diferenças entre os textos e qual tenha sido provavelmente a forma original.

As primeiras cópias nas quais se baseiam os críticos textuais consistem principalmente em manuscritos nas línguas originais, traduções em outras línguas e remissões bíblicas feitas por escritores judeus e cristãos. (veja também Bíblia, A; Bíblia, Versões e Traduções da).

Crítica histórica. O exame da Bíblia à luz de seu contexto histórico. Isso é particularmente importante em virtude de a Bíblia ter sido escrita durante um período de mais de mil anos. A narrativa bíblica estende-se do início da civilização no mundo antigo até o império romano do primeiro século d.C.

A crítica histórica é útil para determinar quando os livros da Bíblia foram escritos. Auxilia também na determinação de uma data aproximada, levando-se em consideração a descrição das pessoas e os eventos narrados com o fator tempo. A data dos eventos de Gênesis, por exemplo, é muito anterior à data em que o livro foi escrito. A crítica histórica questiona se as narrativas dos patriarcas - Abraão, Isaque, Jacó e José - refletem as condições dos tempos em que eles viveram.

O consenso é de que tais histórias refletem mais a data aproximada dos eventos relatados do que exatamente a data de quando foram escritas, assim como o quadro apresentado no Novo Testamento reflete mais o que se sabe das primeiras décadas do primeiro século d.C.

Crítica literária. Estudo de como, quando, onde e por quê os livros da Bíblia

foram escritos. A crítica literária pode ser dividida em questões relacionadas a fontes, tradição, redação e autoria.

1. A *crítica da fonte* procura determinar se os escritores dos livros da Bíblia usaram fontes anteriores de informação e, nesse caso, se tais fontes eram orais ou escritas. Alguns livros bíblicos indicam claramente sua relação com fontes anteriores: 1 e 2Crônicas, Lucas e Atos. Algumas das fontes de Crônicas ainda estão disponíveis em 1 e 2Samuel e 1 e 2Reis, que foram escritos antes. O autor de Lucas e Atos mencionam a fonte de grande parte das informações obtidas: "conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra" (Lc 1.2).

No entanto, tais fontes normalmente acabaram não permanecendo de modo independente; sua identificação e reconstrução não podem ser determinadas. É suficientemente claro, no entanto, que os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas têm fontes em comum; as duas mais abrangentes relacionam-se com a narrativa de Jesus e com a coletânea de seus ensinos.

2. A *crítica da tradição* (incluindo a crítica da forma) estuda como as informações foram transmitidas de uma geração a outra antes de adquirir a forma atual. A tradição é simplesmente o legado; pode ser divinamente autorizada ou meramente a "tradição dos homens" (Mc 7.8; Cl 2.8). Por vezes, uma tradição era transmitida oralmente por várias gerações antes de ser escrita, como no caso do registro dos patriarcas em Gênesis. Em outras, uma tradição era transmitida oralmente por apenas 20 ou 30 anos, como nos registros dos ensinos e feitos de Jesus antes de serem escritos nos evangelhos.

A crítica da tradição esforça-se por traçar as etapas pelas quais essas tradições foram transmitidas, as formas assumidas em vários estágios e as formas finais dadas pelas pessoas que se comprometeram em escrevê-las.

A crítica da forma é a ramificação da crítica da tradição que examina as várias "formas"- por exemplo, parábolas, milagres e discursos - nas quais as tradições foram modeladas. A crítica da forma foi aplicada a muitas áreas da literatura bíblica, tal como na composição dos salmos, nos chamados de profetas ao ministério e no conteúdo dos evangelhos. Alguns estudiosos classificaram, por exemplo, vários salmos como "reais", "de lamentação", "da lei", "de louvor" etc.

A classificação de partes da Bíblia de acordo com sua forma final pode fornecer outra perspectiva a partir da qual é possível entender melhor o texto bíblico. No entanto, esse método deve ser usado com grande prudência e restrições para evitar que o intérprete faça imposições de seus pressupostos.

3. A *crítica da redação* procura entender a contribuição do manuscrito final produzido pela pessoa que reuniu as tradições orais e escritas em um só texto. Isso pode ser ilustrado com o evangelho de Lucas. O evangelista não tem a pretensão de se dizer testemunha ocular dos eventos do ministério de Jesus; tudo o que ele registra no evangelho havia sido recebido de outros. A crítica da tradição estuda o que Lucas recebeu e o estado em que o recebeu. A crítica da redação estuda o que o autor fez com o que recebeu. Lucas (e isso pode ser dito de outros evangelistas) foi um autor responsável que imprimiu sua personalidade no que escreveu.

É importante lembrar que a contribuição pessoal de um autor a um livro acabado não era menos fidedigna (e, portanto, não menos autorizada) que a tradição por ele recebida. Infelizmente, alguns críticos cometeram o erro de presumir que o trabalho do autor não é autêntico, desprezando a obra do Espírito Santo em inspirar os escritores da Bíblia.

4. A *crítica da autoria e do público-alvo* envolve a tentativa de determinar a autoria de uma obra, assim como a pessoa, o grupo ou o público mais abrangente para o qual tenha sido escrita. Por vezes, não há necessidade de investigar tais questões; a carta de Paulo aos Romanos, por exemplo, é claramente obra do apóstolo Paulo e foi enviada por ele aos cristãos em Roma. Mas o uso ponderado da crítica literária iluminará as circunstâncias que conduziram o autor do livro e o propósito de ter sido enviado. Quando, no entanto, se lida com uma obra anônima, a investigação crítica pode ajudar a revelar a pessoa do autor. Por exemplo, não se sabe ao certo quem escreveu a carta aos Hebreus. No entanto, considerando criticamente o livro, depreende-se muito a respeito do caráter do autor e pouco sobre o caráter e a situação das pessoas a quem a carta foi dirigida.

CROCODILO (veja Animais da Bíblia).

CRÔNICAS, PRIMEIRO E SEGUNDO LIVRO DAS - dois livros históricos do Antigo Testamento que podem ser caracterizados como "livros da esperança". De modo abrangente e seletivo, esses livros traçam a história do gênero humano desde Adão até o Cativeiro e restauração. Grande parte do material é uma repetição do que se encontra nos livros de 1 e 2Samuel e 1 e 2Reis. No entanto, o escritor de Crônicas escreveu aparentemente sua história para encorajar os exilados que haviam retornado a Jerusalém após 70 anos de cativeiro na Babilônia. Essa história seletiva lembrou-lhes dos dias da glória passada de Israel, dando-lhes esperança para o futuro à medida que meditavam nas promessas de Deus ao povo da aliança.

Estrutura do livro. Os livros de 1 e 2Crônicas foram originalmente escritos como um único livro. Nas traduções posteriores da Bíblia, entretanto, a longa narrativa foi dividida em dois livros mais breves. Cada um deles subdivide-se em duas principais divisões.

Os primeiros nove capítulos de 1Crônicas contêm longas genealogias, ou histórias envolvendo famílias, que se compõem de informações dos primeiros livros históricos da Bíblia. As referidas genealogias conduzem o leitor dos descendentes de Adão aos ancestrais do rei Davi. Atenção especial é dada às famílias de sacerdotes e levitas (6.1-81; 9.1-34), à família de Saul e, particularmente, à família de Davi (cap. 2-3). A segunda principal divisão do livro (cap. 10-29) enfatiza o reinado de Davi. Essa longa narrativa começa com a morte de Saul (cap. 10), omitindo os fatos históricos que a precederam. A morte de Saul é relatada para estabelecer o fato de que o rei não era qualificado como tal e que Davi era a escolha de Deus para assumir a responsabilidade (10.14).

O relato do reinado de Davi é apresentado de modo positivo, com a omissão de todos os detalhes a respeito do grande pecado de Davi. Além disso, 1Crônicas também relaciona os nomes de todos os valentes associados a Davi (cap. 11-12), bem como suas maiores vitórias (cap. 14, 18-20). Essa seção do livro também lista os nomes dos levitas, sacerdotes e músicos da administração de Davi (cap. 23-26), assim como os de outros oficiais (cap. 27). Incluída também está o ato de Davi de estabelecer Jerusalém como sua capital (11.4-9) e como centro de adoração (cap. 13, 15-16, 22, 28-29).

O livro de 2Crônicas contém igualmente duas seções principais. Os capítulos 1-9 focalizam o reinado de Salomão, cuja principal realização foi a edificação do Templo em Jerusalém. Está incluída a correspondência entre Salomão e Hirão, rei de Tiro, a respeito do material de construção (cap. 2), assim como um relato completo do culto de dedicação quando o

1 CRÔNICAS

Um Esboço Didático

PARTE 1: De Adão a Saul ..... (1.1–9.44)

X. A família de Adão ..... (1.1-27)
A. De Adão a Noé ..... (1.1-4)
B. De Noé a Abraão ..... (1.5-27)

XI. A família de Abraão ..... (1.28-54)
A. De Abraão a Isaque ..... (1.28-34)
B. De Isaque a Israel ..... (1.35-54)

XII. A família de Israel ..... (2.1-55)
A. Os filhos de Israel ..... (2.1-2)
B. Os filhos de Judá ..... (2.3-55)

XIII. A família de Davi ..... (3.1-24)
A. Os filhos de Davi ..... (3.1-9)
B. Os filhos de Salomão ..... (3.10-24)

XIV. Os descendentes das tribos de Israel ..... (4.1–8.40)
A. Os descendentes de Judá ..... (4.1-23)
B. Os descendentes de Simeão ..... (4.24-43)
C. Os descendentes de Rúben ..... (5.1-10)
D. Os descendentes de Gade ..... (5.11-22)
E. Os descendentes de Manassés ..... (5.23-26)
F. Os descendentes de Levi ..... (6.1-81)
G. Os descendentes de Issacar ..... (7.1-5)
H. Os descendentes de Benjamim ..... (7.6-12)
I. Os descendentes de Naftali (7.13)
J. Os descendentes de Manassés ..... (7.14-19)
K. Os descendentes de Efraim ..... (7.20-29)
L. Os descendentes de Aser ..... (7.30-40)
M. Os descendentes do rei Saul ..... (8.1-40)

XV. Os descendentes do remanescente ..... (9.1-34)
A. Os descendentes das tribos que voltaram do cativeiro ..... (9.1-9)
B. Os descendentes dos sacerdotes que voltaram do cativeiro ..... (9.10-13)
C. Os descendentes dos levitas que voltaram do cativeiro ..... (9.14-34)

XVI. A família de Saul ..... (9.35-44)

PARTE 2: O reino de Davi ..... (10.1–29.30)

XIV. Davi torna-se rei ..... (10.1–12.40)
A. A morte de Saul ..... (10.1-14)
B. Davi é ungido rei ..... (11.1-3)
C. A conquista de Jerusalém ..... (11.4-9)
D. Os valentes de Davi ..... (11.10–12.40)

1 CRÔNICAS

Um Esboço Didático

XV. A remoção da arca da aliança ..... (13.1–17.27)
A. A remoção inadequada da arca ..... (13.1-14)
B. O reino de Davi é exaltado ..... (14.1-17)
C. A remoção adequada da arca ..... (15.1-29)
D. A celebração em Jerusalém ..... (16.1-43)
E. Deus faz uma aliança com Davi ..... (17.1-27)
XVI. As vitórias do rei Davi ..... (18.1–20.8)
A. Síntese das primeiras vitórias ..... (18.1-17)
B. Síntese das últimas vitórias ..... (19.1–20.8)
XVII. A preparação e a organização para a construção do templo ..... (21.1–27.34)
A. Davi peca ao ordenar o censo ..... (21.1-30)
B. A preparação do material para a construção do templo ..... (22.1-5)
C. Os líderes são encarregados da construção do templo ..... (22.6-19)
D. A organização dos líderes do templo ..... (23.1–26.32)
E. A organização dos líderes de Israel ..... (27.1-34)
XVIII. Os últimos dias de Davi (28.1–29.30)
A. As exortações finais de Davi ..... (28.1-10)
B. As últimas providências para a construção do templo ..... (28.11–29.9)
C. Davi faz sua última oração de louvor ..... (29.10-19)
D. A coroação de Salomão ..... (29.20-25)
E. A morte do rei Davi ..... (29.26-30)

2 CRÔNICAS

Um Esboço Didático

PARTE 1: O reinado de Salomão ..... (1.1–9.31)
XVII. Salomão como rei ..... (1.1-17)
XVIII. O término da construção do templo ..... (2.1–7.22)
XIX. A glória do reino de Salomão ..... (8.1–9.28)
XX. A morte de Salomão ..... (9.29-31)
PARTE 2: O reinado dos reis de Judá ..... (10.1–36.23)
XIX. O reinado de Roboão ..... (10.1–12.16)
XX. O reinado de Abias ..... (13.1-22)
XXI. O reinado de Asa ..... (14.1–16.14)
XXII. O reinado de Josafá ..... (17.1–20.37)
XXIII. O reinado de Jeorão ..... (21.1-20)
XXIV. O reinado de Acazias ..... (22.1-9)
XXV. O reinado de Atalia ..... (22.10–23.15)
XXVI. O reinado de Joás ..... (23.16–24.27)

2 CRÔNICAS

Um Esboço Didático

PARTE 1: O reinado de Salomão ..... (1.1–9.31)

XVII. Salomão como rei ..... (1.1-17)
XVIII. O término da construção do templo ..... (2.1–7.22)
XIX. A glória do reino de Salomão ..... (8.1–9.28)
XX. A morte de Salomão ..... (9.29-31)

PARTE 2: O reinado dos reis de Judá ..... (10.1–36.23)

XIX. O reinado de Roboão ..... (10.1–12.16)
XX. O reinado de Abias ..... (13.1-22)
XXI. O reinado de Asa ..... (14.1–16.14)
XXII. O reinado de Josafá ..... (17.1–20.37)
XXIII. O reinado de Jeorão ..... (21.1-20)
XXIV. O reinado de Acazias ..... (22.1-9)
XXV. O reinado de Atalia ..... (22.10–23.15)
XXVI. O reinado de Joás ..... (23.16–24.27)
XXVII. O reinado de Amazias ..... (25.1-28)
XXVIII. O reinado de Uzias ..... (26.1-23)
XXIX. O reinado de Jotão ..... (27.1-9)
XXX. O reinado de Acaz ..... (28.1-27)
XXXI. O reinado de Ezequias ..... (29.1–32.33)
XXXII. O reinado de Manassés ..... (33.1-20)
XXXIII. O reinado de Amom ..... (33.21-25)
XXXIV. O reinado de Josias ..... (34.1–35.27)
XXXV. O reinado de Joacaz ..... (36.1-3)
XXXVI. O reinado de Jeoaquim ..... (36.4-8)
XXXVII. O reinado de Joaquim ..... (36.9-10)
XXXVIII. O reinado de Zedequias ..... (36.11-21)
XXXIX. Ciro proclama a volta para Jerusalém ..... (36.22-23)

templo foi concluído (cap. 5-7). A segunda divisão principal (cap. 10-36) é um relato altamente seletivo dos reis de Judá - desde Roboão (cap. 10-12) até a época do cativeiro (cap. 36). Dentre os reis que receberam destaque estão Abias (cap. 13), Asa (cap. 14-16), Josafá (cap. 17-20), Joás (cap. 23-24), Amazias (cap. 25), Uzias ou Azarias (cap. 26), Ezequias (cap. 29-32) e Josias (cap. 34-35). O livro finaliza com a proclamação do rei Ciro, da Pérsia, permitindo a volta dos judeus para a reconstrução do templo em Jerusalém (36.22-23).

Um fato particularmente interessante a respeito do livro de 2Crônicas é que ele inclui poucas informações sobre os reis do reino do norte, Israel; já os fatos a respeito dos reis de Judá são, na maioria das vezes, positivo. Esse fato indica que o autor estava interessado em traçar a linhagem de Davi

e mostrar que Judá era a nação que permanecera fiel à aliança entre Deus e seu povo. Esse fato pode ter sido motivo de estímulo aos exilados que haviam retornado a Jerusalém com o objetivo de reconstruir o templo. Sentiam-se herdeiros das formas e tradições que os haviam separado como verdadeiros adoradores de Deus e lhes dado um senso de identidade como povo da aliança.

Autoria e data. O autor dos Livros de 1 e 2Crônicas é desconhecido, embora Esdras, o sacerdote e escriba (Ed 7.1-6, 10-11), surja como o mais provável. Assim como 1 e 2Crônicas, os livros de Esdras e Neemias foram escritos originariamente como um único livro na língua hebraica. Os dois últimos versículos de 2Crônicas repetem-se nos três primeiros versículos de Esdras, provavelmente para indicar que originariamente havia continuidade de um para o outro. Muitos pesquisadores concordam que os quatro livros foram escritos e compilados pela mesma pessoa, mas nem todos aceitam a teoria de Esdras como o autor.

Esdras, no entanto, permanece como o melhor candidato por causa de sua importante função entre a comunidade de exilados em Jerusalém. Depois de liderar um grupo para voltar à sua terra natal, trabalhou com outro líder judeu, Neemias, para fortalecer o compromisso do povo com a lei de Deus (Ed 10.17-19; Ne 8.1-8; 9.1-3). Esdras deve ter escrito os quatro livros - 1 e 2 Crônicas, Esdras e Neemias - algum tempo depois de ter chegado a Jerusalém por volta de 458 a.C. e ter liderado as reformas entre o povo.

O cronista usou muitas fontes para escrever seu livro, incluindo os livros de Samuel e Reis. Além disso, fez uso de histórias da corte, a exemplo de escritores anteriores, e narrativas proféticas. Uma ilustração desse procedimento pode ser observada em 2Cr 9.29, no final da narrativa de Salomão.

Contexto histórico. Os livros de 1 e 2Crônicas abrangem vários séculos da história do povo da aliança - desde os fundadores da nação até o fim de seu cativeiro na Babilônia e na Pérsia, em aproximadamente 538 a.C. No entanto, os livros foram escritos com um objetivo específico - dar conforto e esperança aos que haviam voltado a Jerusalém.

O cenário estava pronto para o retorno do povo judeu a Jerusalém depois de os persas derrotarem a Babilônia e se tornarem o poder dominante do mundo antigo. Os babilônios haviam mantido o povo judeu cativo por 70 anos, mas os persas tinham uma política estrangeira diferenciada. Tinham como ponto pacífico deixar as nações subjugadas morar em sua própria terra natal sob a autoridade de um governador. Permitiram que o povo judeu voltasse a Jerusalém em várias etapas, começando com a primeira leva sob a liderança de Zorobabel, em 538 a.C. (2Cr 36.22-23).

Após o retorno a Jerusalém e a reconstrução do templo, o remanescente do povo escolhido de Deus precisava constantemente de ânimo. Para manter vivas a fé e as tradições era necessário um esforço contínuo. A situação pedia determinação e forte senso de esperança - esperança de que as promessas de Deus a Davi não seriam esquecidas e de que um rei da linhagem real governaria novamente o povo de Deus. Tal era a situação singular à qual os livros de 1 e 2Crônicas se dirigiam.

Contribuição teológica. Os livros de 1 e 2Crônicas conferem coesão ao Antigo Testamento em uma grande afirmação de esperança. Os livros não podem ser lidos apenas como histórias, mas como inspiração da maneira de Deus manter a fé do povo da aliança através dos séculos. Ao selecionar os eventos que mostram como Deus mantém suas promessas, o autor apresenta uma bela doutrina da esperança que começa com Adão (1Cr 1.1) e que se

estende até o fim do cativeiro do povo de Deus milhares de anos depois (2Cr 36.22-23). A implicação clara para os cristãos modernos é que Deus continua a ser um Deus de esperança cujo último propósito prevalecerá no mundo e na vida de seu povo.

Os livros de 1 e 2Crônicas enfatizam ainda questões do sacerdócio, tais como genealogias, ofícios e obrigações dos sacerdotes e levitas, a construção e a dedicação do templo e seus acessórios, a organização da liderança e da adoração do templo. Praticamente são ignorados os líderes infiéis do reino do norte de Israel, priorizando uma atenção minimamente relevante a cada um dos 20 líderes do reino do sul de Judá. Aspectos positivos do governo do sul são enfatizados, com destaques para os reinados de Davi, o rei ideal, e de Salomão, seu sucessor. Honrar Davi e sua dinastia é um objetivo claro no compromisso do cronista. Como último livro do cânon hebraico, Crônicas prepara, assim, o caminho para o "livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão" (Mt 1.1).

CRONISTA (veja PROFISSÕES E OCUPAÇÕES).

CRONOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO - identificação científica da época quando se deram os eventos registrados no Antigo Testamento. Com todas as informações contidas no Antigo Testamento - parte dela detalhada e longa - esboçar uma lista fixa de datas para os eventos relatados parece ser uma tarefa simples. De fato, é bastante difícil. Não apenas nos falta um registro de eventos suficientemente contínuo como também grande parte das informações podem ser interpretadas de maneiras distintas.

É difícil relacionar eventos específicos da história hebraica com o que acontecia nas nações vizinhas até cerca do oitavo século a.C. Em contrapartida, datar os eventos de cada uma dessas nações acarreta dificuldades peculiares. Finalmente, os sistemas pelos quais Israel e seus vizinhos mantinham-se informados com relação a tempo e eventos não são claros.

PROBLEMAS NO ESTABELECIMENTO DE UMA CRONOLOGIA. O primeiro desses obstáculos pode ser ilustrado a partir da obra do arcebispo James Ussher, do século dezessete, que lidou com as genealogias bíblicas embora fossem registros modernos de linhagem de geração a geração. Baseando seu trabalho nessa hipótese, Ussher fez estimativas a partir da época da criação, que ele estabeleceu em 4004 a.C. Informações mais recentes acerca de antigas listas de descendentes, entretanto, indicam que membros de família sem importância eram normalmente omitidos. O que se deduz que listas resumidas não precisamente coincidem com o período de tempo que deveriam abranger.

Ussher também considerou as idades das pessoas que haviam vivido antes do dilúvio como valor nominal. Pesquisa posterior identificou que estas parecem ter sido baseadas em um sistema sumério antigo de cálculo - tal como o usado em listas de reis sumérios - as quais não são completamente entendidas. Como resultado, a cronologia de Ussher é totalmente imprecisa até a época de Moisés - um período que por si só é também assunto de considerável controvérsia entre os estudiosos.

Se fosse possível vincular o período do dilúvio bíblico com o que acontecia no resto do mundo, conforme está descrito na literatura babilônia ou suméria, a cronologia do Antigo Testamento seria uma questão simples. No entanto, há vários motivos que tornam a relação impossível.

O primeiro problema é que não havia uma base formal no mundo antigo a partir da qual as datas fossem computadas. Quando se tentou estabelecer datas, estas

eram normalmente expressas em frases do tipo "após o terremoto", "ou no quarto ano de reinado". Embora tais declarações fossem perfeitamente claras a qualquer um que as lesse no tempo de seu registro, são completamente sem sentido para comparar os eventos ocorridos em determinada cultura com eventos paralelos em outros locais. Conseqüentemente, os problemas envolvidos na questão do estabelecimento de datas do antigo Oriente Próximo, em geral, também se aplicam à tentativa de estabelecer datas para os fatos do Antigo Testamento.

Os pesquisadores que se esforçaram por estabelecer seqüências de épocas da história babilônia depararam com duas seqüências para um dos primeiros períodos. Existe uma cronologia "alta" para a primeira dinastia babilônia; esta chega a relacionar Anrafel, rei de Sinar (Gn 14.1), com HAMURÁBI, da Babilônia, e datá-lo por volta de 2100 a.C. Em contrapartida, a cronologia "baixa" coloca Hamurábi entre 1728 e 1686 a.C., aproximadamente. Mesmo essa data posterior, entretanto, é considerada muito distante por alguns estudiosos, que interpretam a data de forma diversa.

Situação semelhante acontece com a história egípcia. Informações de registros e listas de reis geralmente são bastante incertas quanto às questões cronológicas; desse modo, é preciso muito cuidado quando se trata com fontes egípcias e com materiais correlatos da MESOPOTÂMIA (região entre o rios Tigre e Eufrates). Historiadores descobriram que os registros egípcios não se baseiam tanto em história factual como se anunciava; apresentam a visão "oficial" dos fatos para a instrução de gerações egípcias futuras.

Alguns historiadores agruparam as listas de governantes egípcios em 31 dinastias. Se essa é uma maneira conveniente de considerar a história egípcia para o historiador, as datas dos fatos não são confiáveis até o período saítico (por volta de 663-525 a.C.). Além disso, as primeira e segunda dinastias apresentam "alta" e "baixa" cronologias; a primeira com o apoio de estudiosos que datam o período entre 3867 e 3100 a.C., e a última sustentada por pesquisadores que datam o período entre 2900 e 2760 a.C. Outras dificuldades na datação egípcia incluem a décima oitava dinastia, que introduziu o período do Reino Novo (cerca de 1570-1150 a.C.). Este foi o período de tempo durante o qual faraós, como Amunhotep II, Akhenaten, Tutankhamon e outros governaram.

Apesar de tais confusões, algumas datas na história do Oriente Próximo podem ser fixadas com razoável segurança. Tão habilidosos eram os egípcios em determinar a duração do ano solar, que a primeira data-ano exata da história humana pode ser atualmente estabelecida em 1991 a.C., início da esplendorosa décima segunda dinastia. Os 42 anos de reinado de Hamurábi, da Babilônia, dão-se praticamente como certos em 1792-1750 a.C. A queda de SAMARIA em 722 a.C. (2Rs 17.6) é confirmada com uma declaração dos registros de SARGÃO, da Assíria, para aquele ano. Novamente, o primeiro ataque da Babilônia a Jerusalém, que resultou no CATIVEIRO de 597 a.C., ocorreu em 15-16 de março desse ano, conforme registro na Crônica Babilônica, um texto CUNEIFORME da época. Infelizmente, tais pontos de contato são raros. Era raro nos tempos antigos uma nação vencida registrar suas derrotas.

Em primeiro lugar, se a guerra resultasse da extinção de uma nação - como aconteceu quando os povos do mar exterminaram o império hitita por volta de 1200 a.C. - a nação conquistada normalmente não desejava, ou estava impossibilitada, de registrar sua derrota. Além disso, era prática comum entre as nações do antigo Oriente Próximo - com exceção dos hebreus - aumentar relatos de vitórias e ignorar derrotas. Em tais

ocasiões, ambos os lados lutavam até uma trégua e cada qual normalmente contava a batalha como vitória.

Outra prática que parece bastante estranha ao leitor moderno trata do costume de alguns países do Oriente Próximo acrescentarem um ano como parte do reinado de determinado rei. Esse período não necessariamente significava um ano completo de calendário; consistia normalmente em um intervalo entre a posse do novo rei e o início do ano seguinte. É por isso que é tão difícil comparar e compreender a lista de reis dos livros de 1 e 2Reis e 1 e 2Crônicas.

Outra prática que complica a cronologia do Antigo Testamento era o sistema de co-regências. Um rei podia iniciar seu reinado enquanto seu predecessor ainda vivia, governando com ele vários anos antes de sua morte. Tal sistema é a razão de algumas dificuldades óbvias na harmonização de datas de reis do Antigo Testamento. Sendo assim, na história de Judá, Josafá (aproximadamente 870-848 a.C.), de fato, foi co-regente a partir de 873 a.C., enquanto Jorão, que reinou de 848 a 841 a.C., aproximadamente, havia sido co-regente a partir de 853 a.C.

Mesmo depois de reconhecer todos os problemas envolvidos na determinação de datas, o estudioso da Bíblia pode ficar certo de que os escribas do antigo Oriente Próximo trabalharam com grande cuidado e precisão na transmissão do Antigo Testamento, suprindo, assim, o intérprete moderno com informações necessárias para obter um quadro fiel da história do Antigo Testamento.

Época dos patriarcas. Em virtude dos problemas envolvidos, os períodos arqueológicos podem ser usados para datar a história primitiva do Antigo Testamento. No entanto, tais períodos são basicamente genéricos, e não precisos; além disso, os arqueólogos divergem quanto à duração de cada período. Portanto, essas descrições arqueológicas podem ser usadas para os períodos até os Patriarcas hebreus, incluindo-os. Tais datas devem ser consideradas aproximadas.

Uma fase posterior da antiga Idade da Pedra conhecida como natúfia (8000 a.C.) corresponde à introdução da agricultura no Oriente Próximo. Esse período foi seguido pela fase neolítica pré-cerâmica (8000-5000 a.C.) em Jericó e outras regiões. O período calcolítico (4500-3000 a.C.) foi marcado pelo crescimento no uso de metais na Mesopotâmia e no Egito, pela tecelagem e pela fabricação de cerâmica na Mesopotâmia. Os sumérios começaram drenando o sul da Mesopotâmia durante esse período. Esse fato levou ao início de uma cultura que deixou marcas no resto da humanidade. Tal civilização atingiu seu auge na Idade do Bronze Antiga (3000-2100 a.C.), quando o primeiro reino semítico foi estabelecido na Babilônia.

As palavras e expressões sumérias nos primeiros capítulos de Gênesis mostram a existência de uma importante relação cultural entre a Suméria e Israel. O dilúvio pode muito bem ter acontecido no meio desse período, mas faltam dados certos. De acordo com alguns estudiosos, Abraão, Isaque e Jacó viveram nessa época; mas outros os posicionam na Idade do Bronze Média (2100-1150 a.C.). Poucos escritores pensam ainda que eles tenham florescido perto do fim da Idade do Bronze Recente ou Posterior (1550-1200 a.C.).

Quatro datas foram sugeridas para os patriarcas hebreus. Estas baseiam-se em duas diferentes datas para o Êxodo. A primeira, e mais provável, é 2166-1855 a.C., pensando-se em uma data do século XV a.C. para o Êxodo e uma permanência de 430 anos dos hebreus no Egito. O material arqueológico usado para justificar essa data tem origem na Mespotâmia e na Síria. A segunda, também presumindo um Êxodo do século XV a.C., mas calculando uma permanência dos hebreus no Egito

de 215 anos, é 1952-1589 a.C. Mais uma vez, dados arqueológicos da Mesopotâmia servem de evidências.

A terceira data, presumindo-se o século XIII a.C. como período do Êxodo, é 1950-1650 a.C. Adeptos dessa teoria argumentam a partir de evidências arqueológicas da Idade do Bronze Média. A quarta data, também levando em conta um Êxodo do século XIII a.C., é 1500-1300 a.C. Defensores dessa data alegam sua posição a partir de evidências da cultura da era de Amarna do século XIV a.C.

A época do Êxodo. As duas datas sugeridas para o Êxodo devem ser consideradas. A primeira é 1446 a.C., indicada por 1Reis 6.1 e sugerida por Juízes 11.26. A cerâmica miceniana do período dos juízes em Jericó e Hazor parece sustentar essa data. A segunda é 1280 a.C., baseando-se em evidências arqueológicas que indicam que as cidades egípcias de Pitom e Ramessés (Êx 1.11) foram reconstruídas no século XIII a.C., provavelmente com trabalho israelita. Além disso, a estela de Merneptá, que descreve a campanha do faraó na Palestina por volta de 1220 a.C., considerou Israel uma nação já estabelecida. Isso sugere um êxodo do Egito em torno de 60 anos antes. Considerando-se as duas datas, haverá obviamente, duas datas correspondentes para as peregrinações no deserto, 1446-1406 a.C. e 1280-1240 a.C. A data do Êxodo é um dos problemas mais difíceis da história do Antigo Testamento. É agravada com o fato de que se podem produzir evidências sólidas para sustentar ambas as posições, embora a que favorece a data anterior seja tida como mais convincente.

Essa situação não apenas afeta a data do Êxodo e a Peregrinação de Israel pelo deserto, mas afeta também as datas da conquista da terra e do período dos juízes. Datas alternativas foram sugeridas para ambos os fatos. A primeira é 1406-1050 a.C. para encaixar todos os juízes (presumindo-se que os feitos dos juízes tenham se seguido historicamente); a segunda cobre um intervalo menor de 1230-1025 a.C. (considerando-se que os atos dos juízes se sobrepõem). A data anterior é apoiada em parte pela cerâmica miceniana de Hazor, o que sugere uma data para a conquista pouco depois de 1400 a.C. A segunda data reivindica considerável número de evidências advindas de estudos arqueológicos em Betel, Hazor e vários locais dos filisteus. Em ambos os casos, os dados arqueológicos prestam-se a diversas interpretações.

O reino unido. Quando o reino se dividiu, Israel seguiu o sistema egípcio de não acrescentar anos de ascensão até o nono século a.C. Então mudou para o sistema babilônio que computava esses anos. Sob o domínio de Roboão, Judá começou a usar o método do ano de ascensão, mas no nono século a.C. adotou o sistema egípcio que Israel tinha abandonado. Após um pequeno intervalo, Judá voltou a esse método e continuou a usá-lo até o cativeiro. Parece que os escribas também incluíam co-regências em seus registros; além disso, dois diferentes calendários estavam envolvidos. O ano novo de Israel começava na primavera (nisã), e o de Judá, no outono (tisri).

De qualquer forma, Israel e Judá mantinham registros cuidadosos das durações dos reinados de seus reis. Os livros de 1 e 2Reis ajustaram os registros cruzando seus dados.

Muitos dos reis das nações de Judá e Israel também foram mencionados nos registros de nações estrangeiras. Isso prova sua historicidade e serve de fundamento para um sistema integrado de datas do Oriente Próximo.

A nação de Israel sofreu uma desagregação em 722 a.C. com sua derrota diante dos assírios. Sua nação irmã, Judá, teve o mesmo destino 150 anos mais tarde, em 586 a.C., quando Jerusalém caiu diante da Babilônia. Os principais cidadãos de Judá

foram levados cativos pelos babilônios, iniciando seu período de exílio em terra estrangeira.

Retorno do cativeiro. O cativeiro babilônico de 70 anos (605-538 a.C.) terminou com a queda da Babilônia diante de Ciro, fundador do império persa, e sua proclamação de liberdade aos povos cativos na Mesopotâmia. Os cativos voltaram para a Judéia a partir de 538 a.C., e os profetas Ageu e Zacarias (520 a.C.) encorajaram a reconstrução do templo, que foi finalizada quatro anos depois (516/515 a.C.). O período de Xerxes (Assuero) e Ester (486-465 a.C.) foi seguido em Judá pelo trabalho de Esdras e Neemias (458-445 a.C.). Juntos, reabilitaram a comunidade fiel e estabeleceram a vida no fundamento da lei. Alguns estudiosos tentaram reverter a ordem histórica de Esdras e Neemias, identificando Esdras no reinado de Artaxerxes II (404-359 a.C.), mas isso requer uma alteração desnecessária do texto hebraico de Esdras 7.7.

Dos persas ao fim do Antigo Testamento. O período persa (539-331 a.C.) terminou abruptamente com as conquistas de Alexandre, o Grande, e foi substituído pelo período grego (331-65 a.C.). Alexandre morreu em 323 a.C. e seu império foi dividido entre seus generais. Judá foi controlada pelos Ptolomeus egípcios até 192 a.C., quando foi assumida pelos Selêucidas da Síria, os quais foram conduzidos por Antíoco III, o Grande. Ele morreu em 190 a.C. enquanto resistia aos romanos e foi sucedido posteriormente por seu filho mais jovem, Antíoco IV Epifânio (175-163 a.C.).

A crueldade de Antíoco IV Epifânio rapidamente causou uma rebelião em uma família judaica conhecida como os Macabeus (167-163 a.C.). Tal revolta culminou com a independência judaica da Síria (a comunidade do mar Morto em Qumran foi fundada provavelmente na época da morte de Antíoco III, embora esse dado seja incerto.). Os macabeus (ou Asmoneus) governaram a Judéia por um século, a partir de 142 a.C. Seu governo terminou com o ocupação romana da Síria por Pompeu em 63 a.C., marcando o início do período romano na Palestina. No século seguinte soldados romanos estavam a postos em Jerusalém. Sob o domínio atento de Roma, Herodes, o Grande (37-4 a.C.), tornou-se governador da Galiléia e controlou a vida política na Judéia; as questões religiosas da nação eram governadas pelos Fariseus e Saduceus.

Com a derrota de Antônio e Cleópatra em 31 a.C., Otaviano tornou-se o líder do império romano. Com o título de Augusto, levou paz e prosperidade ao império até sua morte em 14 d.C. Durante o reinado de Augusto, e pouco antes da morte de Herodes, o Grande, Jesus Cristo nasceu (por volta de 6 a.C.). Com esse fato chega ao fim a cronologia do Antigo Testamento.

CRONOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO - a cronologia do Novo Testamento tem sido debatida através dos séculos. Isso se deve em parte ao limite de dados do registro bíblico. Os escritores bíblicos estavam mais interessados nos fatos do que nas datas exatas de seus acontecimentos. Muitas vezes, fatos cronológicos específicos são transmitidos como notas ocasionais na Bíblia. É a partir de tais dados que os estudiosos tentam reconstruir um quadro cronológico.

A cronologia da vida de Jesus. A primeira tarefa com que se depara o aluno do Novo Testamento é montar uma cronologia da vida de Jesus. Os seguintes pontos principais de sua vida e ministério, com datas aproximadas, são aceitos pela maioria dos pesquisadores do Novo Testamento.

Seu nascimento - De acordo com Mt 2.1 e Lc 1.5, o nascimento de Jesus aconteceu antes da morte de Herodes, o Grande,

que se deu antes de março ou abril do ano 4 a.C. Lucas 2.1-5 afirma que exatamente antes do nascimento de Jesus, Quirino ordenou um recenseamento em Israel enquanto era governador da Síria. A data do governo de Quirino é discutível. Alguns crêem que Quirino tenha governado a Síria por duas vezes: por volta da época da morte de Herodes e uma década mais tarde em 6-7 d.C.

Outra nota cronológica é o fato de que quando Herodes foi enganado pelos magos que visitaram o menino Jesus ordenou que todas as crianças de dois anos para baixo fossem mortas. Alguns pensam que esse fato indicaria que Jesus havia nascido dois antes da ordem de Herodes, o que não é necessariamente verdadeiro. Herodes queria apenas certificar-se de que não perderia a chance de matar Jesus em seu massacre estúpido. Além disso, alguns tentam fazer da estrela do Oriente uma conjunção de várias estrelas. Novamente, o texto fala a respeito de uma estrela que parecia especial para os magos. Um conjunção de estrelas não teria significado o nascimento de um rei, de acordo com a astrologia daquele dia.

Como conclusão, parece que Jesus nasceu entre 6 e 4 a.C., com a probabilidade de ter sido no inverno de 5/4 a.C. pouco antes da morte de Herodes.

O início de seu ministério - Lucas 3.1-3 afirma que o ministério de João Batista iniciou-se no décimo quinto ano de Tibério César, que começou a reinar em agosto de 14 d.C. Assim, o ministério de João Batista teria começado em torno de 29 d.C. A partir das narrativas do evangelho sobre Jesus, parece que o Mestre foi batizado e iniciou seu ministério pouco tempo depois de João ter iniciado sua pregação. Lucas 3.23 afirma que Jesus tinha "cerca" de 30 anos quando começou seu ministério. Se Jesus nasceu no inverno de 5/4 a.C. e começou seu ministério no verão ou no outono de 29 d.C., ele tinha 32 anos.

A duração de seu ministério. Embora alguns poucos estudiosos defendam um ministério de um ou dois anos de Jesus, muitos acham que ele teve um ministério de pelo menos três anos. O evangelho de João registra três celebrações específicas da Páscoa durante o período (Jo 2.13; 6.4; 11.55), que resultariam em, pelo menos, dois anos de ministério. No entanto, pensa-se que um ano deva ser acrescentado entre as Páscoas de Jo 2.13 e 6.4. Os motivos para esse ano a mais surgem de duas observações a respeito da época de João.

Em Jo 4.35, Jesus fala de quatro meses antes da colheita, o que significaria que ele estava em Samaria em torno de janeiro e fevereiro após a celebração da Páscoa de Jo 2.13. João 5.1 também menciona uma "festa". Embora os estudiosos divirjam com relação à identificação dessa festa, a referência provável é que seja a Páscoa ou a Festa dos Tabernáculos.

Assim, após a Páscoa de Jo 2.13, há a referência a janeiro ou fevereiro de Jo 4.35 e uma "festa" de Jo 5.1. É mais provável que esta se refira à Páscoa ou à Festa dos Tabernáculos antes da Páscoa de Jo 6.4. Sendo assim, há um intervalo de dois anos entre as páscoas de Jo 2.13 e 6.4 e de um ano entre as páscoas de Jo 6.4 e 11.55. Desse modo, se Jesus começou seu ministério no verão ou no outono de 29 e sua primeira Páscoa é a identificada com o ano 30, e a última com o ano 33, a duração de seu ministério seria por volta de 3 anos e meio.

O ministério de Jesus antes da primeira Páscoa em 30 teria incluído a tentação (Mt 4.1-11; Mc 1.12-13; Lc 4.1-13), o chamado de seus primeiros discípulos (Mt 4.18-22; Mc 1.16-20; Jo 1.35-51), as bodas de Caná (Jo 2.1-11) e a viagem a Cafarnaum (Jo 2.12), pouco antes de ir a Jerusalém para sua primeira Páscoa (Jo 2.13).

Após essa Páscoa, o ministério de Jesus concentrou-se na Judéia e em Jerusalém (Jo

3.1-26). Após a prisão de João Batista, Jesus passou para a Galiléia (Mt 4.12-17; Mc 1.14-15; Lc 4.14-15; Jo 4.3-36). Continuou seu ministério na Galiléia até a execução de João Batista. Embora a data da decapitação não seja especificada, ocorreu na mesma época da primeira multiplicação dos pães (Mt 14.13-21; Mc 6.30-44; Lc 9.10-17), que aconteceu em torno da Páscoa de 32 (Jo 6.4).

Após essa festa, Jesus afastou-se do ministério público para estar com seus discípulos. Outros eventos durante o último ano de seu ministério incluem sua ida à Fenícia (Mt 15.21-28; Mc 7.24-30), a segunda multiplicação dos pães (Mt 15.32-39; Mc 8.1-10), a confissão de Pedro em Cesaréia de Filipe (Mt 16.13-23; Mc 8.27-33; Lc 9.18-22) e a transfiguração (Mt 17.1-8; Mc 9.2-8; Lc 9.28-36). Finalmente, Jesus foi a Jerusalém para ser crucificado durante a celebração da Páscoa de 33 (Jo 11.55).

A data de sua morte. Uma vez que Jesus foi interrogado por Pilatos, sua morte ocorreu durante seu governo, que durou de 26 a 36. Astronomicamente, a morte de Jesus melhor se encaixa em 30 ou 33. Por causa da situação política de outros fatos que cercaram a vida de Jesus, parece que o ano 33 é a melhor data para a crucificação. O dia da semana de sua crucificação tem sido debatido. No entanto, parece melhor considerá-lo como sendo a sexta-feira, uma vez que seu corpo foi sepultado na noite do "dia depois da preparação" (termo técnico para sexta-feira), no dia anterior ao sábado (Mt 27.62; 28.1; Mc 15.42; Lc 23.54, 56; Jo 19.31, 42). Portanto, Jesus foi crucificado numa sexta-feira, três de abril de 33.

A cronologia da era apostólica. Outra importante tarefa nos estudos do Novo Testamento é elaborar uma cronologia dos fatos essenciais ocorridos durante o tempo de vida dos apóstolos e dos primeiros anos da igreja cristã.

O livro de Atos e as epístolas do Novo Testamento servem de base para a cronologia do período apostólico. Referências a líderes políticos durante esse período auxiliam no estabelecimento de datas.

Do dia do Pentecostes à segunda visita de Paulo a Jerusalém - O Pentecostes, que deve ter ocorrido em 24 de maio de 33, é o ponto inicial da era apostólica. Para estabelecer a data da conversão de Paulo, estudiosos determinaram a época das primeiras duas visitas de Paulo a Jerusalém. A primeira visita ocorreu três anos após sua conversão (At 9.26-29; Gl 1.18) quando escapou de Damasco sob o domínio do rei Aretas (2Co 11.32-33). Os romanos permitiram que Aretas controlasse Damasco de 37 até sua morte em 39. Desse modo, a conversão de Paulo teria ocorrido entre 33 e 36.

A segunda viagem de Paulo a Jerusalém deu-se 14 anos após sua conversão (Gl 2.1-10) quando levou ajuda aos cristãos que sofriam com a fome (At 11.28-30; 12.25). De acordo com o historiador judeu Josefo, Helena, rainha de Adiabena, embarcou figos de Chipre e grãos dos Egito, provavelmente no auge da fome (47-48), ou pouco tempo depois. Paulo levou contribuições após o carregamento de Helena e teria ido a Jerusalém numa segunda oportunidade por volta de 47-48. Estimando-se 14 anos entre sua conversão e essa visita, a conversão de Paulo ocorreu em 33 ou 34, embora pudesse ter sido depois, uma vez que os antigos computavam períodos de anos como anos inteiros. Muito provavelmente a conversão de Paulo tenha sido por volta de 35, no verão daquele ano.

Os eventos da primeira parte de Atos podem ser resumidos como segue: ministério de Pedro em Jerusalém, 33-35 (At 2-5); martírio de Estevão na primavera de 35 (At 6-7); conversão de Paulo no verão de 35 (At 9.1-7); Paulo em Damasco e na Arábia, 35-37 (At 9.8-25; Gl 1.16-17); primeira visita de Paulo a Jerusalém e ministério em Tarso e Síria-Cilícia, 37 (At 9.26-30; Gl 1.18-21); ministério de Pedro aos gentios,

40-41 (At 10.1-11.18); viagem de Paulo e Barnabé a Antioquia, 41-42 (At 19.19-26); predição de Ágabo quanto ao período de fome, 44 (At 11.27-28); martírio de Tiago durante a perseguição de Agripa I, 44 (At 12); segunda visita de Paulo a Jerusalém e seu retorno a Antioquia, 47-48 (At 11.30; 12.25; Gl 2.1-10).

Primeira viagem missionária de Paulo - em sua primeira viagem missionária (At 13-14), Paulo foi de Antioquia a Chipre quando Sérgio Paulo governava como procônsul antes de 51 e muito provavelmente em 46-48. Em seguida, Paulo foi às igrejas da Galácia, na Ásia Menor, e depois voltou a Antioquia. Essa viagem durou desde a primavera de 48 até o outono de 49. Ao retornar a Antioquia, Paulo encontrou-se com Pedro (Gl 2.11-16) e escreveu a epístola aos gálatas. A terceira visita de Paulo a Jerusalém no outono de 49 serviu para participar do concílio (At 15), após o qual ele retornou, passando o inverno em Antioquia, em 49/50.

Segunda viagem missionária de Paulo - a segunda viagem missionária de Paulo começou na primavera de 50 e finalizou-se no outono de 52 (At 15.36-18.22). Ele visitou as igrejas da Galácia e foi para Trôade. Cruzando a Europa, fundou igrejas em Filipos, Tessalônica e Beréia. Aguardou em Atenas por Silas e Timóteo e seguiu para Corinto, onde permaneceu por um ano e meio (At 18.11), da primavera de 51 ao outono de 52. Paulo escreveu 1 e 2Tessalonicenses em 51, enquanto estava em Corinto. Duas observações cronológicas merecem consideração.

Primeira, enquanto estava em Corinto, Paulo conheceu Priscila e Áqüila, os quais haviam fugido da Itália por causa da perseguição aos judeus em 49 (At 18.2). Desse modo, Paulo não poderia ter ido a Corinto antes de 49. Segunda, Paulo foi interrogado diante de Gálio (At 18.12-16), que foi procônsul da Acaia desde o verão de 51 até o verão de 52. Assim, Paulo deve ter estado em Corinto durante o governo de Gálio. Após sua longa estada em Corinto, Paulo levou Priscila e Áqüila para Éfeso e, em seguida, foi para Jerusalém (quarta visita), voltando a Antioquia no inverno de 52/53.

Terceira viagem missionária de Paulo - a terceira viagem missionária de Paulo aconteceu entre a primavera de 53 e a primavera de 57 (At 18.23-21.16). Partindo de Antioquia, ele visitou as igrejas da Galácia, chegando a Éfeso em torno do outono de 53 e permanecendo lá até a primavera de 56. Pouco antes de sua partida de Éfeso, Paulo escreveu 1Coríntios. Em virtude do tumulto de Éfeso, partiu para a Macedônia, de onde escreveu 2Coríntios (outono de 56). Viajou para Corinto, onde passou o inverno em 56/57 e escreveu Romanos. Na primavera de 57, revisitou as igrejas da Macedônia, foi para Mileto encontrar-se com os presbíteros de Éfeso e seguiu para Jerusalém (quinta visita) para a festa de Pentecostes, em 57.

Prisões de Paulo - enquanto estava em Jerusalém, Paulo foi preso e levado para Cesaréia, onde foi interrogado por Félix e preso por dois anos, em 57-59 (At 21.26-27). Embora seja discutível a época da sucessão de Félix por Festo, é provável que sua sucessão tenha ocorrido no verão de 59. Paulo foi primeiramente ouvido por Festo (At 25.7-12) e pouco tempo depois por Agripa II (At 26). Em seguida, apelou para César.

Paulo foi para Roma em uma viagem arriscada de agosto de 59 a fevereiro de 60 e ficou preso da primavera de 60 à primavera de 62 (At 27-28). Enquanto estava preso, Paulo escreveu Efésios, Colossenses, Filemon e Filipenses.

A cronologia a partir desse ponto é estimada a partir de inferências nas epístolas do Novo Testamento e de outras evidências da igreja primitiva. É provável que Paulo tenha sido libertado depois de ficar preso por dois anos em Roma e tenha

seguido para Éfeso e Colossos e, então, partido para a Macedônia. No outono de 62, Tiago, irmão de Jesus, foi martirizado durante a época de anarquia entre a morte de Festo e a chegada de Albino. Provavelmente, Pedro foi para Roma naquele ano onde permaneceu até seu martírio durante a perseguição do imperador romano Nero, em 64. Enquanto Pedro estava em Roma, o evangelho de Marcos deve ter sido escrito sob a sua orientação. Ali Pedro deve ter escrito suas duas epístolas.

Paulo foi para a Ásia Menor na primavera de 63 e lá permaneceu até a primavera de 64. Em seguida, foi para a Espanha e lá ficou da primavera de 64 à primavera de 66. Partindo da Espanha, foi para Creta com Tito e o deixou ali enquanto seguiu para a Ásia Menor no verão/outono de 66. Enquanto estava lá, escreveu a epístola a Tito. Paulo passou o inverno de 66/67 em Nicópolis (Tt 3.12), após o qual foi para a Macedônia e a Grécia. Mas foi detido e levado a Roma no outono de 67 pela segunda vez. Enquanto esteve preso em Roma, escreveu 2Timóteo. Paulo foi executado por volta da primavera de 68.

Cerca de dois anos após a morte de Paulo, Jerusalém foi destruída. Naquele tempo, somente alguns livros do Novo Testamento ainda não haviam sido escritos. É possível que o evangelho de João tenha sido escrito por volta de 70; Judas, em aproximadamente 75; as três epístolas de João, em torno de 85-95; e Apocalipse, em cerca de 95-96, marcando, assim, o fim da era dos apóstolos.

CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO - método de tortura e execução usado pelos romanos para matar Cristo. Em uma crucificação, a vítima normalmente era cravada ou pregada em uma estaca de madeira e lá permanecia até morrer.

A crucificação era usada por muitas nações do mundo antigo, incluindo Assíria, Média e Pérsia. Alexandre, o Grande, da Grécia crucificou dois mil habitantes de Tiro quando capturou a cidade. Mais tarde, os romanos adotaram esse método e o usaram com freqüência em todo o império. A crucificação era a forma de execução mais severa dos romanos; por isso reservava-se somente a escravos e criminosos. Nenhum cidadão romano podia ser crucificado.

A crucificação envolvia prender a vítima com pregos pelos pulsos ou com tiras de couro a uma viga horizontal presa a um madeiro vertical. Por vezes, blocos de madeira, ou pequenas estacas, eram colocados no madeiro para servir de assento às vítimas enquanto permaneciam suspensas pela viga. Os pés também podiam ser presos ao madeiro vertical. Como a vítima ficava pendente pelos braços, o sangue não mais circularia pelos órgãos vitais. Somente quando se apoiassem no assento é que podiam ter alívio.

No entanto, com o início da exaustão gradual, a morte era a conseqüência natural, embora normalmente não levasse muitos dias. Se os condenados tivessem sido muito espancados, não sobreviviam por muito tempo. Para acelerar a morte, os executores costumavam quebrar as pernas das vítimas com um cassetete. Assim, não suportavam o peso do corpo para manter a circulação sangüínea e a morte era rápida. Era comum que os corpos fossem abandonados até se decomporem ou serem atacados por animais carniceiros.

O sinédrio judaico buscou e obteve autorização romana para crucificar Jesus (Mc 15.13-15). Como de costume, a acusação contra Jesus foi afixada na cruz; foi-lhe oferecida uma bebida forte para amortecer seus sentidos, mas ele a recusou (Mc 15.23). Não houve necessidade de os soldados quebrarem suas pernas com o objetivo de apressar a morte. Pela hora nona (Mc 15.25, 34, 37), provavelmente às 15 horas - ou seja, em apenas seis horas - Jesus já estava morto (Jo 19.31.33). O corpo de Jesus não foi

abandonado até se deteriorar; os discípulos conseguiram obter permissão de Pilatos para dar-lhe um sepultamento apropriado.



Este desenho de um homem crucificado baseia-se em descobertas arqueológicas de uma caverna em Jerusalém. É possível ver como os pés foram pregados juntos com um cravo abaixo do calcanhar. Datado do primeiro século da era cristã.

A cruz tem sido uma das principais pedras de tropeço no caminho dos judeus, evitando que grande parte destes aceitem Jesus como o MESSIAS. O apóstolo Paulo resumiu a importância da crucificação: "Mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus" (1Co 1.23-24). Apesar da disformidade e agonia da cruz, Deus cumpriu o maior bem de todos - a redenção de pecadores.

Veja também CRUZ.

CRUZ - madeiro ou coluna de madeira em posição vertical no qual condenados eram executados. Antes de a morte de Jesus ter tornado a cruz um símbolo do próprio centro da fé cristã, a palavra grega traduzida por cruz referia-se principalmente a uma estaca com ponta disposta em fileiras para formar uma cerca de proteção.

Era comum no período bíblico exibir em estacas corpos degolados de pessoas executadas e empaladas para desencorajar a desobediência civil e para zombar de adversários militares derrotados (Gn 40.19; 1Sm 31.8-13). Essa prática repulsiva pode explicar como o madeiro veio a ser usado como instrumento de punição civil e militar. Estacas desse tipo acabaram sendo juntadas a vigas horizontais que serviam como instrumentos de humilhação, tortura e execução de pessoas condenadas por serem consideradas inimigas do estado (soldados estrangeiros, rebeldes e espias, por exemplo) ou criminosos civis (tais como ladrões).

USO NO MUNDO ANTIGO. No período do Antigo Testamento, não há indicações de que os judeus prendessem pessoas a madeiros nem indícios da cruz utilizada como meio de execução. A lei ordenava a morte por apedrejamento (Lv 20.2; Dt 22.24). Mas a lei permitia a exibição pública de um infrator pendurado "num madeiro" (Dt 21.22), com ordem estrita para que o cadáver não permanecesse "no madeiro durante a noite", mas que fosse enterrado no mesmo dia (Dt 21.23; veja também Jo 19.31).

Por pior que pareça essa prática atualmente, ela, de fato, separava Israel de outras nações. A prática de degradação mais usada por todo o mundo antigo era deixar que o condenado degenerasse em público. A exposição da pessoa (ou ficar "pendurada") após a execução por apedrejamento, em virtude de violação da lei de Israel, era vista como maldição de Deus (Dt 21.23). Isso ajuda a explicar as referências a Jesus sendo morto "pendurado num madeiro" (At 5.30; 10.39) e à declaração de que Jesus tornou-se "maldito" em Gl 3.13. Embora Jesus tenha morrido de maneira diferente, foi publicamente exposto como malfeitor e inimigo do estado.

Escritores antigos não falam muito a respeito de como a execução em um madeiro ou cruz era feita. No entanto, escavações de esculturas com destaques mostram que os assírios executavam seus inimigos capturados forçando-os a se sentar sobre estacas com pontas. Tal crueldade não se trata da crucificação como se entende atualmente, mas da chamada empalação.

Estudiosos não estão certos de que uma viga horizontal era acrescentada ao madeiro. A menção de Jeremias de príncipes "pendurados pelas mãos" (Lm 5.12, TB) pelos babilônios pode referir-se ao uso da viga. Mas não há outro modo de saber se o profeta fala de um método de execução ou de desonra de corpos mortos em batalha. Os historiadores gregos clássicos Heródoto e Tucídides referem-se ao madeiro ou cruz como método de execução durante a época dos persas. Mas não fica claro se o condenado era amarrado, cravado com pregos à madeira ou empalado.

Esdras 6.11 pode implicar que os persas continuaram a usar a empalação como método de execução. As referências "pendurados numa forca" em Ester (2.23; 5.14) referem-se, provavelmente, a empalação ou crucificação. O "nó do carrasco" não era comumente usado na Pérsia durante o período bíblico. A palavra traduzida por "forca" pela ARA refere-se não a um patamar para pendurar com uma corda, mas a uma estaca para empalação.

A crucificação em uma estaca ou cruz era praticada pelos gregos, principalmente por Alexandre, o Grande, que crucificou duas mil pessoas quando a cidade de Tiro foi destruída. Durante o período entre o controle grego e romano da Palestina, o governante judeu Alexandre Janeus crucificou 800 fariseus que se opuseram a ele em Betome. No entanto, tais execuções foram condenadas como detestáveis e anormais por pessoas respeitáveis da época de Janeus assim como pelo historiador judeu Josefo anos mais tarde.

No início da República romana, a morte na cruz havia sido usada para escravos rebeldes e bandidos, embora os cidadãos romanos fossem raramente sujeitos a esse método de execução. A prática continuou no período do Novo Testamento como uma das punições máximas por crimes militares e políticos, tais como deserção, espionagem, revelação de segredos, rebelião e motim. Após a conversão do imperador Constantino ao cristianismo, a cruz tornou-se um símbolo sagrado e foi abolida como meio de tortura e morte usado pelos romanos.

Morte na cruz. Aqueles que estavam sentenciados a morrer em uma cruz no período romano eram, normalmente, espancados com chicotes de couro - procedimento que resultava geralmente em grande perda de sangue. Em seguida, eram forçados a carregar a viga horizontal até o local de execução, onde a estaca vertical já ficava posicionada.

Depois de serem amarrados com cordas à viga ainda no chão - ou, em casos raros, com pregos nos pulsos - a vítima, nua, era então içada com a viga contra o madeiro em posição vertical. Um bloco ou pequena estaca era, por vezes, preso ao madeiro como assento. Em seguida, os pés eram amarrados ou pregados à estaca.

Perto de Jerusalém, uma descoberta recente que revelou ossos de um condenado à crucificação sugere que os joelhos estavam dobrados lado a lado, paralelos à viga horizontal, e o prego estava cravado pelas laterais dos tornozelos. Normalmente, morte por asfixia ou esgotamento seguia-se somente depois de um longo período de dor agonizante.

A forma da cruz. Com o tempo, a estaca simples com ponta, primeiramente usada para execução, sofreu modificações. Os quatro modelos principais resultantes são: (1) a cruz latina (em forma de "t"

minúsculo), na qual é provável que Jesus tenha morrido por nossos pecados, em virtude da placa colocada acima de sua cabeça (Mt 27.37); (2) a cruz de Santo Antônio, que tinha uma viga horizontal no topo (em forma de T maiúsculo); (3) a cruz de Santo André, que tinha o formato de um X; (4) a chamada cruz grega, com uma viga horizontal no centro (semelhante a um sinal de adição +).

Significado da cruz. Os autores dos evangelhos dizem que o Senhor Jesus falou a respeito da cruz antes de sua morte (Mt 10.38; Mc 10.21; Lc 14.27) como símbolo da necessidade de uma entrega completa (mesmo a morte) daqueles que seriam seus discípulos. No entanto, o significado principal da cruz após a morte e ressurreição de Jesus é o seu uso como símbolo da disposição de Jesus em sofrer por nossos pecados (Fl 2.8; Hb 12.2), a fim de que fôssemos reconciliados (2Co 5.19; Cl 1.20) com Deus e tivéssemos acesso à sua paz (Ef 2.16).

Desse modo, a cruz simboliza a glória do evangelho cristão (1 Co 1.17): o fato de que através desse meio ofensivo de morte (1Co 1.23; Gl 5.11) o "escrito de dívida que era contra nós" foi encravado na cruz (Cl 2.14); tendo sido "crucificados com Cristo"(Gl 2.20), fomos libertos do pecado e da morte e vivemos para Deus (Rm 6.6-11).

A cruz, assim, é o símbolo do amor de Jesus, o poder de Deus para salvar e o compromisso grato e sem reservas do crente ao discipulado cristão. Para aqueles que conhecem a salvação que Cristo obteve a nosso favor através de sua morte, é, de fato, uma cruz maravilhosa. Veja também Crucificação de Cristo.

CUBE - povo que se aliou com o Egito contra os babilônios na época de Nabucodonosor (Ez 30.5). Muitos estudiosos acreditam que Cube seja um erro textual que deveria constar como na Septuaginta, Lube, ou seja, Líbia.

CULPA, CULPADO - ser responsável por ofensa ou delito; estar ciente de ter feito algo errado (Lv 4.3; Ed 9.6, 13, 15). Embora a palavra "culpa" não seja especificamente usada, alguns exemplos clássicos de culpa na Bíblia são: o de Adão e Eva (Gn 3.7-8), o de Caim (Gn 4.8-9) e o de Davi (2Sm 11; Sl 51). Uma palavra grega traduzida por "culpado" no Novo Testamento significa "sujeito à justiça", ou responsável diante do julgamento e condenação de Deus. Veja também Pecado.

CULPA, OFERTA PELA (veja Sacrifícios).

CULTO AO IMPERADOR (veja Imperador, Culto ao).

CULTO AOS MORTOS - superstição religiosa na qual os vivos buscam deificar os espíritos de seus parentes mortos. É provável que o culto aos ancestrais ocorresse entre os cananeus e outras nações pagãs vizinhas de Israel, principalmente os sírios. Todavia não existem provas conclusivas de que o culto aos ancestrais ou culto aos mortos tenha sido acrescentado à religião de Israel. Embora houvesse proibições contra tais práticas (Lv 19.28; Dt 14.1; 26.14), essas ordenanças provavelmente serviam para alertar Israel a não realizar o culto aos ancestrais e não como uma ordem para que abandonasse o ritual.

CUM - cidade da Síria da qual Davi extraiu bronze (1Cr 18.8).

CUNEIFORME (*em forma de cunha*) **-** sistema de escrita desenvolvido antes de 3000 a.C. na Mesopotâmia (o baixo Tigre e o vale do Eufrates), provavelmente pelos sumérios, adotado posteriormente e modificado pelos acadianos, hurritas, heteus, elamitas, persas e cananeus de Ugarite.

Os sinais em forma de cunha da escrita cuneiforme eram esculpidos em pedra e

metal ou inscritos com um instrumento pontudo em placas de argila. Estas eram cunhadas ainda macias e úmidas, mas se tornavam duras como pedras depois de secas ao sol ou cozidas em forno. Milhares dessas tabuinhas foram descobertas por arqueólogos em Ras Shamra (antiga Ugarite, um assentamento cananeu).

A inscrição cuneiforme foi originalmente uma forma de escrita pictográfica, mas logo passou a ser usada para expressar sílabas e consoantes. Variações dessa escrita foram desenvolvidas pelas escritas ugarítica e persa antiga. Veja também ESCRITA.

CURA - processo de aplicar técnicas preventivas e medicinais para manter boa saúde. Os hebreus costumavam pensar a respeito da saúde basicamente em termos de força física e bem-estar. A terra da Palestina aparentemente fornecia um ambiente relativamente saudável, comparada ao Egito e à Mesopotâmia - provavelmente por causa de sua localização como também das diversas normas e práticas prescritas na lei mosaica.

REGULAMENTAÇÃO ALIMENTAR. Muitas das leis sobre o consumo de alimentos estão incluídas nos primeiros cinco livros do Antigo Testamento. As restrições que envolviam carnes baseavam-se em dois testes simples. Somente animais ruminantes e com casco com fendas eram apropriados para ingestão (Lv 11.3) Isto significava que porcos e coelhos eram inadequados. A medicina moderna tem mostrado que tais animais estão especialmente sujeitos a infecções com parasitas; somente são adequados se forem bem cozidos. Assim, a proibição ao consumo de tais animais entre os hebreus era uma questão de benefício à saúde.

RITUAIS. Diversos rituais eram observados pelos hebreus com o objetivo de serem mantidas boas condições sanitárias, pureza cerimonial e boa saúde. Uma delas envolvia as eliminações. Embora nem todas as eliminações físicas sejam infecciosas, todas eram tratadas como potencialmente contagiosas. Por exemplo, o corrimento é mencionado como uma possível causa de infecção (Lv 15.8; fluxo, ARA) - fato que só foi confirmado no século 19.

Outro bom exemplo desse princípio é a instrução dada acerca do descarte de fezes humanas. Um lugar era reservado fora do acampamento para esse propósito. O povo hebreu deveria levar consigo uma pá, com a qual cavaria um buraco e cobriria as fezes com terra (Dt 23.12-13; porrete, ARA).

HIGIENE. A lei de Moisés exigia que o corpo e as vestes deviam ser lavadas após o contato com um cadáver ou doente. As regulamentações a respeito do contato com mortos especificava um período de impureza de sete dias. Durante esse período, a pessoa envolvida era isolada das outras e devia realizar determinadas ações, incluindo banho do corpo e das vestes (Nm 19.1-22).

PERVERSÃO SEXUAL. As leis rigorosas sobre a moralidade sexual entre o povo hebreu também promoviam a prevenção de doença venérea. A CIRCUNCISÃO não era apenas um ritual religioso, como também uma medida higiênica que reduzia infecção e a doença.

REMÉDIOS E MÉDICOS. Os hebreus tiveram acesso aos primeiros medicamentos provavelmente por meio dos egípcios enquanto eram escravos. Nos tempos bíblicos, os medicamentos eram feitos de minerais, substâncias animais, ervas, vinhos, frutas e outras partes das plantas. A Bíblia menciona vários exemplos de remédios primitivos - notavelmente o "bálsamo de Gileade", que se tratava de uma provável substância aromática tirada de algum tipo de árvore.

Vinho misturado a mirra era usado para aliviar a dor, entorpecendo os sentidos. Essa mistura foi oferecida a Jesus quando ele estava na cruz, mas ele não

quis bebê-la (Mc 15.23). Azeite de oliva e ervas eram normalmente usados para ungir os doentes. Os primeiros cristãos continuaram com a prática de ungir os doentes enquanto oravam por eles (Tg 5.14).

A Bíblia refere-se ao trabalho de médicos (Gn 50.2; 2Cr 16.12; Jr 8.22). No Novo Testamento, Lucas é mencionado como o "médico amado" (Cl 4.14).

O tratamento médico no mundo bíblico com freqüência incluía o uso de Magia, Feitiçaria e Adivinhação. Tais práticas foram proibidas pela lei de Moisés, pois eram vistas como incompatíveis com a natureza do Deus Todo-Poderoso.

O *ministério de Jesus*. O povo dos tempos do Antigo Testamento costumavam pensar em doença como punição para o pecado. Esse conceito é explorado completamente no livro de Jó. Mas Jesus estava firmemente convencido de que o propósito do Pai para a humanidade era a saúde, a integridade e a salvação. Ele não ensinou que as doenças eram uma punição enviada por Deus. Enquanto sempre esteve preocupado com a cura do corpo, também deu especial atenção à mente e ao espírito de cada sofredor.

CURA, DOM DE (veja Dons Espirituais).

CURRAL - aprisco ou abrigo para proteger ovelhas (Nm 32.16). Um curral permanente era fechado por muros de pedra. O Antigo Testamento declara que o Senhor tirou Davi do meio das ovelhas para ser o governante sobre o povo de Israel (1Cr 17.7). O Novo Testamento descreve Jesus como o "bom pastor" que protege suas ovelhas (Jo 10.7-30).

CURTIDOR (veja Profissões e Ocupações).

CUSÃ - nome mencionado em Hc 3.7. É difícil dizer se Cusã refere-se a um lugar (alguns sugerem Cuchã, Mesopotâmia, ou a terra de Midiã) ou a uma pessoa - talvez tenha relação com "Cusã-Risataim, rei da Mesopotâmia" (Jz 3.8, 10).

CUSÃ-RISATAIM (*Cusã de dupla perversidade*) **-** "rei da Mesopotâmia" que manteve Israel sob jugo de oito anos até sua libertação por Otniel (Jz 3.8, 10).

CUSAÍAS - levita da família de Merari (1Cr 15.17), também chamado Quisi (1Cr 6.44).

CUSI - nome de dois homens do Antigo Testamento:

1. Ancestral de Jeudi, a quem os líderes judeus enviaram para pedir a Baruque que lesse o rolo de Jeremias para eles (Jr 36.14).
2. Filho de Gedalias e pai do profeta Sofonias (Sf 1.1). Veja também Cuxita.

CUSPIR - lançar saliva pela boca. Na lei de Moisés, a saliva de pessoas com determinadas doenças era tida como impureza (Lc 15.8). Falta de controle da própria saliva indicava insanidade (1Sm 21.13).

Cuspir na face era gesto de desprezo, um insulto intencional (Nm 12.14; Jó 17.6; 30.10). Isaías profetizou que nosso Senhor seria humilhado a esse ponto, o que de fato aconteceu (Is 50.6; Mt 27.30; Mc 15.19). O próprio Jesus falou a respeito de tal humilhação (Mc 10.34; Lc 18.32).

CUTA - cidade situada no norte da Babilônia. Quando o rei da Assíria conquistou Israel, deportou as dez tribos de Israel e levou colonizadores de Cuta (ou Cutá, NTLH) para se fixarem em Samaria (2Rs 17.24, 30).

CUXE - nome de dois homens e de dois lugares no Antigo Testamento:

1. Terra que ficava na fronteira do rio Giom, um dos quatro rios do jardim

do Éden (Gn 2.10-14). Visto que o Tigre e o Eufrates são mencionados, essa terra deve ter pertencido à Mesopotâmia ou ficava perto de lá. Cuxe (acepção abaixo) é a origem do nome.

2. Filho de Cam e neto de Noé. Seus irmãos estabeleceram-se no Egito e em Canaã; seu famoso filho Ninrode viveu na Mesopotâmia (Gn 10.6-12; 1Cr 1.8-10; também Mq 5.6).
3. Homem da tribo de Benjamim que era inimigo de Davi (veja título de Salmos 7).
4. Terra do sul do Egito, também chamada Núbia, que inclui parte do Sudão. Cuxe começou do outro lado de Sevene (moderna Aswan; Ez 29.10). O império persa de Assuero (Xerxes, 486-465 a.C.) estendia-se até esse ponto: "desde a Índia até a Etiópia" (Et 1.1; 8.9). Pedras preciosas vinham de Cuxe: "o topázio da Etiópia" (Jó 28.19); o povo era alto e de pele macia (Is 18.2, 7; lustrosa, NTLH; brunida, ARA), que não podia ser mudada (Jr 13.23). Os profetas disseram que a terra distante de Cuxe seria julgada por Deus (Is 18.1-6; Sf 2.12). Outros textos indicam, no entanto, que alguns de Cuxe darão presentes a Deus e o adorarão como rei (Sl 68.31; Is 11.11; 18.7). Seu nome grego antigo era Etiópia, que não deve ser confundido com a moderna nação da Etiópia. Veja também ETIÓPIA.

CUXITA - natural ou habitante de antiga terra de CUXE. Duas pessoas na Bíblia foram chamadas cuxitas:

1. Esposa de Moisés (Nm 12.1). Alguns estudiosos, no entanto, crêem que tal uso do termo não necessariamente signifique "da Etiópia" (NTLH); pode-se referir a uma pessoa do norte da Arábia.
2. Mensageiro enviado por Joabe a Davi para dizer-lhe a respeito de sua vitória sobre Absalão (2Sm 18.21-23; etíope, ARA; cuxita, ARC).

CUZA - procurador de Herodes Antipas e evidentemente um homem de posição e bens. Sua esposa, Joana, era uma das mulheres que "prestavam assistência [a Jesus] com os seus bens" (Lc 8.3).

DICIONÁRIO ILUSTRADO DA BÍBLIA

"O Dicionário Ilustrado da Bíblia destaca-se por explicar, em linguagem acessível, até os temas mais complexos da erudição acadêmica e, acima de tudo, por apresentar material resultante das mais recentes pesquisas nas áreas de arqueologia, história, cultura e sociologia, além da teologia bíblica."

Dr. Estevan Frederico Kirschner, Ph.D. em Novo Testamento pelo London Bible College, professor de exegese do Seminário Teológico Servo de Cristo.



"O Dicionário Ilustrado da Bíblia é uma ferramenta de grande valor para os estudiosos das Escrituras, pois, além de ser um dicionário bíblico atualizado, é repleto de fotos e ilustrações que muitas vezes comunicam mais do que centenas de palavras. É perfeito para o pastor, o professor da escola bíblica e até mesmo para o leitor comum. Mais uma vez, Edições Vida Nova consegue reunir seriedade, relevância e praticidade numa única obra."

Luiz Alberto Teixeira Sayão, mestre em hebraico pela USP e coordenador das comissões de tradução da Nova Versão Internacional e da versão Almeida Século 21.

O MELHOR E MAIS COMPLETO
DICIONÁRIO ILUSTRADO DA BÍBLIA,
REPLETO DE INFORMAÇÕES E RECURSOS ESPECIAIS:

Centenas de fotos coloridas que ilustram e esclarecem temas bíblicos importantes;
completo sistema de referências cruzadas que apontam para outros verbetes, abrindo o leque de informações disponíveis ao leitor, perfazendo cerca de 7 mil verbetes;
esboços de todos os livros da Bíblia, idealizados para auxiliar o estudo e o ensino;
diversos mapas coloridos que ajudam a compreender os principais períodos da história bíblica;
verbetes sobre temas especiais, como interpretação da Bíblia e as diferentes versões e traduções do texto sagrado;
gráficos, mapas e um panorama da Bíblia que permite uma visualização rápida de toda a história bíblica.

O Editor Geral do Dicionário Ilustrado da Bíblia, Ronald F. Youngblood, liderou a equipe de tradução da New International Version (NIV) e é professor titular de Antigo Testamento e de Hebraico do Bethel Theological Seminary nos Estados Unidos.

ISBN 85-275-0321-2
9 788527 503211

VIDA NOVA